

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

EMANUELLE GEÓRGIA AMARAL FERREIRA

**BIBLIOTECONOMIA CONTEMPORÂNEA: DESAFIOS E REALIDADES**

BELO HORIZONTE

2016

EMANUELLE GEÓRGIA AMARAL FERREIRA

**BIBLIOTECONOMIA CONTEMPORÂNEA: DESAFIOS E REALIDADES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo.

BELO HORIZONTE

2016

F383b Ferreira, Emanuelle Geórgia Amaral.

Biblioteconomia contemporânea [manuscrito] : desafios e realidades /  
Emanuelle Geórgia Amaral Ferreira. – 2016.  
185 f., enc. : il.

Orientador: Carlos Alberto Ávila Araújo.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de  
Ciência da Informação.

Referências: f. 173-183.

Apêndice: f. 184-185

1. Ciência da informação – Teses. 2. Biblioteconomia – Teses. 3. Bibliotecário  
– Teses. 4. Biblioteca e sociedade – Teses. I. Título. II. Araújo, Carlos Alberto  
Ávila. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da  
Informação.

CDU: 02:023



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais  
Escola de Ciência da Informação  
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

FOLHA DE APROVAÇÃO

"BIBLIOTECONOMIA CONTEMPORÂNEA: DESAFIOS E REALIDADES"

Emanuelle Geórgia Amaral Ferreira

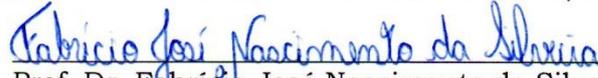
Dissertação submetida à Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos à obtenção do título de **"mestre em Ciência da Informação"**, linha de pesquisa **"Informação, Cultura e Sociedade"**.

Dissertação aprovada em: 05 de agosto de 2016.

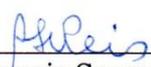
Por:

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo - ECI/UFMG (Orientador)

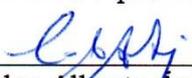
  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Alcenir Soares dos Reis - ECI/UFMG

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Fabrício José Nascimento da Silveira - ECI/UFMG

Aprovada pelo Colegiado do PPGCI

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Alcenir Soares dos Reis  
Coordenadora

Versão final Aprovada por

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Carlos Alberto Ávila Araújo  
Orientador



UFMG

**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Escola de Ciência da Informação**  
**Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE **EMANUELLE GEÓRGIA AMARAL FERREIRA**,  
matrícula: 2014667840

Às 14:00 horas do dia 05 de agosto de 2016, reuniu-se na Escola de Ciência da Informação da UFMG a Comissão Examinadora aprovada *ad referendum* pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação em 22/07/2016, para julgar, em exame final, o trabalho intitulado ***Biblioteconomia contemporânea: desafios e realidades***, requisito final para obtenção do Grau de MESTRE em CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, área de concentração: Produção, Organização e Utilização da Informação, Linha de Pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

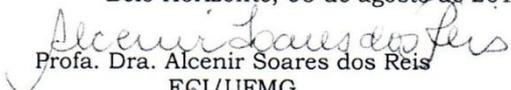
Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo - Orientador	APROVADA
Profa. Dra. Alcenir Soares dos Reis	APROVADA
Prof. Dr. Fabrício José Nascimento da Silveira	APROVADA

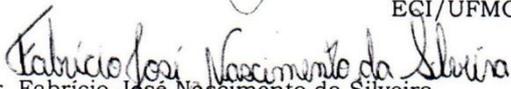
Pelas indicações, a candidata foi considerada APROVADA.

O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 05 de agosto de 2016.

  
Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo  
ECI/UFMG

  
Profa. Dra. Alcenir Soares dos Reis  
ECI/UFMG

  
Prof. Dr. Fabrício José Nascimento da Silveira  
ECI/UFMG

Obs: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo da Coordenadora.

  
Profa. Alcenir Soares dos Reis  
Coordenadora do Programa de  
Pós-Graduação em Ciência  
da Informação da UFMG

Aos precursores da Biblioteconomia brasileira.  
À memória de Laura Moreno Garcia Russo e de Edson Nery da Fonseca, que tanto me  
inspiraram quando eu ainda nem era uma bibliotecária de fato.

## AGRADECIMENTOS

Gratidão... Essa é a palavra que melhor representa este momento!

A perseverança, coragem e sabedoria encontradas em Deus. Muito obrigada, meu Pai! Obrigada por permitir e me dar forças para chegar até aqui. Não há palavras que expressem todo amor e gratidão.

A minha amada genitora, Vania Amaral, por todo amor, por ser meu porto seguro quando meu barquinho titubeou, pelo exemplo e por torcer tanto por mim. A minha irmã, Isabelle, pela paciência, por todo amor e por tentar me ajudar... A presença de vocês me deu força! Ao meu pai, Dilso Ferreira, pelo afeto e por torcer para que desse tudo certo. Amo vocês!

A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Escola de Ciência da Informação (ECI) por me acolherem e por me possibilitar estudar o que eu tanto amo - a Biblioteconomia -, numa das melhores instituições pública da área e do país. Na ECI/UFMG eu cresci enquanto profissional e como pessoa.

Ao queridíssimo orientador Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo, por acolher esta pesquisa quando ela era apenas um pré-projeto durante o processo seletivo... Pela paciência, pela compreensão, pela atenção, por compartilhar seu tempo e seu conhecimento na orientação desta iniciante na pesquisa acadêmica.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG por todo conhecimento transmitido.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG pela dedicação, principalmente, ao solucionar os trâmites acadêmicos. Em especial, a Carolina Palhares, pela consideração, carinho e paciência.

Aos membros da banca do Exame de Qualificação e da Defesa desta Dissertação, Profa. Dra. Alcenir Soares dos Reis e Prof. Dr. Fabrício José Nascimento da Silveira, que foram tão generosos e, sobretudo, pelas contribuições enriquecedoras para este trabalho.

Ao Dr. Leonardo Renault por ter aceitado o convite para compor a banca da Defesa desta Dissertação e pelas valiosas contribuições.

A todos os entrevistados, bibliotecários e professores, pela disponibilidade e generosidade ao compartilhar suas perspectivas e experiências.

Ao Prof. R. David Lankes que por meio de suas ideias e obras reavivou minhas energias para continuar a desenvolver este trabalho.

Aos colegas, pelas trocas e aprendizado. Em especial, aos colegas do Grupo de Estudos pelo compartilhamento de conhecimento e pelos momentos de descontração.

Ao André Fagundes Faria, meu irmão do coração, por estar ao meu lado desde a graduação, por todo apoio e amizade, pelo sorriso e pelo abraço acolhedor.

Ao querido Eduardo Graziosi Silva, por poder dividir algumas das minhas inquietações, por mesmo a distância se fazer presença.

A Thaís Nodare, pela amizade e parceria construídas ao longo do mestrado, por dividir suas inquietações, expectativas e alegrias.

Ao Vinícius Tolentino, pela generosidade de ler algumas das laudas deste trabalho e pelas sugestões, por me ouvir e me fazer sorrir.

As queridas Olívia Gutierrez e Suellen Melo por nossas agradáveis e descontraídas conversas na ECI.

Aos alunos da disciplina Práticas Informacionais em Bibliotecas, ministrada durante o Estágio Docente, por aprender tanto ao lecionar e pelo prazer da agradável convivência. Foi pensando em vocês que escrevi as páginas que seguem...

Reitero minha gratidão desde o processo seletivo para o mestrado aos queridíssimos bibliotecários: Maianna Giselle de Paula pelo apoio, carinho e orações e ao Marcus Vinicius Rodrigues Martins pela preciosa contribuição quando surgiu a ideia para escrever o primeiro esboço do que viria a ser o pré-projeto.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos que possibilitou concretizar esta pesquisa.

*“Let me speak proudly - we are librarians, and we have struggled and some dismiss us. We fight with meager budgets and outmoded structures. But our hearts are in the trim. This time, this information age? This is our age. Credibility, expertise, and compassion are our weapons, and we will fight ferociously for knowledge, for compassion, and for better communities in our towns, states, colleges, schools, and business. Every day we will fight in the hospitals, law firms, and classrooms. On the web or in the halls of power, we are the soldiers for a better day. What inspires you?”(LANKES, 2011, p. 135).*

## RESUMO

Esta pesquisa foi realizada com o objetivo de identificar e compreender, por meio da análise do discurso dos profissionais e professores da área, a Biblioteconomia contemporânea. Para tanto, foram elencados como objetivos específicos: obter elementos para analisar as transformações da Biblioteconomia; verificar a percepção dos professores e dos bibliotecários em relação à visão de biblioteca, bibliotecário e Biblioteconomia; e apontar os desafios contemporâneos da área. A pesquisa pretendeu contribuir com a compreensão e reflexão dos aspectos teóricos e das modificações ocorridas na prática biblioteconômica no período que compreende a década de 1990 a partir das discussões em torno dos impactos das tecnologias e do Moderno Profissional da Informação, até o presente momento. Para atingir os objetivos propostos, foram usados nesta pesquisa exploratória de base qualitativa, os seguintes instrumentos de coleta de dados: pesquisa bibliográfica, entrevista semiestruturada e a técnica de análise de conteúdo para o tratamento dos dados coletados nas entrevistas. Foram realizadas duas análises dos dados: a partir da revisão de literatura, enfocando os conceitos de biblioteca, bibliotecário e Biblioteconomia; e a partir do conceito de nova Biblioteconomia cunhado por R. David Lankes. Partindo-se do princípio de que uma ciência é definida por seus praticantes e a forma como atuam, a amostra foi intencional e contou com bibliotecários atuantes em diferentes campos do mercado na cidade de Belo Horizonte e com professores que lecionam diferentes temáticas no curso de graduação em Biblioteconomia da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Os resultados indicaram que, de maneira geral, os entrevistados concebem a biblioteca como uma instituição social que tem o papel social de democratizar o acesso ao conhecimento. No entanto, diante do contexto informacional, há uma percepção de que tanto a biblioteca como o bibliotecário, precisam se reinventar e criar novas perspectivas de atuação junto à sociedade. Os entrevistados indicaram que o bibliotecário é o responsável pelas mudanças que espera para a área. A Biblioteconomia, por sua vez, é entendida pelos entrevistados como um conhecimento que contribui para o desenvolvimento da sociedade ao subsidiar o acesso democrático à informação. A análise permitiu, ainda, apontar como proposta os desafios contemporâneos da Biblioteconomia a partir de quatro dimensões: 1) Impactos das tecnologias de informação e comunicação; 2) Mediação da informação; 3) Formação do bibliotecário; e, 4) Autovalorização profissional.

**Palavras-chave:** Biblioteca. Bibliotecário. Biblioteconomia. Nova Biblioteconomia.

## ABSTRACT

This research was carried out with the objective of identification and evaluation, through the analysis of the discourse of professionals and professors of the area, a contemporary Librarianship. For this, they were listed as specific objectives: get elements to analyze the transformations of librarianship; verify the perception of teachers and librarians in relation to the library view, Librarian and Librarianship; and point out the contemporary challenges of the area. The research intended to contribute to the understanding and reflection of the theoretical aspects and the changes occurred in library science practice in the period that includes the 1990s from discussions on the impacts of technologies and Modern Information Professional, until now. To achieve the proposed goals, were used in this exploratory qualitative basis, the following data collection instruments: bibliographical research, semi-structured interviews and content analysis technique for the processing of data collected in the interviews. Two analyzes of the data were carried out: from the literature review, focusing on the concepts library, librarian and library science; and from the new concept of Librarianship coined by R. David Lankes. Starting from the principle that a science is defined by its practitioners and how they operate, the sample was intentional and had active librarians in different market fields in the city of Belo Horizonte and teachers who teach different subjects in the undergraduate course in Library of the School of Information Science at the Federal University of Minas Gerais. The results indicated that, in general, respondents conceive of the library as a social institution that has the social role of democratizing access to knowledge. However, before the informational context, there is a perception that both the library and the librarian, have to reinvent and create new perspectives of work with society. Respondents indicated that the librarian is responsible for the changes expected for the area. Librarianship, in turn, is seen by respondents as a knowledge that contributes to the development of society to support the democratic access to information. The analysis also allowed to point out as a proposal the contemporary challenges of Librarianship from four dimensions: 1) Impacts of information and communication technologies; 2) Mediation of information; 3) Librarian Training; and 4) Professional self-worth.

**Keywords:** Library. Librarian. Librarianship. New Librarianship.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Campos de atuação do bibliotecário.....	58
FIGURA 2 - Missão do bibliotecário na nova Biblioteconomia.....	84
QUADRO 1- Mudanças nas bibliotecas.....	24
QUADRO 2 - Tipologias de bibliotecas.....	25
QUADRO 3 - Marcos históricos da profissão do bibliotecário no Brasil .....	34
QUADRO 4 - Marcos históricos do ensino Biblioteconomia no Brasil .....	43
QUADRO 5 - Instituições que ministram o curso de Biblioteconomia no Brasil .....	52
QUADRO 6 - Instituições que ministram o curso de Biblioteconomia no Brasil (modalidade à distância).....	53
QUADRO 7- Atuação do profissional da informação: enfoques e atividades.....	55
QUADRO 8 - Perfil dos bibliotecários entrevistados .....	97
QUADRO 9 - Perfil dos professores entrevistados .....	98

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABEBD -	Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação
ABECIN -	Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação
ADI -	<i>American Documentation Institute</i>
ALA -	<i>American Library Association</i>
APB -	Associação Paulista de Bibliotecários
ARIST -	<i>Annual Review of Information Science and Technology</i>
ASLIB -	<i>Association of Special Libraries and information Bureax</i>
BN -	Biblioteca Nacional
BDTD -	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CBBD -	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação
CBO -	Classificação Brasileira de Ocupações
CDD -	Classificação Decimal de Dewey
CESAT -	Escola Superior de Ensino Anísio Teixeira
CFB -	Conselho Federal de Biblioteconomia
CFE -	Conselho Federal de Educação
CNPq -	Conselho Nacional de Pesquisa
CRB	Conselho Regional de Biblioteconomia
DSI -	Disseminação Seletiva da Informação
ECI -	Escola de Ciência da Informação
ELSP -	Escola Livre e Sociologia Política
ENEBCI	Encontro Nacional do Ensino em Biblioteconomia
FAINC -	Faculdades Integradas Coração de Jesus
FATEA -	Faculdades Integradas Teresa D'Ávila
FEBAB -	Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições
FESPSP -	Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo
FID -	Federação Internacional de Documentação
FURG -	Fundação Universidade Federal do Rio Grande
IBICT -	Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica
IESF -	Instituto de Ensino Superior da Funlec
IES -	Instituições de Ensino Superior
IFLA -	<i>International Federation of Library Associations and Institutions</i>
ISBD -	<i>International Standard Bibliographic Description</i>
ISSN -	<i>International Standard Serial Number</i>

LA -	<i>Library Association</i>
MIP -	<i>Modern Information Professional</i>
OCLC -	<i>Online Computer Library Center</i>
ONGs -	Organizações Não Governamentais
OPAC -	<i>Online public access catalogue</i>
PUC Campinas -	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
SLA -	<i>Special Libraries Association</i>
UAB -	Universidade Aberta do Brasil
UCS -	Universidade Caxias do Sul
UDESC -	Universidade do Estado de Santa Catarina
UEL -	Universidade Estadual de Londrina
UESPI -	Universidade Estadual do Piauí
UFAL -	Universidade Federal de Alagoas
UFAM -	Universidade Federal do Amazonas
UFBA -	Universidade Federal da Bahia
UFC -	Universidade Federal do Ceará
UFCA -	Universidade Federal do Cariri
UFES -	Universidade Federal do Espírito Santo
UFF -	Universidade Federal Fluminense
UFG -	Universidade Federal de Goiás
UFMA -	Universidade Federal do Maranhão
UFMG -	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMT -	Universidade Federal do Mato Grosso
UFPA -	Universidade Federal do Pará
UFPB -	Universidade Federal da Paraíba
UFPE -	Universidade Federal de Pernambuco
UFPR -	Universidade Federal do Paraná
UFRGS -	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRN -	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRJ -	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFS -	Universidade Federal de Sergipe
UFSC -	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar -	Universidade Federal de São Carlos
UFSM -	Universidade Federal de Santa Maria
UnB -	Universidade de Brasília
UNESP -	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

UNIFAI -	Centro Universitário Assunção
UNIFOR -	Centro Universitário de Formiga
UNIRIO -	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UNIVERSO -	Universidade Salgado de Oliveira
UNOCHAPECÓ -	Universidade Comunitária da Região de Chapecó
USP -	Universidade de São Paulo
UNESCO -	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNIR -	Fundação Universidade Federal de Rondônia
UNIRONDON -	Centro Universitário

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2 BIBLIOTECA, BIBLIOTECÁRIO E BIBLIOTECONOMIA: ASPECTOS CONCEITUAIS, HISTÓRICOS E PERSPECTIVAS</b> .....	20
2.1 BIBLIOTECAS .....	20
2.1.1 Bibliotecas: conceituações e considerações .....	27
2.2 BIBLIOTECÁRIO .....	33
2.2.1 Breve panorama da formação do bibliotecário.....	42
2.2.2 Campos de atuação do bibliotecário.....	54
2.3 BIBLIOTECONOMIA .....	59
2.3.1 Biblioteconomia e Ciência da Informação: relações .....	72
2.4 PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS.....	76
2.5 A NOVA BIBLIOTECONOMIA .....	82
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	92
3.1 AMOSTRA .....	92
3.2 COLETA DE DADOS .....	94
3.2.1 Pesquisa bibliográfica .....	94
3.2.2 Entrevista.....	95
3.2.2.1 <i>Análise das entrevistas</i> .....	96
<b>4 O CAMPO DE FORMAÇÃO E A PRÁTICA PROFISSIONAL: VISÕES DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIAIS</b> .....	97
4.1 BIBLIOTECA .....	98
4.1.1 Contexto informacional nas bibliotecas .....	107
4.2 BIBLIOTECÁRIO .....	113
4.2.1 Papel mediador do bibliotecário.....	127
4.2.2 Formação do bibliotecário .....	131
4.3 BIBLIOTECONOMIA .....	139
4.3.1 Dicotomia técnica versus humanismo .....	151
4.3.2 Impacto das tecnologias para a Biblioteconomia .....	155

4.4 ANÁLISE DOS DADOS A PARTIR DO CONCEITO DA NOVA BIBLIOTECONOMIA ..	159
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	168
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	173
<b>APÊNDICE A</b> – Roteiro da entrevista com os bibliotecários .....	184
<b>APÊNDICE B</b> – Roteiro da entrevista com os professores.....	185

# 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal contribuir com apontamentos para a caracterização da Biblioteconomia contemporânea. A motivação inicial para a execução desta pesquisa partiu de questionamentos oriundos da graduação, que foram reorientados para o contexto da pesquisa. O que é a Biblioteconomia hoje? Qual a concepção que os profissionais da área têm da própria profissão no presente momento? Quais são os desafios da Biblioteconomia? Quais são as questões atuais da biblioteca? Tais indagações foram motivadoras para a definição da problematização e dos objetivos desta pesquisa.

Com o decorrer do tempo, a sociedade muda continuamente. E a Biblioteconomia não esteve imune às mudanças ao longo do tempo. A Biblioteconomia foi transformando e adaptando seus saberes na medida em que houve mudanças em nossa sociedade como um todo. Podemos afirmar que a Biblioteconomia brasileira possui uma trajetória marcada pelo desenvolvimento das bibliotecas. Sendo as bibliotecas instituições que se dedicam a preservar e prover acesso à informação, é natural que ela não se estagne e que acompanhe o contexto social. E assim, as bibliotecas atravessaram os séculos incorporando novas atribuições, novos serviços, lidando cada vez com mais suportes diversificados e, principalmente, acolhendo e dialogando com usuários.

As tecnologias, efetivamente, impulsionam as mudanças de qualquer natureza. O cenário atual em que vivemos, com as mudanças sociais e culturais advindas das novas tecnologias de informação e comunicação, ressignificou a tradição biblioteconômica. Novos saberes e novas habilidades foram necessários como resposta a esse novo contexto informacional. Desse modo, as inovações tecnológicas sempre foram decisivas nas transformações ocorridas nas bibliotecas e em sua condição social, desde os rolos e papiros da Biblioteca de Alexandria e congêneres do mundo antigo, à convivência dos mesmos com o formato de códex; da convivência com livros manuscritos, e incunábulo aos livros impressos aliados aos livros eletrônicos (ALMEIDA, 2014, p. 203). “A Biblioteconomia, como uma ciência, sempre esteve atenta às transformações tecnológicas. [...] esta área de conhecimento e atuação profissional, passa por constantes alterações epistemológicas” (MORAES; LUCAS, 2013). Nesse sentido, Rendón Rojas (2005) afirma que

[...] a biblioteconomia é atualmente objeto de um processo não só do desenvolvimento evolutivo inato de cada disciplina, mas um processo de transformação que é acelerada, sob a influência da vida contemporânea e fatores de todos os tipos: cultural como a "informatização" da sociedade; teórica, com a especialização e teorias interdisciplinares; sobre a tecnologia, com a mudança provocada pela revolução tecnológica no armazenamento, preservação, organização, recuperação e transmissão de informações; e de natureza econômica, com a mercantilização da informação e de alto valor agregado que podem criar serviços de informação atender às expectativas

crescentes dos usuários de coleções, que os utilizam para fins educacionais e de pesquisa científica ou para desenvolver a produção, o comércio especulativo financeiro ou político<sup>1</sup> (RENDÓN ROJAS, 2005, tradução nossa).

Consequentemente, “nenhuma ciência sobrevive, portanto, sem um corpo de teorias e princípios; eles constituem o próprio sustentáculo da profissão, a sobrevivência e o progresso da própria ciência” (SOUZA, 1986, p. 189). Mukherjee (1985, p. 18) salienta que “toda atividade humana busca justificativas em termos de valores éticos e filosóficos. A Biblioteconomia não é exceção. Sua prática, pois, deve estar orientada por uma objetividade que propicie condições para uma análise e melhoria constantes”. No entanto, Vieira (1983, p. 82) faz uma crítica ao afirmar que “o conhecimento biblioteconômico apresenta-se como um produto acabado e, assim, em área tão dogmática, pouco se cria, raramente se inova e ousar é proibido”. Nesse sentido, questionar e refletir em profundidade as questões acerca da base teórica da Biblioteconomia é um desafio que deve ser aceito pelo bibliotecário para que seja possível construir e, porque não, desconstruir teorias e normas que estão introduzidas como verdades absolutas, a fim de possibilitar a “efervescência” de ideias.

A década de 1990 foi um período em que ocorreram grandes mudanças, sobretudo no que diz respeito ao desenvolvimento das novas tecnologias da informação, à sua rápida difusão e às suas repercussões econômicas, políticas e sociais. “A Internet chegou ao início dos anos noventa como uma rede de grande alcance internacional, principalmente devido ao seu fortalecimento e crescimento durante o final dos anos oitenta (a “década das redes”)” (CARVALHO, 2006, p. 125). “O que a maioria das pessoas não percebe é que quando Tim Berners-Lee inventou a *World Wide Web*, ele estava tentando solucionar um problema de bibliotecário: como encontrar artigos de Física citados em um ambiente digital<sup>2</sup>” (LANKES, 2012, p. 89, tradução nossa). Podemos afirmar que com a chegada da internet ao Brasil, ao longo da década de 1990, foi à ocasião em que a área redirecionou seu olhar do paradigma de gestão de acervo/documentos para a gestão do acesso à informação.

---

<sup>1</sup> [...] la bibliotecología actualmente está sujeta a un proceso no sólo de desarrollo evolutivo connatural a toda disciplina, sino a un proceso de transformación que se acelera bajo el influjo de la vida contemporánea y por factores de toda índole: culturales como la “informatización” de la sociedad; de carácter teórico, como la especialización de las teorías y la interdisciplinariedad; de tipo tecnológico, como el cambio producido por la revolución tecnológica en cuanto al almacenamiento, conservación, organización, recuperación y transmisión de la información; y de naturaleza económica como la mercantilización de la información y el gran valor agregado que pueden crear los servicios de información frente a las ascendentes expectativas de los usuarios de acervos, quienes los emplean con fines didácticos y de investigación científica o para desarrollar actividades productivas, comerciales, especulativas financieras o políticas. (RENDÓN ROJAS, 2005)

<sup>2</sup> “What most people don’t realize is that when Tim Berners-Lee invented the World Wide Web, he was trying to solve a library problem - how to find cited physics papers in a digital environment.” (LANKES, 2012, p. 89)

No mesmo período, com estas mudanças ocorridas no cenário político e social, e, sobretudo, com a reconfiguração do uso da informação com as tecnologias de informação e comunicação, surgiu a nomenclatura “Moderno Profissional da Informação”, para designar os profissionais que trabalham com a informação, incluindo aí o bibliotecário. A partir de então, começa a pensar na nomenclatura adotada pela área e a identidade do profissional bibliotecário, isto após mais de quarenta anos da regulamentação da profissão (SOUZA, 2004).

O século XXI trouxe novos paradigmas, entre eles a questão do acesso à informação, embora “acessar a informação” por si só já não atenda a demanda. O valor que o usuário dá à informação se modificou. Além de garantir o “acesso”, este acesso à informação precisa ser rápido, amigável, dinâmico e cada vez mais próximo das pessoas que hoje querem participar ativamente da construção e da disseminação de informações. Assim sendo, a 'mobilidade' que vivenciamos hoje deixa de ser puramente acesso a uma tecnologia de informação e comunicação e torna-se 'comportamento'. Além disso, novos elementos colocam novos desafios para a Biblioteconomia, como a mediação, a competência informacional, e as bibliotecas eletrônicas ou digitais (ARAÚJO, 2013, p. 54-55).

Em 2013, a *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) elaborou um relatório destacando cinco tendências para a área, a saber: 1) As tecnologias se expandirão, mas haverá limitação no que tange ao acesso à informação; 2) A educação online democratizará e modificará a aprendizagem global; 3) Os limites da privacidade e a proteção dos dados serão redefinidos; 4) As sociedades hiperconectadas escutarão e empoderarão novas vozes e grupos; 5) A economia global de informação se transformará por meio das novas tecnologias. A partir destas tendências podemos pontuar algumas questões-desafios para o profissional da informação, o bibliotecário. Como organizar e prover acesso com a expansão da tecnologia? Novos procedimentos? Como se dará a limitação e proteção dos dados? E os direitos autorais? Maior possibilidade de interação? Estarão os bibliotecários preparados para essa nova realidade?

Em 1933, Pierce Butler (1971) disse que “o bibliotecário do futuro terá a seu serviço informações precisas em campos onde agora temos apenas hipóteses *ad hoc*, formuladas a partir de condições peculiares de sua experiência pessoal”. Acredita-se que o futuro mencionado por Butler (1971) já tenha chegado. Vivemos em um contexto onde é possível acessar informações precisas remotamente e em tempo real, em conformidade com nossas experiências pessoais e de acordo com nosso contexto sociocultural. E como o “bibliotecário do futuro” mencionado por Butler está adaptando-se as mudanças sociotecnológicas?

No entanto, há uma ausência de estudos que reflitam a Biblioteconomia que construímos e que discutam a Biblioteconomia contemporânea<sup>3</sup> no Brasil. Souza (1993, p. 13) aponta que a Biblioteconomia que temos foi implantada por empréstimo de outras realidades, com a ausência de reflexões e adaptações ao contexto brasileiro. Conforme aponta Souza (1997, p. 9):

As condições locais do Brasil exigem a produção, comunicação e educação de um texto biblioteconômico que, mesmo aproveitando experiências externas, vividas em outros contextos sociais, não seja a tentativa de simples transplante dessas experiências. (SOUZA, 1997, p. 9)

Em anos recentes, comemoramos duas datas significativas para a Biblioteconomia brasileira: o centenário do primeiro curso de Biblioteconomia do Brasil (1915-2015), instalado à época na Fundação Biblioteca Nacional, e o cinquentenário da regulamentação da profissão do bibliotecário (1965-2015), realizada pelo Decreto 56.725 de 16 de agosto de 1965. Portanto, é um momento propício e importante para se refletir sobre a Biblioteconomia que construímos. Lemos (2015, p. 15) afirma que aos bibliotecários do século XIX não devia ser difícil definir e delimitar o que era biblioteconomia. “Hoje, as propostas de definições se multiplicam e se tornam cada vez mais complexas”. Neste sentido, ressalta-se a importância de “dar voz” aos profissionais que constituem a Biblioteconomia privilegiando, assim, a diversidade e a pluralidade dos discursos profissionais. Assim sendo, contribuir com a promoção da reflexão sobre o momento atual é importante e necessário para que a Biblioteconomia dialogue com o tempo presente.

. Diante do exposto e da leitura da literatura da área, a estruturação deste trabalho se deu com base nas indagações a seguir:

- Qual é a concepção de Biblioteconomia que temos hoje? Como os desafios contemporâneos da Biblioteconomia se apresentam?
- Como os discursos da visão de biblioteca, bibliotecário e Biblioteconomia se apresentam hoje?

Construir um trabalho que contribua com alguns apontamentos para a análise do discurso contemporâneo da Biblioteconomia é importante e necessário, sobretudo para compreender e refletir – e dar sentido – aos aspectos teóricos e às modificações ocorridas na prática biblioteconômica até o presente momento.

Desse modo, a partir das questões elencadas como norteadoras da pesquisa, este estudo propõe atender ao seguinte objetivo geral: Identificar e compreender o que é a Biblioteconomia contemporânea. A partir disso, elencamos como objetivos específicos:

---

<sup>3</sup> No contexto do presente trabalho, ressaltamos que, denominamos por “contemporaneidade” o período que se inicia na década de 1990, que foi quando as especulações quanto à remodelação das bibliotecas e da atuação do bibliotecário (Moderno Profissional da Informação) surgiram no Brasil com a divulgação de debates em eventos científicos e com alguns trabalhos publicados em periódicos especializados.

- Obter elementos para analisar as transformações da Biblioteconomia;
- Verificar a percepção dos professores e dos bibliotecários com relação à visão de biblioteca, bibliotecário e Biblioteconomia;
- Apontar os desafios contemporâneos da área.

Esta dissertação possui oito seções. Esta seção inicial expôs o contexto que motivou e justifica a realização da pesquisa, a problemática e os objetivos no qual se apresenta o objeto de estudo. Uma vez estabelecidos à problemática e os objetivos que norteiam esta pesquisa, julgou-se necessário, inicialmente, colocar em pauta as questões conceituais à Biblioteconomia e às suas temáticas, consideradas relevantes para a execução da pesquisa. Tais questões foram pautas da segunda seção “Biblioteca, Bibliotecários e Biblioteconomia: aspectos conceituais, históricos e perspectivas”. Ao abordarmos as três temáticas tão importantes e complexas para a área, não foi nossa intenção esgotar o assunto. Ainda nesta seção, apresentamos a perspectiva da nova Biblioteconomia desenvolvida por R. David Lankes, professor da Universidade de Syracuse, nos Estados Unidos, na obra denominada “*The Atlas of New Librarianship*”, publicada em 2011. Optamos por incluir a seção intitulada “A Nova Biblioteconomia”, após assistirmos uma mesa redonda por videoconferência com Lankes durante o XXVI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBBD), ocorrido em 2015 na cidade de São Paulo.

A seguir, apresentamos na seção Metodologia, os procedimentos utilizados para atingir os objetivos delineados para responder nossas perguntas iniciais. Na quarta seção, intitulada “O campo de formação e a prática profissional: visões das experiências vivenciais”, descrevemos como se deu a coleta dos dados, a análise e apresentamos as três categorias de análise sobre a problemática da pesquisa e as cinco subcategorias, que foram estabelecidas em conformidade com os objetivos da pesquisa e os depoimentos dos entrevistados. As categorias são as seguintes: “Biblioteca”, com a subcategoria “Contexto informacional nas bibliotecas”; “Bibliotecário”, com as subcategorias “Papel mediador do bibliotecário” e “Formação do bibliotecário”; e, “Biblioteconomia”, com as subcategorias “Dicotomia técnica versus humanismo” e “Impacto das tecnologias para a Biblioteconomia”. Há, ainda, uma análise dos dados realizada a partir do conceito de Nova Biblioteconomia. Posteriormente, apresentamos nas considerações finais os resultados obtidos e reflexões acerca da temática pesquisada. Após, seguem as Referências. Nas seções Apêndice A e Apêndice B, encontram-se os roteiros de entrevista semiestruturada que foi utilizado para coleta de dados com os bibliotecários e os professores.

## 2 BIBLIOTECA, BILIOTECÁRIO E BIBLIOTECONOMIA: ASPECTOS CONCEITUAIS, HISTÓRICOS E PERSPECTIVAS

### 2.1 BIBLIOTECAS

O progresso das bibliotecas nas instituições é um capítulo essencial na história do desenvolvimento intelectual da civilização e na ciência da Biblioteconomia (TOMPSON, 1954<sup>4</sup> *apud* MUKHERJEE, 1966, p. 73; BUTLER, 1971, p. 60). Perrotti e Pieruccini (2007) apontam que as bibliotecas passaram por três “paradigmas”:

- Conservação cultural (centrado na organização, no tratamento técnico dos acervos);
- Difusão cultural (com ações voltadas para o acesso e o uso da informação); e
- Apropriação cultural (em que os usuários ganham uma relevância maior, e a biblioteca se converte em dispositivo de mediação cultural).

“A história das bibliotecas tem seu início junto à invenção da escrita, quando o homem passa a gravar o que antes era narrado, o que antes se conservava e se transmitia por via oral através da rememoração” (SILVEIRA, 2007, p. 47). Lasso de La Vega (1952, p.3) nos lembra de que, conforme sua etimologia, a biblioteca inicialmente dedicou-se apenas à conservação de livros, com a missão de museus, e hoje têm preservado este aspecto para fins secundários, tendo papel ativo nas instituições de ensino, tornando-se complemento indispensável dos professores e verdadeiros centros de universidades populares.

Há indícios de grandes bibliotecas na Antiguidade, como a Biblioteca de Nipur, na Babilônia e a Biblioteca de Assurbanil, rei da Assíria que viveu no século VII a. C. em Nínive (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2005, p. 32). Podemos afirmar que as bibliotecas que se destacam entre as mais importantes da Antiguidade são: a Biblioteca de Nínive, a de Pérgamo, as gregas, as romanas e, principalmente, a Biblioteca de Alexandria (SANTOS, 2012).

Ao remontarmos ao paradigma da conservação cultural, não é difícil perceber que, inicialmente, o objetivo de criar as bibliotecas era principalmente colecionar, organizar e preservar documentos. Um momento excepcional no desenvolvimento das bibliotecas foi à criação da Biblioteca de Alexandria, no Egito.

[A] Biblioteca [de Alexandria foi] formada através de uma intensa política de aquisições, cujo princípio voltava-se para a tentativa de se alcançar a completude de todas as formas de saber inscritas em uma materialidade espaço-temporal e passível de serem armazenadas e disponibilizadas em um único lugar (SILVEIRA, 2007, p. 67).

---

<sup>4</sup> THOMPSON, James Westfall. **The medieval library**. New York: Hafner, 1957.

Salientamos que a existência da Biblioteca de Alexandria não deve isolar-se desse conjunto maior em que incluía o famoso "Templo das Musas", instituição concebida como uma organização dedicada ao ensino e pesquisa, onde a biblioteca foi entendida não só como custodiadora das coleções de documentos de valor específico, mas também como uma ferramenta para ensino e pesquisa. Com a Biblioteca de Alexandria sendo usada também como subsídio para o ensino e a pesquisa, podemos inferir que já naquela época as bibliotecas podiam ser entendidas não somente como coleções ou registros do conhecimento organizados e acumulados. Pelo contrário, a Biblioteca de Alexandria caracterizava-se como espaço comunitário, já que foi construída com colunatas e salas para maximizar a interação entre os estudiosos (LANKES, 2012, p. 85).

Durante a Idade Média, as igrejas e os mosteiros eram as guardiãs dos acervos, principalmente pela Igreja ser a detentora de riqueza e poder na época (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2005, p. 32). Assim, foram criadas as bibliotecas dos mosteiros, as bibliotecas monásticas, que se caracterizavam por sua função de reproduzir e preservar a propriedade intelectual da época. Este momento da história das bibliotecas reforça a ideia de que as bibliotecas são depósitos. Assim sendo, podemos afirmar que nesse período não havia distinção entre as bibliotecas e os arquivos. Serrai (1975, p. 142) afirma que mais tarde, estas duas instituições – bibliotecas e arquivos – apontaram diferenças pontuais, sendo o arquivo a finalidade de reunir e conservar, o que o autor chamou de “testemunhos diretos de uma época os documentos não elaborados” e as bibliotecas tiveram a finalidade de reunir “documentos elaborados, os produtos intelectuais e espirituais das gerações”.

A partir do século XII, o livro manuscrito começa a ter um valor prático e instrumental para a produção de conhecimentos, fora das paredes dos mosteiros e começa a circular comercialmente, produzindo uma ruptura cultural de grande importância. As bibliotecas universitárias surgiram pouco antes do Renascimento, na Idade Média, sendo as que mais se aproximavam do modelo de biblioteca que conhecemos atualmente, com o conceito de espaço para acesso e disseminação da informação, embora o artefato na época seja o livro manuscrito.

Com a invenção da imprensa pelo alemão Johannes Gutenberg, em 1452, e seu desenvolvimento nos séculos seguintes trouxe grandes modificações na produção, no armazenamento e na difusão de conhecimento. Paulatinamente, a criação de Gutenberg e processo de fabricação de papel, que era mais barato que o pergaminho, contribuíram para a democratização do acesso ao livro, que na época era acessível apenas a camadas mais abastadas da sociedade (MILANESI, 2002a, p. 24-25; ARAÚJO; OLIVEIRA, 2005, p. 33). Assim sendo, a origem da modernidade europeia tem no surgimento da imprensa e a formação dos estados nacionais, com ideia de identidade nacional, o impulso necessário

para a criação das bibliotecas nacionais, com a pretensão de guardar o patrimônio bibliográfico de um determinado país.

No século XV, ocorreram mudanças profundas nas bibliotecas com a perda do poder religioso sobre o conhecimento registrado permitindo o gradativo posicionamento das bibliotecas como instituição social (TARGINO, 2010 p. 41). Targino (2010) afirma que neste período grande parte das bibliotecas particulares tornou-se públicas e priorizando as áreas do conhecimento surgiram as bibliotecas especializadas. No Brasil, as primeiras bibliotecas foram criadas por ordens religiosas, sendo a ordem dos Jesuítas a mais atuante. Rubens Borba de Moraes em sua obra “Livros e bibliotecas no Brasil colonial”, afirma que no Brasil só começamos a possuir livros a partir da segunda metade do século XVI, quando em 1549 se instala o governo-geral em Salvador, na Bahia. No entanto, só começamos a “engatinhar pelo caminho da cultura depois do estabelecimento dos conventos jesuítas, franciscanos, carmelitas e beneditinos, principalmente dos padres da Companhia de Jesus” (MORAES, 2006, p. 4).

O aumento progressivo dos livros impressos exigiu dos bibliotecários a invenção de novos meios de controle e organização. Assim, no século XVI buscou-se numa tentativa frustrada de criar uma bibliografia universal para controlar os livros publicados. Desse modo, passou-se a produzir bibliografias setoriais, oferecendo aos leitores resenhas feitas por especialistas sobre assuntos específicos (MILANESI, 2002a, p. 27-28).

O século XVIII assistiu a um crescimento significativo das bibliotecas na Europa, sendo marcado pelo avanço da pesquisa científica. Já no Brasil, Moraes (2006, p. 24) afirma que até o século XVIII, as bibliotecas de ordens religiosas foram o centro de formação intelectual inicial dos jovens brasileiros, que com o enriquecimento do país, tinham condições de continuar os estudos em Coimbra. Entretanto, no final do século, as bibliotecas conventuais entraram decadência. No princípio do século XIX, a influência dos religiosos na formação intelectual dos brasileiros diminui cada vez mais, resultado das reformas pombalinas do Marquês de Pombal (MORAES, 2006, p. 27).

Dando um salto cronológico, a vinda da Corte Portuguesa ao Brasil em 1808 trouxe junto os tesouros do Estado Português, paramentos da Capela Real, além dos arquivos das repartições públicas, manuscritos da Coroa e do Infantado e a Biblioteca Real da Ajuda, que anos mais tarde com a Independência do Brasil, tornou-se a nossa Biblioteca Nacional (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2005, p. 34-35).

“A expansão das bibliotecas deu-se também, em meados do século XX, por meio de projetos como ônibus-bibliotecas, tanto na França, quanto nos Estados Unidos como no Brasil” (GALVÃO, 2014, p. 216). Wanda Ferraz, em 1949 publicou a terceira edição do livro intitulado “A Biblioteca”, manual onde a autora expõe princípios básicos para administração de bibliotecas e atribui funções às bibliotecas escolares a partir de estudos da

literatura norte-americana especializada na área. De acordo com a autora, antigamente a biblioteca era considerada um objeto de luxo, viável apenas aos grandes centros e ricos colégios da elite. Concomitante a afirmação da autora, Milanesi (2002a, p. 39) pontua que do período republicano até meados do século XX, “a biblioteca esteve presente como uma necessidade ou mesmo como um bem capaz de conferir status a indivíduos ou a cidades, mas raramente constou de programas e ações governamentais”. De acordo com Lasso de La Vega (1952), inicialmente as bibliotecas eram apenas os depósitos de livros, estando ao alcance exclusivo dos privilegiados. Posteriormente, elas se tornaram “a mais democrática das instituições, porque elas abriram as suas portas a todos os seres que sabiam ler, independentemente do sexo, idade, nacionalidade ou crenças” (LASSO DE LA VEGA, 1952, p. 4).

As coleções – que num determinado momento foram denominadas “bibliotecas” –, pelo seu tamanho e variedade, passaram a indicar o grau de riqueza de uma sociedade, e o número de unidades espalhadas por um determinado território revelava seu grau de desenvolvimento social. Se os grandes acervos tinham como função básica a preservação dos registros de sucessivas gerações, os menores foram criados para integrar os jovens nos campos de conhecimentos essenciais que as sociedades determinam. (MILANESI, 2002a, p. 10-11)

Até meados do século XIX predominavam as atividades de aquisição e organização nas bibliotecas. De acordo com Sambaquy (1978, p. 52) no princípio, no que podemos afirmar que foi a época do paradigma da conservação cultural, os objetivos fundamentais das bibliotecas eram reunir, selecionar, catalogar, classificar e colocar à disposição dos leitores as coleções bibliográficas existentes. Entretanto, em 1876 o cenário biblioteconômico mudou. Naquele ano, ocorreu a primeira reunião nacional de bibliotecários americanos que deu origem a *American Library Association* (ALA); a publicação da Classificação Decimal de Dewey (CDD) por Melvil Dewey e a publicação da *Rules for a Dictionary Catalog* por Charles Amir Cutter; e o bibliotecário Samuel Sweet Green proferiu seu discurso histórico “*The desirableness of establishing personal intercourse and relations between librarians and readers in popular libraries*” que germinaria o serviço de referência (FONSECA, 2007, p. 67).

Em meados do século XIX, com a valorização da educação como mecanismo de mobilidade na escala social, as bibliotecas universitárias e públicas passaram a ser vistas como “instrumentos auxiliares do processo de educação formal e um dos mais democráticos mecanismos de realização da chamada educação permanente” (LEMOS, 2015, p. 291). Ou seja, podemos perceber que as bibliotecas deixaram de ser símbolo de poder pessoal e tornaram-se instrumentos para civilização da sociedade, sendo vistas e criadas como símbolos e ferramentas para obtenção do progresso. No final do século XIX ainda privilegiava a guarda das coleções nas bibliotecas, as rotinas e dinâmicas das bibliotecas e

as regras de catalogação e classificação das coleções. No entanto, no mesmo período, surgiram manifestos e iniciativas que evocaram mudanças na configuração das bibliotecas, direcionadas pelos adjetivos “viva”, “dinâmica” e “ativa”, em referência ao potencial destas instituições (ARAÚJO, 2013, p. 44). O salto teórico-conceitual dessa abordagem ocorreu com o grupo de pesquisadores da *Graduate Library School* da Universidade de Chicago.

No século XX, ocorreu fenômeno semelhante ao do século anterior, mas com as bibliotecas especializadas e de apoio à pesquisa científica e ao desenvolvimento tecnológico. Especialmente na década de 1950, quando houve uma grande virada no desenvolvimento científico e tecnológico. Em 1960, quando se deu a explosão informacional, as bibliotecas públicas também se beneficiaram do desenvolvimento científico e tecnológico com as ideias de democratização da cultura (LEMOS, 2015, p. 291).

Ao longo dos séculos, a biblioteca passou por inúmeras transformações em relação à sociedade e dentro das práticas biblioteconômicas. A biblioteca tem adaptado às mudanças exigidas pela sociedade, mas sem perder, de alguma forma, a sua essência. Há algo permanente que permite a identificação das bibliotecas (ORERA ORERA, 1996, p. 63). Neste sentido, exemplificamos a partir do quadro elaborado por Valentim (2000), que apresenta algumas dessas mudanças que afetaram (passado), afetam (atual) e que na década de 2000, foram apontadas pela autora como mudanças que poderiam (futuro) afetar a biblioteca.

**QUADRO 1- Mudanças nas bibliotecas**

<b>PASSADO</b>	<b>ATUAL</b>	<b>FUTURO</b>
Acesso Local ao Acervo (Instituição) através de catálogos	Acesso Local ao Acervo através de catálogos e bases de dados próprias em formatos eletrônicos (Intranet e Internet) e ópticos (Cd-Rom)	Acesso ao Acervo através de Sistemas Eletrônicos / Digitais Próprios (Intranet) e Externos (Internet)
Suporte Físico voltado para o Papel	Suportes Físicos diversos, bem como Eletrônicos e Digitais	Suportes Físicos diversos, bem como Eletrônicos e Digitais
Conteúdos Integrais em Suporte Papel e Multimeios	Conteúdos Integrais em Suporte Papel, Multimeios, Conteúdos Referências e Integrais em Suportes Eletrônicos e Digitais	Conteúdos Integrais em Suportes Eletrônicos e Digitais
Linguagem Codificada Através de Códigos de Classificação	Linguagem Documentária através de Tesouros e Terminologias	Linguagem Natural através de Sistemas Especialistas e Inteligência Artificial
Administração Centrada no Processamento Técnico	Administração Centrada no Planejamento e Usuário	Administração Centrada em Produtos e Serviços para o Cliente
Grande Espaço para Consultas/Pesquisa por parte do Usuário	Espaço Planejado entre a administração, o atendimento e o usuário	Espaço Quase Inexistente, Acesso e Pesquisa Elaborada pelo Cliente Remotamente

Serviços e Produtos Gratuitos	Serviços e Produtos Gratuitos e Pagos, Dependendo do Tipo	Serviços e Produtos Pagos
Altos Gastos com Aquisição de Material Informacional	Gastos com Aquisição de Material de Forma Planejada e Dirigida	Gastos Dirigidos Repassados ao Cliente

Fonte: VALENTIM (2000, p. 26)

Conforme podemos observar no quadro acima, destaca-se que as mudanças ocorridas nas bibliotecas giram, especialmente, em torno do suporte. A partir do suporte, adaptam-se os meios de acesso, espaço, organização e gestão. Assim sendo, Lemos (2015, p. 292) pontua que as “bibliotecas se diversificaram, seja devido ao tipo de material que reúnem, seja por causa do tipo de usuário a que atendem”. Ao adaptarem-se as mudanças políticas, sociais e econômicas, as bibliotecas já denotam a importância de sua sobrevivência enquanto instituição (LEMOS, 2015, p. 285).

De acordo com a sua finalidade, as bibliotecas se dividem nas seguintes categorias: bibliotecas nacionais, bibliotecas públicas, bibliotecas universitárias, bibliotecas especializadas, bibliotecas infantis, bibliotecas escolares, bibliotecas especiais, biblioteca ambulante ou carro-biblioteca ou bibliobus, bibliotecas populares e comunitárias (FONSECA, 2007; ARAÚJO; OLIVEIRA, 2005). Na perspectiva de sua função, os centros de documentação e/ ou centros de informação podem ser considerados como uma forma de biblioteca especializada (LEMOS, 2015, p. 286).

No Quadro 2, podemos ver algumas dessas categorias de bibliotecas elaboradas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), pela Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) e pelo italiano Alfredo Serrai em seu “*Guida ala Biblioteconomia*”.

**QUADRO 2 - Tipologias de bibliotecas**

UNESCO	IFLA	SERRAI (1990)
I. Bibliotecas Nacionais	I. Bibliotecas gerais de pesquisa:  - Bibliotecas Nacionais; - Bibliotecas parlamentares; - Bibliotecas universitárias; - Outras bibliotecas de pesquisa geral	I. Pela entidade de que depende:  - Privadas; - Estado; - Administração local; - Escolas e Universidades; - Academias; - Instituições culturais; - Indústrias; - Entidades de pesquisa; - Associações profissionais; - Associações culturais, sindicais ou religiosas; - Organizações internacionais ou autônomas.

<p>II. Bibliotecas de instituições de ensino superior:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Bibliotecas universitárias e centrais;</li> <li>- Bibliotecas de institutos e departamentos universitários;</li> <li>- Bibliotecas de centros de ensino superior, que não fazem parte da Universidade.</li> </ul>	<p>II. Bibliotecas especializadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Administração;</li> <li>- Arte;</li> <li>- Biologia;</li> <li>- Medicina;</li> <li>- Geografia;</li> <li>- Ciência e tecnologia;</li> <li>- Ciências Sociais.</li> </ul>	<p>II. Pela finalidade, objetivos e funções da biblioteca:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Nacionais;</li> <li>- Públicas;</li> <li>- Universitárias: centrais, faculdade, instituto, laboratório;</li> <li>- Escolares;</li> <li>- Pesquisa;</li> <li>- Indústrias;</li> <li>- Administração;</li> <li>- Arquivo.</li> </ul>
<p>III. Outras bibliotecas importantes não especializadas.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Bibliotecas enciclopédicas de caráter científico ou erudito, que não são nacionais, embora possam exercer função de biblioteca nacional em determinada área geográfica.</li> </ul>	<p>III. Bibliotecas que servem o público em geral:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Infantis;</li> <li>- Para cegos;</li> <li>- Para pessoas deficientes;</li> <li>- Minorias culturais;</li> <li>- Públicas;</li> <li>- Escolares.</li> </ul>	<p>III. Por tipo de coleção:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Pelo tamanho;</li> <li>- De acordo com o assunto de sua coleção;</li> <li>- Pelo tipo de documentos e suportes documentais;</li> <li>- Por tipo de usuários;</li> <li>- Pelo modelo de organização e gestão: modelo anglo saxão com coleções em livre acesso, modelo europeu com coleções em depósitos fechado exceto na parte destinada a sala de leitura, bibliotecas automatizadas, bibliotecas especializadas ou centro de documentação.</li> </ul>
<p>IV. Bibliotecas escolares</p>		
<p>V. Bibliotecas públicas ou populares</p>		
<p>VI. Bibliotecas especializadas</p>		

Fonte: Baseado em Orera Orera (1996, p. 69-72)

No quadro acima, podemos ver a quantidade de tipologias de bibliotecas em consonância com a sua função, serviços oferecidos e com o seu público. Com exceção das bibliotecas nacionais, tais tipologias de bibliotecas tem um aspecto em comum: reúnem coleções organizadas em conformidade com o seu público ou com a temática (em diferentes suportes) para prover acesso.

Esse percurso de séculos da história das bibliotecas nos possibilita afirmar que estas instituições acompanham as mudanças de seu tempo. Lasso de La Vega (1952, p. 10) afirma que não é porque a função da biblioteca mudou fundamentalmente que ela perdeu o seu caráter original, tampouco tenha abandonado alguma função entre aquelas que no passado a deram origem. Pelo contrário, “as suas necessidades e capacidades são tantas que hoje a biblioteca é dividida por especialidades, cuja dedicação total a um de seus ramos ou atividades tornam-se ponto essencial para o bom funcionamento e manutenção desta instituição” (LASSO DE LA VEGA, 1952, p. 10). Neste aspecto, “cada época formou suas coleções de registros gráficos para atender aos seus hábitos intelectuais. [...] Cada modificação de maior magnitude sofrida pelo ideal social produziu uma alteração na constituição da biblioteca” (BUTLER, 1971, p. 10). Diante do exposto, Vieira (2014) nos alerta ainda que ao considerarmos o termo “biblioteca”, devemos levar em consideração dois tipos distintos, que com algumas diferenças englobam todos os demais tipos, que são:

as bibliotecas físicas que possuem espaço e acervo físico e as bibliotecas virtuais, onde todo acervo é acessível por meio eletrônico (VIEIRA, 2014, p. 3). No entanto, Lemos (2015, p. 304) esclarece que bibliotecas denominadas virtuais, digitais ou eletrônicas não correspondem, no mesmo plano ou em plano superior, às bibliotecas tradicionais. Podemos afirmar que as características de cada período histórico ditam também as características das bibliotecas e de seus profissionais, bem como de suas práticas. Quando pontuamos as tipologias e características das bibliotecas ao longo do tempo, é inevitável não pensarmos a respeito de sua função.

A expressão “função social” denota a ideia de um papel em relação à sociedade ou grupo social em que se tem uma influência. Assim sendo, a biblioteca tenta promover uma compreensão inteligente de todos os problemas econômicos, sociais, políticos e outros por seu público, para trazer o cidadão comum até as expectativas da sociedade. No entanto, as funções ativas da biblioteca para a sociedade para entreter e educar a comunidade também impõe determinadas responsabilidades sociais. (MUKHERJEE, 1966, p. 57-58). Desse modo, ao observarmos as bibliotecas, independentemente de seus tipos e características - pública, universitária, especializada, governamental, nacional, etc. -, sua função no contexto social é entreter, educar e informar as pessoas (MUKHERJEE, 1966, p. 60). Assim sendo, as bibliotecas contribuem para o esclarecimento dos cidadãos, servindo a indivíduos, profissionais e grupos sociais enriquecendo a vida comunitária. Este é o retrato das responsabilidades sociais da biblioteca, mencionadas pela autora, funcionando como parte integrante da própria sociedade.

Após explanar um breve panorama da trajetória das bibliotecas, vamos apontar algumas definições de biblioteca. Em seu “Manual de Biblioteconomia” publicado em 1952, Javier Lasso de La Vega afirma que na história do conceito de biblioteca podemos apontar duas idades com extraordinário impacto sobre o avanço dos povos e a eficácia desta instituição. O primeiro é representado pelo momento em que bibliotecas apenas colocam suas coleções bibliográficas disponíveis aos leitores nas salas de leitura. Já o segundo, o autor aponta que é a nossa era, tem o caráter de sala de leitura de modo mais ampliado, ou seja, centros de estudos, lazer e educação, cidades, vilas, aldeias, etc., graças à criação do serviço de empréstimo domiciliar (LASSO DE LA VEGA, 1952, p. 112). Diante disso, podemos acrescentar um terceiro momento caracterizado pela democratização do acesso a informação e a construção de conhecimentos possibilitados pelas bibliotecas.

### **2.1.1 Bibliotecas: conceituações e considerações**

A palavra biblioteca passou a ser forma dominante na língua portuguesa somente no começo do século XIX, anteriormente a palavra preferida era livraria, tal como

no inglês *library* que quer dizer biblioteca e não livraria (LEMOS, 2015, p. 286). Há várias definições de biblioteca. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) define a biblioteca como uma instituição que

[...] consiste em uma coleção organizada de livros, impressos e revistas, ou qualquer tipo de material gráfico e audiovisual; serviços relacionado e pessoal para fornecer e facilitar o uso de tais materiais, como exigido pelas necessidades de informação, pesquisa, educação e entretenimento dos usuários<sup>5</sup> (ORERA ORERA, 1996, p. 63, tradução nossa).

A Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) define biblioteca como “Coleção de materiais de informação organizados para que possa atender a um grupo de usuários. Tem equipe responsável pelos serviços e programas de informações relacionadas com as necessidades dos leitores”<sup>6</sup> (ORERA ORERA, 1996, p. 63, tradução nossa).

Em geral, define-se hoje a biblioteca como um acervo de materiais impressos (livros, periódicos, cartazes, mapas, etc.), ou não impressos, (como filmes cinematográficos, fotografias, fitas sonoras, discos, microformas, cederrons, devedês programas de computador, etc.), organizados e mantidos para leitura, visualização, estudo e consulta (LEMOS, 2015, p. 286).

O “Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia” nos dá em seu verbete várias definições para biblioteca, dentre as quais selecionamos a que segue

Coleção organizada de registros de informação, assim como os serviços e respectivo pessoal, que têm a atribuição de fornecer e interpretar esses registros, a fim de atender às necessidades de informação, pesquisa, educação e recreação de seus usuários. Neste contexto, a palavra biblioteca abrange os objetivos e funções de outros tipos de serviços de informação, que seriam qualificados como centros de documentação, serviços de informação, unidades de informação, entre outros (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 48).

No entanto, não é toda coleção de livros que pode ser chamada de biblioteca. Lemos (2015) pontua que para ser denominada biblioteca, são necessários três pré-requisitos, a saber:

a intencionalidade política e social, o acervo e os meios para sua permanente renovação, o imperativo de organização e sistematização, e uma comunidade de usuários, efetivos ou potenciais, com necessidades de informação conhecidas ou pressupostas, e o local, o espaço físico onde se dará o encontro entre os usuários e os serviços da biblioteca (LEMOS, 2015, p. 185).

---

<sup>5</sup> [...] consiste en una colección organizada de libros, impresos y revistas, o de cualquier clase de materiales gráficos y audiovisuales; y sus correspondientes servicios de personal para proveer y facilitar el uso de tales materiales, según lo requieren las necesidades de información, investigación, educación y esparcimiento de los usuarios. (ORERA ORERA, 1996, p. 63)

<sup>6</sup> Colección de material de información organizada para que pueda acceder a ella um grupo de usuários. Tiene personal encargado de los servicios y programas relacionados com las necesidades de información de los lectores” (ORERA ORERA, 1996, p. 63)

Diferentemente das definições apresentadas até então, Fonseca (2007, p. 67) afirma que vê a “biblioteca menos como coleção de livros do que como assembleia de leitores”. Ao visualizar a biblioteca desta maneira, o autor dá ênfase à importância do usuário nas bibliotecas, sendo apontado como “o elemento mais importante da biblioteca”, porque os materiais bibliográficos e audiovisuais são selecionados e organizados para eles. Ainda de acordo com Fonseca (2007, p. 67), “pensar que a biblioteca possui outro objetivo que não seja o leitor é incorrer no erro burocratizante - o da administração como um fim em si mesma - ou biblioteconomizante: o da biblioteca para o bibliotecário”.

De acordo com Ferraz (1949, p. 23), a biblioteca “era alguma coisa desejável e boa, entretanto não absolutamente essencial para a comunidade ou para o trabalho de classe. Hoje, porém, tornou-se uma necessidade, e é um apêndice da escola moderna”. A biblioteca não é um luxo, mas uma necessidade da vida moderna (LASSO DE LA VEGA, 1952, p. 477). Macedo (1986, p. 214) pontua que a biblioteca pode ser vista como um fenômeno histórico de interação constante e mútua com o ambiente, portanto, um organismo vivo e único.

"A biblioteca está no mundo", eu gostaria de dizer. Com estas palavras, eu quero dar a entender que qualquer tentativa de absolutizar a biblioteca, para apresentar fechado no vazio de um sino cristal como algo isento e desconectado da realidade em geral, como a condensação destilada de uma cultura em sua forma mais pura, é, em si mesmo, condenado ao fracasso. Porque a biblioteca surge de uma comunidade e vive nela, dela e para ela. Portanto, entre ela e a comunidade, há uma interrelação que - convenhamos - faz mais fortemente do lado da comunidade, ou seja, da sociedade.<sup>7</sup> (CAMPOS, 1993, p. 19, tradução nossa)

Desse modo, como podemos observar ao longo da história, as bibliotecas destinavam-se prioritariamente à guarda e preservação de suas coleções. Lancaster (1994, p. 9) afirma diante da emergência dos recursos de informação cada vez mais acessíveis via redes, que o novo papel das bibliotecas era o de prover o acesso à informação ao invés da propriedade. Neste sentido, Orera Orera (1996) define a biblioteca como um sistema para transmissão da informação. Assim, sendo a biblioteca um sistema, ela

- existe para alcançar determinados objetivos.
- os seus elementos são submetidos a uma organização que torna possível alcançar estes objetivos.
- Se relaciona com o ambiente constituído por usuários<sup>8</sup> (ORERA ORERA, 1996, p. 65, tradução nossa).

<sup>7</sup> "La biblioteca está en el mundo", me gusta decir. Con esas palabras quiero dar a entender que cualquier intento de absolutizar la biblioteca, de presentarla encerrada en el vacío de una campana de cristal, como algo exento y desconectado de la realidad general, como destilada condensación de una cultura en estado puro, está, en sí mismo, condenado al fracaso. Porque la biblioteca surge de una comunidad y vive en ella, de ella y para ella. Por consiguiente, hay entre ella y la comunidad una interrelación que - confesémoslo - hace más fuerza por el lado de la comunidad, esto es, de la sociedad. (CAMPOS, 1993, p. 19)

<sup>8</sup> - Existe para lograr unos determinados objetivos.  
 - Sus elementos están sometidos a una organización que permite lograr dichos objetivos.  
 - Se relaciona con el entorno, constituído por los usuarios. (ORERA ORERA, 1996, p. 65)

Neste sentido, Milanesi (2002a, p. 44) menciona grandes inventos como o rádio e a televisão que, paulatinamente, começaram a fazer parte da vida dos cidadãos, alterando valores e costumes. Tudo isto para exemplificar que não houve alterações na dinâmica das bibliotecas.

[...] Elas continuaram como uma coleção de livros a serviço de alguma necessidade definida. Passaram a ter uma organização mais adequada porque o bibliotecário deixou de ser um amante dos livros para ser um paciente organizador formado em cursos próprios. (MILANESI, 2002a, p. 44)

Para Ranganathan (2009) as bibliotecas são regidas por cinco postulados, elencados como as cinco leis da Biblioteconomia: 1) os livros são para usar; 2) a cada leitor o seu livro; 3) a cada livro o seu leitor; 4) poupe o tempo do leitor; 5) a biblioteca é um organismo em crescimento. A partir das cinco leis da Biblioteconomia podemos inferir que a finalidade da biblioteca é promover a efetiva utilização de seus materiais e não ser um mero lugar de custódia; que os acervos devem ser formados em conformidade com as necessidades do seu usuário; que elas devem dispor de serviços organizados e de maneira eficiente; e que deve atentar-se aos mecanismos de seleção e descarte, tendo vista o seu crescimento perene (LEMOS, 2015, p. 287).

De acordo com Butler (1971), a biblioteca foi criada para atender a necessidades reais da civilização moderna. Desse modo, a biblioteca deve estar a serviço da comunidade (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2005, p. 42). Ao longo do Prefácio da segunda edição de *Introdução à Biblioteconomia*, Fonseca (2007) ressalta que a biblioteca existe para servir aos que procuram formação, informação e recreação.

[...] não há nada mais revelador e apaixonante do que explorar as estantes que reúnem possivelmente todos os livros sobre determinado tema – coisa que, entretanto, não se poderia descobrir no catálogo por autores – e encontrar ao lado do livro que se tinha ido procurar, um outro livro, que não se tinha ido procurar, mas que se revela fundamental. Ou seja, a função ideal de uma biblioteca é de ser um pouco como a loja de um alfarrabista, algo onde se podem verdadeiros achados, e esta função só pode ser permitida por meio do livre acesso aos corredores das estantes. (ECO, 1983, p. 29)

Em consonância com a história das bibliotecas, Silveira (2007) situa-as como "lugar de memória", pontuando-as como instituições ligadas à missão de preservar, organizar e disseminar elementos culturais e intelectuais (SILVEIRA, 2007, p. 44).

Mukherjee (1966, p. 24) afirma usando as palavras de Nitecki<sup>9</sup> que, "[...] embora a biblioteca seja primariamente uma instituição destinada a servir o leitor, a sua posição na sociedade contemporânea sugere uma iniciação ativa de ideias, em vez de fornecer um passivo de livros." Em consonância, Silveira (2007, p. 106) afirma que a biblioteca se

---

<sup>9</sup> NITECKI, Joseph Z. Public interest and the theory of librarianship. **College and Research Libraries**, v. 25, n. 5, p. 269-278, jul. 1964.

configura como lugar privilegiado para que “a alquimia da leitura e dos processos educativos se desenvolva e se efetive”. Ainda de acordo com Mukherjee (1966, p. 24), o motivo principal pelo qual as bibliotecas foram fundadas é o desenvolvimento do cidadão através da leitura para que ele possa desempenhar um papel mais atuante na comunidade a que pertence. A biblioteca é a principal agência da democracia, que é capaz de garantir que uma cidadania esclarecida é gradualmente construída (MUKHERJEE, 1966, p. 57-58). Neste sentido, a autora pontua que a biblioteca é, talvez, a única instituição que possibilita aos indivíduos, por meio do acesso ao conhecimento registrado, à participação de maneira democrática nos assuntos de interesse da sociedade.

A biblioteca é, talvez, a única instituição social que oferece condições para a participação integral e máxima dos indivíduos, de modo que, estes tenham condições de usufruir das melhores tradições da democracia. Para a sociedade, duas funções básicas são exercidas pela biblioteca: lazer e educação. (MUKHERJEE, 1985, p. 21)

Complementar ao que diziam Butler (1971), Mukherjee (1966; 1985) e Fonseca (2007), Orera Orera (1996, p. 65) afirma que nos dias atuais tudo o que é feito na biblioteca é em função do usuário. Neste sentido, Muller (1990, p. 17) afirma que a biblioteca precisa “abrir-se para a participação ativa e efetiva da comunidade (leitores e não leitores, usuários e não usuários, etc.)”.

A biblioteca enquanto organização pressupõe três grandes funções, conforme aponta Araújo e Oliveira (2005, p. 38): 1) Função gerencial: administração e organização; 2) Função organizadora: que consiste nas atividades de seleção, aquisição, catalogação e indexação da informação; 3) Função divulgação: por meio do serviço de referência, empréstimo, orientação ao usuário, serviço de reprografia, serviços de disseminação, impressão.

Tarpani (1991, p. 63) menciona que ao se colocar a biblioteca como instituição disseminadora da informação pressupõe-se haver por parte de seu profissional – o bibliotecário –, a preocupação, “não somente com o caráter técnico de seu trabalho (organização/processamento da informação), como também com a seleção do tipo de informação a ser veiculada [e como será veiculada]” (TARPANI, 1991, p.63).

Mukherjee (1985, p. 22) afirma ainda que a função da biblioteca é educativa, o que leva o bibliotecário a desenvolver uma série de atividades. A autora cita que de acordo com F. M Garden, os objetivos das bibliotecas podem ser considerados sob dois pontos de vista.

Um visualiza as bibliotecas como instrumento para obtenção da informação e do conhecimento. Neste caso, a biblioteconomia está diretamente ligada ao problema da organização, de modo que o conteúdo da biblioteca esteja disponível e armazenado para agilizar as solicitações. [...] Sob outro ponto de vista, a biblioteca é encarada como um serviço social. Isto se constitui um terreno perigoso. Vagamente, os bibliotecários têm estado sempre conscientes de que **as bibliotecas possuem um fim social**, de que um

homem com hábito de leitura pode se tornar um cidadão mais atuante, de que uma biblioteca pública é um recurso cultural para a comunidade. (MUKHERJEE, 1985, p. 22-23, grifo nosso)

Mukherjee (1985, p. 32) aponta que o serviço de informação, com todos os seus elementos – indexação, documentação, processamento de dados, recuperação da informação e serviço de referência propriamente dito – é um elemento essencial para as bibliotecas, em especial as universitárias, especializadas e técnicas.

Nesta perspectiva, em 1931, Ranganathan (2009, p. 282) aponta que uma das maneiras de poupar tempo seria por intermédio da mecanização de todas as atividades de rotina da biblioteca.

Uma combinação da análise de facetas na classificação com o equipamento para buscas – desde cartões perfurados até fitas magnéticas – poupará, ainda, diretamente, o tempo do leitor. O mesmo ocorrerá com os métodos eletrônicos e mecânicos de empréstimo e devolução dos livros. (...) A profissão do bibliotecário pode unicamente definir os requisitos indicar as áreas em que a mecanização será útil e também não-prejudicial. (RANGANATHAN, 2009, p. 283)

Se observarmos as diferentes categorias de biblioteca, podemos afirmar que mesmo em níveis diferentes com a diversificação de funções, conforme aponta Mukherjee (1985, p. 27) a teoria biblioteconômica assegura que as técnicas bibliotecárias não implicam em rotina; que a coleção e/ou seu arranjo não implicam em dogmatismo; e a administração da biblioteca não implica em burocracia.

Hoje, no entanto, se sobrepondo a ideia de biblioteca como forma de armazenamento e/ou organização do saber, a biblioteca no contexto da modernidade é, preferivelmente, uma rede de serviços de informações onde cada biblioteca - sozinha ou em cooperação - deve atuar como canal de distribuição central entre o desenvolvimento histórico da informação e do conhecimento em relação ao usuário da informação (no sentido mais amplo possível) e o conhecimento. (MUELLER, 1990, p. 15)

Diante do exposto, as bibliotecas são concebidas como coleção organizada de materiais informacionais, com serviços e pessoal para fornecer e facilitar o acesso a informação. No entanto, a biblioteca também é definida menos como coleção, mais voltada para os leitores, reforçando a importância do usuário que é encarado como o objetivo da biblioteca (FONSECA, 2007; BUTLER, 1971; MUKHERJEE, 1966, 1985; ORERA ORERA, 1996; MILANESI, 2002a). A biblioteca pode ser vista sob dois aspectos: instrumento para obtenção da informação e por meio de sua função social: lazer e educação (MUKHERJEE, 1985). Tendo como finalidade promover a efetiva utilização de seus materiais, trata-se de uma instituição capaz de garantir a cidadania esclarecida por meio do acesso democrático à informação. Assim, a biblioteca é considerada uma necessidade da vida moderna (FERRAZ, 1949; LASSO DE LA VEGA, 1952). Portanto, deve estar a serviço da comunidade.

## 2.2 BIBLIOTECÁRIO

Inicialmente, o bibliotecário de Nínive ou de Alexandria, da mesma forma que de Atenas ou Roma, foi principalmente conservador ou custodiador de livros, apesar de equipado com uma ordinária cultura e erudição (LASSO DE LA VEGA, 1952, p. 422). A fase de organização e da técnica teve o seu período auge após a queda das monarquias absolutas e o advento de regimes democráticos e constitucionais. Na Idade Média, o bibliotecário era visto como o zelador e as atividades profissionais estavam centradas no *scriptorium*<sup>10</sup>. O exemplo mais clássico deste período foi retratado na obra de Umberto Eco, “O Nome da Rosa”, tomado como referência histórica por Silveira (2007).

Durante séculos, pelo menos da Antiguidade ao início do Renascimento, a figura do bibliotecário menos se caracterizou como um organizador que existia para facilitar as incursões dos curiosos pelo universo do conhecimento e mais se firmou como um devotado e estranho guardião do saber, certamente um sacerdote, pois a escrita estava restrita aos iniciados em mistérios transcendentais. (MILANESI, 2002a, p. 16)

“Somente no alvorecer do renascimento é que começa delinear-se na área pública, a diferenciar-se dos outros tipos genéricos de vida, a figura do bibliotecário” (ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 18). No Brasil, somente a partir de 1824 que o termo bibliotecário passou a ser utilizado no âmbito da Biblioteca Nacional, conforme aponta Castro (2000a, p. 50)

Cabe ressaltar que o termo bibliotecário passou a ser utilizado na Biblioteca Nacional, a partir de 1824, quando da aprovação do segundo dispositivo legal – *Artigos Regulamentares para o Regimento da Bibliotheca Imperial e Pública* – elaborado pelo frei Antonio de Arróvida. Nesse documento, após a Independência do Brasil, troca-se a denominação Biblioteca Real por Biblioteca Imperial e o administrador geral, até então chamado *Prefeito* ou *Zelador*, passou a chamar-se *Bibliotecário*. (CASTRO, 2000a, p. 50)

De acordo com Fonseca (2007, p. 91) o substantivo bibliotecário vem do latim *bibliothecarius*. O autor aponta que apenas supõe-se, mas não está explícito que o profissional bibliotecário tenha conhecimentos de Biblioteconomia.

O Novo dicionário da língua portuguesa (NDLP) procura dirimir a questão, consignando para o especialista em biblioteconomia a palavra biblioteconomista. Esta, entretanto, é muito pouco usada, tanto no Brasil como em Portugal, permanecendo a ambiguidade em torno do bibliotecário, que designa tanto o que dirige ou trabalha em biblioteca como o que é diplomado por um curso de biblioteconomia. (FONSECA, 2007, p. 91)

O Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia, de Cunha e Cavalcanti (2008, p. 53), define bibliotecário como o “profissional que tem a seu cargo a direção, conservação, organização e funcionamento de bibliotecas”.

---

<sup>10</sup> *Scriptorium*, traduzido literalmente quer dizer "um local para escrever". Tratava-se de um complemento da biblioteca. Geralmente era o local destinado aos monges copistas.

Neste sentido, o artigo 1º da Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe do exercício da profissão de Bibliotecário e das suas atribuições define da seguinte maneira:

Art 1º A designação profissional de Bibliotecário, a que se refere o quadro das profissões liberais, grupo 19, anexo ao Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943 (Consolidação das Leis do Trabalho), é privativa dos bacharéis em Biblioteconomia, de conformidade com as leis em vigor (BRASIL, 1962).

As décadas de 1950 e 1960 foram marcantes para os bibliotecários com o surgimento de fortes entidades de classe, como a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB) em 1959; a Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD) em 1967, hoje Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN); a criação do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) em 1966 e, também, no mesmo ano, a aprovação do primeiro Código de Ética da profissão (CASTRO, 2000a; MOTA; OLIVEIRA, 2005).

O quadro abaixo apresenta a perspectiva da profissão do bibliotecário elencada por Carbelon (1995, p. 23) *apud* Castro (2000, p. 25) na ocasião em que ele tratou dos marcos históricos da Biblioteconomia no Brasil.

### QUADRO 3 - Marcos históricos da profissão do bibliotecário no Brasil

Profissão Bibliotecário	
1550	Introdução das bibliotecas no Brasil através dos colégios jesuítas;
1810	Criação da Biblioteca Nacional;
1900/1930	Período de concentração das bibliotecas brasileiras no Distrito Federal e nos estados do Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco;
1938	Criação da primeira associação profissional – a Associação Paulista de Bibliotecários – APB;
1948	Filiação da APB à Federação Internacional de Documentação (FID) e à Association of Special Libraire [sic] and information Bureax (ASLIB);
1958	Definição da Biblioteconomia como profissão liberal de nível superior (Portaria n. 162/58);
1959	Criação da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB);
1962	Promulgação da Lei 4.084/62 (dispõe sobre a profissão regulando seu exercício; institui o Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB);
1962	Criação da Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF)
1965	Regulamentação da lei 4.084/62 pelo Decreto nº. 56.725/65, ratificando a Biblioteconomia como profissão liberal de técnica de nível superior;
1986	Aprovação do Código de Ética (cf. Resolução 327/86 do CBF) (em vigor).

Fonte: Adaptado de Carbelon (1995, p. 23) *apud* Castro (2000, p. 25)

À medida que o tempo passou, o foco do bibliotecário deslocou-se do livro para a informação. Durante o século XX, três fenômenos abalaram a rotina secular praticada pelos bibliotecários: 1) junto com a escrita, o livro e outras formas de expressar ideias e sentimentos, como as imagens e os sons; 2) ruptura com o suporte físico, já que a

informação não está, necessariamente, numa folha escrita, numa imagem ou numa gravação; 3) a concepção de que a organização de uma biblioteca, mesmo que moderna, já não é suficiente se não existe público (MILANESI, 2002b, p. 12).

Se antes existia a figura do bibliotecário, homem sábio, leitor por definição, conhecedor de seu acervo, depois, sem que ele fosse substituído, surgiu a figura do “documentalista”, aquele que se dedicava a um determinado assunto, organizava as informações em seu âmbito para que todos os pesquisadores da área soubessem, exatamente, o que existia sobre o assunto e, mais importante, quais eram as novidades. Se em séculos o bibliotecário, isolado, bastava para resolver os problemas de acesso dos leitores aos livros, em poucas décadas foi preciso criar novas práticas para satisfazer as necessidades dos pesquisadores cada vez mais especializados (MILANESI, 2002b, p. 13-14).

As novas tecnologias de informação impactaram a forma de organização, disseminação e uso das bibliotecas que repercutiram na formação e no perfil dos bibliotecários e demais profissionais que tem a informação como objeto de trabalho (MOTA; OLIVEIRA, 2005, p. 99). Diante disso, surgiu uma nova terminologia que categorizou aqueles que lidam com a informação denominada “Profissional da Informação” ou “Moderno Profissional da Informação” (*Modern Information Professional* - MIP), expressão criada pela Federação Internacional de Documentação e Informação (FID) (CUNHA, 2000). Em 1991, com a percepção das mudanças no perfil do profissional, a FID criou o Grupo de Interesse Específico sobre Papéis, Carreiras e Desenvolvimento do Moderno Profissional da Informação para estudar o perfil deste profissional.

Assim sendo, Cunha (2000) afirma que o conceito de novo profissional da informação surgiu de uma ideia de mudança, de valorização e de diversificação destas atividades. O argumento utilizado para a mudança é que a palavra biblioteca restringe a atuação profissional.

Le Coadic (1996, p. 106) afirma que se trata dos profissionais que “adquirem informação registrada em qualquer suporte, organizam, descrevem, indexam, armazenam, recuperam e distribuem essa informação em sua forma original ou como produtos a partir dela”. Santos (1996, p. 5) define o profissional da informação como os profissionais que, de certa maneira, fazem da informação o seu objeto de trabalho, como os arquivistas, os museólogos, os administradores, os comunicadores, os documentalistas e os bibliotecários, além dos profissionais ligados à informática e às tecnologias da informação e das telecomunicações. Com relação ao moderno profissional da informação, a autora pontua que são “aqueles ligados ao setor da informação, no sentido de sua participação nos processos de geração, disseminação, recuperação, gerenciamento, conservação e utilização da informação” (SANTOS, 1996, p. 5).

O conceito de Moderno Profissional da Informação mobilizou a redefinição dos currículos de formação em Biblioteconomia, para adequação ao novo perfil do profissional

para o uso das tecnologias de informação e comunicação. De acordo com Cunha (2003, p. 44), o bibliotecário tem um importante papel na sociedade e as funções exercidas são cada vez mais diversificadas. Assim sendo, a autora pontua alguns exemplos da variedade da atuação do profissional bibliotecário na sociedade, como, por exemplo,

se as necessidades de informação dos cidadãos numa biblioteca pública são atendidas isto reflete-se, via de regra, na conquista de direitos básicos de cidadania; se os pesquisadores têm suas necessidades de informação atendidas, isto reflete-se no progresso científico do país; o atendimento eficaz de alunos de escolas primárias por parte dos bibliotecários pode vir a despertar o gosto pela leitura, o prazer pelo estudo e a curiosidade por novas descobertas; a participação de bibliotecários na definição de políticas nacionais de informação, de projetos nacionais como o Programa Sociedade da Informação pode fazer diferença, por exemplo, nos critérios de definição das prioridades deste programa, na ênfase à participação das bibliotecas públicas neste processo, etc. (CUNHA, 2003, p. 44).

Diante disto, para a competência do profissional bibliotecário é fundamental o entendimento da sociedade e do sistema de comunicação que opera dentro dela e o conhecimento do conteúdo intelectual dos registros do conhecimento e sua organização para um acesso efetivo (SHERA, 1990, p. 517).

Como todo profissional que trabalha com a informação, o bibliotecário deve estar ciente de sua responsabilidade na transformação social. Neste sentido, Mukherjee (1985, p. 24) aponta que “o bom bibliotecário, independente do tipo de biblioteca que atua, deve gostar de pessoas [...]”. Pode-se afirmar que ele é a “porta de entrada” para um mundo informacional capaz de transformar as perspectivas pessoais e gerais da sociedade por meio da disponibilização da informação/conhecimento. Neste sentido, Souza (2004) aponta duas missões do bibliotecário:

a) conhecer e utilizar os meios que levam a localização de qualquer fonte de informação cujo conteúdo possa a qualquer momento ser pedido por qualquer pessoa; b) produzir informação sintética, descritiva e analítica de todo o acervo físico, ou não, que constituído pelo conjunto de todas as fontes conhecidas tenha conteúdo que possa a qualquer momento ser pedido por qualquer pessoa. É a capacidade operativa do papel social de bibliotecário em atender a essas duas missões, cumulativa e simultaneamente, que faz com que as pessoas que são bibliotecárias sejam reconhecidas como prestadoras de serviços relevantes (SOUZA, 2004, p. 101).

No entanto, o bibliotecário deve estar consciente que é um agente de transformações ou que pode tornar-se esse agente de transformações, porque “[...] o papel do profissional de Biblioteconomia e o da própria Biblioteconomia estão, essencialmente, voltados para a mudança” (MACEDO, 1986, p. 211).

[...] são parte constituinte da natureza da profissão da bibliotecária os atos de comunicar e educar a terceiros, produtores e consumidores de conhecimento, sobre esse seu conhecimento, alertando-os no sentido de virem a ser mais eficazes no desempenho dos atos de produzir e consumir o conhecimento último que desejam. (SOUZA, 1997, p. 9)

Shera vai um pouco além ao afirmar que “o bibliotecário é o supremo “ligador do tempo”, e a sua disciplina é a mais interdisciplinar de todas, pois é a ordenação, relação e estruturação do conhecimento e dos conceitos” (Shera, 1977, p.11). Diante disso, o bibliotecário sabe que desempenha um papel relevante à sociedade, mas não reflete sobre o quanto é importante. Falta refletir a respeito de questões básicas acerca da atuação profissional de forma que, num primeiro instante, propicie um reconhecimento por parte dos próprios bibliotecários e, posteriormente, da sociedade.

De acordo com Ferraz (1949, p. 19), o bibliotecário deve conhecer a biblioteca nos seus mínimos detalhes. A autora aponta que o bibliotecário precisa saber fazer para mandar.

Regras que um bibliotecário não deve esquecer:

- “Devagar se vai ao longe”, diz o provérbio. O trabalho aplicado, correto e firme, traz sempre resultados satisfatórios. Os bons métodos economizam tempo.
- A vigilância em excesso sobre o trabalho é prejudicial: torna-o mecânico, tira-lhe o interesse e a originalidade. Cada auxiliar deve ter a sua responsabilidade, procurando desenvolver ideias próprias. (FERRAZ, 1949, p. 19)

Butler (1971) ressalta que é importante que todo funcionário da biblioteca procure compreender e se solidarizar com o que está se tentando fazer. O autor afirma que

Só assim poderá haver garantia de que a ciência resultante levará em conta todas as fases da atividade do bibliotecário que sejam passíveis de tratamento científico. Só assim serão preservadas intactas as fases puramente humanistas dessa atividade como parte da prática social. (BUTLER, 1971)

Para Mukherjee (1985, p. 30), não é objetivo do bibliotecário apenas satisfazer as demandas, mas, também, criar novos leitores. Neste aspecto, Ferraz (1949, p. 129), assim como Ortega y Gasset (2006), também afirma que o objetivo do bibliotecário é conhecer as possibilidades do livro. Para tanto, a autora aponta que o bibliotecário deverá estar animado de um tríplice espírito, que ela identifica como: intelectual, técnico e social:

- 1 – O espírito que anima o **intelectual**: lembrar-se sempre que o livro, e, por consequência, a biblioteca, desenvolve o domínio das forças científicas, estéticas, morais e espirituais;
- 2 – O espírito **técnico**: fazer com que toda ação, ou toda operação, seja efetuada com o máximo da tecnicidade, segundo os melhores métodos, com a melhor matéria, o melhor material, o melhor pessoal, a fim de obter o maior rendimento;
- 3 – O espírito **social**: tornar sensível e presente a preocupação social, trabalhar para a melhoria da sociedade. (FERRAZ, 1949, p. 129, grifo nosso).

Nesse sentido, Souza (1997, p. 27-38) menciona que se podem caracterizar três eixos de práticas bibliotecárias que se instalaram nos últimos 420 anos e continuam a ser determinantes no processo educacional – didático-pedagógico – da Biblioteconomia, a saber:

- Primeiro eixo: prática bibliotecária artesanal humanística. Implantada a partir de 1568, com a instalação da Biblioteca do Colégio da Bahia, e que se estende até hoje. Responde as necessidades específicas de um tipo de biblioteca; buscando o aperfeiçoamento da prática na prática. Caracteriza-se pela formação não acadêmica e, por isso, constitui-se em uma atividade profissional não corporativa – profissão de exercício livre.
- Segundo eixo: prática bibliotecária racionalizadora de base norte-americana. Tem sua origem com a criação da Escola Americana de São Paulo, em 1871. Há um predomínio tecnicista, caracterizado pela formação acadêmica. Orientada para a modernização organizacional via armazenagem de coleções.
- Terceiro eixo: conjunto de atividades de documentação e de estudo da Ciência da Informação. De cunho internacional, no Brasil tem seu início formal em 1951 com a criação do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). A formação é de caráter semi-acadêmico.

Diante disso, mirando-se na tríplice do espírito: intelectual, técnico e social, pode-se afirmar que por meio de suas atribuições, o bibliotecário é um agente de transformação social. Ressalta-se que ao longo do tempo, a trajetória da atuação do bibliotecário esteve ligada ao espírito técnico com desenvolvimento de instrumentos, critérios e normas de organização e tratamento da informação. Contudo, o espírito técnico, mencionado por Ferraz (1949) não é a atividade fim da atuação do bibliotecário, mas o meio para atingir o seu objetivo de facilitar e difundir o acesso à informação e ao conhecimento.

Nossa missão como bibliotecários, é facilitar aos indivíduos o acesso à informação e possibilitar, desta forma, o desejo de aprender, de discutir, enfim, a formação do conhecimento ou o conhecimento em formação. Desta forma, nossa missão como agentes de transformação social é plenamente realizada (CUNHA, 2003, p. 46).

De acordo com Souza (1997, p. 6) numa perspectiva histórica, o bibliotecário brasileiro encontra-se em dois pontos extremos que parece não compreender: no ponto inicial mantém-se como biblióforo e no ponto último porque pensa que pode ser denominado como gerente de informação. O autor menciona que sendo biblióforo a primeira condição do bibliotecário, sua função era de guardador de livros. Condição que se tornou complexa em função do surgimento de novos suportes de registros, novas atribuições e novas funções dentro do ambiente de armazenamento dos livros. “Daí o aparecimento de novos tipos de bibliotecas: gerais, públicas, nacionais etc. e de bibliotecas especializadas em assuntos [...]. Com isso, os bibliotecários pretenderam se ultrapassar, ser mais que biblióforos.” (SOUZA, 1997, p. 6)

Contudo, Souza (1997) afirma que muitas das condições que determinam o perfil dos bibliotecários se estabelecem socialmente, de acordo com o meio e de quanto ele exige do bibliotecário. O autor ressalta que uma parte resulta da educação formal do bibliotecário que está centrada ainda na condição de biblióforo. Tal situação faz com o que a diferença entre o bibliotecário formado na maioria dos cursos de Biblioteconomia do país se diferencie dos auxiliares apenas porque foi à universidade

[...] mas nem por isso sempre consegue explicar porque adota certos procedimentos técnicos e quais as razões de ordem social que admitem aquela como a melhor forma de prover acesso aos documentos. E muitas vezes, alguns desses auxiliares têm muito mais clareza e são capazes de explicar, em sua linguagem natural, muito mais rigorosamente, a eficácia do procedimento técnico empregado. (SOUZA, 1997, p. 7)

No último ponto da escala de historicidade mencionada por Souza (1997) há o que se denomina gerente de informação. A respeito dos que se autodenominam gerentes de informação, o autor afirma que está aí outra face do bibliotecário:

[...] mais preparado porque o contexto operacional exige um trabalhador que *funcione* melhor, que renda mais ao capital, que seja capaz de não se indignar com o desprezo a valores culturais que ultrapassam a ideia do lucro financeiro, que não considere anti-ética a miséria, a destruição da natureza, que defenda o meio ambiente na medida exata em que sua empresa trabalha com a extração descontrolada de riquezas minerais, etc. mas também, e por sua ação, não se constitui em mais que bibliotecário pedestre., pois o eixo de sua atividade não consegue ultrapassar o alcance que tem a lente de seu ambiente de trabalho (SOUZA, 1997, p. 7).

Conforme aponta Vieira (1983, p. 84), há uma crescente conscientização do papel social do bibliotecário, bem como de seu esforço em busca de identidade própria dentro do universo profissional. Contudo, podemos afirmar que ainda hoje, “o bibliotecário aparentemente permanece isolado na simplicidade do seu pragmatismo: uma racionalização de cada processo técnico imediato, tomado isoladamente, parece satisfazer seu interesse intelectual” (Butler, 1971).

Assim como Butler (1971), Mukherjee (1985) também faz uma crítica a respeito da falta de uma postura mais reflexiva sobre seu campo de atuação por parte do bibliotecário. “Não é exagero afirmar que o bibliotecário atual não tem tempo para repensar os propósitos, funções e objetivos da biblioteconomia” (MUKHERJEE, 1985, p. 17). As atividades desempenhadas pelo bibliotecário devem ser realizadas de forma consciente, não apenas como um mero processo ou norma técnica a seguir sem o mínimo de reflexão acerca da potencialidade de seu trabalho. “Longe vão os dias em que competia ao bibliotecário “guardar livros” apenas. Hoje ele é como que um diretor espiritual. Incentiva o gosto pelas leituras, mediante direção técnica adequada e uma ascendência discreta” (FERRAZ, 1949, p. 18).

No entanto, embora o domínio das técnicas seja um aspecto importante para o profissional, Vergueiro (1988) alerta que o bibliotecário brasileiro deve conscientizar-se para o fato de que a biblioteca pode atuar como instrumento de mudança social, por meio da produção de novos conhecimentos. Butler (1971, p. 84) destaca que a preocupação primordial do bibliotecário é com o “efeito social da instituição [biblioteca]”. Tanto o bibliotecário guardador de livros, o que Souza (1997) chama de “biblióforo” quanto o “bibliotecário pedestre”, que se intitula “gerente de informação” deixam de exercer seu papel social. Os dois pontos extremos em que se encontram os bibliotecários brasileiros são preocupantes. Ação sem reflexão faz com que as funções do bibliotecário sejam meramente técnicas.

Shera (1977, p. 11) menciona que, apesar da imagem popular do bibliotecário, ele não é, ou pelo menos não deveria ser, um criado cujo único propósito é apanhar e carregar aparas bibliográficas. Nesse sentido, Mukherjee (1985, p. 26) afirma que “um bibliotecário deve ter uma consciência profissional definida. Deve saber o que deseja alcançar.” (MUKHERJEE, 1985, p. 26). Por isso, é tão importante resgatarmos o ato de refletir os processos biblioteconômicos, resgatando a finalidade de tal ação (“por que” e “para quem” realiza-se tal trabalho).

A função do bibliotecário é dinamizar a utilização das publicações e atender satisfatoriamente aos leitores. O bom bibliotecário, independente do tipo de biblioteca que atua, deve gostar de pessoas, não importando suas falhas, defeitos e nível educacional (Mukherjee, 1985, p. 24).

Litton (1975, p. 14) afirma que o bibliotecário, atualmente, não é um indivíduo reservado e tímido, que dá impressão de fugir das pessoas e preferir uma biblioteca abandonada. “[...] todo o interesse do trabalho reside em poder prestar serviço oportuno e preciso aos que procuram a biblioteca”. Aliado a isto, Ferraz (1949, p. 18) afirma que a biblioteca dependerá exclusivamente do bibliotecário. “[...] a biblioteca é reflexo da capacidade e da personalidade do bibliotecário dela encarregado” (FERRAZ, 1949, p. 130).

Na visão de Ortega y Gasset, o bibliotecário do futuro deve orientar o leitor na sela dos livros, “visão polêmica para a época e visionário para atualidade. Ortega antecipa o futuro do bibliotecário quando se refere ao profissional como um filtro entre os livros e o homem, contribuindo significativamente para a Biblioteconomia” (CARVALHO; REIS, 2007, p. 40). Ortega y Gasset (2006 p. 46) nos diz que a função do bibliotecário é ser guardião da necessidade social, que para o autor é o livro. “[...] a missão do bibliotecário deverá ser, não como até hoje, a mera administração da coisa chamada livro, mas o ajustamento, *a mise au point* da função vital que é o livro.” (ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 46) A frente de seu tempo, o autor evidencia a função do bibliotecário enquanto guardião da necessidade social como um mediador entre a informação e o livro. Neste sentido, Shera menciona o papel de mediador do bibliotecário:

O papel do bibliotecário, então, é a de um **mediador** entre o homem e o livro, onde o livro é um termo genérico que inclui todos os registros gráficos, e é sua responsabilidade especial para operar em que a associação complexa de registro e mente humana. No entanto, essa relação, que é ao mesmo tempo intelectual, psicológica e fisiológica ainda é apenas de modo imperfeito entendido (SHERA, 1973, p. 88, tradução nossa, grifo nosso).

O papel de mediador do bibliotecário se dá em todas as atividades realizadas em prol do acesso ao conhecimento. Portanto, de acordo com Butler (1971, p. 80) a eficiência do bibliotecário em explorar os livros para o benefício da comunidade dependerá do conhecimento que tem deles. O autor aponta que os livros são um dos mecanismos sociais para a preservação da memória racial e a biblioteca é um aparelho social para transferir isso ao consciente dos indivíduos. Por isso é tão importante a ênfase nas pessoas, pois

Não se pode formar uma coleção de livros arbitrariamente, comparando-os sem um estudo preliminar. [...] O bibliotecário precisa proceder com o critério prático de um comerciante. Assim como este compra unicamente artigos que podem interessar seus fregueses, o diretor de uma biblioteca deve procurar adquirir obras que não irão se tornar parte morta na biblioteca (FERRAZ, 1949, p. 30).

Neste sentido, o bibliotecário é chamado a se posicionar enquanto mediador da informação, em suas variadas materialidades, que compõem seus múltiplos espaços de atuação e os inúmeros segmentos sociais que necessitam (SILVEIRA, 2007, p. 110). Mostafa (1985, p. 74) ressalta a importância da prática educativa na atuação do bibliotecário.

Essa aproximação da biblioteconomia com a prática educativa, às vezes conscientemente, outras vezes à revelia dos bibliotecários nos é significativa para interpretar o ideário comum a ambas que é onde se identificam a transmissão de informações. Torna-se secundário se a biblioteca está na escola (como na universidade) ou no centro da cidade (como a biblioteca pública): a sua ligação com a prática educativa é evidente (MOSTAFA, 1985, p. 74).

Neste sentido, é por meio do papel social, educativo e por isso mesmo, transformador, que o bibliotecário deve se considerar – e ser considerado – como um dos profissionais responsáveis pela promoção de uma sociedade atualizada, baseada na ação de cidadãos bem informados. Mukherjee (1966, p. 59) afirma que o bibliotecário atuando na biblioteca, que é uma das instituições democráticas da sociedade, mantém sua neutralidade profissional. Entretanto, o bibliotecário interage diretamente no social veiculando o conhecimento, que é um elemento vital de desenvolvimento, logo “a nossa atuação profissional jamais pode ser politicamente neutra” (MACEDO, 1986, p. 217).

Diante do exposto, podemos observar várias concepções de bibliotecário. Remontando ao paradigma da conservação cultural, o bibliotecário era visto como um erudito e guardador de livros. Posteriormente, com a democratização do acesso ao impresso, como um documentalista que se dedicava a um assunto específico para organizar

e disseminar informações (MILANESI, 2002b). A partir da década de 1990, surge um novo perfil profissional denominado Moderno Profissional da Informação, entendido como um profissional que tem a informação como objeto de trabalho ou que fazem dela o seu trabalho; que a organizam, armazenam, recuperam e disseminam (SANTOS, 1996, LE COADIC, 1996; CUNHA, 2000). Logo surge a figura do bibliotecário que se autodenomina gerente de informações, caracterizado como um profissional operacional, sem grandes reflexões sobre a técnica empregada (SOUZA, 1997).

Em linhas gerais, o bibliotecário tem um papel importante na sociedade e as funções estão cada vez mais diversificadas (CUNHA, 2003). O bibliotecário é concebido como um facilitador do acesso a informação, veiculador do conhecimento, mediador (MACEDO, 1985; SHERA, 1973; CUNHA, 2003). De acordo com Souza (2004), bibliotecário tem duas missões: conhecer e utilizar os meios de disponibilizar informações e produzir informação sintética, descritiva e analítica do acervo. Por meio das duas missões, o autor afirma que os bibliotecários são reconhecidos com prestadores de serviço relevante.

Embora as técnicas sejam importantes, bibliotecários devem reconhecer sua responsabilidade social e o seu papel como agente de transformações sociais ao conceber a biblioteca como local potencial para promover a mudança social (MUKHERJEE 1985; MACEDO, 1986; VERGUEIRO, 1988). Comunicar e educar sobre o conhecimento para contribuir com a produção e o consumo do conhecimento é uma das funções do bibliotecário (SOUZA, 1997). O bibliotecário é percebido em função do seu local de atuação e do suporte informacional, assim, as concepções foram alterando-se com o decorrer do tempo.

### **2.2.1 Breve panorama da formação do bibliotecário no Brasil**

A Biblioteconomia brasileira sempre esteve associada ao ensino. Segundo Mostafa (1985) a Biblioteconomia está ligada à educação desde o seu nascedouro, no fim do século XIX.

O Brasil foi precursor dos cursos de formação em Biblioteconomia na América Latina (SÁ, 2013, p. 41). A partir do posicionamento de Mueller (1985), Castro (2000a) e Russo (2010), pontuamos as cinco fases do ensino de Biblioteconomia da seguinte maneira: 1) do período de 1879 a 1928, seguindo a influência da formação em Biblioteconomia francesa, a partir do curso da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro; 2) de 1929 a 1961, seguindo os modelos americanos, a partir da atuação do Colégio Mackenzie, em São Paulo; 3) de 1962 a 1969, com a implantação do primeiro currículo mínimo oficial aprovado pelo CFE; 4) 1970 a 1995, em função do crescimento dos cursos de Biblioteconomia, que se seguiu a implementação do segundo currículo mínimo; 5) 1996 em diante, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que trouxe flexibilização do

currículo dos cursos brasileiros (MUELLER, 1985; CASTRO, 2000a, p. 26-29; RUSSO, 2010, p. 89-90).

O ensino de Biblioteconomia no Brasil passou por várias etapas e processos que impulsionaram o seu desenvolvimento. Abaixo, no quadro 2, Carbelon (1995, p. 23) *apud*. Castro (2000a, p. 25) apresenta os marcos históricos da Biblioteconomia no Brasil sob a perspectiva do ensino.

**QUADRO 4 - Marcos históricos do ensino Biblioteconomia no Brasil**

Ensino Bibliotecário	
1911	Criação do primeiro Curso de Biblioteconomia na Biblioteca Nacional (BN), Rio de Janeiro;
1915	Início das atividades do curso da BN;
1929	Criação do curso do Instituto Mackenzie, segundo padrões americanos (SP);
1930/1950	Período de expansão do ensino bibliotecário, no bojo do processo expansionista do ensino de nível superior;
1962	Aprovação do primeiro currículo mínimo de graduação em Biblioteconomia (Dec. 550/62 do CFE), sob o eixo de métodos, técnicas e processos de organização documental;
1967	Criação da Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD)
1968	Reforma Universitária Brasileira;
1970	Criação da Pós-graduação em Biblioteconomia;
1982	Aprovação do segundo Currículo Mínimo de Graduação em Biblioteconomia. (cf. Resolução 08/82 do CFE) (em vigor);
1986	Realização do 1º Encontro Nacional do Ensino em Biblioteconomia (1º ENEBCI);
1989	Realização do 2º ENEBCI;
1992	Realização do 3º ENEBCI;

Fonte: Adaptado de Carbelon (1995, p. 23) *apud*. Castro (2000, p. 25)

“A formação do bibliotecário esteve sempre polarizada entre a erudição e a técnica” (FONSECA, 2007, p. 97). Podemos observar o desenvolvimento de dois modelos distintos de ensino e formação em Biblioteconomia no Brasil: 1) o modelo francês (de caráter mais humanista) é fortemente determinado pela *École de Chartes*, conservadora e enciclopedista; 2) o modelo norte-americano (de caráter mais pragmático e tecnicista) é marcado pela *Columbia University*, fundada por Melvil Dewey, essencialmente técnica. Embora, Lemos (2015, p.361-363) pontue que o modelo francês não condiz com a realidade do primeiro curso de Biblioteconomia brasileiro, portanto, não podemos intitulá-lo como completamente erudita/humanista.

O primeiro curso de Biblioteconomia do Brasil foi criado pela Biblioteca Nacional em 1911, embora tenha começado a funcionar em 1915. Conforme aponta Sá (2013, p. 32), a França das primeiras décadas do século XX influenciava ainda fortemente as artes e as ciências em todo o mundo, inclusive os nascentes campos da Arquivologia, da Biblioteconomia e da Museologia. Inicialmente, o curso foi criado com o objetivo de sanar as

dificuldades vividas no âmbito da Biblioteca Nacional. Assim sendo, o conteúdo do curso teria que refletir as necessidades de uma biblioteca, que nascera real e europeia, rica em obras raras, estampas, manuscritos e moedas e medalhas, dirigida durante quase sessenta anos por europeus, em sua maioria religiosos (LEMOS, 2015, p. 362). Lemos (2015) afirma que para atender a uma demanda específica da BN, o curso continha as disciplinas de bibliografia, paleografia e diplomática, iconografia e numismática, o que não que dizer, necessariamente, que foi adotado o modelo francês. “Se copiamos o modelo francês o resultado foi uma cópia pálida, muito esmaecida, do curso de uma escola por onde passaram alguns nomes importantes da história cultural francesa” (LEMOS, 2015, p. 363).

O curso da Biblioteca Nacional funcionou regularmente até 1922. Porém, com o estabelecimento do Museu Histórico Nacional, em 2 de Agosto de 1921, é criado o *Curso Technico*, que tinha a finalidade de formar profissionais para atuar no Museu, na Biblioteca Nacional e no Arquivo Nacional. Sá (2013, p. 41) afirma que o curso técnico foi um dos mais antigos do mundo com continuidade e ainda em atividade regular. “O curso de Biblioteconomia foi o terceiro, depois da *École des Chartes* e do *Columbia University*, de Nova Iorque, criado em 1887 por Melvil Dewey, um dos mais importantes teóricos da documentação” (SÁ, 2013, p. 41).

O *Curso Technico* teria duração de dois anos e seria composto por oito disciplinas, dentre as quais eram distribuídas entre as três instituições: Ano 1: a) História Literária, b) Paleografia e Epigrafia, c) História Política e Administrativa do Brasil, d) Arqueologia e História da Arte; e Ano 2: a) Bibliografia, b) Cronologia e Diplomática, c) Numismática e Sigilografia, d) Iconografia e Cartografia.<sup>11</sup>

Em 1923 o curso interrompeu o funcionamento, pois conforme nos diz Castro (2000a, p. 58) houve uma não concordância com a criação do *Curso Technico* aliado ao fato da duplicação de atividades sem adicional de salários por parte dos Bibliotecários/Chefe de Seção que assumiam a função de docentes. A retomada dos princípios do Curso iniciou-se com o Decreto nº 20672, de 17 de novembro de 1931.

Russo (1966, p. 15) chama a atenção para o fato de que vários decretos reestruturaram o curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, o que garantiu “acompanhar os progressos da ciência biblioteconômica”. Destacam-se as seguintes reformas ocorridas no curso da Biblioteca Nacional: a) Em 1944, durante a gestão de Rodolfo Augusto de Amorim Garcia, por meio do Decreto-Lei 6.440 de 27 de abril, houve a incorporação do modelo pragmático americano aos conteúdos pedagógicos que foi bastante significativa para o ensino de Biblioteconomia. Ultrapassando, assim, o objetivo de formar

---

11Biblioteca Nacional, 1916, p. 452 *apud* CASTRO, Cesar Augusto. **História da Biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica**. Brasília: Thesaurus, 2000. p. 58.

trabalhadores para qualquer tipo de biblioteca, oferecendo também cursos de capacitação, atualização e promoção e troca de experiências entre o Brasil e outras nações. Para dar conta dessas novas atribuições, o curso da BN passou a ser designado como Cursos da Biblioteca Nacional, compreendendo três níveis: Curso Fundamental de Biblioteconomia, Curso Superior de Biblioteconomia e Cursos Avulsos; b) Em 1962, a partir do Decreto 550 de 1 de fevereiro houve a inclusão de novas disciplinas e ampliação para três anos do então Curso Superior de Biblioteconomia, sendo denominado o primeiro ano como Curso Fundamental de Biblioteconomia e os outros dois anos Curso Superior de Biblioteconomia (CASTRO, 2000a, p. 78-97).

Enquanto em São Paulo, a Biblioteconomia sofreu influência americana tecnicista da *Columbia University*, estando atrelada inicialmente à biblioteca escolar George Alexandre, do Mackenzie, e depois à biblioteca pública. “Quanto ao chamado ‘modelo americano’, não há dúvida de que existia, e existe, e se acha bem documentado” (LEMONS, 2015, p. 364).

A influência americana na formação profissional do bibliotecário brasileiro teve início no fim da década de 1920 e início da seguinte. Em outubro de 1929 foi instituído o segundo curso de biblioteconomia brasileiro, em São Paulo, patrocinado pelo então Instituto, hoje Universidade, Mackenzie (MUELLER, 1985, p. 4).

De acordo com Russo (1966, p. 16), na década de 1930 fundaram em São Paulo o curso regular de Biblioteconomia que viria a ser instalado no Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo.

Essa iniciativa, que deu cunho oficial ao ensino da biblioteconomia em nosso Estado, é devida ao então Prefeito Dr. Fábio da Silva Prado. Complementado tão acertada medida, êle convidou os bibliotecários Rubens Borba de Moraes e Adelpha Silva R. de Figueiredo para dirigir o curso. A esses profissionais se deve, não só a formação dos primeiros técnicos em São Paulo, mas a implantação de uma biblioteconomia nova, sendo a Biblioteca Municipal de São Paulo o laboratório onde puderam treinar muitas gerações de bibliotecários e provar o quanto é benéfico um acervo organizado a serviço da coletividade (RUSSO, 1966, p. 16).

O curso do Mackenzie encerrou suas atividades quando se criou o curso de Biblioteconomia do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, em 1936, criado por Rubens Borba de Moraes. O Departamento era constituído de cinco seções, dentre elas a Divisão de Bibliotecas, que foi organizada em duas seções, de maneira a propiciar seu funcionamento: Classificação, Catalogação, Arquivo e Fichamento. Competia à Divisão oferecer anualmente o Curso de Biblioteconomia e organizar no município e na capital, serviços de bibliotecas públicas, populares, circulantes e infantis. O curso criado por Rubens Borba de Moraes consolidou, sistematizou e normalizou as atividades de ensino, informais e assistemáticas, desenvolvidas desde 1929 na Biblioteca Municipal. No ano seguinte, foi oferecido o Curso de *Bibliothecologia*.

De acordo com Castro (2000a, p. 73), o grande apoio dado à divisão e aos bibliotecários foi a aprovação da Lei 2.839, a Lei das Bibliotecas, promulgada em 5 de janeiro de 1937. O artigo 13 da referida lei afirma que só seriam admitidos como bibliotecários aqueles que apresentassem diploma de Curso Superior em Biblioteconomia, exceção para cargos em pequenas bibliotecas; neste caso seria exigido diploma de curso secundário. Embora, na prática, seus artigos e parágrafos tenham sido ignorados pelos representantes do Estado Novo, em São Paulo. Com isso, podemos constatar o quanto foi conturbada a instalação do curso de Biblioteconomia em São Paulo. Evidencia-se que este curso, como o da Biblioteca Nacional e o do Mackenzie, objetivava dar conta das mudanças internas operadas nessas bibliotecas. Daí a primeira turma de alunos, na sua maioria, ser funcionários da mesma.

Em 1939, ao assumir a Prefeitura de São Paulo, Prestes Maia encerra o Curso de Biblioteconomia por não conceber sua utilidade e viabilidade, apesar das alegações contrárias de Rubens Borba de Moraes. Contudo, Francisco Prestes Maia, ao se defender das acusações de perseguição feitas por Borba de Moraes, o exonera e fecha o Curso de Biblioteconomia. O então prefeito, ainda publica um artigo na imprensa paulista relatando os motivos de sua decisão. Dentre os motivos ele afirma que Rubens Borba de Moraes obrigou o arquiteto a reservar no projeto da Biblioteca Municipal, atualmente Biblioteca Mário de Andrade, um andar inteiro para sua residência. Ao referir-se ao Curso de Biblioteconomia, ele afirma que seu objetivo era servir de proveito e gratificações pessoais a Rubens (CASTRO, 2000a).

A década de 1940 é significativa para o campo de ensino da Biblioteconomia porque ocorreram modificações na área, em termos de conteúdo pedagógico com a adoção do modelo americano em detrimento da natureza humanística do modelo francês, conforme mencionamos acima. De acordo com Castro (2000a, p. 79), outra modificação nesta década foi à ampliação das oportunidades de acesso ao ensino, que ocorreu a partir da criação do Curso da Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) e com a reforma do curso da Biblioteca Nacional.

Em 1944, o curso da ELSP ampliou suas atividades com subsidio da *Rockefeller Foundation* e concedeu bolsas de estudos a candidatos de outros Estados que ao regressarem reorganizavam velhas bibliotecas e criavam novas. O que contribuiu para a fundação de Escolas de Biblioteconomia por diversas partes do país, como foi o caso da Escola de Ciência da Informação, anteriormente denominada Escola de Biblioteconomia, criada por Etelvina Lima e incorporada posteriormente à Universidade de Minas Gerais.

O curso de Biblioteconomia de Minas Gerais incluía em seu currículo as disciplinas: Classificação, Catalogação, Bibliografia, Organização e Administração de Bibliotecas e, ainda, disciplinas de cultura geral, que eram representadas pelas disciplinas

Evolução do Pensamento Filosófico e Científico e História do Livro. Posteriormente, foram oferecidas as de História da Arte e Introdução aos Estudos históricos e Sociais. Esse currículo serviu de base para o currículo mínimo, que passou a ser exigido para todos os cursos brasileiros da área.

Anteriormente a 1962, cada escola/curso determinava o seu programa curricular, julgado sempre o ideal, para formar, obviamente, um bibliotecário ideal, perfeito, moderno que, de posse de um saber técnico e cultural, atendessem à sociedade brasileira, no momento em que esta ampliava o processo de industrialização e o campo universitário e, principalmente, regulamentava e institucionalizava a pesquisa científica (CASTRO, 2000a, p. 204).

De acordo com Russo (1966, p. 18), os currículos sofreram alterações ao longo dos anos tanto na duração do curso de Biblioteconomia quanto na quantidade de matérias ministradas. Através da Portaria nº 20, de 15 de janeiro de 1959, o Ministro da Cultura e Educação nomeou uma comissão para estruturar o currículo.

Até 1962, não havia um currículo mínimo obrigatório para as escolas de Biblioteconomia. Isso se deu somente após a modificação por Resolução do Conselho Federal de Educação, em 16 de novembro de 1962, homologada em 4 de dezembro. Com o currículo mínimo, o curso passou a ter a duração de três anos: a) 1º ano: Técnica do Serviço de Referência, Bibliografia em geral, Introdução à Catalogação e Classificação, Organização e Administração de Bibliotecas, História do Livro e das Bibliotecas; b) 2º ano: Organização e Técnica de Documentação, Bibliografia Especializada, Catalogação e Classificação, Literatura e Bibliografia literária, Introdução à cultura histórica e sociológica; c) 3º ano: Catalogação Especializada, Classificação Especializada, Reprodução de Documentos, Paleografia, Introdução à cultura filosófica e artística (MUELLER, 1985, p. 6).

Diante disso, nota-se que as escolas não se limitaram a ministrar apenas o mencionado pelo currículo mínimo, acrescentando outras disciplinas de acordo com o contexto vivenciado ou mesmo por decisão dos Conselhos Universitários. Pode-se observar que pequenas modificações diferem tal currículo das grades curriculares dos Cursos da Biblioteca Nacional e da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, a partir da metade da década de 1940. Por outro lado, segundo Almeida (2012, p. 65) “[...] os cursos existentes na década de 1960 seguiam as orientações do CM, mas tinham a necessidade de incluir outras disciplinas, em especial, as disciplinas de Seleção de Livros, Línguas Estrangeiras e de Psicologia”.

Historicamente, sempre houve uma tensão entre a dimensão técnica e a dimensão humanista da profissão. Russo (1966, p. 19) aponta reflexos dessa tensão, sobretudo após a definição do currículo mínimo do curso.

Muitas escolas não satisfeitas com o currículo mínimo, por acharem excessivo o número de matérias culturais em um plano de estudo, destinado a formação de técnicos. cremos, entretanto, um pouco

exagerada essa afirmação, uma vez que, durante anos, alguns bibliotecários e pessoas interessadas nessa ciência, criticaram o regime reinante de formar, segundo diziam, “fazedores de fichinhas”. No estudo apresentado ao Conselho Federal de Educação, a comissão enfatizou a **necessidade de melhor formação cultural do bibliotecário** (RUSSO, 1966, p. 19, grifo nosso).

Para Mueller (1985, p. 8), um fator que influenciou muito o ensino profissional na década de 1970 foi o desenvolvimento do ensino superior no Brasil. À autora afirma, ainda, que não parece ter havido, em 1970, modificações tão grandes em relação à situação detectada pelo exame dos dados recolhidos por Russo (1966), embora possa ser visto na literatura da época a mudança de escopo nos objetivos dos programas de ensino de Biblioteconomia e das atividades dos professores envolvidos com a proposta de formulação de um novo currículo.

De acordo com Carvalho (1985, p. 21) diante da insatisfação reinante com o Currículo Mínimo, propostas de mudanças começaram a aparecer. “Constata-se total falta de consistência nas propostas apresentadas até 1971. O que se propunha, em 1965, não apareceu na proposta de 1968 e, isto mais uma vez ocorreu em 1971”. (CARVALHO, 1985, p. 21)

Em 1967, diante da insatisfação com o currículo, os professores dos Cursos de Biblioteconomia criaram a Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD), atualmente Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN), que em 1982, conseguiu a publicação da Resolução n.º 08/82 do Conselho Federal de Educação que: “Fixa os Mínimos de Conteúdo e Duração do Curso de Biblioteconomia”.

“[...] Em 1982 foi aprovado o novo Currículo Mínimo de Biblioteconomia, sendo suas matérias divididas em três grupos: matérias de fundamentação geral, matérias instrumentais e matérias de formação profissional” (ALMEIDA, 2012, p. 68). Contudo, Mueller (1985) afirma que o currículo mínimo aprovado em agosto de 1982 ainda difere em alguns pontos da proposta apresentada pelo Grupo de Trabalho em 1980. Na ocasião, tal currículo foi considerado demasiadamente extenso. “Essa resolução modificou, em 1984 – ano de efetiva implantação, a duração do curso para quatro anos e trouxe também alterações na própria estrutura curricular encaminhada pela ABEED [ao CFE]” (OLIVEIRA; CARVALHO; SOUZA, 2009, p. 19).

Na década de 1990, a discussão em torno do tema *Modern Information Professional* (MIP) da Federação Internacional de Informação e Documentação (FID), foi objeto de atenção por segmentos científicos e profissionais da área da informação, notadamente no âmbito internacional, e em uma abordagem interdisciplinar, no que tange às

chamadas "Três Marias"<sup>12</sup> (Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia)<sup>13</sup> (GUIMARÃES, 1997, p. 125). Essa nova tendência norteou as discussões acerca da reformulação curricular exigida à área de Biblioteconomia. Souza (2004) afirma que o termo Profissional da Informação pode ter dois significados:

a) é composto por vários papéis profissionais já estabelecidos social e economicamente, incluído o bibliotecário ou b) é um novo papel profissional que está se estabelecendo social e politicamente a partir dos anos noventa ou no contexto em que se constrói a tal Sociedade da Informação ou do Conhecimento ou da Informação e do Conhecimento (SOUZA, 2004, p. 91-92).

Neste sentido, ocorreu uma movimentação geral coordenada pela ABEBD<sup>14</sup> para promover os estudos de harmonização curricular entre o Brasil e os países do MERCOSUL, o que conduziu a realização do I Encontro dos Dirigentes dos Cursos Superiores em Biblioteconomia do MERCOSUL. No referido evento, a estrutura curricular foi organizada dentro do que foi designado "Área de Formação Profissional dos Cursos de Biblioteconomia", a saber: Área 1 – Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação; Área 2 – Processamento da Informação; Área 3 – Recursos e Serviços de Informação; Área 4 – Gestão de Unidades de Informação; Área 5 – Tecnologia da Informação; Área 6 - Pesquisa (SANTOS; NEVES, 2014, p. 25-26).

Em 2000, ocorreu o IV Encontro de Diretores e o III Encontro de Docentes das Escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação do MERCOSUL. Naquele momento vivenciamos grandes mudanças sociais e também na formação em Biblioteconomia, especialmente com o uso da denominação do Moderno Profissional da Informação (MIP), mencionado anteriormente. Nos referidos eventos, as competências do profissional bibliotecário foram uma das pautas principais de discussão, tendo sido aprovado um documento com a categorização das competências desejáveis e exigidas aos egressos do curso (BARITÉ-ROQUETA, 2014, p. 63-68). Na ocasião, elencaram quatro categorias de competências, a saber:

**1. Competência em Comunicação e Expressão:** Formular e gerir projetos de informação; Aplicar técnicas de marketing, liderança e de relações públicas; Capacitar e orientar os usuários para o melhor uso das unidades de informação e seus recursos; Elaborar produtos de informação (bibliografias, catálogos, guias, índices, disseminação seletiva da informação - DSI, etc.); Executar procedimentos automatizados próprios de um

---

<sup>12</sup> O termo "Três Marias" foi utilizado por Smith (1993) para designar a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia, devido a suas trajetórias de origem ser similares.

<sup>13</sup> Destaca que, no Brasil, a partir das discussões em torno do MIP trouxe a tona o questionamento sobre a perspectiva de integração da Arquivologia, da Biblioteconomia e da Museologia, denominadas como profissões documentais (GUIMARÃES, 1997).

<sup>14</sup> Composta pela gestão eleita para o biênio 1995-1997 e reconduzida até 1998.

ambiente informatizado; Planejar e executar estudos de usuários da informação e formação desses usuários.

**2. Competências Técnico-Científicas:** Desenvolver e executar o processamento de documentos em diferentes suportes em unidades, sistemas e serviços de informação; Reunir, registrar, armazenar, recuperar e difundir a informação gravada em qualquer meio para os usuários de unidades, serviços e sistemas de informação; Elaborar produtos de informação (bibliografias, catálogos, guias, índices, disseminação seletiva da informação - DSI, etc.); Utilizar e disseminar fontes, produtos e recursos de informação em diferentes suportes; Reunir e avaliar documentos e em seguida arquivá-los; Preservar e conservar os materiais abrigados nas unidades de informação; Buscar, registrar, avaliar e difundir a informação para fins acadêmicos e profissionais; Executar procedimentos automatizados próprios de um ambiente informatizado; Planejar e executar estudos de usuários da informação e formação dos usuários; Planejar, constituir e manusear redes globais de informação; Formular políticas de pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação; Realizar pesquisas e estudos sobre desenvolvimento e aplicação de metodologia de elaboração e utilização do conhecimento registrado; Aconselhar e intervir na elaboração de normas jurídicas em Biblioteconomia e Ciência da Informação; Aconselhar na avaliação de coleções bibliográfico-documentais; Realizar perícias referidas à autenticidade, antiguidade, procedência e estado dos materiais impressos de valor bibliófilo.

**3. Competências gerenciais:** Dirigir, administrar, organizar e coordenar unidades, sistemas e serviços de informação; Formular e gerir projetos de informação; Aplicar técnicas de marketing, liderança e de relações públicas; Buscar, registrar, avaliar e difundir a informação com fins acadêmicos e profissionais; Elaborar produtos de informação (bibliografias, catálogos, guias, índices, disseminação seletiva da informação - DSI, etc.); Aconselhar no planejamento dos recursos econômico-financeiros e humanos do setor; Planejar, coordenar e avaliar a preservação e conservação do acervo documental; Planejar e executar estudos e formação de usuários da informação; Planejar, constituir e manusear redes regionais e globais de informação.

**4. Competências Sociais e Políticas:** Selecionar e avaliar todo tipo de material para as unidades de informação; Buscar, registrar, avaliar e difundir a informação com fins acadêmicos e profissionais; Aconselhar e intervir na formulação de políticas de informação; Aconselhar no planejamento dos recursos econômico-financeiros e humanos do setor; Planejar e executar estudos de usuários da informação e formação de usuários da informação; Promover uma atitude crítica e criativa a respeito da solução de problemas e questões de informação; Fomentar uma atitude aberta e interativa com os diversos atores sociais (políticos, empresários, educadores, trabalhadores e profissionais de outras áreas, instituições e cidadãos em geral); Ajudar a definir, consolidar e desenvolver o mercado de

trabalho na área; Agir coletivamente com os seus pares no campo das instituições sociais, com o objetivo de promover e defender a profissão; Formular políticas de pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação; Aconselhar e intervir na elaboração de normas jurídicas em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Biblioteconomia foram estabelecidas em 2001, por meio de Parecer do Conselho Nacional de Educação/Câmara Superior de Educação nº 492. Com isso, as escolas de Biblioteconomia brasileira adquiriram mais flexibilidade e autonomia para estabelecer seus projetos pedagógicos. “As IES [instituições de ensino superior] poderão acentuar, nos projetos acadêmicos e na organização curricular, características do egresso que, sem prejuízo do patamar mínimo aqui considerado, componham perfis específicos” (BRASIL, 2001, p. 32-34).

Influenciadas pelas demandas da denominada sociedade da informação, algumas escolas de Biblioteconomia modificaram seus currículos, mudando também a denominação de seus cursos de graduação em Biblioteconomia, acrescentando Ciência da Informação, ou até mesmo trocando para Ciência da Informação. Em 2009, apesar do movimento do MEC para a padronização das nomenclaturas dos cursos de graduação em Biblioteconomia brasileiros, a classe acadêmica discordou desse posicionamento, apresentando argumentos que visavam garantir a flexibilidade conquistada anteriormente (RUSSO, 2010).

De 1911 até os anos 40 foram criados quarenta e dois cursos, dos quais alguns desapareceram, outros surgiram nos anos posteriores, abrangendo 20 Estados e o Distrito Federal. A formação do bibliotecário brasileiro ocorre em nível superior (a grande maioria bacharelado em Biblioteconomia e apenas um licenciatura em Biblioteconomia) e o exercício profissional é regulamentado por lei pelo Decreto 56.725 de 16 de agosto de 1965 e fiscalizado pelos Conselhos Regionais de Biblioteconomia.

A maioria dos cursos que formam bibliotecários está no âmbito da universidade pública. Ela busca dar respostas às necessidades sociais. E elas são diversificadas, variáveis. É preciso dar respostas competentes para solucionar esses problemas específicos, buscando de todas as formas o desenvolvimento pleno e harmônico da sociedade. Chega-se à conclusão que formar profissionais da informação exige não o bibliotecário polivalente, o *factotum*, mas o profissional com formação específica e preparado para atuar em áreas distintas face a diversidade de públicos e quadros sociais (MILANESI, 2002b, p. 22).

Atualmente, existem no Brasil quarenta e um (41) cursos de Biblioteconomia e/ou Ciência da Informação entre universidades federais, estaduais e particulares, as quais podemos ver no quadro a seguir.

**QUADRO 5 - Instituições que ministram o curso de Biblioteconomia no Brasil**

<b>Cursos ativos de Biblioteconomia no Brasil</b>			
<b>Região</b>	<b>Instituição</b>	<b>Cidade/UF</b>	<b>Grau</b>
<b>Norte</b>	Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR)	Porto Velho/RO	Bacharelado
	Universidade Federal do Amazonas (UFAM)	Manaus/AM	Bacharelado
	Universidade Federal do Pará (UFPA)	Belém/PA	Bacharelado
<b>Nordeste</b>	Universidade Federal da Bahia (UFBA)	Salvador/BA	Bacharelado
	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	João Pessoa/PB	Bacharelado
	Universidade Federal de Alagoas (UFAL)	Maceió/AL	Bacharelado
	Universidade Federal do Cariri (UFCA)	Juazeiro do Norte/CE	Bacharelado
	Universidade Federal do Ceará (UFC)	Fortaleza/CE	Bacharelado
	Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	São Luís/MA	Bacharelado
<b>Centro-Oeste</b>	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	Recife/PE	Bacharelado
	Universidade Estadual do Piauí (UESPI)	Teresina/PI	Bacharelado
	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	Natal/RN	Bacharelado
	Universidade Federal de Sergipe (UFS)	São Cristovão/SE	Bacharelado
	Centro Universitário (UNIRONDON)	Cuiabá/MT	Bacharelado
	Instituto de Ensino Superior da Funlec (IESF)	Campo Grande/MS	Bacharelado
	Universidade de Brasília (UnB)	Brasília/DF	Bacharelado
	Universidade Federal de Goiás (UFG)	Goiânia/GO	Bacharelado
	Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)	Rondonópolis/MT	Bacharelado
	Centro Universitário Assunção (UNIFAI)	São Paulo/SP	Bacharelado
	Faculdades Integradas Coração de Jesus (FAINC)	Santo André/SP	Bacharelado
	Faculdades Integradas Teresa D'Ávila (FATEA)	Lorena/SP	Bacharelado
	Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP)	São Paulo/SP	Bacharelado
	Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC CAMPINAS)	Campinas/SP	Bacharelado
<b>Sudeste</b>	Universidade de São Paulo (USP)	São Paulo/SP	Bacharelado
	Universidade de São Paulo - Campus Ribeirão Preto (USP)	Ribeirão Preto/SP	Bacharelado
	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)	Marília/SP	Bacharelado
	Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)	São Carlos/SP	Bacharelado
	Centro Universitário de Formiga (UNIFOR)	Formiga/MG	Bacharelado
	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	Belo Horizonte/MG	Bacharelado
	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)	Rio de Janeiro/RJ	Bacharelado e Licenciatura
	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Rio de Janeiro/RJ	Bacharelado
	Universidade Federal Fluminense (UFF)	Niterói/RJ	Bacharelado
	Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	Vitória/ES	Bacharelado
<b>Sul</b>	Escola Superior de Ensino Anísio Teixeira (CESAT)	Serra/ES	Bacharelado
	Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG)	Rio Grande/RS	Bacharelado
	Universidade Estadual de Londrina (UEL)	Londrina/PR	Bacharelado
	Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)	Florianópolis/SC	Bacharelado
	Universidade Federal do Paraná (UFPR)	Curitiba/PR	Bacharelado
	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Porto Alegre/RS	Bacharelado
	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Florianópolis/SC	Bacharelado
	Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	Santa Maria/RS	Bacharelado

Fonte: Elaborado pelo autor.

Seguindo a tendência contemporânea do ensino a distância (EAD), três instituições brasileiras já ofertam o curso de Biblioteconomia nesta modalidade, atuando com vinte e seis cidades pólos de ensino.

**QUADRO 6 - Instituições que ministram o curso de Biblioteconomia no Brasil (modalidade à distância)**

<b>Instituição</b>	<b>Cidade/UF</b>
Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ)	Chapecó/SC
	São Lourenço do Oeste/ SC
Universidade Caxias do Sul (UCS)	Canela/RS
	Caxias do Sul/RS
	São Sebastião do Caí/RS
	Vacária/RS
Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)	Salvador/BA
	Cachoeiro de Itapemirim/ES
	Goiânia/GO
	Belo Horizonte/MG
	Juiz de Fora/MG
	Pompéu/MG
	Três Marias/MG
	Cáceres/MT
	Juína/MT
	Primavera do Leste/MT
	Caruaru/PE
	Recife/PE
	São José do Egito/PE
	Angra dos Reis/RJ
	Campos dos Goytacazes/RJ
Niterói/RJ	
Nova Friburgo/RJ	
São Gonçalo/RJ	
Passo Fundo/RS	
Uruguaiana/RS	

Fonte: elaborado pela autora.

No tocante à formação EAD, o Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) juntamente com a Universidade Aberta do Brasil (UAB) desenvolveram uma proposta pedagógica do curso de Biblioteconomia na modalidade à distância. O curso será ofertado por universidades públicas que já possuam o curso na modalidade presencial.

No momento, o material didático do curso encontra-se em fase de elaboração na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que foi a instituição selecionada para

gerenciar o processo de elaboração do material didático para o curso. A elaboração do material didático do curso de Biblioteconomia à distância, envolve docentes de todo o país, para que a oferta do curso pelas universidades possa ser implementada.

### 2.2.2 Campos de atuação do bibliotecário

Sem a pretensão de esgotar essa temática, sinalizamos os novos campos de atuação do bibliotecário no Brasil. “O campo de atuação do bibliotecário sempre esteve associado a bibliotecas” (OLIVEIRA, 2012, p. 93). Desde a regulamentação da profissão, o controle ocupacional do profissional bibliotecário tem como reserva de mercado o espaço das bibliotecas. No entanto, com o avanço tecnológico, houve o interesse pela expansão do espaço de trabalho. O artigo 5 do Decreto n.º 56725, de agosto de 1965, da Lei que regulamenta a profissão de bibliotecário declara que são atribuições do profissional

[...] a organização, direção e execução dos serviços técnicos de repartições públicas federais, estaduais, municipais e autárquicas, bem como de empresas particulares, concernentes às matérias e atividades seguintes:

- I. o ensino das disciplinas específicas de Biblioteconomia;
- II. a fiscalização de estabelecimentos de ensino de Biblioteconomia reconhecidos, equiparados ou em via de equiparação;
- III. administração e direção de bibliotecas;
- IV. organização e direção dos serviços de documentação;
- V. execução dos serviços de classificação e catalogação de manuscritos e de livros raros ou preciosos, de mapotecas, de publicações oficiais e seriadas, de bibliografia e referência (BRASIL, 1965).

De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), os bibliotecários fazem parte da família “Profissionais da Informação”, juntamente com o Documentalista e o Analista de informações.

2612: Profissionais da informação

2612-05 – Bibliotecário: Biblioteconomista, Bibliógrafo, Cientista de informação, Consultor de informação, Especialista de informação, Gerente de informação, Gestor de informação

2612-10 – Documentalista: Analista de documentação, Especialista de documentação, Gerente de documentação, Supervisor de Controle de processos documentais, Supervisor de controle documental, Técnico de documentação, Técnico em suporte de documentação

2612-15 Analista de informações (pesquisador de informações de rede): Pesquisador de informações de rede (BRASIL, 2002).

As atribuições do bibliotecário de acordo com a CBO são as seguintes:

Disponibilizam informação em qualquer suporte; gerenciam unidades como bibliotecas, centros de documentação, centros de informação e correlatos, além de redes e sistemas de informação. Tratam tecnicamente e desenvolvem recursos informacionais; disseminam informação com o objetivo de facilitar o acesso e geração do conhecimento; desenvolvem estudos e pesquisas; realizam difusão cultural; desenvolvem ações educativas. Podem prestar serviços de assessoria e consultoria (BRASIL, 2002).

Oliveira (2012, p. 18) esclarece que quando os bibliotecários foram incluídos na família ocupacional “profissionais da informação” na publicação de 2002 da Classificação Brasileira de Ocupações, esta alteração provocou questionamentos e, em contrapartida, a intenção de assumir o nome da família ocupacional, isto para expandir o espaço de trabalho, com foco no ramo empresarial. Contudo, conforme aponta a CBO, o bibliotecário, assim como os demais profissionais pertencentes à família “Profissionais da Informação”, possui atribuições diversas de tal maneira que o campo de atuação é amplo.

O ponto norteador para a atuação do profissional bibliotecário é a informação, enquanto objeto de estudo e trabalho (VALENTIM, 2000, p. 18). Numa perspectiva contemporânea, Valentim, Almeida e Silva (2015) afirmam que é possível pensar a atuação do profissional da informação considerando cinco enfoques principais: técnico, tecnológico, gerencial, político e social.

**QUADRO 7- Atuação do profissional da informação: enfoques e atividades**

Enfoque	Exemplos de Atividades
<b>Técnico</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Avaliar, selecionar e adquirir itens informacionais;</li> <li>• Classificar itens informacionais em distintos suportes e mídias, de acordo com códigos e parâmetros estabelecidos internacionalmente;</li> <li>• Catalogar itens informacionais em distintos suportes e mídias, de acordo com códigos e parâmetros estabelecidos internacionalmente;</li> <li>• Indexar itens informacionais em distintos suportes e mídias, de acordo com códigos e parâmetros estabelecidos internacionalmente;</li> <li>• Desenvolver e aplicar linguagens documentárias em distintos contextos organizacionais.</li> </ul>
<b>Tecnológico</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer, manusear e avaliar fontes de informação em diferentes suportes e mídias informacionais;</li> <li>• Usar tecnologias apropriadas para avaliar, selecionar, adquirir, organizar, gerenciar e disseminar informação;</li> <li>• Avaliar e selecionar hardware e software adequados aos processos, produtos e serviços informacionais em qualquer tipo de unidade de informação;</li> <li>• Desenvolver e manter canais de comunicação eletrônica, websites, redes sociais etc.;</li> <li>• Acompanhar o desenvolvimento de novas mídias e tecnologias, de modo a atualizar-se e aplicá-las aos processos, produtos e serviços informacionais em qualquer tipo de unidade de informação.</li> </ul>
<b>Gerencial</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Monitorar a área de negócio da organização, acompanhando jornais, bases de dados, publicações técnicas especializadas, fóruns de discussão etc.;</li> <li>• Avaliar a pertinência e a relevância de informações ao público usuário;</li> <li>• Selecionar, analisar e agregar valor às informações, em acordo com as necessidades informacionais dos sujeitos organizacionais;</li> <li>• Proporcionar o uso e reuso de dados, informações e conhecimento em processos decisórios;</li> <li>• Planejar, desenvolver e gerenciar unidades, sistemas, serviços e produtos de informação;</li> <li>• Integrar equipes de gestão e/ou multidisciplinares;</li> <li>• Realizar ações de mediação da informação contribuindo com o processo de apropriação da informação pelo público usuário;</li> <li>• Atuar em processos voltados à gestão do conhecimento;</li> <li>• Avaliar os serviços e produtos de informação, por meio de pesquisas de</li> </ul>

---

	satisfação de clientes, monitoramento e análise de uso de produtos e serviços informacionais
<b>Político</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participar ativamente do desenvolvimento de políticas públicas de informação;</li> <li>• Desenvolver normas e padrões de comutação, compartilhamento, disseminação, uso e reuso de informação;</li> <li>• Estabelecer parcerias com os distintos segmentos econômicos da sociedade, no intuito de fortalecer as instituições informacionais.</li> </ul>
<b>Social</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Orientar e desenvolver no público usuário competência em informação;</li> <li>• Desenvolver ações voltadas ao fortalecimento e à promoção da leitura;</li> <li>• Integrar projetos e ações no âmbito da educação e cultura.</li> </ul>

---

Fonte: VALENTIM; ALMEIDA; SILVA (2015, p. 11).

Baptista (2000, p. 92) sugere alguns campos de trabalho para o profissional, apontadas como tradicionais e não tradicionais na área de organização e recuperação da informação, conforme podemos ver a seguir: nas bibliotecas, nas videotecas, nos arquivos, nas editoras, nas livrarias, nos museus, realizando *clipping* (recortes de jornais sobre um determinado tema), realizando consultoria aos profissionais de outras áreas executando tarefas de busca de informações especializadas, na Internet (organização de conteúdo e recuperação de informação), entre outras.

Baptista e Mueller (2005) apontam os locais de atuação do bibliotecário, podemos dizer que os dividindo em dois grupos: trabalho autônomo, onde se incluem a internet e informação para negócios; e o que as autoras chamam de mercado de trabalho tradicional onde estão às bibliotecas especializadas (jurídicas, legislativa, assessoria de governo), as bibliotecas públicas e escolares, e as bibliotecas universitárias. Já Valentim (2000, p. 21) aponta que é possível identificar de maneira sistematizada o campo de atuação do bibliotecário dividindo-o em três grandes grupos:

- a) mercado informacional tradicional composto pelos segmentos mais lembrados pela sociedade e até mesmo pelo próprio profissional, como as bibliotecas públicas, escolares, universitárias e especializadas, e centros culturais;
- b) mercado informacional existente não ocupado composto por editoras e livrarias, empresas privadas, provedores de internet e bancos de dados, consultoria e assessoria, e as bibliotecas escolares que, embora faça parte do mercado informacional tradicional é, também um mercado de trabalho não ocupado;
- c) mercado informacional – tendências. Com relação ao terceiro grupo, a autora pontua que o bibliotecário tem um campo cada vez maior de atuação, especialmente pelas mudanças tecnológicas.

Assim sendo, a autora pontua as seguintes características para atuação do profissional: “deverá ser mais observador, empreendedor, atuante, flexível, dinâmico, ousado, integrador, proativo e principalmente mais voltado para o futuro”.

Com o uso intensivo das tecnologias de informação e comunicação, surgem novos campos de atuação para o bibliotecário, uma vez que a sua atuação deixa de ser unicamente em bibliotecas para exercer funções em locais que demandam informações em diferentes contextos. Neste sentido, de acordo com informações contidas na página do Conselho Regional de Biblioteconomia 6ª Região (CRB-6), o bibliotecário, que tradicionalmente atua em bibliotecas, encontra novas frentes de trabalho com a utilização das tecnologias de informação e comunicação em sistemas e redes de informação de setores públicos, empresariais e industriais; escritórios de assessoria e consultoria; organização de arquivos e de documentação particulares, ensino e pesquisa; podendo atuar como analista da informação, como gestor de serviços de informação e também na área de normalização.

Baptista e Mueller (2005, p. 37) afirmam que as mudanças provocadas pelas novas tecnologias de informação alteraram a tradicional forma de trabalho dos bibliotecários, de tal maneira que os próprios bibliotecários estão tendo maior consciência de que os conhecimentos e as habilidades adquiridas ao longo da formação são aplicáveis em qualquer contexto onde há estoques de informação. Neste sentido, Guinchat e Menou (1994, p. 517) apontaram que as tecnologias e as transformações sociais podem dar uma nova identidade e uma nova imagem social, por meio do surgimento de novas profissões ou nomenclaturas para o profissional, como: administradores de bases de dados, mediadores, gerentes de informação, agentes de contato ou *information bokers*, entres outras. Desse modo, o campo de atuação do bibliotecário hoje é amplo, podendo atuar tanto na esfera pública quanto na privada, além do terceiro setor como as organizações não governamentais (ONGs), em quaisquer setores econômico ou ainda como autônomo (FIGUEIREDO; SOUZA, 2007). Podemos ver tal amplitude do campo de atuação do bibliotecário na Figura 1, na página a seguir.

## FIGURA 1 - Campos de atuação do bibliotecário

### 1. Documentação e informação

Bibliotecas: públicas, comunitárias, ambulantes, especiais, hospitalares, escolares, infantis, acadêmicas, especializadas e particulares. Centros de Documentação; Centros de Análise de Informação; Centros de Análise de Informação; Centros de Comutação Bibliográfica; Arquivos; Editoras e Publicadoras; Livrarias; Centros de Restauração de Documentos e de Obras de Arte; Residências Particulares (cadastramento de bens); Empresas (controle do fluxo da informação e documentação).

### 2. Comunicação e informação

Empresa de Comunicação (da produção à divulgação da informação), Jornais e Revistas; Empresas Cinematográficas e de Publicidade; Videotecas (preparação, organização e distribuição de videotextos e videocassetes); Biblioterapia; Serviços de Informação em aeroportos, rodoviárias, instalações ferroviárias e de metrô; tradução; Organização de Congressos; Seminários e Simpósios.

### 3. Cultura e lazer

Galerias de Arte; Museus de Arte; de Ciências; Históricos (em colaboração com o profissional da área); Centros de Cultura; de lazer (informação, estímulo à criatividade, promoções culturais, leitura como lazer, sinalização do espaço, pesquisas...); Agências de Turismo (informações turísticas locais, nacionais e internacionais, pesquisa de mercado...)

### 4. Educação

Ensino de Biblioteconomia (2º e 3º graus e Pós-Graduação); Treinamentos de Usuários.

### 5. Pesquisa

Centros de Pesquisa; Apoio a Pesquisadores (pesquisa bibliográfica, localização e aquisição de fontes ou dados, normalização); Pesquisa Aplicada à Biblioteconomia.

### 6. Tecnologia da informação

Informática; Centros de Computação; Teleprocessamento; Bancos e Bases de Dados; Microfilmagem; Digitalização; Internet.

### 7. Planejamento e informação

Serviços como Autônomo; Consultor e/ou Assessor Especializado.

### 8. Política e informação

Assessoria a Políticos;  
Associações de classe;  
Conselhos Regionais de Biblioteconomia e Sindicatos.

Fonte: UFES. Áreas de atuação Biblioteconomia. Disponível em:

<<http://www.biblioteconomia.ufes.br/%C3%A1reas-de-atua%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 24 maio 2016.

Figueiredo e Souza (2007) realizaram uma pesquisa de abrangência nacional com o objetivo de mapear o campo de atuação dos profissionais bibliotecários no mercado de trabalho. A pesquisa foi realizada por meio de um questionário e divulgada nas listas de discussões da área e em órgãos associativos da área. Os resultados da pesquisa destacaram que “a taxa de empregabilidade da profissão é superior a 90%, tendo como principal setor econômico de atuação o terciário (serviços), sendo as empresas privadas e públicas as principais empregadoras”. Um percentual de 87,54% dos profissionais continua a atuar em funções tradicionais, “dentro de centros de documentação”. A pesquisa apontou também o surgimento de novas oportunidades de atuação e mudança na exigência do perfil profissional pelo, requerendo além dos conhecimentos técnicos da Biblioteconomia, conhecimentos e práticas gerenciais e administrativas mais aprofundadas; domínio das novas tecnologias e fluência em pelo menos mais um idioma além do pátrio (FIGUEIREDO; SOUZA, 2007, p. 16).

No entanto, Oliveira (2012) pontua que a discussão acadêmica sobre o campo de atuação do bibliotecário nos últimos anos revela “acentuada valorização dos novos espaços de atuação em detrimento das discussões sobre o espaço tradicionalmente

ocupado pelo profissional, as bibliotecas” (OLIVEIRA, 2012, p. 69). Com a sua pesquisa, a autora concluiu que embora os bibliotecários tenham historicamente fortes características de profissionalização, recentemente, demonstraram um processo de enfraquecimento na atuação, pois, ao expandirem o próprio espaço de atuação, revelaram o enfraquecimento da profissão (OLIVEIRA, 2012, p. 195).

Registram-se algumas iniciativas desarticuladas das escolas na busca de adaptação à formação do novo perfil profissional idealmente projetado; o que sinaliza a descontinuidade na preocupação com a formação do bibliotecário clássico. Há, pois, sinais de perda de identidade no âmbito do grupo socioprofissional (OLIVEIRA, 2012, p. 196).

A história da profissão mostra a grande capacidade de adaptação, principalmente, se considerarmos o advento da escrita e dos livros, dos periódicos eletrônicos, das bases de dados e da internet. Com todas essas mudanças, a profissão incorporou a tecnologia em vez de ser substituída por ela (BATISTA; MUELLER, 2005). Até o presente momento, podemos afirmar que embora a atuação profissional bibliotecário seja ampla, em sua maioria, ainda se consolida nos espaços tradicionais, como as bibliotecas e os centros de documentação (SANTA ANNA, 2014). No entanto, como podemos ver com as tecnologias, os espaços de trabalho se ampliaram para o bibliotecário, de modo que, a profissão não se extinguirá como se acreditou no passado.

## 2.3 BIBLIOTECONOMIA

A Biblioteconomia não é estática, pelo contrário, evoluiu assim como as bibliotecas (ORERA ORERA, 1995). Desse modo, a autora distingue a evolução da Biblioteconomia em várias fases: Biblioteconomia pré-científica, Biblioteconomia científica, Biblioteconomia especializada e Biblioteconomia internacional.

A Biblioteconomia pré-científica, da Idade Média, foi um longo período histórico caracterizado pelas bibliotecas que acumulavam tesouros bibliográficos e bibliotecários erudito-conservadores. Nesta época, surgiram as bibliotecas no Oriente estendendo-se a Oeste. Durante este longo período, começa a desenvolver a concepção de Biblioteconomia como a arte de preservar os tesouros dessas bibliotecas. As técnicas para preservar os livros da época, datam do nascimento das primeiras bibliotecas (ORERA ORERA, 1995). A invenção da imprensa por Johannes Gutenberg no século XV teve grande influência no desenvolvimento da Biblioteconomia e das bibliotecas.

Ainda no século XV, após o Renascimento, começaram a surgir os primeiros traços do que podemos chamar de conhecimento teórico da Biblioteconomia. Evidencia-se o interesse pelo culto as obras, por sua guarda e preservação, porque na mesma época

despertou-se o interesse pelas obras artísticas, filosóficas e científicas, tanto da Antiguidade Greco-Romana quanto as que se desenvolveram no período (ARAÚJO, 2013, p. 42).

O termo hoje traduzido como Biblioteconomia teria nascido com o manual para bibliotecários escrito pelo beneditino alemão Martin Schrettinger publicado em fascículos de 1808 a 1829 sob o título *Versuch eines vollständigen Lehrbuch der Bibliothek- Wissenschaft (Ensaio de manual completo em Ciência da Biblioteca, tradução nossa)*.<sup>15</sup> De acordo com Tanus (2016, p. 221), o alemão nomeou a Biblioteconomia como ciência das bibliotecas e “defendeu que a Bibliotecologia ou *Bibliothekswissenschaft* (significava *Bibliothek* = biblioteca e *wissenschaft* = ciência), como um conjunto de conhecimentos e habilidades necessárias para gestão de bibliotecas”. No entanto, o termo “Biblioteconomia” foi consolidado em 1839, na França, com a publicação da obra intitulada “*Bibliothéconomie: instructions sur l’arrangement, la conservation e l’administration des bibliothèques*” publicada por Leopold Auguste Constantin Hesse (ORERA ORERA, 1995; ORTEGA, 2004; TANUS, 2016).

A evolução da Biblioteconomia conduziu à chamada Biblioteconomia científica, que correspondeu ao período em que as bibliotecas e centros de documentação tinham também finalidades educativas, socioculturais e recreativas. “Nesta evolução parece ser unânime admitir que o momento decisivo é o surgimento da biblioteca pública no mundo anglófono, o que acontece no meio do século XIX” (ORERA ORERA, 1995, p. 76). No Brasil, os homens cultos do século XIX, assim como as classes cultas dos países europeus, acreditavam no poder que as bibliotecas teriam de tornar as pessoas melhores por meio da “boa leitura” e dos “bons autores” (LEMOS, 2015, p. 222). No entanto, o conceito de biblioteca pública tal como conhecemos, teve sua origem no século XIX com o objetivo de fornecer livros; formação profissional e moral; e lazer para as classes que não tinham o mesmo acesso que outras. De acordo com Orera Orera (1995, p. 77) no século XIX, ocorreu uma série de mudanças sócio-econômicas e culturais que influenciaram diretamente o nascimento das bibliotecas públicas, a saber:

- A sociedade industrial traz, entre outras coisas, a possibilidade de subir na escala social, através do acesso a melhor remuneração. Este acesso é anexado a melhoria da formação profissional. Além disso, a ascensão na escala social implica a necessidade de se adaptar a novos costumes, uma nova moralidade, etc. Tudo isso cria a necessidade de formação de todos os tipos, disponíveis através de vários meios, incluindo leitura;
- O barateamento do livro, impulsionado por uma série de avanços tecnológicos que permitem produzir mais livros e mais barato, e o crescimento da demanda, juntamente com uma nova classe de leitura, o que foi observado especialmente no aumento rolos de imprensa.

---

<sup>15</sup> SERRAI, A.; SABBA, F. **Profilo di storia della Bibliografia**. Milano: Syvestre Bonnard, 2005. p. 309.

- Demanda de leitura, juntamente com a demanda para a instrução, pelas classes populares. Isto foi baseado na ideia de que sem ter leituras próprias, o esforço para aprender a ler era inútil (ORERA ORERA, 1995, p. 77).

A Biblioteconomia desta fase é a ciência da seleção organizada e da difusão de materiais bibliográficos e audiovisuais. Ao contrário do período pré-científico, os bibliotecários atuavam como agentes difusores da informação (ORERA ORERA, 1995). A publicação generalizada de livros em línguas vernáculas favoreceu a circulação interna do livro. Contudo, as pessoas que sabiam ler nem sempre tinham recursos econômicos suficientes para adquirir livros. Tais fatos impulsionaram a criação de bibliotecas nacionais (na época bibliotecas reais a serviço dos cidadãos) pelo governo (ORERA ORERA, 1995, p. 76). Para atender a demanda por leitura, surgiram novos tipos de bibliotecas, como as bibliotecas paroquiais.

A autora aponta que além da profunda evolução das bibliotecas, outros fatores contribuíram com a evolução da Biblioteconomia, como a criação da *American Library Association* (ALA) em 1876 na Filadélfia e em 1877 o nascimento da *Library Association* (LA) na Inglaterra; a institucionalização do ensino de Biblioteconomia, com o surgimento das escolas de Biblioteconomia que aos poucos foram lançando as bases para uma evolução na formação de bibliotecários; a publicação de obras especializadas em Biblioteconomia, como a publicação da Classificação Decimal de Dewey, (ORERA ORERA, 1995, p. 78-79; FONSECA, 2007).

Em 1895, Paul Otlet e Henri La Fontaine, preocupados com a expansão do conhecimento registrado, fundaram em Bruxelas o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), hoje denominado Federação Internacional de Informação e Documentação (FID), com a finalidade de reunir toda a produção bibliográfica mundial com a premissa de divulgar o conhecimento de cientistas a interessados. Portanto, planejaram construir a biblioteca universal, que seria uma referência das obras a partir de um catálogo de fichas que indicaria a localização das obras. “Assim surgiu a Classificação Decimal Universal (CDU), que oferecia a possibilidade de tratar outros tipos de documentos além do livro e de outros impressos” (OLIVEIRA, 2005, p. 10). Paul Otlet e La Fontaine também deram novo significado ao conceito de documento que passou a contemplar além do livro, revistas, fotografias, música, filme etc., ampliando o escopo da atuação profissional para além das bibliotecas, agregando os serviços de documentação. Contudo, a ideia inicial da biblioteca universal por meio do controle bibliográfico, foi sendo abandonada por falta de planejamento e pela inviabilidade econômica.

Com relação à denominada Biblioteconomia especializada, o conceito foi utilizado pela primeira vez em 1908 por John Cotton Dana, que junto com um grupo de bibliotecários se separou da *American Library Association* e fundou a *Special Libraries*

*Association* (ORERA ORERA, 1995, p. 79; ORTEGA, 2009). Com o tempo, as bibliotecas tornaram-se mais diversificadas na medida em que foram desenvolvendo-se. Esta diversificação das bibliotecas alcançou pleno desenvolvimento no século XX, quando houve uma grande expansão de bibliotecas, resultante do, entre outros fatores, elevado padrão de vida; desenvolvimento do ensino e, por conseguinte, redução do analfabetismo e aumento do número de leitores; e o enorme crescimento da produção de livros, revistas e outros documentos (ORERA ORERA, 1995, p. 79). Assim sendo, entende-se por Biblioteconomia especializada o estudo de diferentes tipos de bibliotecas.

De acordo com Orera Orera (1995, p. 83), o último estágio da evolução da Biblioteconomia é chamado de Biblioteconomia internacional, tendo como base o conceito de cooperação, definida no Glossário ALA de Biblioteconomia e Ciência da Informação sob o título de "*Sharing*" (compartilhamento de recursos) como:

utilização de recursos; uso compartilhado de recursos. Uma expressão que se refere a várias organizações e atividades compartilhadas por um grupo de bibliotecas com o objetivo de melhorar os serviços reduzindo custos. O uso compartilhado de recursos pode ser definido por um acordo em regra, informalmente ou por um contrato e pode realizar-se com ações de forma local, nacional ou internacional. Os recursos compartilhados podem ser coleções, informações bibliográficas, pessoal, atividades de planejamento, etc. Organizações oficiais que estabelecem o uso compartilhado da biblioteca pública de recursos, sistemas cooperativos, consórcios, redes, centros de serviços bibliográficos, etc. podem ser chamados de empresas de serviços (ORERA ORERA, 1995, p. 84).

A autora pontua que dentre as razões para a cooperação, destacam-se as seguintes: o crescimento exponencial das publicações em qualquer disciplina; a grande importância da informação na sociedade de hoje; a diminuição dos orçamentos; a ascensão dos documentos; a existência das novas tecnologias; a demanda crescente e diversificada de usuários, etc. (ORERA ORERA, 1995, p. 85). As formas de cooperação são variadas e aumentam com o passar do tempo (ORERA ORERA, 1995, p. 85). As publicações especializadas em Biblioteconomia, assim como os elementos de controle dessas publicações, caracterizam-se como cooperação, assim como os cursos, reuniões internacionais, etc. Destaca-se entre as ações de cooperação algumas das iniciativas da IFLA, como o estabelecimento do Controle Bibliográfico Universal, em 1974 e, por conseguinte, a disponibilização internacional de publicações utilizando o MARC; desenvolvimento da norma de Descrição Bibliográfica Internacional Normalizada, do inglês *International Standard Bibliographic Description* (ISBD). Neste aspecto, a UNESCO também desenvolve um papel muito importante na cooperação internacional, especialmente na definição de políticas nacionais e internacionais relacionadas às bibliotecas e as redes de bibliotecas (ORERA ORERA, 1995, p. 88). As redes de bibliotecas tem um importante papel

para a cooperação internacional, sendo a OCLC (*Online Computer Library Center*), nascida em 1967, uma das mais importantes.

Lemos (2000, p. 12) ao delinear os fatos marcantes ocorridos no Brasil relacionados aos últimos cinquenta anos da Biblioteconomia, afirma que a segunda metade do século XX concentrou as realizações mais significativas da Biblioteconomia brasileira. De acordo com o autor, embora algumas realizações tivessem iniciado antes, pode-se destacar entre os fatos marcantes do período:

- Aumento do número de cursos de formação em Biblioteconomia, que antes se limitavam ao da Biblioteca Nacional e ao da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo;
- Absorção por Universidades de cursos de Biblioteconomia já existentes ou a criação de novos cursos dentro das próprias Universidades e assim, a inserção da Biblioteconomia como disciplina acadêmica da educação superior;
- Introdução às atividades de pesquisa e do ensino de pós-graduação, da especialização ao doutorado;
- Afloramento da consciência crítica quanto ao papel da biblioteca na sociedade brasileira e quanto as questões políticas relacionadas as bibliotecas e aos bibliotecários;
- Regulamentação do exercício da profissão;
- Formação das associações profissionais em grande parte dos estados;
- Fundação de revistas especializadas;
- Realização de congressos nacionais e encontros especializados local, regional e nacional;
- Fundação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), posteriormente Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).
- Extinção do Instituto Nacional do Livro e absorção de parte de suas funções pela Biblioteca Nacional, a qual, também neste período, foi transformada em fundação de direito público vinculada ao Ministério da Cultura.
- Construção de várias bibliotecas universitárias, muitas delas concretizando a proposta de centralização dos serviços bibliotecários;
- Envolvimento crescente de órgãos de financiamento da pós-graduação e da pesquisa em atividades de apoio à informação científica, tanto em âmbito federal quanto de alguns estados;

- Formalização de mecanismos de fornecimento de cópias de artigos científicos entre bibliotecas universitárias e especializadas;
- Participação de algumas unidades de informação nacionais em redes/sistemas de informação especializada de alcance regional ou internacional;
- Implantação dos sistemas internacionais de codificação de livros e periódicos (ISBN -*International Standard Book Number* - e o ISSN - *International Standard Serial Number*) e de atividades de catalogação na publicação;
- Implantação de atividades de automação de bibliotecas e bases de dados informatizadas.
- Implantação do Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas;
- Implantação, a partir da década de 1970, de algumas redes de acesso limitado a bases de dados, e, a partir de 1995, uma crescente presença de bases de dados e catálogos em linha de acesso público na Internet;
- Construção ou reforma de prédios de algumas bibliotecas públicas estaduais ou municipais.

Se nos limitarmos apenas ao seu aspecto etimológico, conforme define Souza (1997, p. 49)

A Biblioteconomia (de **Biblion** = *livro ou informação* + **Thèke** = *acervo ou coleção* + **nomos** = *norma ou regulamento*) é o conhecimento sobre os procedimentos e critérios necessários para organizar o acervo de livros contendo informações de natureza diversa (SOUZA, 1997, p. 49).

“Etimologicamente, portanto, a Biblioteconomia é o conjunto de regras de acordo com os quais livros são organizados em espaços apropriados: estantes, salas, edifícios.” (FONSECA, 2007, p. 1). Pode-se afirmar que sendo “limitante” o significado etimológico de Biblioteconomia, sua atuação esteve vinculada até o final do século XX a instituição/espaço biblioteca. Entretanto, após a popularização dos computadores é que se percebeu que a razão da Biblioteconomia é a informação. No entanto, antes de chegar à biblioteca para serem utilizados coletivamente, os computadores já estavam sendo utilizados individualmente.

O “Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia” define a Biblioteconomia como

Parte da bibliologia que trata das atividades relativas à organização, administração, legislação e regulamentação das bibliotecas. Conhecimento e prática da organização de documentos em bibliotecas, tendo por finalidade sua utilização. [...] Conjunto dos conhecimentos profissionais referentes aos documentos, aos livros e à biblioteca. [...] (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 55).

Buonocore (1963<sup>16</sup>) citado por Russo (2010, p. 47) define a Biblioteconomia como área que se destina ao estudo dos princípios racionais para realiza, com maior eficácia e o menor esforço possível, os fins específicos das bibliotecas. Buonocore subdividia a Biblioteconomia em duas subáreas: técnica, que se referia à seleção, aquisição, catalogação, classificação e ordenação das obras nas bibliotecas; e administrativa que se preocupava com o local, arquitetura, mobiliário, pessoal, uso, regulamento e recursos financeiros das bibliotecas.

Em 1985, o então Ministro da Educação, Senador Marco Maciel definiu a Biblioteconomia na ocasião do Encontro Nacional de Biblioteconomia e Informática para além das práticas meramente técnicas:

Na verdade, a Biblioteconomia transcende, no seu significado maior, a definição de saber técnico que se ocupa do estudo teórico e prático da organização administrativa, classificação e utilização do acervo bibliográfico. A sua razão de ser assume dimensões de maior amplitude na medida em que se vincula a uma atividade pedagógico social, de difusão do saber, de informações, de artes e humanidades em geral (MACIEL, 1985, p.9-10).

Shera (1977, p. 11) afirma que a Biblioteconomia é baseada em fundamentos epistemológicos. Assim sendo, a Biblioteconomia, sob o ponto de vista epistemológico, tem sido abordada por diferentes autores, como arte ou técnica, disciplina científica ou ciência. “Ocorre, no entanto, que o debate sobre ser a Biblioteconomia uma ciência ou uma técnica tem adeptos em ambos os lados” (ANDRADE; METCHKO; SOLLA, 1981, p. 154).

Butler (1971) em sua obra “Introdução à ciência da Biblioteconomia”, originalmente publicada em 1933, afirma que a Biblioteconomia é a ciência da biblioteca.

Já que qualquer ciência se preocupa apenas com o conhecimento, a ciência da biblioteca, em particular, pode abranger apenas o lado racional do fenômeno fundamental da biblioteconomia que é a transmissão da experiência acumulada da sociedade aos seus membros individuais através da instrumentalidade do livro (BUTLER, 1971, p. 21).

Neste sentido, Butler (1971, p. 63) aponta que os elementos básicos da Biblioteconomia consistem no acúmulo de conhecimentos pela sociedade e sua contínua transmissão às futuras gerações.

Mukherjee (1966, p. 11) citando Nitecki afirma que “uma filosofia de biblioteconomia pressupõe uma formulação teórica, que se relacionam os objetivos da biblioteca para as suas operações em um padrão lógico consistente”. De acordo com Mukherjee (1966; 1985), a Biblioteconomia pode ser compreendida sob duas perspectivas: ligada à organização das bibliotecas e na disposição de seus recursos disponíveis aos usuários, e outra com enfoque na influência que a biblioteca desempenha na vida da sociedade. A base da filosofia da Biblioteconomia abordada por Mukherjee está diretamente ligada às bibliotecas que norteiam a atuação do bibliotecário.

---

<sup>16</sup> BUONOCORE, D. **Diccionario de Bibliotecologia**. Santa Fé: Castellvi, 1963.

Como todo processo, a biblioteconomia se constitui em um fenômeno contínuo e dinâmico, que torna os livros disponíveis a todos, independente do poder aquisitivo dos indivíduos. Uma contribuição notável pode também ser creditada às bibliotecas públicas, no que diz respeito à biblioteconomia como arte e ciência, através do desenvolvimento de técnicas de organização das bibliotecas e das coleções (MUKHERJEE, 1985, p. 26).

Orera Orera (1996, p. 37) afirma em seu "*Manual de Biblioteconomía*" que a Biblioteconomia é a disciplina encarregada pela biblioteca, tendo uma longa trajetória e sendo objeto de uma longa evolução. A autora define a Biblioteconomia como uma ciência documental que tem por objeto de estudo a biblioteca (ORERA ORERA, 1996, p. 38).

Em "As cinco leis da Biblioteconomia", Ranganathan (2009, p. 268) nos diz que os diferentes domínios do conhecimento se desenvolvem mediante métodos diferentes, sendo o método científico o mais aceito. Em linhas gerais, o autor aponta que o método científico caracteriza-se por um movimento espiralar interminável. Diante disso, Ranganathan (2009, p. 275) afirma que o desenvolvimento da Biblioteconomia se caracteriza plenamente pela espiral do método científico por meio das cinco leis da Biblioteconomia. "A formulação das cinco leis acionou a espiral do método científico. Isto justifica que se considere a biblioteconomia como uma ciência" (RANGANATHAN, 2009, p. 275).

De acordo com Ranganathan (2009, p. 289), o efeito de mais longo alcance da força do ingresso do desenvolvimento da Biblioteconomia na espiral do método científico venha a ser visto nas áreas de ensino e pesquisa. Para o autor, "as cinco leis constituem a diretriz comum no ensino e na pesquisa. Elas humanizaram o ensino e sistematizaram a pesquisa." (RANGANATHAN, 2009, p. 290). Para Mukherjee (1985, p. 32), a pesquisa é um outro objetivo da Biblioteconomia.

Como consequência de a biblioteconomia haver obtido o atributo cíclico de uma ciência, não existe mais a necessidade de ensinar qualquer ramo dela como um amontoado de habilidades, como se fazia no passado, e, infelizmente, ainda se faz em algumas escolas (RANGANATHAN, 2009, p. 290).

Com "As cinco leis da Biblioteconomia" de Ranganathan, podemos afirmar que a ideia de que as bibliotecas são espaços de livros está no cerne da Biblioteconomia: 1. Os livros são para usar; 2. A cada leitor seu livro; 3. A cada livro seu leitor; 4. Poupe o tempo do leitor; 5. A biblioteca é um organismo em crescimento (RANGANATHAN, 2009). Se substituirmos a palavra livro para *ebook* ou livro eletrônico, página de internet, etc., ainda assim fariam sentido, porque as cinco leis da Biblioteconomia indicam que o centro da biblioteca é as pessoas, independentemente do suporte. Assim sendo, a formulação das cinco leis acionou a espiral do método científico, justificando que a Biblioteconomia pode ser considerada como uma ciência e não apenas como arte ou técnica. Portanto, o grande

legado da obra de Ranganathan é a contribuição para estruturação da Biblioteconomia como área do conhecimento.

Dias (2000, p. 72) afirma que “a biblioteconomia (*librarianship*, na terminologia inglesa) tem uma longa tradição de desenvolvimento de práticas aplicáveis aos problemas de organizar e acessar as informações contidas em documentos”. Assim, Ortega (2004) define a Biblioteconomia, no sentido restrito, como a área que realiza a organização, gestão e disponibilização de acervos de bibliotecas.

A Biblioteconomia é hoje um campo tão amplo e com tantos setores horizontais - isto é, integrados em outros campos do saber - e verticais - isto é, desenvolvidos na própria área - que já não é mais possível falar-se de um especialista em organização e administração de bibliotecas, mas em vários, nos setores que chamei de horizontais, os bibliotecários e os bibliógrafos especializados em Ciência e Tecnologia, em Humanidades, em Ciências Sociais e em campos ainda mais restritos (como, por exemplo, o das Ciências Biomédicas, o das Artes ou das Ciências Jurídicas); e nos setores que chamei de verticais, o especialista em edifícios e equipamentos de bibliotecas (como são hoje um Ellsworth, um Metcalf ou um Frazer Poole), o especialista em processos técnicos, o especialista em informação científica, o especialista em reprografia, etc. (FONSECA, 1988, p. 168).

Cysne (1993, p.53) afirma que a Biblioteconomia teve como função original a preservação do saber acessível apenas a uma elite, tendo este objetivo ampliado no final do século XIX com a educação das massas e democratização da sociedade. Nesse aspecto, Saracevic (1996, p. 48-49) afirma que

A biblioteconomia tem uma longa e orgulhosa história, remontando a três mil anos, devotada à organização, à preservação e ao uso dos registros gráficos humanos. Essas atividades são realizadas pelas bibliotecas não apenas como uma organização particular ou um tipo de sistema de informação, mas principalmente, como uma instituição social, cultural e educacional indispensável, de valor comprovado muitas vezes ao longo da história humana e através das fronteiras das diferentes culturas, civilizações, nações ou épocas (SARACEVIC, 1996, p. 48-49).

Fonseca (2007) em sua “Introdução à Biblioteconomia” situa a Biblioteconomia no quadro geral dos conhecimentos. O autor afirma que a Biblioteconomia aparece como parte das ciências documentológicas aplicadas, ao lado da arquivologia, da museologia e dos serviços de documentação científica. Desse modo, para o autor, os principais elementos da Biblioteconomia são: o livro, a biblioteca, o leitor e o bibliotecário (FONSECA, 2007, p. 8). Em contrapartida, Cysne (1993, p. 53) aponta que com o tempo o eixo biblioteconômico se desloca para a informação.

À Biblioteconomia cabe não apenas direcionar sua atividade para o fomento da produção do saber, mas, também e principalmente, para a sua difusão, tendo em vista o atendimento de um dos seus objetivos principais – a socialização do saber que influi na evolução e emancipação dos homens em seu conjunto (CYSNE, 1993, p. 54).

Andrade; Metchko; Solla (1981, p. 156) afirmam que a Biblioteconomia tem dois aspectos: “o mecânico (rotinas, processos técnicos) e o intelectual (todos os processos que ajudam a assimilar o conhecimento, incluindo a formação acadêmica do bibliotecário)”.

Em 1981, Mostafa faz uma crítica com relação à dificuldade dos bibliotecários de trabalhar numa abordagem dialética. A autora menciona que os bibliotecários proferem o discurso batizado por Shauí como "ciência da competência". Tal competência refere-se ao saber instituído e institucionalizado, ou seja, não perigoso, projeto de dominação social e política. Isto porque o saber é perigoso apenas quando é instituinte, negador e histórico. Assim sendo, a Biblioteconomia como arte ou como ciência se reveste de neutralidade e, portanto, “tem condições de se apresentar como objeto de estudo autônomo, positivo, fixo e passível de manipulação, isto é, um objeto morto porque sem movimento e sem história, como convém a "ciência da competência"” (MOSTAFA, 1981, p. 51).

“Como ciência fatural que é (quase-ciência?) a Biblioteconomia privilegiou o método experimental e observacional, que é o mesmo das ciências fáticas, prendendo-se à relação causa-efeito [...]” (MOSTAFA, 1983, p. 227). Assim como Mostafa (1983, p. 227) sugere, Souza (1997, p. 106) nos diz que a Biblioteconomia ainda é uma quase ciência, ou seja,

[...] é uma ciência da empiria, uma ciência que ainda não vai além da consolidação e registro das experiências positivas no uso, organização e sistematização de instrumentos de controle para identificação, localização e recuperação de documentos (SOUZA, 1997, p. 106).

O mundo prático da Biblioteconomia, conforme aponta Souza (1997, p. 108) constitui-se de:

- (a) OBJETOS DE OPERAÇÃO: representados por informação e suporte de informação;
- (b) SUJEITOS [geradores e consumidores] dos objetos com que opera;
- (c) PROCEDIMENTOS OPERADORES: representados por Organização e Controle do fluxo de seus objetos de operação dos e para os sujeitos [geradores e consumidores];
- (d) PESQUISA CIENTÍFICA dos sujeitos, dos procedimentos operadores e do processo de educação para sua realização;
- (e) EDUCAÇÃO dos executores dos procedimentos operadores e dos pesquisadores das fontes e dos procedimentos operadores (SOUZA, 1997, p. 108-109).

Nesse sentido, o autor ainda afirma que o mundo científico da Biblioteconomia “é constituído, através de sua prática de pesquisa científica, pela construção de abstrações e conceitos advindos de seu mundo prático e de sua pesquisa” (SOUZA, 1997, p. 109). Conforme aponta o autor, constituem como conteúdos de atuação científica da Biblioteconomia: os perfis leitores, usuários e clientes; perfis cientistas, tecnólogos e produtores de cultura; modos de organização da informação e do conhecimento, assim como os modos de controle do fluxo e transferência da informação; processos de educação

ao uso de informação de leitores, usuários e clientes; processos de produção de cientistas, pesquisadores e produtores de cultura escrita; processos de educação de operadores da organização da informação e do conhecimento, e dos controladores do fluxo e transferência do conhecimento (SOUZA, 1997, p. 109-110).

De acordo com Alkan (2008), considerando a biblioteca como uma instituição que sobreviveu por séculos como a memória da humanidade e com uma força social; a Biblioteconomia, como uma profissão antiga e influente; e os bibliotecários, cuja identidade profissional deve possuir apreciado reconhecimento, ainda enfrentamos o desafio de opositores que afirmam que tais posicionamentos estão ultrapassados. Diante disso, Alkan (2008) afirma que os bibliotecários devem atribuir importância ao pensamento filosófico e, portanto, produzir pensamentos filosóficos.

O pensamento filosófico pode ser influente no surgimento e desenvolvimento de uma filosofia profissional (ALKAN, 2008). Abordagens filosóficas dos bibliotecários sugerem que eles são relativamente mais perto de uma filosofia prática. O pensamento filosófico “encontra-se em bibliotecários que estão abertos à realização de atividades profissional, acompanhada por pensamento, questionamento e investigação<sup>17</sup>” (ALKAN, 2008, p. 2, tradução nossa).

De acordo com Alfaro López (2010), a epistemologia, ao longo do século XX, adquiriu uma relevância especial para o conhecimento científico de tal maneira que para o século XXI este discurso é essencial no panorama da ciência. Nesse sentido, Mostafa (1983, p. 222) afirma que

[...] Desvinculada da Filosofia, a Biblioteconomia corre o risco de não produzir conhecimentos, partindo para generalizações, normalmente repetições de metodologias que pouco ou nada trazem de origem, aonde os dados empíricos são até acessórios, mais para confirmar ou discordar daquelas generalizações (MOSTAFA, 1983, p. 222).

De acordo com Shera (1977, p. 11), o objetivo da Biblioteconomia é aumentar a utilidade social dos registros gráficos, seja para qual for o público ou finalidade.

Portanto, se a biblioteconomia deve servir à sociedade em toda extensão de suas potencialidades, deve ser muito mais do que um monte de truques para encontrar um determinado livro numa estante particular, para um consulente particular. Certamente é isso também, mas fundamentalmente biblioteconomia é a gerência do conhecimento (SHERA, 1977, p. 11).

Assim como Shera (1977), Fonseca (2007, p. 8) no mesmo sentido salienta que entre os objetivos da Biblioteconomia destaca-se a democratização da cultura – que se dá através das bibliotecas públicas –; a preservação e difusão do patrimônio bibliográfico da nação – tarefa das bibliotecas nacionais e das bibliografias nacionais correntes e

---

<sup>17</sup> “[...] is found in librarians who are open to conducting professional activities accompanied by thinking, questioning, and investigating” (ALKAN, 2008, p. 2).

retrospectivas; e o apoio documental ao ensino e à pesquisa – oferecido pelas bibliotecas universitárias.

Baseando-se pelo estudo desenvolvido nos anos 1970/80 por Thomas Kuhn, em *A estrutura das Revoluções Científicas*, Souza (1997, p. 111), afirma que tanto os paradigmas atuais como os antigos da Biblioteconomia podem ser explicitados da seguinte forma: 1) Modelo Deweyiano de Organização da Informação: representa a principal estrutura de organização da informação; e, 2) Modelo Deweyiano de Educação bibliotecária: está diretamente relacionado ao modelo anterior. E sua sustentação, se dá pelo papel de modelo que, em quase todo o mundo, é atribuído ao padrão educacional dos Estados Unidos.

Ainda conforme Souza (1997, p. 111) tais modelos remeteriam para um Paradigma geral que pode ser chamado de Paradigma da Estabilidade da Organização da Informação. Para Souza (1997, p. 112), ambos os modelos estão em crise. O primeiro modelo Deweyiano entrou em crise com as fórmulas de Organização da Informação imaginadas e construídas por Ranganathan. O segundo modelo Deweyiano, entrou em crise a partir da década de 1930, quando nos Estados Unidos criaram a Pós-Graduação em Chicago, “mas sem vencer a incerteza quanto a própria necessidade de uma Educação Bibliotecária formal para a realização de uma Organização da Informação e do conhecimento”. Neste sentido, o autor afirma que o novo paradigma da Biblioteconomia é o que ele chama de Modelo Ranganathiano de Organização da Informação. Tal modelo possibilitou a criação de tesouros como mecanismos de controle terminológicos facilmente manipuláveis por computador (SOUZA, 1997, p. 112-113).

Ranganathan (2009, p. 286-289) elenca os vários ramos da Biblioteconomia – classificação, catalogação, serviço de referência, administração da biblioteca, produção de livros, seleção de livros, organização da biblioteca, compêndio popular – a partir das cinco leis da Biblioteconomia.

Souza (1997, p. 114) afirma ainda que há o paradigma chamado de Paradigma do Fluxo da informação que só tem sentido/significado quando é visto como um processo de comunicação. O novo paradigma, para Souza (1997, p. 115) é chamado equivocadamente de paradigma da informação. Ele é assim chamado porque sendo mais abrangente, abarca os fluxos comunicativos, que por sua vez, absorve as formas que transportam a informação. Contudo, o autor aponta que os Paradigmas Deweyiano e Ranganathiano são complementares às estruturas existentes. Ou seja, não houve uma ruptura paradigmática, o que podemos observar é a atualização dos modos de organização e transferência da informação.

Nos últimos trinta anos, viu-se na Biblioteconomia, a tentativa da inserção paradigmática dos: a) Perfis de sujeitos [geradores e consumidores] de informação; b) Educação ao uso e produção da informação, convergindo para um virtual paradigma Usuários da Informação (SOUZA, 1997, p. 111).

Souza (1997, p.111) aponta que esse modelo não foi viabilizado devido à inconsistência de sua construção teórica que não fomentou um quadro metodológico consequente. Com isso, o autor ainda faz uma crítica a Biblioteconomia em si, apontando que tal fato revela a incapacidade dos pesquisadores da área em vê-la como condicionada a contextos, na medida em que sua construção se dá a partir das práticas existentes. Em contrapartida, Araújo (2013, p. 50) afirma que a preocupação com os usuários está presente na Biblioteconomia desde os seus primórdios enquanto disciplina científica, tendo o estudo efetivo no início do século XX.

Conforme podemos observar ao longo desta seção, muitos são os posicionamentos acerca da Biblioteconomia. A Biblioteconomia é percebida como um campo ligado as bibliotecas (BUTLER, 1971; MUKHERJEE, 1966, 1985; ORERA ORERA, 1996; CAVALCANTI; CUNHA, 2008). Neste sentido, Butler afirma que a Biblioteconomia é a ciência das biblioteca. Concomitante, Ranganathan (2009) afirma que a partir da sua formulação das cinco leis, a Biblioteconomia é uma ciência. Para Cunha e Cavalcanti (2008), a Biblioteconomia é definida como um conjunto de conhecimentos relativos aos documentos, aos livros e a biblioteca; ligada à administração, organização e regulamentação de bibliotecas (CUNHA; CAVALCANTI, 2008). Orera Orera (1996) pontua que a Biblioteconomia é a disciplina encarregada pela biblioteca, no entanto, aponta que trata-se de uma ciência documental tendo a biblioteca como seu objeto de estudo. Assim como Orera Orera (1996), Fonseca (2007) define a Biblioteconomia como uma ciência documental que enfoca quatro elementos: o livro (ou suporte informacional), a biblioteca, o leitor (ou usuário) e o bibliotecário.

Saracevic (1996) e Ortega (2004) pontuam que a Biblioteconomia é uma área que se dedica a organização, gestão, preservação e disponibilização de acervos de bibliotecas. Assim, a Biblioteconomia se constitui por meio de sua prática e sua pesquisa (SOUZA, 1997). Por outro lado, Mostafa (1983) e Souza (1997) afirmam que a Biblioteconomia é uma quase-ciência, pois ela atua como uma ciência da competência, não vai além da preocupação com as atividades de organização, recuperação e uso da informação. Com uma visão mais ampla da área, Fonseca (1988) pontua a Biblioteconomia como um campo amplo e integrado a outros campos do saber.

Andrade; Metchko e Solla (1981) enfatizam que a Biblioteconomia se dedica a dois aspectos: mecânico (ou técnico) e intelectual. Em contrapartida, Maciel (1985) define a Biblioteconomia como uma área que é vinculada as atividades pedagógicas e sociais, mais do que somente a perspectiva técnica. Assim, Butler (1971) e Cysne (1993) afirmam que a Biblioteconomia se preocupa com o acúmulo e preservação de conhecimento e sua difusão a sociedade. Neste sentido, para Shera (1977), em consonância com Fonseca (2007), o

objetivo da Biblioteconomia é aumentar a utilidade social dos registros do conhecimento, ou seja, atuar como uma gerência do conhecimento para democratizar o acesso.

Em linhas gerais, os autores sinalizam a Biblioteconomia como uma ciência que se dedica a biblioteca de maneira ampla; como uma área que se dedica as atividades de organização, preservação, gestão e difusão de acervos ou informação; e como uma área que se preocupa, sobretudo, com a socialização democrática do conhecimento registrado.

### **2.3.1 Biblioteconomia e Ciência da Informação: relações**

Na medida em que o tempo foi passando, a Biblioteconomia foi se transformando e adaptando seus saberes e práticas, conforme podemos observar. Entre as décadas de 1980 e 1990, as escolas e departamentos de Biblioteconomia no Brasil foram mudando a sua designação para Ciência da Informação, embora os cursos tenham mantido, em sua maioria, sua denominação (ARAÚJO, 2014, p. 104). Assim, nesta seção, apresentam-se os antecedentes dessa mudança e as relações estabelecidas entre a Biblioteconomia e a Ciência da Informação.

Em 1931, os advogados belgas Paul Otlet e Henri La Fontaine criaram o Instituto Internacional de Documentação (IID). O auge da Documentação se deu em 1937, durante o Congresso Mundial de Documentação. Em decorrência do Congresso, o IID transformou-se em Federação Internacional de Documentação (FID) (COSTA, 1990, p. 137). Assim sendo, "em decorrência do interesse especial pela coleta de dados e informações para as atividades dos técnicos, estabeleceu-se o ensino da Documentação como disciplina especial distinta da Biblioteconomia", que continuou com a tarefa do tratamento e controle da produção bibliográfica (COSTA, 1990, p. 138). No entanto, o crescimento bibliográfico cresceu aceleradamente resultando num impasse a realização deste controle. Na década de 1950, o uso sistemático do computador, contribuiu para agilizar os trabalhos da Bibliografia, Documentação e das bibliotecas especializadas.

A *Special Libraries Association* (SLA), criada em 1908, nos Estados Unidos, utilizou pela primeira vez o termo Biblioteconomia Especializada, oficializando a separação desta categoria de bibliotecários do grupo constituído pela *American Library Association* (ALA). Com o desenvolvimento tecnológico e o crescimento exponencial da produção e uso de documento no período pós Segunda Guerra Mundial, envolveu profissionais em atividades que caracterizavam a presença da Documentação nos Estados Unidos (ORTEGA, 2009, p. 69). Assim sendo, a Biblioteconomia Especializada (SLA) dividiu espaço com a Documentação a partir dos anos 1950. A Documentação, no entanto, distinguia-se da Biblioteconomia Especializada. No entanto, de acordo com Costa (1990, p. 138), o termo Documentação perdeu o seu interesse prático por três fatores: 1) A *American Library*

*Association* (ALA) negou-se a usar o nome em sua nova divisão, chamando-a de *Division of Information Science and Automation*; 2) O *American Documentation Institute* (ADI) passou a chamar-se *American Society for Information Science* (ASIS); e, 3) em 1966, passou a ser editado o *Annual Review of Information Science and Technology* (ARIST).

Posteriormente, a Documentação passou a ser representada pela denominada *Information Retrieval*, "entendida como o conjunto de estudos e atividades de armazenamento e recuperação da informação por meio de computadores", que se configura como uma das principais origens da Ciência da Informação nos Estados Unidos, na década de 1960 (ORTEGA, 2009, p. 70).

No final da década de 60, nos Estados Unidos, com o crescente desenvolvimento da Ciência da Informação, a Documentação chegou a ser considerada mais antiquada que a Biblioteconomia. Já na Europa continental, o termo Documental é ainda utilizado e se confunde, muitas vezes, com a ideia expressada pela Ciência da Informação (ORTEGA, 2004).

Assim sendo, conforme apontam alguns autores, a Ciência da Informação é a herdeira da Documentação. A Ciência da Informação (*Information Science*) nasceu e se consolidou no contexto anglo-saxão e soviético entre as décadas de 1940 e 1960. Destacam-se como eventos importantes na consolidação da Ciência da Informação: o surgimento da Teoria Matemática da Informação, descrita por Shannon e Weaver no final dos anos 1940, que explica os problemas de transmissão das mensagens por meio de canais mecânicos de comunicação; e a publicação, em 1968, do artigo intitulado *Information Science: what is it*, de Harold Borko, apresentando uma definição para a área (OLIVEIRA, 2005, p. 15; ARAÚJO, 2014, p. 111). Diante disso, Araújo (2014, p. 160) menciona que a Ciência da Informação se construiu conceitualmente na década de 1960, baseadas na diferenciação em relação às ciências dos acervos, das instituições e das regras de tratamento dessas instituições – Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia –, tal como essas áreas se consolidaram no final do século XX.

Assim como a década de 1970 foi um divisor de águas para a institucionalização da Biblioteconomia brasileira, foi o período em que a Ciência da Informação deu um dos primeiros passos no Brasil. Desse modo, a Ciência da Informação se consolidou institucionalmente a partir da década de 1970, com a criação do periódico intitulado "Ciência da Informação"; e com a criação da formação em nível de pós-graduação em Ciência da Informação. Desse modo, a formação da área de Ciência da Informação no Brasil confunde-se com a criação e trajetória do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), que fora criado em 1954 por meio de decreto presidencial e, a partir de 1976, passa a se chamar Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica (IBICT). Assim sendo, o IBICT "deveria ser um órgão de fomento e coordenação, com a missão de promover a

efetivação de um sistema nacional de informação em ciência e tecnologia, [...] abrangendo todas as formas de atividades de documentação e informação” (LEMOS, 2015, p. 231).

Em linhas gerais, a importância histórica da instituição reside, mais precisamente, na medida em que estabelece um marco de origem da Ciência da Informação no Brasil quando cria o Curso de Mestrado em Ciência da Informação em 1970, que visava

a criação da classe de cientistas da informação, à formação de técnicos de alto nível para direção de centros de informação das instituições científicas e industriais e ao aprimoramento de professores das escolas de graduação em biblioteconomia e documentação do Brasil (INSTITUTO BRASILEIRO DE BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO, 1970<sup>18</sup> *apud* LEMOS, 2015, p. 26).

Segundo Barreto (1995, p. 8) o feito marcou “o início da conscientização, no Brasil, para a necessidade de organizar e controlar a informação como uma ferramenta para o próprio desenvolvimento da ciência e da tecnologia”. Este curso marcou a entrada da Ciência da Informação no Brasil, sendo o pioneiro no Brasil e na América Latina. Podemos afirmar que os fatores que influenciaram a implantação da pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil é a própria necessidade de formação de recursos humanos especializados; a capacitação de docentes para instituições de ensino superior; e a conscientização da importância do desenvolvimento da pesquisa em informação.

Para Capurro (2003), a Ciência da Informação tem duas raízes: uma, que o autor denomina como Biblioteconomia clássica que corresponde ao estudo dos problemas relacionados à solução dos problemas relacionados com a transmissão das mensagens, ligada aos aspectos sociais e culturais; e a outra é a computação digital, referente ao impacto da computação nos processos de produção, coleta, organização, interpretação, armazenagem, recuperação, disseminação, transformação e uso da informação. De acordo com o autor, a CI está baseada em três paradigmas: originado no paradigma físico, questionado pelo paradigma cognitivo e substituído pelo paradigma social. Por outro lado, Araújo (2009) pontua que a Ciência da Informação se constituiu a partir de seis correntes teóricas: 1) Teoria Matemática da Informação, Recuperação da Informação e Bibliometria; 2) Teoria Sistêmica; 3) Teorias da Representação e da Classificação; 4) Produção e Comunicação Científica; 5) Estudos de Usuários; 6) Teoria Crítica da Informação.

Saracevic (1999) pontua que a Ciência da Informação possui três características que compõem a base da sua evolução e existência: o caráter interdisciplinar por natureza; a relação com a tecnologia da informação; e sua participação direta na sociedade da informação. Partindo destes princípios, podemos afirmar destacar os seguintes fenômenos sociais decorrentes da Segunda Guerra Mundial que contribuíram para a gênese da Ciência da Informação: o crescimento da literatura de qualquer domínio, denominada como

---

<sup>18</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO. **Cursos especializados e de pós-graduação – IBBD/UFRJ**. Rio de Janeiro: IBBD, 1970. 12p.

revolução científica; o crescimento exponencial das publicações científicas e tecnológicas; e a necessidade de estabelecer domínio sobre as informações disponíveis em todas as literaturas (SAMBAQUY, 1978, p. 53-54; SARACEVIC, 1999). Conforme afirma Sambaquy (1978, p. 54), esses fenômenos sociais contribuíram para que as técnicas empregadas pelas bibliotecas e centros de documentação passassem a ser estudadas e analisadas pela Ciência da Informação.

Sambaquy (1978, p. 55) define a Ciência da Informação como o "estudo dos fenômenos da comunicação e das propriedades dos sistemas de comunicação", tratando da investigação das técnicas e métodos para melhor compreensão das propriedades, do comportamento e circulação das informações. Para a autora, a CI será de real valor como elemento de dinamização e progresso para os serviços prestados pelas bibliotecas e centros de documentação e informação.

“O campo comum entre a Biblioteconomia e a CI, que é bastante forte, consiste no compartilhamento de seu papel social e sua preocupação comum com os problemas da efetiva utilização dos registros gráficos”. (SARACEVIC, 1996, p. 49). Contudo, o autor afirma que apesar da Biblioteconomia e da Ciência da Informação serem dois campos diferentes, possuem forte relação interdisciplinar e não um único campo, em que um consiste na manifestação especial do outro. Concomitante ao mesmo posicionamento, ao refletir sobre a relação entre a Biblioteconomia e a Ciência da Informação, alguns autores destacam que uma não se opõe a outra, ao contrário, Biblioteconomia e Ciência da Informação são vistas como aliadas naturais (SHERA<sup>19</sup> *apud* PINHEIRO; LOUREIRO, 1995; COSTA, 1990, p. 139).

De acordo com Sambaquy (1978, p. 55), “[...] a zona de maior contato, ou relacionamento é a que existe entre a BIBLIOTECONOMIA e a CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO”. Para a autora, a Ciência da Informação age como um apoio à Biblioteconomia, orientando-a para que estabeleça um conjunto de noções gerais comuns, que sirvam à solução dos seus problemas específicos, na prestação de serviços eficientes a um maior número de pessoas e ao menor custo possível (SAMBAQUY, 1978, p. 55).

Em seu estudo, Tanus (2013) aponta que a relação entre o campo científico da Ciência da Informação e a Biblioteconomia é intensa, devido à profunda alteração no campo epistemológico da Biblioteconomia desde o nascedouro da Ciência da Informação, na década de 1960. Diferentemente da história da Biblioteconomia que se liga inicialmente às bibliotecas e aos livros, a Ciência da Informação incorpora a informação como objeto de estudo desde sua primeira conceituação (TANUS, 2013, p. 58).

---

<sup>19</sup> SHERA, Jesse H. Sobre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. In: Ciência da Informação ou Informática? Rio de Janeiro, Calunga, 1980. p. 91-105.

Conforme podemos observar, há uma estreita relação entre a Biblioteconomia e Ciência da Informação, no entanto, Almeida (2007, p. 112) afirma que há uma “crise de identidade” da área quando falamos em ciência da informação e da Biblioteconomia. Para o autor, uma das maneiras como essa questão é enunciada, e que particularmente é pouco produtiva, refere-se a disputa “bibliotecário” versus “cientista da informação”. Trata-se de uma questão pouco produtiva porque existe uma característica comum às diversas atividades do campo da Ciência da Informação, embora haja as particularidades de cada campo. Contudo, “todos necessitam, em alguma medida, de competências culturais e comunicacionais para estabelecer o trânsito entre as necessidades dos usuários e os estoques de informação” (ALMEIDA, 2007, p. 112), qualquer que seja o espaço institucional.

Vislumbrando o nascedouro da Ciência da Informação, podemos observar que a CI tem uma relação estreita com a Biblioteconomia, sobretudo, por seus antecedentes. No Brasil a relação é ainda mais próxima porque a CI se instalou no espaço institucional da Biblioteconomia e pela relação de interdisciplinaridade entre os campos.

A partir do discurso, consensual, de que a Ciência da Informação é interdisciplinar (PINHEIRO; LOUREIRO, 1995; COSTA, 1990, p. 139), a apropriação de conceitos de outras disciplinas tem sido historicamente validada. A relação interdisciplinar entre a Biblioteconomia e a Ciência da Informação intensifica, sobretudo, se levarmos em consideração o fato de que as pesquisas biblioteconômicas são desenvolvidas no campo da Ciência da Informação. Buscando averiguar a atinência de tal assertiva no campo da Ciência da Informação, correlaciona-se as perspectivas contemporâneas da Biblioteconomia, apresentadas na seção anterior, desenvolvidas institucionalmente no escopo da Ciência da Informação brasileira. Dentre as perspectivas contemporâneas apresentadas, estão os estudos sobre *Information Literacy*, mediação e a nova Biblioteconomia, mencionada a partir de sua missão como um desdobramento do conceito de mediação, a ser explanada na seção a seguir. Tais perspectivas contemporâneas da Biblioteconomia tem algo em comum: são relacionadas aos estudos de usuários da informação, desenvolvidos pela Ciência da Informação. Entender a forma como os indivíduos concebem e se apropriam da informação tornaram-se objetos de interesse tanto da Ciência da Informação quanto da Biblioteconomia.

## 2.4 PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS

O novo contexto informacional trouxe às bibliotecas a necessidade de investimento em mecanismos de mediação mais condizentes com o contexto do usuário. A chegada das tecnologias digitais trouxe toda uma reconfiguração da própria estrutura dos produtos e dos serviços dos bibliotecários, com discussões em torno das bibliotecas digitais

e dos termos *web 2.0* e Biblioteca 2.0 (*library 2.0*), este último fruto do termo *web 2.0* (ARAÚJO, 2013, p. 55). Araújo (2013), em seu artigo intitulado “Correntes teóricas da Biblioteconomia” apresenta como se constituiu a Biblioteconomia científica e delinea três tendências contemporâneas, a saber: a competência informacional, a mediação da informação e as bibliotecas eletrônicas ou digitais. Acrescentaríamos, ainda, como uma perspectiva contemporânea o conceito de gamificação nas bibliotecas. Assim sendo, nesta seção, exploramos algumas perspectivas contemporâneas no tocante às bibliotecas e à Biblioteconomia.

Mencionamos rapidamente as bibliotecas digitais e virtuais na seção anterior intitulada “Bibliotecas”, quando pontuamos a tipologia de bibliotecas. Não há uma nomenclatura única para tais bibliotecas, sendo denominadas como bibliotecas sem paredes, biblioteca em rede, biblioteca no microcomputador, biblioteca lógica, biblioteca virtual, biblioteca digital, etc. (ROWLEY, 2002). No entanto, iremos utilizar o termo biblioteca digital para tratarmos desta perspectiva ao longo desta seção.

De acordo com Tammaro e Salarelli (2008, p. 119), uma das melhores definições de biblioteca digital foi formulada pela comunidade de pesquisadores sobre bibliotecas digitais no *Workshop on Distributed Knowledge Work Environments*, em Santa Fe, nos Estados Unidos, em 1997, que diziam que

[...] o conceito de ‘biblioteca digital’ não é simplesmente o equivalente ao de uma coleção digitalizada dotada de instrumentos de gestão da informação. É, antes, um ambiente que reúne coleções, serviços e pessoas para apoiar todo o ciclo vital de criação, disseminação, uso e preservação de dados, informação e conhecimento” (TAMMARO, SALARELLI, 2008, p. 119)

O Brasil possui uma tradição de serviços bibliotecários, que, geralmente, contam com sistemas de automação de bibliotecas. O rápido avanço da Internet no Brasil e a existência de uma base razoável de bibliotecas automatizadas contribuíram para a ampliação do número de iniciativas de bibliotecas digitais no Brasil (CUNHA; MC CARTHY, 2005, p. 28). Assim sendo, há várias iniciativas em bibliotecas digitais bem sucedidas, por exemplo, Prossiga<sup>20</sup> (Bibliotecas Virtuais Temáticas), Biblioteca Virtual do Estudante de Língua Portuguesa<sup>21</sup>, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações<sup>22</sup> e o SCIELO<sup>23</sup>, que hoje se transformou num portal. Os autores afirmam que a maioria das estatísticas

---

<sup>20</sup> PROSSIGA. Bibliotecas Virtuais Temáticas. Disponível em: <<http://prossiga.ibict.br/bibliotecas/>>. Acesso em: 19 maio 2016.

<sup>21</sup> BIBLIOTECA Virtual do Estudante de Língua Portuguesa. Disponível em: <[http://www.acervodigital.unesp.br/browse?type=author&value=Biblioteca+Virtual+do+Estudante+de+L%C3%ADngua+Portuguesa+\(BIBVIRT\)](http://www.acervodigital.unesp.br/browse?type=author&value=Biblioteca+Virtual+do+Estudante+de+L%C3%ADngua+Portuguesa+(BIBVIRT))>. Acesso em: 19 maio 2016.

<sup>22</sup> BIBLIOTECA Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/vufind/>>. Acesso em 19 maio 2016.

<sup>23</sup> SCIELO. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 19 maio 2016.

demonstra que as bibliotecas digitais brasileiras estão tendo significativos impactos na sociedade, na pesquisa e na cultura.

“As bibliotecas digitais constituem o único canal que tem o potencial de disponibilizar conteúdo cultural de bom nível para a Nação em geral. Isso representaria a grande contribuição das bibliotecas digitais para o progresso brasileiro” (CUNHA, MC CARTHY, 2005, p. 50). As bibliotecas digitais contribuem muito para facilitar o acesso à informação de maneira democrática, contudo, não se configura como o “único canal” com potencial de disponibilizar conteúdos culturais. As possibilidades da *web 2.0* reconfiguraram, mais uma vez, a maneira como acessamos a informação e construímos conhecimento.

O termo *Web 2.0* foi cunhado por Tim O’Reilly e Dale Dougherty da O’Reilly Media em 2004 para descrever as tendências e os modelos de negócios que sobreviveram ao “crash” do setor de tecnologia na década de 1990 (O’REILLY, 2005; MANESS, 2007, p. 43). Em 2005, ao escrever um artigo que fora publicado no site de sua empresa, O’Reilly estabeleceu quais seriam as características da *Web 2.0* e quais foram as razões de seu sucesso, as chaves econômicas e sociais que o justificaram. Estas características podem ser resumidas em três: 1) a *web* como uma plataforma; 2) remixar a *web*; e, 3) a arquitetura da participação. O’Reilly define a *Web 2.0* como uma mudança para uma internet plataforma, onde o objetivo é desenvolver aplicativos que aproveitem à inteligência coletiva em rede. Desse modo, a comunicação na *web 2.0* não é somente textual, é baseada na interação com o usuário. Assim sendo, os serviços e coleções baseadas na aplicação da *web 2.0*, tem sido denominada “Biblioteca 2.0” (MANESS, 2007, p. 43-44).

O termo Biblioteca 2.0 foi cunhado por Michael Casey, sendo aplicado além dos serviços e inovações tecnológicas. Jack Maness (2007, p. 44) define a “Biblioteca 2.0” como “a aplicação de interação, colaboração, e tecnologias multimídia baseadas em web para serviços e coleções de bibliotecas baseados em web”, e sugere que esta definição seja adotada pela comunidade biblioteconômica. De acordo com o autor, uma teoria para Biblioteca 2.0 poderia ter os seguintes elementos pontuados como essenciais: 1) centrada no usuário, que participam na criação de conteúdos e serviços na biblioteca; 2) experiência multimídia, já que os conteúdos tanto das coleções quanto dos serviços da Biblioteca 2.0 possuem componentes de áudio e vídeo; 3) é socialmente rica por incluir a presença dos usuários, de forma síncrona (como as mensagens instantâneas) e assíncrona (como as *Wikis*); 4) Comunitariamente inovadora baseada no fundamento de que as bibliotecas são serviços comunitários. Assim sendo, diferentemente do formato de biblioteca que conhecemos, na Biblioteca 2.0, os usuários interagem e constroem conteúdo uns com os outros e com os bibliotecários, o que caracteriza a Biblioteca 2.0 como socialmente rica e democrática.

A melhor concepção de Biblioteca 2.0 neste momento seria uma interface de rede social que o usuário desenha. Isto é, um OPAC [*Online public access catalogue*] personalizado que incluem acesso a MI, alimentadores RSS, blogs, wikis, tags, e perfis públicos e privados dentro da rede da biblioteca. Isto é realidade virtual da biblioteca, um lugar onde alguém pode não apenas procurar por livros e revistas, mas interagir com uma comunidade, com um bibliotecário, e compartilhar conhecimento e entendimento com eles (MANESS, 2007, p. 49).

As mídias criadas pela Web, na Web, originadas na Web, e as bibliotecas, estão ainda iniciando a explorar seu fornecimento através de aplicações de repositório digital e tecnologias de gestão de aquisição digital. No entanto, Maness (2007, p. 46) alerta que estas aplicações são geralmente separadas do catálogo da biblioteca, e que no contexto da Biblioteca 2.0 não mostrará nenhuma distinção entre formatos e os pontos pelos quais eles podem ser acessados. No formato da *web 2.0*, as bibliotecas são as instituições responsáveis por organizar, arquivar e prover acesso à informação. Ao invés de fornecer acesso controlado a coleções ou informação, o enfoque dado pela Biblioteca 2.0 é voltado para a facilitação da transferência da informação e da competência informacional. Abaixo, alguns exemplos apontados por Maness (2007) como mudanças da biblioteca no formato convencional para Biblioteca 2.0:

- Ao invés de Referência por e-mail/Páginas de Perguntas e Respostas, o uso do Serviço de Referência por *chat*;
- Os tutoriais textuais dão lugar aos tutoriais com streaming media e bases de dados interativas;
- Webmasters, listas de e-mails dão espaço ao uso de ferramentas mais interativas como os Blogs, *wikis*, alimentadores RSS;
- Os esquemas de classificação controlada poderão utilizar a *Tagging* somada com esquemas controlados;
- O uso do OPAC pode utilizar uma interface personalizada de rede social, etc.

A inserção de tecnologias na Biblioteca 2.0 muito contribuiu para o incremento do serviço de referência na biblioteca. Pessoa e Cunha (2007, p. 69) citando Jesse Shera<sup>24</sup> (1966, p. 21), afirmam que “o serviço de referência abrange todo o espectro que inclui desde uma vaga noção de auxílio aos leitores até um serviço de informação muito esotérico, muito abstrato e altamente especializado”. Hoje temos um cenário, em que lidamos com usuários que podem ser, ao mesmo tempo, leitor, autor e classificador da informação. Esse dinamismo só foi possível através do contexto da *web 2.0*. O número de usuários da internet cresce gradualmente. Dessa forma, a biblioteca precisa adequar suas ações e atuações

---

<sup>24</sup> SHERA, Jesse H. The challenging role of the reference librarian. In: Texas Library Association. **Reference, research and regionalism**. Austin, 1966. p. 21-34.

nesse espaço *on-line*. Nesse sentido, o serviço de referência deixa de ser um espaço com o material de referência e passa a ser um ambiente virtual, no qual o usuário não precisará ir à biblioteca física para ter a informação que precisa. Portanto, o serviço de referência virtual se caracteriza como um serviço da Biblioteca 2.0. O funcionamento em rede a prestação de serviço à distância constituem características típicas da biblioteca contemporânea (BAPTISTA, 2009, p. 25).

A ALA (2010) define o serviço de referência virtual como um serviço criado eletronicamente, em tempo real, no qual os usuários utilizam computadores ou outra tecnologia da internet para se comunicar com os bibliotecários sem estarem fisicamente presentes, por meio de videoconferência, serviços de voz na internet, correio eletrônico e mensagem instantânea.

As bibliotecas podem fazer bem ao continuar adotando essa tecnologia conforme ela evolui, na medida em que ela permite serviços de referência em uma mídia online para se aproximar/chegar mais perto dos mais tradicionais serviços de referência de uma biblioteca física. Certamente está próximo o tempo em que a referência Web será indistinguível da referência face-a-face; bibliotecários e usuários verão e escutarão uns aos outros, e compartilharão telas e arquivos (MANESS, 2007, p. 46).

No entanto, conforme podemos observar em Cunha; Pessoa (2007, p. 79), apesar da ideia de prestar serviços de informação fora do ambiente físico das bibliotecas não ser totalmente nova, somente nos últimos anos essas instituições começaram a explorar as sofisticadas ferramentas e tecnologias baseadas em ambiente *web* que permitem oferecer tais serviços.

A gamificação ou do inglês *gamification* consiste em trazer os métodos utilizados nos jogos para o ambiente organizacional, educacional ou qualquer área que se proponha a envolver um público-alvo com determinada tarefa (CATIVELLI; MONSANI; JULIANI, 2016, p. 71). Assim sendo, a gamificação em bibliotecas tem como princípio a interação com os usuários das bibliotecas. Os autores afirmam que averiguar o engajamento dos leitores com suas unidades de informação, e a gamificação das atividades podem auxiliar tanto a engajar os usuários quanto a mensurar esse engajamento.

A essência da gamificação consiste em pensar a atividade utilizando elementos dos jogos, o que pode até ser concretizado com o apoio de materiais simples. Como exemplo, pode-se citar uma interação na forma de uma caça ao tesouro que vise a ambientação da comunidade nos espaços da UI [unidade de informação] e que seja executada presencialmente fazendo uso de cartelas de papel contendo as missões (CATIVELLI; MONSANI; JULIANI, 2016, p. 80).

A aplicação da gamificação em bibliotecas compreendem as seguintes etapas: compreensão do problema e do contexto por meio de estudo de usuários; definição do público alvo para definição do jogo em conformidade com o perfil; delinear os critérios que nortearão a missão do jogo; desenvolvimento de ideias para o jogo levando-se em

consideração o perfil dos jogadores, qual problema se quer resolver e a missão do jogo; definição do jogo e sua mecânica, como a duração, frequência de interação, fases e regras do jogo, etc. O conceito de gamificação pode ser aplicado tanto em atividades pontuais, como atividades de incentivo a leitura, tanto enquanto serviço da biblioteca.

A gamificação é uma tendência recente nas bibliotecas brasileiras, podemos citar as seguintes bibliotecas que já implementaram: uma biblioteca do Instituto Federal Catarinense na cidade de Sombrio e Universidade Federal da Fronteira Sul em Chapecó, ambas em Santa Catarina (CATIVELLI; MONSANI; JULIANI, 2015).

A *Information Literacy* foi formulada por Zurkowsky nos Estados Unidos, em 1974 (ARAÚJO, 2013, p. 54). No Brasil, a partir da década de 1990, aos poucos a *Information Literacy*. Na literatura biblioteconômica brasileira, *Information Literacy* tem sido traduzida como competência informacional, torna-se o tema de algumas reflexões. Dudziak (2003, p. 28) define como "o processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessário à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida". Assim sendo, "o comportamento informacional abrange todas as ações passivas ou não intencionais em que há contato com a informação pertinente, até as intencionais de busca e uso da informação" (FADEL et. al., 2010, p.27).

Há três maneiras de conceber a *Information Literacy*: 1) concepção da informação com ênfase na tecnologia da informação; 2) concepção cognitiva com ênfase nos processos cognitivos; 3) concepção da inteligência com ênfase no aprendizado (DUDZIAK, 2003). Nas duas primeiras concepções, tanto o bibliotecário como a biblioteca assume o papel de mediador da informação. Já na concepção de "aprendizado ao longo da vida", a biblioteca aparece como espaço de aprendizagem e o bibliotecário como um agente educacional. Para o bibliotecário, representa uma profunda mudança, já que o profissional passa a agir como um agente educacional, como um agente do aprendizado, um mediador.

Almeida Júnior (2009, p. 92-93) distingue a mediação em: mediação implícita, que consiste nas ações desenvolvidas sem a presença física e imediata do usuário; e mediação explícita que ocorre nos espaços em que a presença do usuário é inevitável, mesmo que não seja física. Assim sendo, a mediação está presente,

[...] de maneira não explicitada na seleção, na escolha dos materiais que farão parte do acervo da biblioteca, em todo o trabalho de processamento técnico, nas atividades de desenvolvimento de coleções e também no serviço de referência e informação (ALMEIDA JÚNIOR, 2008, p.46).

Conforme afirmou Almeida Junior (2008), a mediação da informação vai desde a escolha de qual informação será disponibilizada, independentemente do artefato; aos produtos e serviços. Assim, podemos inferir que os bibliotecários já realizavam a mediação desde a Antiguidade. Desse modo, podemos observar a responsabilidade do bibliotecário

enquanto mediador, pois ele interfere diretamente nas informações e serviços que serão oferecidos aos usuários da biblioteca. Todas as atividades desenvolvidas na biblioteca pelo usuário são no intuito de facilitar o acesso à informação, ou seja, contribuir com a mediação da informação que será apropriada pelo usuário.

Assim sendo, com a ideia de mediação, podemos observar uma grande mudança na ênfase dada à biblioteca, deixando o caráter de difusão da informação e do conhecimento para o caráter dialógico. Neste sentido, a nova Biblioteconomia, conceito desenvolvido por R. David Lankes (2011), contemplado numa seção deste trabalho, reforça o papel mediador por meio da missão estabelecida de que os bibliotecários devem facilitar a construção do conhecimento nas comunidades. Assim sendo, a facilitação é um dos aspectos que contempla todo o processo de mediação, que conforme aponta Almeida Junior (2008, p. 4), está presente de maneira implícita em várias ações do bibliotecário, tendo como finalidade contribuir com a disponibilização e criação do conhecimento.

Diante do exposto, podemos afirmar que a por meio do processo de mediação da informação se desenvolve o comportamento informacional dos usuários, ao contribuir com o processo de busca da informação e apreender como estes usuários sentido para seus questionamentos a partir de suas habilidades e conhecimentos. As bibliotecas digitais, as ferramentas de Web 2.0 (Biblioteca 2.0) e o conceito de gamificação potencializam as ações das bibliotecas na medida em que permitem que os serviços, recursos e conteúdos se tornem cada vez mais acessíveis e interativos para uma quantidade cada vez maior de usuários. As perspectivas contemporâneas nas bibliotecas são voltadas para a interação e protagonismo do usuário, que no contexto da informação em rede quer interagir e construir conhecimento.

## 2.5 A NOVA BIBLIOTECONOMIA<sup>25</sup>

Durante a videoconferência apresentada no XXVI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBB), R. David Lankes nos falou sobre sua obra publicada em 2012 “*Expect More: Demanding Better Libraries for Today’s Complex World*”. Lankes afirmou que muito do foco em torno da Biblioteconomia é sobre o “como”. “Como organizamos materiais? Como construímos os prédios das bibliotecas? Como oferecemos certos programas?” Demasiados “como”. Contudo, se não compreendermos os “por quês”, os “comos” podem se tornar obsoletos. A pergunta norteadora da videoconferência feita

---

<sup>25</sup> O título desta seção é inspirado no título da obra do professor da Universidade de Syracuse, nos Estados Unidos, R. David Lankes, publicada em 2011 “*The Atlas of New Librarianship*”. Optamos por incluir esta seção após assistirmos uma mesa redonda por videoconferência com o referido autor durante o XXVI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBB).

pelo autor é "Por que temos bibliotecas?", "Por que precisamos de bibliotecários?", "Por que bibliotecários fazem o que fazem?" Tais questionamentos do autor nos instigaram a incluir a perspectiva da Nova Biblioteconomia trabalhada por Lankes (2011, 2012).

O "Atlas da Nova Biblioteconomia" está organizado em torno de seis grandes conceitos da missão das bibliotecas (Missão, Criação de Conhecimento, Facilitação, Comunidades, Melhorar a Sociedade, e Bibliotecários), visto que o destaque que norteia cada tópico é a missão do bibliotecário: "A **missão dos bibliotecários é melhorar a sociedade** por meio de **facilitação da criação de conhecimento** em suas **comunidades**"<sup>26</sup> (LANKES, 2011, p. 13, tradução nossa). Os tópicos abordados pelo Atlas circundam em torno da missão, isto porque o autor entende que a missão é o ponto de referência para a tomada de decisão, definição dos esforços e opções para os bibliotecários.

Ressalta-se que, para o autor, não importa o local onde o bibliotecário atue, seja em uma biblioteca ou um hospital, em um escritório de advocacia ou em uma empresa de motor de busca; a missão ainda permanece a mesma. Podemos entender a missão proposta por Lankes (2011) em seu Atlas, como uma missão universal.

A mudança fundamental é de coisas para o conhecimento humano. Ele muda o foco do trabalho dos bibliotecários de artefatos e os produtos de aprendizagem (como livros, páginas da web e DVDs) para o processo de aprendizagem. Ao invés de se preocupar com algum conceito exteriorizado como informações (ou, pior, "conhecimento registrado" [sic]), ele (Teoria da Conversação) coloca o foco da Biblioteconomia diretamente sobre o comportamento e os efeitos dos serviços sobre o indivíduo. Em essência, o valor de um livro, ou bibliotecário para essa matéria, é avaliada outra vez a necessidade de a capacidade dos membros da biblioteca para aprender<sup>27</sup> (LANKES, 2011, p. 23, tradução nossa).

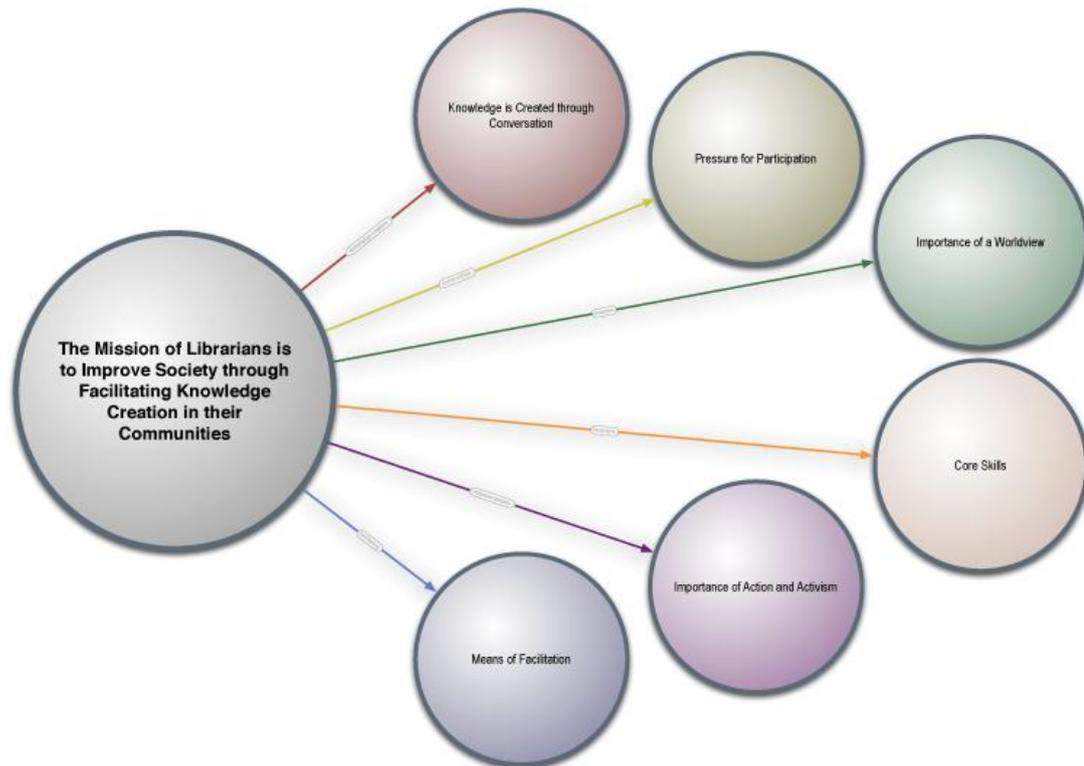
O ponto principal para o desenvolvimento de uma nova Biblioteconomia é a relação da biblioteca diretamente com a sua comunidade. Neste sentido, Lankes (2011, 2012) esclarece que devemos encarar a comunidade como membro, e não como usuário, cliente ou outros termos que usamos recorrentemente. Desse modo, os serviços das bibliotecas são para atender as necessidades **da comunidade** e não **para a comunidade**. Este é o fundamento da nova Biblioteconomia.

---

<sup>26</sup> O autor utiliza a palavra 'comunidade' no sentido mais amplo, não restringindo a determinado grupo ou espaço geográfico. No âmbito da nova Biblioteconomia, a comunidade é entendida com um grupo de pessoas que possuem uma variável em comum e tem conhecimento disso.

<sup>27</sup> "The fundamental shift is from things to human knowledge. It changes the focus of the work of librarians from artifacts and the products of learning (like books, web pages, and DVDs) to the learning process. Rather than being concerned with some externalized concept such as information (or, worse, "recorded knowledge"), it (Conversation Theory) places the focus of librarianship squarely on behavior and the effects of services on the individual. In essence, the value of a book, or librarian for that matter, is evaluated again the need of the library members' ability to learn" (LANKES, 2011, p. 23).

**FIGURA 2 - Missão do bibliotecário na nova Biblioteconomia**



Fonte: LANKES (2011, p. 398)

A nova Biblioteconomia é a Biblioteconomia reformulada com o foco nas bibliotecas, utilizando o conceito fundamental de que o conhecimento é criado a partir da conversa; baseada não em livros e artefatos, mas no conhecimento e na comunidade. Assim sendo, conforme podemos ver na figura acima, a missão do bibliotecário de melhorar a sociedade por meio do conhecimento criado pela comunidade, pode ser desenvolvida a partir dos seguintes aspectos: o conhecimento é criado através da conversação (diálogo); pressão para a participação; importância da visão de mundo; competências essenciais; importância da ação e ativismo; e meios de facilitação.

Nas bibliotecas, o conceito de “facilitar a criação de conhecimento” prevista na missão que norteia o Atlas, está intimamente ligada aos princípios associados com o desenvolvimento de uma aprendizagem independente. Corroborando a isso, em seu conceito<sup>28</sup> de biblioteca, David Lankes enfoca que as bibliotecas são espaços sociais de engajamento e aprendizado. Esta concepção de biblioteca, no entanto, não é recente. Luís Milanese (2002a, p. 78) afirma que a biblioteca permite aproximar pessoas “que estando ali para conhecer determinados conteúdos podem participar de ações coletivas [...] como a discussão do conhecimento e a criação de novos”. Contudo, no contexto da nova

<sup>28</sup> Contudo, o autor chama a atenção para o fato de que mesmo o melhor conceito de biblioteca é abstrato, porque as bibliotecas não fazem ou deixam de fazer, tampouco, devem ou não fazer. Quem faz, deve ou não nas bibliotecas, são os bibliotecários que são os responsáveis pelos resultados e impactos das bibliotecas nas comunidades.

Biblioteconomia, todas as atividades desenvolvidas pela biblioteca, devem estar alinhadas com os objetivos da comunidade. Assim sendo, devemos reconhecer que os membros de uma comunidade não são consumidores passivos de informação e que eles são a razão das bibliotecas existir. “Eles merecem uma nova Biblioteconomia, merecem novas bibliotecas que permitam mudanças radicais<sup>29</sup>” (LANKES, 2012, p. 25, tradução nossa).

O autor utiliza elementos da Teoria da Conversação<sup>30</sup> para afirmar que o conhecimento é criado pela comunidade através do diálogo. Desse modo, Lankes (2011, p. 63) aponta que enquanto profissionais estamos no negócio do conhecimento, e assim sendo, estamos no negócio da conversação. Os bibliotecários atuam como facilitadores de conversação; buscando enriquecer, capturar, armazenar e divulgar os diálogos de suas comunidades (LANKES, 2011).

Temos quatro meios de facilitação (acesso, o conhecimento, ambiente e motivação) que se resumem a: levá-los para uma conversação, saber o que estão fazendo e ajudá-los a se sentir seguro e compelido a participar (LANKES, 2011, p. 80). A seguir, breve explanação acerca dos quatro meio de facilitação:

- Acesso: Em linhas gerais, o acesso é a maneira de conseguir com que uma pessoa participe de um diálogo, seja por meio de artefatos ou de redes digitais. No contexto informacional que vivemos, facilmente podemos dar acesso ao autor de um artigo ou livro, por exemplo, não só ao artigo ou livro como acontece corriqueiramente. Lankes (2011, p. 67) nos lembra de que grande parte da educação bibliotecária está focada no acesso (catalogação, metadados, recuperação da informação, etc.), só que no acesso a artefatos. O grande diferencial deste aspecto da nova Biblioteconomia é o acesso a diálogos e conhecimentos reais, para contribuir para a construção do conhecimento pela comunidade. No entanto, ao seguir esta linha de raciocínio, o autor pontua que no futuro a aquisição será uma questão de produção, não de compra.
- Conhecimento: Os bibliotecários têm entendido a necessidade de ir além do acesso por algum tempo por meio de sua função educativa. A partir de conceitos anteriores de orientação bibliográfica, os “bibliotecários de ensino” empenham-se para aumentar as habilidades básicas dos membros da comunidade em sua busca por informação. O autor exemplifica ao mencionar os bibliotecários de referência equipe de referência que vão além de simplesmente fornecer respostas e fornecer

---

<sup>29</sup> "They deserve a new librarianship, a new library that enables radical positive change" (LANKES, 2012, p. 25).

<sup>30</sup> Na Teoria da Conversação parte-se do princípio de que o aprendizado ocorre por meio de conversações que servem para tornar o conhecimento explícito.

instrução, mas que também ensinam o membro da comunidade como pesquisar de forma independente. Neste sentido, ao participar de uma conversação, cada membro provavelmente tinha um conceito básico sobre determinado assunto, mas com a participação eles estavam adicionando mais conceitos ao seu conhecimento existente, como resultado de um grande número de diálogos anteriores (LANKES, 2011, p. 72).

- Ambiente: O ambiente está ligado à ideia de segurança. A segurança aqui se refere a dois aspectos: a sensação de segurança física, muitas vezes enfatizada nas configurações de biblioteca pública que fornece segurança intelectual e cultural; e a segurança do uso dos bibliotecários para facilitar o conhecimento em muitos contextos. Lankes (2011, p. 77) nos deu um exemplo simples e emblemático acerca da sensação de segura: Quando o bibliotecário ao moderar uma lista de discussão de Internet e evita *spam* e afins, já está fornecendo aos assinantes uma sensação de segurança. Neste sentido, com conceitos de liberdade intelectual e privacidade, pode-se argumentar que a segurança é um valor fundamental de qualquer biblioteca.
- Motivação: O membro da comunidade está na conversação, sabe o que está acontecendo e se sente seguro para participar, certo? Ainda não. E é aí que entra a motivação, pois se o membro não quer se envolver na conversa e não for incentivado a fazê-lo, o diálogo não ocorrerá (LANKES, 2011, p. 78). O autor afirma que os bibliotecários, muitas vezes, desvalorizam a importância da motivação nas conversas. Muitas vezes os membros procuram a biblioteca e seus recursos de sua própria vontade ou são na verdade motivados a fazer atribuições assim. Por isso, é importante motivar.

Diante do exposto, podemos observar que o conhecimento é construído por meio do diálogo e facilitado pelo bibliotecário, que auxilia e motiva, ou não, a participação dos membros do conhecimento nesse processo. Com isso, o autor pontua que há uma relação de poder. “[...] nas mãos de bibliotecários, o poder é a capacidade de fazer as nossas comunidades e, finalmente, a nossa sociedade, um lugar melhor<sup>31</sup>” (LANKES, 2011, p. 80, tradução nossa).

Esse é o poder de ser um bibliotecário. Olhar para as pessoas e não como problemas, mas como membros em necessidade - na necessidade de serviços, suporte e, sim, a alfabetização. Mas em última análise, na

---

<sup>31</sup> “[...] in the hands of librarians, power is the ability to make our communities, and ultimately our society, a better place” [LANKES, 2011, p. 80).

necessidade de poder. O poder se sustentar e viver uma vida digna. O poder de criar e aprender, e não simplesmente para sobreviver<sup>32</sup> (LANKES, 2011, p. 80, tradução nossa).

O Tópico que aborda a pressão para a participação no Atlas, parte do princípio de que para aprender é preciso participar. Ou seja, em consonância com o Tópico anterior, durante uma conversação, os membros precisam participar, porque se não o que ocorrerá será um monólogo que é útil apenas para transmissão de conhecimento, não para a criação de um novo conhecimento. Lankes (2011, p. 84) denomina esse processo de participação entre os membros da comunidade para a criação de novos conhecimentos como “Biblioteconomia participativa”. Segundo Lankes (2011, p. 84) a fonte fundamental da pressão na Biblioteconomia é o desejo dos membros da comunidade, muitas vezes não reconhecida pelos bibliotecários, de participar, envolver-se com os assuntos da biblioteca, seja por meio de uma adaptação da interface do sistema, seja no tempo disponibilizado para uso dos recursos (horário de funcionamento da biblioteca, por exemplo) ou como a informação está disposta.

A importância da visão de mundo é um dos Tópicos do Atlas que norteia a missão do bibliotecário e dá nome a obra do autor. A partir da articulação da visão de mundo, podemos focar no contexto vivenciado (local onde estamos), articular nossas opções e até onde podemos ir. Contudo, Lankes (2011) ressalta que essa visão de mundo deve ser independente de qualquer conjunto de ferramentas e/ou tecnologias, porque elas são dinâmicas e mudam rapidamente, assim como a nossa sociedade. Com este entendimento, o autor faz uma crítica aos bibliotecários ao afirmar que a visão de mundo se tornou tão fixada nos artefatos (livros, CDs, etc.) que eles têm dificuldade em separar os seus objetivos das ferramentas que utilizam (LANKES, 2011, p.15).

Assim sendo, a visão de mundo deve ser baseada na teoria e em profundos conceitos. Lankes (2011, p. 16) propõe que os bibliotecários tenham uma visão de mundo da Biblioteconomia que transcenda as ferramentas para a organização da informação e manter o conhecimento registrado. O autor defende e alerta que manter o conhecimento registrado é vital, mas não o suficiente para sobreviver aos tempos atuais, mas sim para abrir um mundo de possibilidades.

Há muitas profissões que compartilham um interesse na criação de conhecimento, portanto, o autor menciona que há competências essenciais que dizem respeito aos bibliotecários, a saber: organização da informação, busca da informação, desenvolvimento de coleção e administração. As competências neste caso são os nossos

---

<sup>32</sup> “That is the power of being a librarian. To look at people not as problems but as members in need – in need of services, support, and, yes, literacy. But ultimately in need of power. The power to support themselves and live dignified lives. The power to create and learn , not simply to survive (LANKES, 2011, p. 80)

meios de facilitação de acesso, conhecimento, ambiente e motivação. (LANKES, 2011, p. 137). Contudo, o autor esclarece que a Biblioteconomia não é definida pela maneira como fazemos as coisas (visão funcional), mas sim pelo motivo que nos levou a fazer (visão de mundo que norteia).

Nenhuma habilidade ou ferramenta nos define bibliotecários. Em vez disso, é nossa missão e uma visão de mundo que acompanha. Código, prateleiras, artefatos e até mesmo graus: Estas são a armadura e as armas da nossa luta contra a ignorância e a intolerância. [...] Com o tempo, as ferramentas de hoje vão desaparecer, e as habilidades que nós prezamos então irão evoluir, mas a missão? A missão continua<sup>33</sup> (LANKES, 2011, p. 185, tradução nossa).

A “nova Biblioteconomia não refuta habilidades como organização da informação ou busca de informações. Em vez disso, coloca uma ênfase diferente sobre a importância dessas habilidades e o foco dentro da especialidade<sup>34</sup>” (LANKES, 2011, p. 137, tradução nossa).

Quando Lankes (2011) aponta a importância da ação e do ativismo para cumprir a missão do bibliotecário na nova Biblioteconomia, ele quer dizer que se bibliotecários realmente desejam melhorar a sociedade por meio da facilitação do conhecimento, eles não só devem ter suas vozes ouvidas, como também trabalhar constantemente para melhorar a sociedade através da ação, assim os bibliotecários serão ativistas. Ser da comunidade no conceito e na ação é o aspecto que merece destaque. Neste sentido, o autor alerta que facilitação pode ajudar um membro a desenvolver o conhecimento, mas não garante o conhecimento que podemos chamar de “certo”. Aí entra a ação do bibliotecário. O ativismo efetivo se dá por meio da ação do bibliotecário com os serviços que são oferecidos (LANKES, 2011, p. 118).

Por muito tempo, os bibliotecários criaram ferramentas para ajudar a construir as coleções, mas com toda essa mudança na maneira de tratar e usar a informação por meio das tecnologias, “requer bibliotecários para adotar (e, eu diria, criar) novos instrumentos” (LANKES, 2011, p. 3, tradução nossa). Lankes (2012) afirma que os bibliotecários são os facilitadores, desse modo, podem aproveitar-se das tecnologias para atuar também remotamente via mídias sociais, construindo novas ferramentas baseadas na *web* em conjunto com outros especialistas. “O maior trunfo que qualquer biblioteca tem é um bibliotecário<sup>35</sup>” (LANKES, 2011, p. 29, tradução nossa).

---

<sup>33</sup> “No one skill or tool defines us as librarians. Instead, it is our mission and an accompanying worldview. Code, shelves, artifacts, and even degrees: These are the armor and weapons of our fight against ignorance and intolerance. [...] In time the tools of today will fade, and the skills we hold so dear will evolve, but the mission? The mission remains” (LANKES, 2011, p. 185).

<sup>34</sup> “New librarianship does not refute skills such as information organization or information seeking. Instead it puts a different emphasis on the importance of these skills and the focus within the skill” (LANKES, 2011, p. 137).

<sup>35</sup> “The greatest asset any library has is a librarian” (LANKES, 2011, p. 29).

Cada bibliotecário que conheci tem a história. [...] É a história que eles dizem a mesmos depois de uma reunião chata ou o conjunto de vinte direções para o banheiro ou a última substituição de cartucho de toner. [...] Elas são sobre pessoas. Há sempre uma conversa [diálogo]. Há sempre um ponto quando o bibliotecário e membro compartilham um triunfo e o mundo, mesmo que apenas por um momento, ou apenas de forma minúscula, tornou-se um lugar melhor. Facilitação verdadeira e bem sucedida é quando um bibliotecário ajuda a um membro encontrar a sua própria história<sup>36</sup> (LANKES, 2011, p. 80-81, tradução nossa).

O bibliotecário é mais que um conjunto de habilidades, trata-se de um profissional que tem a missão de contribuir com a sociedade, facilitando o conhecimento em sua comunidade. E aí está a importância de uma visão de mundo global para fundamentar a missão. Lankes aponta que somente por meio da missão do bibliotecário associada à visão de mundo, o campo da Biblioteconomia evoluirá para enfrentar novos desafios (LANKES, 2011, p. 29).

Contudo, utilizando as palavras do autor, os bibliotecários não são uma ilha. É importante trabalhar em equipe para atingir sua missão. Lankes (2011, p. 195) aponta que os bibliotecários devem trabalhar com advogados, técnicos, educadores e especialistas de conteúdo, etc. para coreografar a facilitação necessária dentro de suas comunidades. Muitas vezes, quando a ideia de uma abordagem em equipe interdisciplinar é proposta, vários obstáculos são rapidamente identificados. Por isso, o autor alerta que a solução não é evitar atuar com equipes interdisciplinares, a solução é “blindar-nos com a companhia de especialistas. Ao trabalhar com o cientista, o escritor, o técnico, e o líder da comunidade, ampliamos nosso efeito e ajudamos o avanço da missão<sup>37</sup>” (LANKES, 2011, p. 197).

As bibliotecas sempre abrigaram coleções, mas não são apenas “depósitos” de materiais informacionais, com o tempo elas passaram a ser espaços de aprendizagem e devem ser entendidas como um espaço democrático onde cada membro da comunidade lê o que quer e como quiser. Ou seja, a comunidade é considerada como parte da construção do acervo e não apenas objetivo ou foco. Embora o enfoque sobre a comunidade já tenha sido destacado por alguns autores como Mukherjee (1966) e Lasso de La Vega (1952), Lankes (2011) aborda este aspecto dos membros da comunidade como protagonistas de maneira mais incisiva. Neste sentido, independentemente da tipologia, Lankes (2012) aponta que a missão das bibliotecas é criar uma nação de cidadãos proativos e informados, porque o futuro da comunidade está nas decisões e nos talentos dos cidadãos.

---

<sup>36</sup> “Every librarian I have ever met has the story. [...] It is the story that they tell to themselves after a boring meeting or the twentieth set of directions to the bathroom or the last toner cartridge replacement. [...] They are about people. There is always a point when the librarian and member shared a triumph and the world, even if just for a moment, or just in a minuscule way, became a better place. True and successful facilitation is when a librarian helps a member find his or her own story” (LANKES, 2011, p. 80-81).

<sup>37</sup> “[...] armor ourselves with the company of experts. By working with the scientist, the writer, the technologist, and the community leader, we amplify our effect and help forward the mission” (LANKES, 2011, p. 197).

Macedo (1986, p. 219) pontuou que “apesar de todo o progresso científico, a Biblioteconomia e seus profissionais ainda teimam por manter a velha atitude de encarar o conhecimento como algo pronto a ser adquirido e reproduzido”. Eis o grande diferencial da Nova Biblioteconomia! O conhecimento não é um algo pronto para adquirir e reproduzir, o conhecimento é uma construção social e a missão do bibliotecário é facilitar a criação do conhecimento **com** os membros da comunidade e não para a comunidade. No contexto da nova Biblioteconomia, o bibliotecário participa ativamente na construção do conhecimento junto com a comunidade. Em consonância com este posicionamento, Mukherjee (1966, p. 60) afirma que é responsabilidade da biblioteca funcionar como parte integrante da sociedade, e quando falamos em biblioteca entendemos de maneira ampla contemplando seus profissionais.

Com as tecnologias de informação e comunicação, bibliotecas de todos os tipos estenderam-se para a rede para prover acesso e para ser uma nova alavanca para o desenvolvimento digital do conhecimento. “A tecnologia e um foco renovado sobre a comunidade são o que nos permite pensar melhor as bibliotecas para a comunidade<sup>38</sup>” (LANKES, 2012, p. 85, tradução nossa).

Neste aspecto, Lankes (2011, p. 3) afirma que, embora, a tecnologia tenha trazido uma mudança revolucionária, considerar a tecnologia como o “único motor de mudança é míope ao extremo”. Corroborando com essa afirmação, Lankes pontua que nosso maior desafio é ajudar as pessoas a tirarem proveitos das ferramentas digitais (LANKES, 2012, p. 18).

Na era digital, o espaço físico das bibliotecas, principal local de atuação dos bibliotecários, pode ser cada vez menor, entretanto para que a comunidade trabalhe e crie, este espaço precisa existir e sempre crescer. Lankes (2011, p. 3) afirma que nós, bibliotecários, somos o futuro das bibliotecas, não os edifícios, embora possam permanecer por séculos ainda. “A hera pode crescer nas colunas, o café pode muito bem ser servido, e os livros podem ser engavetados. Mas eles devem ser feito por nossa decisão em resposta às necessidades de nossas comunidades<sup>39</sup>” (LANKES, 2011, p. 3, tradução nossa).

Neste contexto, das novas tecnologias de informação e comunicação, novas nomenclaturas são utilizadas para denominar as bibliotecas, tal como “Biblioteca 2.0”, assim como ocorre também com a web, sendo chamada de “Web 2.0”, para designar a maneira como estes ambientes estão sendo percebidos e utilizados, como ambientes de interação e participação da comunidade. Lankes (2011) afirma que tais termos dão a ideia de rápida sucessão e por este motivo não concorda com a nomenclatura. Contudo, não podemos

---

<sup>38</sup> “Technology and a renewed focus on the community are allowing us to reclaim libraries for communities” (LANKES, 2012, p. 85).

<sup>39</sup> “Ivy may grow on the columns, coffee may well be served, and books may be shelved. But they shall be done so by our decision in response to the needs of our communities.” (LANKES, 2011, p. 3)

negar que existe algo profundamente novo e interessante acontecendo: as pessoas querem participar. Tal fato deve ser levado em consideração também no contexto das bibliotecas, conforme mencionamos acima quando tratamos do desejo de participação dos membros da comunidade.

A nova Biblioteconomia de Lankes nos dá uma nova perspectiva, um novo olhar, para a Biblioteconomia que conhecemos e que vínhamos praticando ao longo do tempo. Em linhas gerais, o que as bibliotecas e os bibliotecários fazem é facilitar a criação do conhecimento, e isso é apenas um aspecto da missão, trabalhando para tornar a comunidade mais inteligente por meio do fornecimento do acesso e da criação do conhecimento; ao fornecer treinamentos, contribuindo com a aprendizagem; proporcionando segurança física e intelectual e motivando a comunidade (LANKES, 2011; 2012).

Além da missão do bibliotecário que norteia todo o discurso teórico da nova Biblioteconomia, aspectos como: as competências e habilidades dos bibliotecários, a motivação versus a função da biblioteca, a importância da comunidade e o peso das tecnologias da informação, são questões que nos convidam a refletir e reorientar nossa atuação corroborando com a literatura da Biblioteconomia.

A nova Biblioteconomia de Lankes vê as habilidades e competências do bibliotecário sob uma perspectiva diferenciada do que estamos acostumados. As competências, habilidades e perfil do bibliotecário são objetos de estudo dos pesquisadores da área, por outro lado, a missão do bibliotecário não tem o mesmo destaque. A missão do bibliotecário estabelecida no contexto da nova Biblioteconomia possui a maior relevância, tanta que o autor pontua que somente por meio desta missão associada à visão de mundo é que a Biblioteconomia evoluirá para enfrentar novos desafios. A concepção de que a biblioteca não é mais um depósito, abordada pela nova Biblioteconomia, também não é um assunto novo (LASSO DE LA VEGA, 1952; ORERA ORERA, 1995). Ainda que o que Lankes (2011) traz não seja exatamente uma novidade, outros autores já tinham falado de alguns assuntos, conforme podemos ver, o seu mérito é, sobretudo, juntar os diferentes aspectos de crítica à biblioteca, ao bibliotecário e a Biblioteconomia e propor um grande modelo sistemático, com todos estes aspectos, numa nova proposta global.

### 3 METODOLOGIA

A metodologia foi definida em função dos objetivos propostos para o estudo, que busca identificar e compreender o que é a Biblioteconomia contemporânea a partir da percepção dos bibliotecários e dos professores que lecionam no curso de graduação em Biblioteconomia.

O presente estudo é de caráter qualitativo e exploratório. A pesquisa exploratória tem por objetivo proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo acerca de determinado fato (GIL, 2008, p. 27). Conforme aponta Marconi e Lakatos (2003, p. 188) são investigações de pesquisa empírica

cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 188)

Os procedimentos adotados para a consecução dos objetivos deste trabalho compreenderam as seguintes etapas:

1. Levantamento, seleção e consulta à literatura;
2. Elaboração de roteiro semiestruturado para entrevista e aplicação de pré-teste;
3. Pesquisa de campo por meio de entrevistas com os professores da Escola de Ciência da Informação (ECI) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e com os bibliotecários que atuam em diferentes campos de atuação na cidade de Belo Horizonte;
4. Análises dos dados coletados durante as entrevistas.

#### 3.1 AMOSTRA

Levando em consideração que “embora as experiências possam parecer únicas aos indivíduos, as representações de tais experiências não surgem das mentes individuais; em alguma medida, elas são o resultado de processos sociais” (GASKELL, 2007, p. 71), e de que “o objetivo da pesquisa qualitativa é apresentar uma amostra do espectro de pontos de vista” (GASKELL, 2007, p. 70), optamos por entrevistar tanto bibliotecários quanto professores, partindo do princípio de que uma ciência é o que seus praticantes definem que ela é e a forma como atuam (ARAÚJO *et. al.*, 2007; GEERTZ, 2008). Conforme aponta Geertz (2008, p. 15)

se você quer compreender o que é a ciência, você deve olhar, em primeiro lugar, não para suas teorias ou suas descobertas, e certamente não para o

que seus apologistas dizem sobre ela; você deve saber o que os praticantes da ciência fazem. (GEERTZ, 2008, p. 4)

Tivemos uma amostra intencional que "consiste em selecionar um subgrupo da população que, com base nas informações disponíveis, possa ser considerado representativo de toda população" (GIL, 2008, p. 94). Ao escolhermos os entrevistados, privilegamos a diversidade dos discursos dos professores e bibliotecários, seja ao definirmos pela pluralidade de instituições, seja ao definirmos pelas temáticas de interesse. Assim sendo, as entrevistas foram realizadas com:

- Professores/pesquisadores da área, graduados em Biblioteconomia, que ministram disciplinas de diferentes temáticas para o curso de graduação em Biblioteconomia da Escola de Ciência da Informação; e
- Bibliotecários que atuam em diferentes áreas de atuação (bibliotecas escolares, públicas, universitárias, especializadas, empresas, autônomos, etc.) na cidade de Belo Horizonte.

Após tentativas de obter dados oficiais dos diferentes campos de atuação dos bibliotecários brasileiros registrados e do quantitativo de profissionais de acordo com a atuação por meio de entidades de classe, tais como Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB)<sup>40</sup> e Conselho Regional de Biblioteconomia 6ª Região<sup>41</sup> (CRB-6), optamos por elencar os locais de atuação dos bibliotecários recorrendo à literatura. Esclarecemos que não foi intenção desta pesquisa entrevistar bibliotecários de todos os campos de atuação, mas sim conhecer a diversidade de discursos dos profissionais a partir dos locais de atuação.

Optamos por realizar as entrevistas em Belo Horizonte por ser a capital do Estado, local onde ocorre a formação da maioria dos bibliotecários mineiros e também onde se encontra o maior contingente profissional. A escolha por professores da Escola de Ciência da Informação se deu, sobretudo, por ser uma instituição que possui uma posição de destaque no cenário biblioteconômico brasileiro, com 65 anos dedicados ao ensino de Biblioteconomia. Além disso, em razão do tempo determinado para realização da pesquisa

---

<sup>40</sup> Pretendia-se fazer uma pesquisa ilustrativa com os bibliotecários que exerçam a profissão em diferentes locais de atuação a partir de dados oficiais provenientes do Censo do Profissional Bibliotecário Brasileiro realizado pelo Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB). Tal pesquisa não seria a tentativa de revelar um "espelho da realidade" e os resultados não seriam extrapolados para o universo representativo dos bibliotecários atuantes em diferentes campos de trabalho. Contudo, os resultados do referido Censo não foram divulgados. Contudo, foram divulgados no SNBU e no ENANCIB, ambos ocorridos em 2008, resultados referentes à validação dos instrumentos de coleta dos seguintes dados: perfil e competências do profissional. Em contato por correio eletrônico, a Presidente da gestão responsável pelo Censo afirmou que os dados sobre os locais de atuação foram levantados, mas não foram atualizados e nem divulgados.

<sup>41</sup> De acordo com o CRB-6, até maio de 2016, havia 2.303 (dois mil trezentos e três) registros ativos de um total de 4.261 (quatro mil duzentos e sessenta e um) inscritos. Desse total de inscritos estão inclusos os profissionais cancelados, licenciados, transferidos, baixados por vencimento (registro provisório), além dos registros cancelados por falecimento.

e o fator da acessibilidade do pesquisador junto a esses profissionais (professores e bibliotecários) reforçou a importância da escolha.

O contato inicial com os bibliotecários se deu por meio de contato telefônico e por *e-mail* com os locais de atuação, que após conhecer os objetivos propostos pela pesquisa e demonstrando interesse em participar, entraram em contato para agendar a entrevista. Com os professores, o contato inicial ocorreu por meio de *e-mail* e as entrevistas foram agendadas conforme a disponibilidade de cada um. Apenas uma instituição e um professor não retornou o contato para agendar a entrevista.

## 3.2 COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada por meio da pesquisa bibliográfica e da entrevista semiestruturada.

### 3.2.1 Pesquisa bibliográfica

O levantamento, seleção e consulta à literatura se deu por meio da leitura dos livros e textos relacionados à biblioteca, Biblioteconomia e bibliotecário com a finalidade de obtermos elementos para analisar as transformações da Biblioteconomia, conforme previsto nos objetivos específicos.

Realizamos também a leitura dos artigos publicados no periódico “Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG”, com o recorte temporal a partir da década de 1990 para apreender os conceitos de biblioteca, Biblioteconomia e bibliotecário naquele contexto. Optamos pelo recorte temporal a partir da década de 1990 porque foi neste período que a proposta da ‘*World Wide Web*’ começou a tomar forma (VASCONCELLOS FILHO, 2010). Ao consultar os artigos do periódico editado pela então Escola de Biblioteconomia da UFMG, não foi nossa intenção conhecer a realidade da cidade de Belo Horizonte por meio deste periódico. Consultamos o referido periódico por sua importância; sendo junto com o periódico “Ciência da Informação” um dos primeiros do Brasil (OLIVEIRA, 2005); para compreender a maneira como os pesquisadores apreendiam a Biblioteconomia na época em que a internet estava remodelando a forma como o profissional atuava e, assim, embasar a entrevista.

### 3.2.2 Entrevista

A partir da pesquisa bibliográfica extraímos as “temáticas-chave” para elaborar o roteiro semiestruturado de entrevista individual para os bibliotecários e professores. A pesquisa de campo foi realizada por meio do método de entrevista porque entendemos que

Toda pesquisa com entrevista é um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são o meio principal de troca. Não é apenas um processo de informação de mão única passando de um (o entrevistado) para outro (o entrevistador). (...) Deste modo, a entrevista é uma tarefa comum, uma partilha e uma negociação de realidades. (GASKELL, 2007, p. 73-74)

De acordo com Gil (2008, p. 109), no âmbito da pesquisa social a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas porque se trata de um método bastante adequado para obter informações sobre o que os entrevistados “sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes”.

Duarte (2002, p. 145) citando Dauster (1999)<sup>42</sup> afirma que este tipo de trabalho tem como objetivo compreender as redes de significado a partir do ponto de vista do ‘outro’, operando não apenas com a sistematização de categorias, mas operando com a lógica que não deve ser interrompida enquanto não puder ser minimamente compreendida.

A elaboração das questões para a entrevista foi norteada pelos objetivos específicos desta pesquisa e pela literatura (APÊNDICES A e B). “As perguntas são quase que um convite ao entrevistado para falar longamente, com suas próprias palavras e com tempo para refletir.” (GASKELL, 2007, p. 73)

A entrevista foi o método que escolhemos para atingirmos os seguintes objetivos: verificar a percepção dos professores e bibliotecários com relação à visão de biblioteca, bibliotecário e Biblioteconomia; e apontar os desafios contemporâneos da área.

O pré-teste foi realizado em 30 de junho de 2015 com dois bibliotecários, ambos de bibliotecas especializadas. Após a realização do pré-teste, observamos que algumas perguntas podiam ser realizadas de maneira diferente para melhor compreensão dos entrevistados e assim, atingirmos os objetivos da pesquisa.

Os dados em campo foram coletados mediante a realização de entrevista individual com os bibliotecários e professores, por meio de um roteiro semiestruturado para orientação do entrevistador.

Antes de iniciar a entrevista, foi explicado o objetivo da pesquisa e que a confidencialidade da identidade dos entrevistados seria mantida. As entrevistas com os

---

<sup>42</sup> DAUSTER, T. A Fabricação de livros infanto-juvenis e os usos escolares: o olhar de editores. *Revista Educação*, [Rio de Janeiro], n. 49, p. 1-18, nov. 1999.

bibliotecários foram realizadas entre o período de 10 de outubro de 2015 e 27 de novembro de 2015, em seus respectivos locais de atuação. Já as entrevistas com os professores foram realizadas no período entre 20 de janeiro de 2016 e 03 de fevereiro de 2016, e a última no dia 07 de março de 2016.

As entrevistas foram gravadas e tiveram duração entre 49 e 130 minutos. A transcrição das entrevistas foi realizada sempre que possível após as entrevistas porque “uma média comum é que a transcrição leve algo entre 4 e 6 vezes o tempo envolvido na coleta de dados” (GIBBIS, 2009, p. 28). Após a transcrição completa das entrevistas foi feita a análise de conteúdo (BARDIN, 2009), com a escuta atenta das gravações e leitura das transcrições por repetidas vezes.

### *3.2.2.1 Análise das entrevistas*

Conforme pontua Bardin (2009), a análise de conteúdo, enquanto método, torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. As diferentes fases da análise de conteúdo organizam-se em torno de três pólos, conforme Bardin (2009, p. 121) pontua: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; e, 3) o tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação. Desse modo, seguimos as etapas metodológicas pontuadas por Bardin (2009):

- Pré-análise: a partir das entrevistas e da escuta dos áudios realizados;
- Exploração do material: por meio da transcrição dos áudios realizados durante as entrevistas e da sistematização das respostas agrupando-as em categorias;
- Tratamento dos resultados: comparação das transcrições das entrevistas e retorno a fundamentação teórica para associações e inferências.

Após a realização das etapas mencionadas, elencamos os dados obtidos nas entrevistas sistematizando-os nas seguintes categorias em consonância com a fundamentação teórica e suas respectivas subcategorias:

- Biblioteca: Contexto informacional nas bibliotecas;
- Bibliotecário: Papel mediador do bibliotecário, Formação do bibliotecário;
- Biblioteconomia: Dicotomia técnica versus humanismo, Impacto das tecnologias para a Biblioteconomia;
- Análise a partir do conceito da Nova Biblioteconomia.

## 4 O CAMPO DE FORMAÇÃO E A PRÁTICA PROFISSIONAL: VISÕES DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIAIS

Com a realização das entrevistas, extraímos da experiência profissional e didática/pesquisa dos entrevistados, elementos que expliquem as questões contemporâneas da biblioteca, do bibliotecário e Biblioteconomia. Assim, com esta seção, analisamos as questões que emergem a partir do referencial teórico.

Foram entrevistados nove (9) bibliotecários atuantes em diferentes locais de trabalho. As identidades dos entrevistados e de seus locais de atuação foram preservadas, de agora em diante serão tratados como Bibliotecário 1, Bibliotecário 2, Bibliotecário 3, conforme a ordem em que foram entrevistados.

Para facilitar a compreensão das respostas dos bibliotecários entrevistados, elaboramos o quadro abaixo com algumas características que foram levadas em consideração ao definirmos a amostra, tais como o local de atuação e o ano de conclusão da graduação.

**QUADRO 8 - Perfil dos bibliotecários entrevistados**

	<b>Conclusão da graduação</b>	<b>Pós-graduação</b>	<b>Local de atuação</b>
Bibliotecário 1	2013	MBA Gestão de Projetos	Empresa que organiza documentos
Bibliotecário 2	2013	-	Biblioteca escolar
Bibliotecário 3	2010	Mestre em Ciência da Informação	Biblioteca escolar e universitária
Bibliotecário 4	2013	Mestrando em Ciência da Informação	Agência governamental
Bibliotecário 5	2006	Mestrando em Ciência da Informação	Biblioteca universitária
Bibliotecário 6	1980	Especialista em Administração Municipal	Instituição de cultura
Bibliotecário 7	2002	Mestre em Ciência da Informação	Biblioteca pública
Bibliotecário 8	1994	-	Arquivo
Bibliotecário 9	2007	-	Museu

Fonte: dados da pesquisa

Foram entrevistados cinco (5) professores que lecionam no curso de Biblioteconomia da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, todos graduados em Biblioteconomia e envolvidos em diferentes temáticas da área. As identidades dos entrevistados também foram preservadas, de agora em diante serão tratados como Professor 1, Professor 2, Professor 3, conforme a ordem em que foram entrevistados.

Abaixo elaboramos o quadro com as características que levamos em consideração para selecionarmos os professores entrevistados. Para facilitar a compreensão das respostas dos professores, informações como a área de atuação no

exercício da docência/pesquisa direcionam a interpretação que cada entrevistado deu às questões que abordamos durante a entrevista, ou seja, “o lugar de onde vem” tais discursos sobre as questões que abordamos durante a entrevista.

**QUADRO 9 - Perfil dos professores entrevistados**

	<b>Conclusão da graduação</b>	<b>Pós-graduação</b>	<b>Área de atuação</b>
Professor 1	1997	Mestrado e Doutorado em Ciência da Informação	Tratamento da informação
Professor 2	1982	Mestrado e Doutorado em Ciência da Informação	Fontes de informação
Professor 3	1990	Mestrado e Doutorado em Ciência da Informação	Tratamento da informação
Professor 4	1969	Mestrado em Ciência da Informação e Doutorado em outra área	Informação, cultura e sociedade
Professor 5	1986	Mestrado e Doutorado em Ciência da Informação	Gestão da informação e do conhecimento

Fonte: dados da pesquisa

Buscou-se apresentar e analisar as informações na mesma sequência lógica em que foi estruturado o referencial teórico.

## 4.1 BIBLIOTECA

Esclarecemos que quando falamos das bibliotecas com os entrevistados, optamos por considerá-la de maneira generalizada, não consideramos as tipologias. Nossa intenção foi apreender a pluralidade de discursos sobre a biblioteca dos diferentes perfis profissionais, independentemente de sua tipologia.

Para compreender como os entrevistados percebem a biblioteca e a Biblioteconomia, perguntamos qual a relação que se estabelecem entre elas. A Biblioteconomia e as bibliotecas, conforme observamos ao longo das entrevistas possuem uma relação intrínseca.

Nos posicionamentos abaixo, os entrevistados, ambos os professores, deixam claro que a biblioteca é fundamental para a Biblioteconomia, sendo a partir da Biblioteconomia que as ações desenvolvidas nas bibliotecas se estabelecem.

“Há uma relação direta entre as bibliotecas e a Biblioteconomia. [...] É uma relação direta só que a gente precisa mergulhar nessa Biblioteconomia para compreender as necessidades dessas bibliotecas, sobretudo, para além da perfumaria<sup>43</sup>, a gente precisa nas nossas bibliotecas de Biblioteconomia” (Professor 3).

“É pela Biblioteconomia que as ações das bibliotecas se estabelecem e é pelas bibliotecas que a Biblioteconomia também enxerga alguns campos de atuação” (Professor 5).

<sup>43</sup> O Professor 3 mencionou algumas vezes ao longo da entrevista o termo “perfumaria” ao referir-se aos serviços oferecidos pelas bibliotecas voltados para a área pedagógica e ações culturais.

Lasso de La Vega (1952, p. 3) aponta em seu "Manual de Biblioteconomia" que a Biblioteconomia dedica-se ao estudo da organização e administração de bibliotecas. Desse modo, o autor afirma que a biblioteca tem que se preocupar sobre como escolher e selecionar os livros mais úteis para a realização dos seus objetivos; e organizá-los de modo que seja mais fácil de encontrar; lembrando que o enfoque deve ser sobre a comunidade que usa a biblioteca tanto como fonte de estudo como para lazer (LASSO DE LA VEGA, 1952, p. 5).

Embora as bibliotecas tenham uma "relação direta" com a Biblioteconomia, elas não respondem pela complexidade da área. O ambiente das bibliotecas não responde a totalidade da Biblioteconomia, uma vez que, de acordo com os entrevistados, não há bibliotecas sem a Biblioteconomia, mas há Biblioteconomia sem bibliotecas. Neste aspecto, a Biblioteconomia é entendida como o sistema que organiza as informações.

"Então, a biblioteca é emblemática da Biblioteconomia, mas ela não explica a Biblioteconomia enquanto ambiente, e acho que ela vale antes de tudo como conceito de um sistema de organização de serviços de informações. Ainda que usasse o nome Biblioteconomia, é como se ela pudesse representar essa totalidade, mas o ambiente não dá conta de responder" (Professor 1).

"Não se faz uma biblioteca sem a Biblioteconomia, mas se faz uma Biblioteconomia sem bibliotecas. Eu não acho que tenha que ter para que você consiga ter uma atuação de bibliotecário, não necessariamente você precisa estar numa biblioteca" (Professor 2).

"A biblioteca é uma instituição basilar quando a gente fala em Biblioteconomia, mas antes de tudo, é no nível do conceito. Ela não é o ambiente que responde pela Biblioteconomia" (Professor 1).

A Biblioteconomia fornece elementos para a prática bibliotecária. Podemos observar quando pensamos na importância da instituição biblioteca e em sua estruturação conforme o contexto vivenciado, somos chamados a pensar também na institucionalização dos serviços oferecidos. Por séculos é de natureza das bibliotecas deixar tudo organizado, normalizado. Neste aspecto, o Professor 2 chama atenção para esta questão de institucionalizar os serviços da biblioteca para proporcionar maior visibilidade e qualidade exemplificando por meio do serviço de referência.

"Por que o serviço de referência nas bibliotecas, às vezes, é tão carente de reconhecimento, de atividades, de implantação? Ele não é institucionalizado na maioria das vezes. Ele é feito de uma forma improvisada, encontra poucas instituições que tem um planejamento com serviço de referência" (Professor 2).

Corroborando com a afirmação do Professor 2, Alves e Vidotti realizaram um estudo em 2006 em que observaram como problema a identificação de como o Serviço de Referência e Informação Digital vem sendo utilizado em unidades de informação, em

especial, nas bibliotecas digitais, no que tange as características, tipos e planejamentos dos serviços.

Contudo, um dos entrevistados ressaltou que há muitos serviços considerados luxuosos e criticou que está faltando Biblioteconomia, no sentido de organização, nas bibliotecas.

“É uma relação direta só que a gente precisa mergulhar nessa Biblioteconomia para compreender as necessidades dessas bibliotecas. [...] A gente precisa de bibliotecas organizadas e não mascaradas com serviços luxuosos. Agora a gente tem muitos métodos pedagógicos e está faltando Biblioteconomia? [...] Como assim gente? Está faltando Biblioteconomia e isso não pode faltar” (Professor 3).

Durante a entrevista, o Professor 3 deixou explícito que entende por “perfumaria” e “serviços luxuosos” as atividades realizadas nas bibliotecas com um viés pedagógico, utilizados, principalmente, nas bibliotecas escolares. Com um ponto de vista semelhante, o Bibliotecário 9 aponta que é mais importante ter um bom acervo do que atividades extras nas bibliotecas.

“Não adianta uma biblioteca tentar fazer atividades extras para atrair público e tal se não tem um acervo bacana” (Bibliotecário 9).

As bibliotecas e sua vinculação com as demandas da sociedade por informação foi um tópico discutido com os entrevistados durante as entrevistas. Para os entrevistados abaixo, há uma responsabilidade social das bibliotecas, no sentido de atender às demandas por acesso e difusão das informações. Oliveira (2005, p. 22) pontua que dentre as funções da biblioteca, a mais importante é dar acesso.

“É claro que, quando falamos em demandas da sociedade, estamos cientes das lutas de força que quase sempre privilegiam as demandas e os interesses dos grupos dominantes, seja pelo poder político ou financeiro, ou por ambos. Assim, o discurso da Biblioteconomia pode estar argumentando a favor da difusão ampla da informação e as bibliotecas podem estar, na prática, desmentindo aqueles enunciados” (Professor 4).

“Eu acho que tem essas questões e a responsabilidade social passa por aí. Como você vai lidar? E à medida que você também lida com pessoas, né? Você está ali ajudando uma pessoa a se informar, então você tem uma responsabilidade com a maneira como esta sendo feito” (Professor 2).

“[...] eu acho que tem que existir um equilíbrio de você lembrar que nós existimos pra atender a demanda de pessoas né, e que essas pessoas estão num cenário que está num processo de mudança, por isso que a gente tem que modificar, se reinventar pra atender a essas necessidades” (Professor 3).

Adequar as bibliotecas à dinâmica da sociedade é um desafio para a área. De acordo com o discurso abaixo, é um desafio complexo em termos políticos e sociais. As bibliotecas precisam estar mais próximas de seu público, que em sua maioria, está nas redes, e ao mesmo tempo deve repensar a maneira como a biblioteca é vista.

“[...] pensar em novas propostas, em novos públicos, públicos que não frequentam a biblioteca acho que esse é um desafio muito grande, daqueles que nunca foram á biblioteca, daqueles que não lê ainda, nosso desafio é um desafio complexo, porque ele sofre impacto das políticas públicas não é, [...] a gente tem uma missão que é defender a eficiência desse espaço e ao mesmo tempo repensar no espaço que seja atraente pra esse publico [...] é um ambiente que precisa ser dinâmico e ao mesmo tempo, é um ambiente ao mesmo tempo sagrado, as pessoas olham pra biblioteca como sagrado, tem que pensar nisso também, sagrado demais [...]” (Professor 3).

Um dos bibliotecários lembrou o serviço de INFORMAÇÃO UTILITÁRIA como uma das formas de cumprir seu papel social, que como ele bem ressaltou vai além, mas seria uma maneira de mostrar a importância e o potencial positivo das bibliotecas na vida das comunidades. Uma vez que a função social da biblioteca está em ser, principalmente, “o fio condutor entre os indivíduos e o conhecimento que eles necessitam” (OLIVEIRA, 2005, p. 23).

“Outra coisa também que eu acho muito importante que as bibliotecas poderiam ter, foi até um trabalho que a gente fez, é informação utilitária... É superinteressante! Eu acho que assim ela cumpriria o seu papel social, o cumprimento desse papel vai muito além. [...] mas eu acho que contribuiria muito para ajudar a realidade de comunidades, poderia ser um instrumento de desenvolvimento local e a partir disso ela iria atrair só mais visitantes para ela, para aproveitar o que ela tem a oferecer” (Bibliotecário 4).

O conceito de informação utilitária, ou informação para a comunidade (*community information services*), sempre esteve ligado à ideia de atendimento à população de baixa renda, que não tem fácil acesso à informação ou que mesmo com uma gama de informações disponíveis, tem dificuldades de localizar e utilizá-las (CAMPELLO, 1998). Tais serviços auxiliam a resolverem situações problemáticas como: identificar oportunidades de emprego, conhecer seus direitos como cidadãos, utilizar o serviço público, dentre outras. “À menor dúvida, cada habitante da cidade poderia saber onde obter a resposta” (MILANESI, 2002a, p. 10). Assim sendo, a fala acima atenta-nos para percebermos a biblioteca com essa responsabilidade social mencionada anteriormente, e para a necessidade de reinventarmos esse espaço para atender a demanda das pessoas. Neste sentido, observamos o discurso da biblioteca como local do CONHECIMENTO ORGANIZADO e do contato humano. Para tanto deveria ter um acervo de qualidade e organizado.

“A biblioteca ainda se configura em local, por excelência, do conhecimento organizado e do contato humano. Na biblioteca o mediador está, ou deveria estar, preparado para auxiliar nas necessidades de seus usuários e ainda propor novos caminhos e conteúdos que ainda os são desconhecidos” (Bibliotecário 7).

“Olha, eu sou mais tradicional. Eu acho que a gente tem que ter um bom acervo. Aqui como é uma biblioteca especializada na história de Belo Horizonte, então eu acho que tem que ter um acervo pertinente a sua especialidade e bem completa. Pra mim é isso. Acho que uma biblioteca vai cumprir mais sua missão se ela for mais completa com relação ao objetivo proposto” (Bibliotecário 9).

Além de a biblioteca estar equipada com um acervo de qualidade e atualizada, as falas dos bibliotecários abaixo atentam para a necessidade de observar o USUÁRIO da biblioteca, seja por meio de estudos de usuários para adequação do acervo, seja no processo de mediação da informação.

“Eu acho o seguinte, a biblioteca como uma instituição, como qualquer meio de formação ela tem que estar atualizada. Porque não adianta nada eu chegar a uma biblioteca, como eu encontrei no Colégio, e ter livros lá do século II, III que os alunos não utilizam, para preencher as estantes. Então, tem que fazer constantemente o estudo de usuários, tem que saber o que os alunos gostam de ler” (Bibliotecário 1).

“Penso que uma biblioteca deve, primeiramente, estar organizada pelas regras biblioteconômicas e possuir um acervo de qualidade. Feito isso, deve contar com pessoal capacitado, pronto para fazer a mediação entre a informação e o usuário” (Bibliotecário 7).

Assim sendo, o bibliotecário precisa conhecer a cidade e o seu público para entender de que informações necessitam, precisa organizar para um cenário e um público. Milanese (2002a, p. 107) reforça esta ideia ao afirmar que mesmo com toda a revolução tecnológica e a globalização “que parecem ter resumido o mundo em uma aldeia”, as expectativas e necessidades informacionais permanecem em torno da vida cotidiana.

“O que eu penso que o público espera dessa biblioteca é o acesso físico e o acesso virtual, esse acesso é o que se espera. [...] Agora, o que eu espero é que elas sejam mais que isso. [...] O usuário quer acesso e preservação de todas as possibilidades que a biblioteca conseguir, digital, físico, referências, contato com a gente...” (Bibliotecário 5).

Na fala acima, é importante destacar quando o Bibliotecário 5 menciona a diferença entre o que o usuário espera que seja a biblioteca e o que ele enquanto profissional espera. Em linhas gerais, o usuário quer acesso à informação, seja física ou virtual, enquanto o bibliotecário espera que a biblioteca seja mais do que garantir o acesso, já que ela tem um potencial grande na formação do público.

Há um consenso entre os bibliotecários entrevistados de que a biblioteca não é e tampouco deve ser vista como um depósito de livros. Pelo discurso dos entrevistados, podemos afirmar que a biblioteca deve ser utilizada de maneira mais livre pelo seu público.

“É engraçado que aqui a gente escuta muito assim, pelo menos dos profissionais que trabalham aqui ou às vezes dos estagiários que chegam, eles exigem muito dos alunos aquele silêncio, não vamos conversar, até mesmo nos momentos de projetos ou alguma coisa mais animada, [...] se a gente tem um espaço de estudo, um espaço de cuidados especiais com o acervo, muitas regras, mas que antes de ter livros, de ter informação a gente precisa ter gente para usar” (Bibliotecário 3).

“Quando eu cheguei na biblioteca escolar eu mudei o conceito. Ela não é o local de apoio didático apenas. Ela é, mas é local de formação de leitores. Então, eu mudei toda a dinâmica da biblioteca que eu trabalhava, fui muito combatida [...]” (Bibliotecário 6).

No entanto, nem sempre é fácil transpor o discurso de que a biblioteca não é um depósito e que o público deve utilizá-la de maneira livre para a ação. Em consonância com o discurso anterior, o Bibliotecário 6 seguiu relatando algumas de suas experiências em bibliotecas. De acordo com ele, a maioria era muito restritiva, por isso ele alega que foi muito combatido quando levou novas ideias para a biblioteca. Na biblioteca escolar, quando ele começou a trabalhar em conjunto com os professores e abriu espaço para os demais funcionários frequentar a biblioteca, começou a haver uma mudança na maneira de ver a biblioteca.

“Aí eu já teorizei, biblioteca não é para professor mandar não, não é castigo, não é depósito de livros do MEC, não é isso. Aí eu já criei programação cultural para ela, tirei aquela coisa dos horários de aula serem na biblioteca, biblioteca é de livre acesso para horários escolhidos pelas crianças e pelos jovens” (Bibliotecário 6).

Macedo (1986, p. 214) afirma que sendo a biblioteca uma instituição social, para atingir a sua finalidade, ela precisa “refletir a sociedade da qual faz parte, evoluindo de acordo com o seu progresso e as suas necessidades”. Neste aspecto, os entrevistados demonstraram certa preocupação com a necessidade de repensar a estrutura atual das bibliotecas para adequá-las a sociedade contemporânea.

“A biblioteca sempre foi uma instituição muito complexa, mas obviamente, em sociedades cada vez mais complexas ela tem que fazer jus e ela faz. Tem diferenças, claro, mas eu não posso nivelar por baixo” (Professor 1).

“A biblioteca é uma instituição essencial, o formato dela é que talvez a gente precise pensar. Será que hoje a gente consegue manter as bibliotecas como elas estão estruturadas, com essa mesma estrutura de décadas? Mas, a instituição, é fundamental” (Professor 2).

Neste aspecto, com relação à atuação da biblioteca atualmente, os professores, sobretudo, demonstraram uma preocupação com a importância de reinventar este espaço para adequá-lo ao contexto atual.

“Nossa, vou te falar, nós temos muitos desafios. Eu acho que um dos desafios mais importantes é trabalhar a própria biblioteca como espaço e talvez até reinventar a biblioteca, porque nós temos muitos concorrentes. [...] [O bibliotecário] tem esse desafio de construir uma biblioteca mais interessante, mais flexível, compreender qual informação o usuário está precisando” (Professor 3).

Ao reinventar o espaço das bibliotecas em conformidade com o presente momento, o Professor 3 menciona a necessidade de torná-lo mais interativo com o usuário, expandindo para novas mídias.

“No CBB, não sei se você assistiu uma apresentação de uma pessoa que falava assim ‘Às vezes o sujeito quer um outro tipo de informação que nunca é endereçada nos livros, as vezes ele quer, por exemplo, uma informação sobre sementes, ele quer plantar, ele quer amostra de sementes” (Professor 3).

A mudança do comportamento do usuário e conseqüentemente da instituição biblioteca estão relacionadas com o novo cenário informacional bem como com as necessidades de informação no menor tempo possível. Em consonância com as falas acima, o Professor 5 complementa afirmando que é também um desafio mostrar o diferencial das bibliotecas atualmente.

“Um desafio que eu acho é ele fazer com que ele mostre se ele está numa biblioteca o que é que ela traz de diferente, e eu não acho que seja um desafio fácil não, o que ela daria de diferente, o que ele, profissional, traria de diferente para um usuário que pode encontrar informação com muito mais facilidade do que há alguns anos atrás e que ele não precisa ir à biblioteca” (Professor 5).

De acordo com as falas dos entrevistados, a biblioteca é um local para despertar o interesse a LEITURA, mas ela deve ir além da leitura. Deve ser também um espaço dinâmico, de compartilhamento e de convivência, de acesso à cultura.

“Na minha opinião, a biblioteca ela tem que ir além da leitura. Eu vejo a biblioteca muito como um centro de informação, mais cultural. A biblioteca, nos dias de hoje, sempre tem essa visão de biblioteca como um ambiente de cultura, não um ambiente de depósito de livro” (Bibliotecário 2).

“Não é só um espaço de leitura, espera-se também que a biblioteca seja um espaço de discussão, espaço de compartilhamento do conhecimento e da aprendizagem, espaço para ouvir música também, a gente faz festival de música aqui dentro...” (Bibliotecário 3).

Edson Nery da Fonseca (2007) dedica um capítulo especialmente dedicado à relação entre o leitor, USUÁRIO, e a LEITURA, em sua “Introdução a Biblioteconomia”. Citando Domingo Buonocore, o autor pontua que podemos entender que o usuário é aquele que utiliza habitualmente um ou vários serviços da biblioteca. Assim como Fonseca (2007, p. 64), utilizaremos a palavra usuário e leitor como sinônimas. Fonseca (2007) nos lembra de que o advento da democracia e o progresso da indústria gráfica contribuíram para uma valorização do o usuário ou leitor, tornando-o o elemento mais importante da biblioteca. Assim sendo, podemos afirmar que é finalidade das bibliotecas proporcionar acesso a leitura.

A partir do discurso do Bibliotecário 3, podemos observar uma nova concepção para as bibliotecas com a ideia de APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO. Observando-se as regras do setor, seja para o estudo ou para o lazer, o entrevistado ressalta a importância de o usuário reconhecer a biblioteca como um local feito para ele.

“Eu acho que eles se apropriarem desse espaço para fazer algo que gostem também, eu não tenho muitas limitações nesse sentido. [...] O que me deixa mais feliz aqui, de verdade, é quando eu vejo as crianças e os adolescentes aqui dentro. Pode parecer uma ideia meio romântica minha da Biblioteconomia, mas os momentos mais alegres que eu tive aqui foi nos momentos em que eles estão fazendo uma leitura, ou que eu via os meninos aqui no clube do livro fazendo uma leitura e discutindo sobre as literaturas, alunos falando pra mim ‘tia, eu não tinha lido esse livro não mas

depois que a gente conversou sobre ele eu gostei muito e vou ler” (Bibliotecário 3).

Complementando o discurso anterior, o Bibliotecário 4 e o Bibliotecário 6 apontam a necessidade de darmos maior ênfase as pessoas, tornando a biblioteca um ambiente mais dinâmico, porque nada adiantará as atividades técnicas desenvolvidas se não houver quem as utilize.

“Acho que é um lugar que serve para disponibilizar as informações, mas não de uma forma estática, não deixar tudo aquilo lá e esperar que as pessoas cheguem até você. Eu acho que a biblioteca tem essa função, mas ao mesmo tempo, tem a função de trazer o leitor para ele fazer parte disso” (Bibliotecário 4).

“Eu sempre comparo a um organismo vivo. Ela tem essa função de guardar a herança cultural. Essa herança, esses objetos, esses suportes, esses livros, eles são fundamentais, se eles ficarem parados ali, não são nada, se eles forem lidos, eles são tudo. Eles são objetos, a gente que dá vida a eles. São linguagens diferentes” (Bibliotecário 6).

Neste sentido, Oliveira (2005, p. 23) destaca que embora haja muitas pesquisas sobre usuários, a metodologia sempre privilegiava a avaliação dos serviços da biblioteca e não nos usuários propriamente. É necessário pensar que as atividades realizadas na biblioteca são para as pessoas. Neste sentido, ao apontarmos a necessidade de investir nos usuários, podemos observar no discurso do Bibliotecário 2 a seguir, a fusão do entendimento da função da biblioteca com a função do bibliotecário.

“A biblioteca deve investir no usuário, acho que essa é a principal função do bibliotecário, estar investindo no usuário. Estar ampliando os conhecimentos” (Bibliotecário 2).

O Bibliotecário 6 demonstrou ao longo da entrevista um posicionamento mais rígido quanto ao uso da biblioteca contando, inclusive, casos pessoais e até mesmo queixas sobre sua postura.

“O entendimento que eu tenho do público é esse, por ser público ele tem regras, tem normas, o público não é casa de mãe Joana não” (Bibliotecário 6).

O Bibliotecário 6, ressalta ainda que para ele só há o efetivo uso da biblioteca quando utilizam algum material proveniente dela. Para ele, o que é feito pelo usuário na biblioteca é o que a caracteriza como tal.

“A pessoa vem com o seu caderno para a biblioteca, ele é leitor da biblioteca? Leu o acervo da biblioteca? Não. Agora, se ele veio e pegou um dicionário, pegou um jornal, abriu aquele livro, conversou sobre a biblioteca, ele usou. Uma biblioteca por uma biblioteca é uma sala com livros, mas o que é feito nela é que a faz uma biblioteca. Então eu sou radical nesse capítulo” (Bibliotecário 6).

Ao longo da entrevista, o Bibliotecário 1 afirmou que o que faz uma biblioteca crescer é um posicionamento proativo do bibliotecário, que deve ter iniciativa e o empenho.

Ele destacou sua experiência positiva no mercado de trabalho ao implantar projetos em uma biblioteca escolar para reafirmar que tudo depende do bibliotecário.

“Então, o que faz uma biblioteca crescer são os projetos que o bibliotecário tem que apresentar para a chefia, porque se ele ficar lá parado e o serviço andando, todo mundo vai pensar que está tudo bem, mas isso não é verdade. [...] Então, tudo depende do bibliotecário, de inovar e desenvolver, de criar, são projetos” (Bibliotecário 1).

Sobre este ponto de vista, a biblioteca pode ser vista como uma empresa, que deve ser gerenciada pelo bibliotecário por meio de projetos e serviços. Neste sentido, o Bibliotecário 1 aponta para a importância do conhecimento para o profissional criar e desenvolver novas perspectivas nas bibliotecas.

“Acaba que a biblioteca, ela é uma empresa dentro de uma outra empresa, é como se fosse uma empresa dentro de uma escola, então o bibliotecário tem essa função de gerir e fazer a gestão daquela empresa. Se ele não tem conhecimento, vai ficar naquele trabalho monótono: devolução, empréstimo, guarda. Aí não tem os projetos para alavancar e alavancando a biblioteca, você vai mostrar aos outros bibliotecários que vão alavancar suas bibliotecas e dar valor a área, valor ao profissional” (Bibliotecário 1).

Concomitante ao discurso do Bibliotecário 1, Milanesi (2002a, p. 93) alerta que, por exemplo, se o público deixa de frequentar a biblioteca é preciso dar novos motivos às pessoas para ampliar o conhecimento, promover novos caminhos para “alavancar a biblioteca”, como o próprio Bibliotecário mencionou.

Com relação ao conhecimento do profissional para desenvolver novas perspectivas nas bibliotecas, o Professor 2 mencionou a respeito das bibliotecas digitais. Levando-se em consideração as potencialidades da biblioteca de maneira generalizada, quando pensamos em biblioteca digital inovamos os serviços por meio dos recursos tecnológicos. Contudo, o que temos visto é o acervo tradicional em meio digital, conforme afirma o Professor 2 na fala que segue.

“Porque a gente já viu que, por exemplo, a biblioteca digital, tá... Sensacional! Mas, uma biblioteca digital está sendo o que? Uma coleção de acervo. Não podemos chamar aquilo de uma biblioteca, é uma coleção, um acervo, que está disponível e você tem alguns recursos. Devem ter poucas bibliotecas digitais que a gente pode, efetivamente, chamar de biblioteca” (Professor 2).

Quando o Professor 2 nos diz que devem ter poucas bibliotecas digitais que podemos chamar de bibliotecas efetivamente, um traço importante está implícito: a interação e a mediação. Durante a entrevista, o Professor 2 sugere que o Serviço de Referência seja transportado também para as bibliotecas digitais para ampliar o contato da biblioteca com o usuário.

Há também a noção de biblioteca vislumbrada a partir do hibridismo. “A biblioteca, para exercer sua função, deixa de ser o acervo milenar passivo e passa a ser um serviço ativo de informação” (MILANESI, 2002a, p. 77). Ou seja, a biblioteca não é

considerada somente um depósito de livros, assim como também não é somente sem paredes potencializada pela internet e marcada pelo dinamismo. A biblioteca pode ser tudo isso ao mesmo tempo, são elementos inter-relacionados.

“[...] as bibliotecas no caso a que eu trabalho e as que eu conheço, é esse híbrido, de biblioteca depósito sim porque nós não vamos jogar esses livros fora porque essa materialidade existe e ela precisa de um espaço físico para a guarda, mas ela é também um ambiente sem paredes. Um ambiente que transpõe, aí não é a biblioteca ideal, por questões financeiras, administrativas, culturais, sociais, mas isso não impede de eu achar isso...” (Bibliotecário 5).

A tecnologia garante o acesso à informação e a troca dessas informações, seja por meio do texto, da imagem ou do vídeo. Entretanto, “a tecnologia será pouco útil no instante em que [...] houver troca de ideias e de emoções imediata, essenciais a compreensão da mensagem, tradução em práticas e em criatividade” (MILANESI, 2002a, p. 103). Ressaltando, assim, a importância da coletividade e das discussões presenciais para a construção do conhecimento.

#### **4.1.1 Contexto informacional nas bibliotecas**

No tocante ao contexto informacional nas bibliotecas, podemos observar nas falas dos entrevistados quatro perspectivas: uma com relação à pesquisa; com relação à competência informacional; com relação à credibilidade e confiabilidade da informação; e outra com relação à orientação e mediação da informação.

Pensando no contexto informacional vivenciado atualmente onde as pessoas têm mais opções de acesso à informação, a biblioteca continua a ser um local propício também para despertar o interesse pela pesquisa.

“E aí o intuito mesmo da biblioteca é que a gente tenta colocar o sal na boca deles para eles terem o interesse pela pesquisa, mostrar para eles que na internet tem muita coisa boa, mas precisam saber o que é importante, o que é realmente relevante e o que precisa ser descartado, da mesma forma o que pode ser encontrado na biblioteca” (Bibliotecário 3).

O bibliotecário 3 mencionou um dos projetos desenvolvidos na biblioteca para incentivar a pesquisa e mostrar aos usuários como avaliar as informações mais confiáveis.

“Aqui a gente tem um projeto que é muito legal, que o professor pede para eles pesquisarem na internet um assunto e depois vir à biblioteca pesquisar o mesmo assunto... Aí eles vão comparar informações, checar se as informações estão batendo, se são válidas ou não. Então é isso, mostrar tudo que está disponível seja no ambiente digital ou físico” (Bibliotecário 3).

As gerações contemporâneas têm novas e diferentes necessidades informacionais. Neste sentido, o Bibliotecário 1 atenta para o fato de que as bibliotecas devem estar preparadas para se adequar ao momento que estamos vivendo.

“Se nós não estamos preparados para essa era, devemos nos preparar urgentemente. Essa geração Y, W, Z vem com essa exigência, com as tecnologias do século XXI. Já querem chegar a biblioteca e encontrar um tablet, um livro eletrônico, encontrar um portal onde possa saber qual livro tem no acervo, chegar na brinquedoteca e ter vídeo game ligado a jogos educacionais... Se não estamos preparados, temos que nos preparar com urgência porque isso já é exigência por parte deles” (Bibliotecário 1).

Brito e Valls (2015, p. 4) pontuam que os principais usuários das tecnologias de informação e comunicação são as gerações denominadas “y e z, ou ainda os ‘nativos digitais’, os quais se caracterizam pela recepção da informação de maneira ágil e rápida”. Assim sendo, as bibliotecas devem ser mais interativas e utilizar as tecnologias para aprimorar e acrescentar serviços informacionais. Muitas pessoas ainda não conhecem as potencialidades da biblioteca e as tecnologias podem contribuir para estimular o uso delas. De acordo com Vieira (2014), o uso das novas tecnologias de informação e comunicação auxiliará na construção de bibliotecas mais atuantes, onde as informações serão disponibilizadas de maneira democrática para a comunidade (VIEIRA, 2014, p. 242).

“Eu acho que a palavra principal seria interação. Disponibilizar tecnologias que favorecem a interação do usuário com o que a biblioteca tem a oferecer. Lógico que isso demanda investimento, mas acho que tem que dar essa cara mais dinâmica para a biblioteca para que ela deixe de ser vista como um depósito de livros e uma instituição parada no tempo...” (Bibliotecário 4).

“[...] mostrar para a instituição que independentemente das tecnologias de informação existe alguma coisa naquele espaço, naquele profissional que pode ser positivo para uma instituição no sentido de que independentemente disso ela continua a possibilitar que esse mundo de informação tem o mínimo de organização, que esse acesso está sendo mais direcionado, mais bem definido, de acordo com perfis mais específicos de usuários, de grupos de usuários. Não é um desafio fácil porque a gente acha informação em qualquer lugar” (Professor 5).

Nas falas dos entrevistados acima, destaca-se o discurso de que é importante dar uma dinamização nas bibliotecas por meio das tecnologias de informação e comunicação para que elas deixem de ser vistas como instituições depósitos e paradas no tempo. “O futuro da biblioteca depende de novas tecnologias que permitam que a migração da informação seja feita de forma cuidadosa e segura; [...] a tecnologia abre perspectivas de melhoria na qualidade dos serviços e produtos oferecidos pela biblioteca” (VIEIRA, 2014, p. 241-242). Complementar a isso, a necessidade de mostrar que independentemente dessas tecnologias, a biblioteca e o bibliotecário possibilitam o acesso à informação organizada e de acordo com a demanda.

No que tange a trazer os usuários para a biblioteca, os bibliotecários mencionaram que por causa das tecnologias os usuários afastaram da biblioteca. Em consonância com o discurso destes entrevistados, Marchiori (1996, p. 28) afirma que “uma parcela de usuários está cada vez mais fora da biblioteca em função de existirem outros

profissionais e instituições que são mais atrativos, velozes e precisos na recuperação da informação, ocupando espaços do bibliotecário”. Diante disso, levar os usuários de volta para as bibliotecas foi apontado como um desafio no momento.

“Os desafios são: a tecnologia é um deles, trazer os usuários até a biblioteca, eu mesmo esbarrei muito nessa dificuldade dos alunos não irem porque sempre são os mesmos... e os que não são os mesmos onde estão? Eu queria trazê-los para o ambiente da biblioteca. Um dos desafios do bibliotecário é esse. Promover a leitura e fazer leitores, e como fazer isso?” (Bibliotecário 1).

O desafio mencionado é grande e recorrente. O Bibliotecário 1, relatou uma experiência quando atuou em uma biblioteca escolar em que ele queria que os usuários deixassem os dispositivos móveis para ler livros. Ele criou um concurso que consistia num ranking anual de leitura e premiou quem lesse mais com bons prêmios como incentivo.

“[...] os alunos começaram a ficar estimulados e a demanda começou a aumentar demais. Aí eu comecei a pedir também um resumo de todo livro que eles pegavam e para entrassem na listagem para concorrer ao prêmio tinha que fazer essa síntese do livro. Aí diminuiu bastante também. Então, são vários os desafios dos bibliotecários” (Bibliotecário 1).

É importante que os frequentadores das bibliotecas, os usuários, tenham o hábito de leitura. Mas será que é necessário deixar de usar os dispositivos móveis para fazer leitura? O uso das tecnologias é a cada dia mais intenso e atualmente já existem aplicativos e dispositivos eletrônicos próprios para leitura. Motivá-los a realizar leitura, independentemente do artefato, é o ideal no contexto informacional em que vivemos.

Por outro lado, é questionável se deveriam trazer os usuários de volta a biblioteca. O Bibliotecário 3, afirma que o caminho, talvez o ideal, fosse formar melhor os usuários para realizar pesquisas em meio digital.

"Eu não sei nem se a gente teria que estar tentando trazer eles de volta para fazer uma pesquisa na biblioteca, mas talvez formá-los melhor para fazer pesquisas na internet" (Bibliotecário 3).

Neste aspecto, embora seja apontada como um desafio, a promoção da competência informacional é importante e necessária para contribuir na formação desses usuários. “As bibliotecas de uma forma geral são espaços em potencial para capacitar as pessoas para o uso crítico da informação e proporcionar condições que permitam a reflexão, a crítica e a construção de ideias” (BRITO; VALLS, 2015, p. 19). Em consonância com o discurso do Bibliotecário 3, o Professor 5 afirma que somente a coleção já não é o suficiente para trazer o público para as bibliotecas, assim como “a organização do acervo não é mais a razão de ser da biblioteca, surgiram os serviços de informação moldados aos grupos específicos” (MILANESI, 2002a, p. 77). Mirando-se no desafio apontado, a solução seria ensinar o usuário a lidar com a informação, saber selecionar e identificar a procedência.

“Talvez ele tivesse que ir mais por esse lado porque ele tem que mostrar que na biblioteca tem alguma coisa de diferente” (Professor 5).

“Não é mais o indivíduo que persegue a informação, mas as informações que soterram o indivíduo quando ele ousa acionar uma ferramenta de busca na internet.” (MILANESI, 2002a, p. 51). Assim sendo, Baptista (2009, p. 25-26) afirma que no Brasil podemos ver uma dicotomia artificial entre a informação e a leitura, onde há um acesso indiscriminado a notícias e informações diversas que não resulta em hábito de leitura. Assim sendo, formar usuários para pesquisar e para criar hábito de leitura neste novo contexto é a solução para evitar a apreensão mecânica de textos literários ou de notícias, que dificultam a capacidade de reflexão e de senso crítico.

Por outro lado, os bibliotecários afirmam que mesmo com toda gama de informações disponíveis em meio digital e eletrônico, ainda há frequentadores fiéis de bibliotecas pela confiabilidade das informações fornecidas nesse ambiente e, sobretudo, pelo fato do profissional bibliotecário transmitir credibilidade às informações.

“O que faz um usuário deixar o Google de lado e ir a biblioteca é a motivação que o bibliotecário passa para ele, a confiança. [...] Porque é muito fácil digitar uma palavra ali no buscador e ele recuperar. Eu não vejo o Google como uma busca confiável ainda. [...] infelizmente essa nova geração tem aquela preguiça de leitura” (Bibliotecário 1).

“A diferença do atendimento, principalmente se trabalhar com um bibliotecário de referência, a diferença está aí... [...] A confiabilidade que a biblioteca dá, o atendimento é diferencial. As bibliotecas digitais ajudam, mas não podem substituir à física” (Bibliotecário 8).

“Eu acho que ainda há da parte do usuário uma confiança de que naquele lugar ele vai encontrar uma informação mais exata para ele. Eu acho que ainda é um lugar que dá uma confiabilidade do que vai ser encontrado ali, de que aquilo que está ali não está à toa, tem alguém que está avaliando aqueles conteúdos, aquela coleção que está ali” (Professor 5).

“Então assim, o pessoal ainda procura a biblioteca porque na internet não é tudo que se encontra, tem a questão da confiabilidade também, a gente nunca sabe de onde vem à informação, às vezes não tem fonte, a internet vive de compilação, mas sem fonte” (Bibliotecário 9).

Além da confiabilidade, que tanto a biblioteca quanto o bibliotecário apresentam ao público, há também a questão de que nem todas as pesquisas são encontradas facilmente pela internet conforme apontou o bibliotecário 9.

“Na minha opinião, eu acho que a biblioteca sempre vai ter uma clientela cativa. Se as bibliotecas não fossem importantes, hoje a gente já veria um sucateamento menor, um fechamento de bibliotecas, não está acontecendo isso, né, as bibliotecas continuam, os livros continuam, o livro digital é uma coisa que não pegou muito... Eu acho que o suporte papel não acaba. A gente sempre vai ter uma clientela, por mais que essa galera jovem agora que pesquisa tudo na internet, quando ela ficar adulta ela vai ter discernimento da coisa” (Bibliotecário 9).

Na fala acima, ressalta-se a ênfase que o bibliotecário dá à importância das bibliotecas. Independentemente das tecnologias de informação, as bibliotecas tem a sua importância e o seu público.

Um dos bibliotecários relatou que em uma de suas experiências, quando atuou em biblioteca escolar, o público não utilizava muito os serviços da biblioteca principalmente por ainda não conhecer. Reforçou o que outros bibliotecários mencionaram nas entrevistas que depende do bibliotecário intensificar as potencialidades da biblioteca.

“Toda turma que ia primeiro na biblioteca eu fazia uma apresentação de todas as obras de referência. Eu começa pela enciclopédia, passava pelos dicionários... Então, querendo ou não, eles conheciam. Fazia se tornar notório e ser conhecido pelos alunos que não conheciam. Os alunos de 2000 para cá não conhecem esse meio físico das obras de referência. [...] Às vezes não tem computador para todo mundo, eles recorrem à enciclopédia. Mas é aquela questão, depende do bibliotecário, ele tem que buscar isso” (Bibliotecário 1).

Há usuários que frequentam a biblioteca porque gostam do livro físico, do ambiente da biblioteca, conforme podemos ver na fala abaixo.

"Eu acredito e pelo que eu vejo também comentar comigo, mesmo com essa gama de informações, o usuário ainda gosta do papel, gosta do cheirinho do livro, do contato com o livro. A maioria comenta muito isso comigo... Que gosta mesmo de pegar, de sentir o material, de ver o visual, de estar folheando e manuseando. Então eu acho que a biblioteca, nesse contexto, ela sempre vai existir" (Bibliotecário 2).

Concomitante ao discurso do Bibliotecário 2, Baptista (2009, p. 25) afirma que a leitura em si é um aspecto fundamental que justifica historicamente o apreço ao livro e à biblioteca. Contudo, há o relato de bibliotecários que perceberam uma perda de usuários nas bibliotecas em razão das tecnologias de informação.

“Então, isso é por causa das mudanças, principalmente por causa do advento da internet. Porque antes da internet, ou você ia à biblioteca ou você tinha uma enciclopédia em casa, agora não. As bibliotecas continuam, mas você tem a internet também para poder ajudar” (Bibliotecário 9).

“A facilidade de você ter a informação nas mãos e não precisar ir até a biblioteca, ir até o setor e perguntar para alguém, ter que procurar na estante... O fato de ser tudo mais rápido na internet, mais fácil é o que tem tirado muitos dos nossos alunos da biblioteca, eu acredito. Eu não sou contra a internet, de jeito nenhum, acho que realmente ela tem uma quantidade de informação grande e informação boa, assim como tem informações que a gente não pode confiar tanto, mas tem aquelas informações confiáveis. O problema é saber usar e muitos alunos não sabem” (Bibliotecário 3).

“Eu acho que competição não é o certo, se tentar competir eu acho que perde feio. Pelo contrário, eu acho que tem que se apropriar de tudo isso e reproduzir na biblioteca o que a rede oferece” (Bibliotecário 4).

Nos discursos acima, podemos observar duas vertentes a respeito do esvaziamento do espaço da biblioteca por causa das facilidades do acesso a informação pela internet: uma, que diz respeito ao problema dos usuários não saberem identificar as

informações realmente confiáveis; e outra, que diz respeito à reprodução dos recursos informacionais disponíveis na rede para a biblioteca.

Na fala abaixo, o Bibliotecário 6, contrariando os discursos anteriores, afirma que nunca teremos uma demanda por bibliotecas cheias, seja por razão da tecnologia ou por outros fatores.

“Eu venho para cá, horas e a biblioteca vazia. Eu sinto uma tristeza porque dá uma impotência... [...] É angustiante, a gente nunca vai ter essa demanda de bibliotecas lotadas, as pessoas têm seus afazeres, tem sua luta pela vivência, tem os problemas físicos, tem os problemas mentais, tem as depressões...” (Bibliotecário 6).

Neste sentido, Paula (2015, p. 69) afirma que a “[...] a falta de exploração do potencial de diversificação das suas ações [da biblioteca] talvez seja uma das causas da instabilidade frequentemente experimentada pelos profissionais da área”. Em contrapartida, Araújo e Oliveira (2005, p. 42) são mais definitivas ao afirmar que o lugar que a biblioteca ocupa é em decorrência da importância que a informação tem para a sociedade, porque ela é a instituição que contribui com o aprimoramento intelectual, humanístico, técnico e científico da sociedade.

O contexto informacional que vivenciamos atualmente nas bibliotecas ainda continuará sendo pauta de alguns questionamentos e discussões dos profissionais, seja no sentido de adequar os serviços, seja na preocupação de transmitir ao público uma noção de como buscar e identificar as informações corretas e confiáveis. O Bibliotecário 5 afirma em sua fala que tais questões são recorrentes porque não haverá uma substituição imediata de suportes informacionais, o eletrônico não substitui e não elimina o impresso.

“Esses suportes de informação que temos: eletrônico e analógico, o material livro, eles ainda não se eliminaram, não se excluíram, nos desejos dos usuários, dos leitores e pesquisadores. Coexistem” (Bibliotecário 5).

Na fala acima, vale destacar que é exatamente essa coexistência mencionada que faz os usuários continuarem frequentando bibliotecas. E este o desafio para as bibliotecas: "se converter no espaço de convergência entre a informação, como elemento básico de todo conhecimento" (BAPTISTA, 2009, p. 26), desafio que permanecerá por mais algum tempo exatamente pela mencionada coexistência. Ou seja, o grande desafio neste contexto informacional é utilizar este instrumento tecnológico de informação a favor da comunidade local, contribuir para que a biblioteca continue sendo este espaço potencial para o aperfeiçoamento e a construção do conhecimento individual e coletivo.

## 4.2 BIBLIOTECÁRIO

A imagem do profissional bibliotecário é comumente associada às bibliotecas. Há uma relação histórica e até mesmo por sua nomenclatura podemos vislumbrar essa associação. Contudo, o bibliotecário é detentor de um conhecimento que potencializa as atividades e os serviços oferecidos pelas bibliotecas. Neste sentido, o Bibliotecário 1, menciona que não há biblioteca de fato sem um bibliotecário.

“A biblioteca sem um bibliotecário é apenas um espaço, com um bibliotecário ela pode se tornar um paraíso” (Bibliotecário 1).

Para compreender a função do bibliotecário, Araújo e Dias (2005, p. 118) afirmam que as bibliotecas possuem três funções: função de preservação dos registros da informação, organização da informação e disseminação da informação. Mirando-se nos paradigmas da biblioteca pontuados por Perrotti e Pieruccini (2007), acrescentaríamos a apropriação da informação como complemento à disseminação. Remontamos as funções da biblioteca para entendermos que, neste contexto, o bibliotecário tem a tarefa de gerenciar todos os processos decorrentes dessas funções. Assim sendo, ao pensarmos sobre as atividades do bibliotecário, os entrevistados destacaram várias funções. Destacam-se as funções operacionais/tratamento, de gestor e de mentor/mediador para o usuário.

De acordo com as falas apresentadas abaixo, o bibliotecário pode trabalhar em todas as atividades que em haja informação, seja em sua organização, recuperação, análise ou uso.

“E eu acho que a Biblioteconomia hoje, cabe em quase todas as atividades. Toda a atividade que requer informação, organização, uso, recuperação e principalmente análise de informação, eu acho que cabe um bibliotecário. [...] Não que ele seja o melhor, mas é o negócio dele, é a obrigação dele, o trabalho dele. [...] Então eu vejo hoje o bibliotecário podendo auxiliar e trabalhar junto em qualquer área do conhecimento, inclusive, criando” (Professor 2).

“O bibliotecário é que conhece quais são as fontes, de onde elas vem e como ele pode direcionar essa informação para perfis específicos, isso inclusive é uma visão gerencial. Você pode trabalhar essa visão gerencial com a técnica de busca de informação, com acesso a informação, mas fazendo isso por perfis, acho que isso é um desafio também. [...] o acesso a informação está nisso, não está em colocar o número só numa etiqueta e colocar o material lá” (Professor 5).

No tocante a visão gerencial do bibliotecário, Lemos (2015) afirma que tal aspecto desempenha um papel principal na Biblioteconomia contemporânea, pois “a profissão deve ajustar-se a um mundo sobrecarregado de problemas financeiros, conflitos sociais e a busca por uma nova identidade social” (LEMOS, 2015, p. 125). Neste sentido, os entrevistados pontuaram que o bibliotecário pode ser visto como um gestor, como um profissional que deve estar disponível para atender a necessidade informacional.

“A função básica, na minha opinião, eu vejo o bibliotecário não só como gestor, mas também como servo<sup>44</sup>. Eu sempre penso assim, eu vim para servir. O bibliotecário tem que estar sempre disponível, é essa a minha mentalidade quanto à função do bibliotecário. Você tem que estar disponível para o que você é solicitado, sempre procurando atender a demanda de quem procura, independentemente de quem seja” (Bibliotecário 2).

Mencionada de maneira rápida na fala anterior, a função de gestor do bibliotecário foi reafirmada nos discursos dos bibliotecários.

“A maior parte das vezes que eu atuei como bibliotecária eu tive que ser gestora. Tem que estar pronto para gerenciar o espaço, gerenciar uma equipe, trabalhar tecnicamente” (Bibliotecário 3).

“A função do bibliotecário, acima de tudo, é ser o gestor de onde ele se encontra, ele está no centro de informação, ou está no ramo corporativo ou na biblioteca, ali ele tem que fazer as coisas acontecerem. O bibliotecário, como eu posso dizer, tem que ser o mandante de tudo, ele tem que fazer tudo acontecer, se não a biblioteca vai se tornar um simples espaço. Ele tem que trocar, comprar, tem que fazer a gestão da biblioteca, tem que contratar, tem que fazer listagem de compras, tem que catalogar, tem que fazer o vocabulário. O bibliotecário tem que ser o centro de todas as atenções do fazer. Ele é o mentor” (Bibliotecário 1).

Entendido como gestor, o bibliotecário deve enxergar-se como mentor, conforme aponta o Bibliotecário 1 porque é ele quem vai mobilizar as atividades e gerar produtos e serviços, independentemente de onde seja o seu local de atuação. Em consonância com a fala anterior, o Bibliotecário 3 aponta que estar disponível e próximo da comunidade é um dos desafios para o profissional bibliotecário, que na maioria das vezes tem a imagem ligada aos processos de tratamento do acervo.

“Transpassar essa ideia de que bibliotecário fica catalogando e classificando, mas eu não sei se essa ideia é tanto do lado de cá ou se é uma ideia que se tem da gente. [...] Cada vez mais essa disposição do bibliotecário, essa apresentação, essa aproximação do bibliotecário com as comunidades, com o leitor que esteja dentro da biblioteca isso vai mudar mais. Mas ainda é um desafio para muitas instituições. E uma vez que você já está perto do leitor, o desafio é ouvi-lo” (Bibliotecário 3).

Em contrapartida, o Professor 5 aponta que mesmo tendo como uma de suas funções atuar como gestor, percebe que o bibliotecário sente-se mais confortável ao desempenhar suas atividades operacionais.

“O que eu sinto, o que eu percebo é que essa visão de gestão para o bibliotecário, ele é um pouco distante, eu não sei se é distante do bibliotecário pela formação ou se é porque quando ele chega nas bibliotecas, eles se sentem limitados com relação a gestão, as coisas vem muito prontas já, né, a forma de funcionamento já vem pronta, os recursos já vem definidos. [...] eu sinto que há uma limitação para os profissionais, para a maior parte deles com relação ao que eles podem fazer dentro das

---

<sup>44</sup> Ressalta-se o emprego da palavra “servo” utilizada pelo entrevistado acima para designar a função do bibliotecário. O emprego da palavra “servo”, conforme a compreensão do Bibliotecário 2, remete a expressão “servo da ciência”. Tal expressão foi utilizada durante as décadas de 1950 e 1960 (CASTRO, 2000b), em alusão ao bibliotecário moderno que atendia as necessidades de informação de grupos de pesquisadores.

instituições e como eles vão conseguir ou não recurso para isso” (Professor 5).

Diante do exposto pelos entrevistados, podemos perceber que o bibliotecário possui variadas atribuições. O bibliotecário é o profissional que gera, organiza, gerencia e dissemina informação, administra sistemas e unidades de informação e documentação; dirige e trabalha em bibliotecas de diferentes tipologias; cria e oferece serviços e produtos informacionais; deve interagir com o usuário; presta consultorias; participa da formulação de políticas de informação, etc. No presente momento, o seu trabalho torna-se a cada dia mais “descentralizado e colaborativo” (BAPTISTA, 2009, p. 23). Na fala abaixo, o Professor 3 menciona que para corresponder as necessidades informacionais do público de acordo com as suas funções, é indispensável que o bibliotecário ouça mais o usuário.

“Pensando em função, ele tem uma função de ser um sujeito responsável pela comunicação dessa biblioteca ou unidade de informação, ou seja, como que ela se comunica com esse público, como que ela se apresenta para esse público, como que ela administra, então ele tem a função de ser um comunicador, de ser um administrador, organizador, ele tem a função de interagir com o usuário na medida em que ele precisa estabelecer produtos e serviços que vai facilitar essa via de mão dupla e ao mesmo tempo ouvir o que esse sujeito quer” (Professor 3).

Além das funções já mencionadas, em síntese, o bibliotecário pode ser considerado um profissional multitarefas.

“É um sujeito, basicamente, multitarefas porque quando a gente pensa na biblioteca como um todo, a gente pensa não só do meu ponto de vista que atuo na organização, a gente tem um leque de opções que às vezes é o mesmo sujeito... [...]. Eu falo que o bibliotecário é um sujeito que joga em diversas posições” (Professor 3).

Reconhece-se o profissional bibliotecário como o detentor do conhecimento capaz de localizar, organizar, analisar e disponibilizar informações conforme o perfil do requerente. Desse modo, o bibliotecário é o profissional apto a trabalhar com a informação, independentemente da área do conhecimento. Contudo, o profissional não pode ficar preso a nomenclaturas, como esclarece o Professor 2 na fala abaixo.

“Os bibliotecários nem gostam muito quando eu falo, mas quando você vai para uma instituição, a não ser que seja uma instituição pública que tenha um concurso para determinada área, quando você vai para uma instituição privada, ninguém quer muito saber qual é a sua formação. Tem uma questão a ser resolvida, uma área a ser coberta e um profissional que dê conta. Então se você ficar preso ao conceito, o bibliotecário só pode trabalhar em biblioteca” (Professor 2).

Embora, o bibliotecário tenha tantas e variadas funções, suas atribuições transformaram-se com o passar do tempo.

“A função do bibliotecário, obviamente, pelo declarado até aqui, não tem sido a mesma ao longo da história. Seria oportuno lembrar aqui uma formulação de Edmir Perrotti quando pensa a instituição Biblioteca através dos tempos, a partir de três paradigmas que ele expõe dando uma denominação para a instituição seguida de sua missão [...]” (Professor 4).

No entanto, o bibliotecário possui uma função que mesmo com o passar do tempo e toda a sua mudança, permanece a mesma. Adaptando a expressão utilizada pelo entrevistado abaixo seria organizar informações e exercer de maneira silenciosa e simples, a arte da crítica.

“E, valendo para a função do bibliotecário em todas as épocas pode-se dizer, repetindo Jorge Luís Borges que *Ordenar bibliotecas es ejercer, de un modo silencioso y modesto, el arte de la crítica*” (Professor 4).

Pensando nas múltiplas atribuições apontadas pelos entrevistados, remetemos ao IV Encontro de Diretores e o III Encontro de Docentes das Escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação do MERCOSUL, ambos ocorridos em 2000. Naquele momento vivenciamos grandes mudanças sociais e também na formação em Biblioteconomia, especialmente com o uso da denominação de Moderno Profissional da Informação. Nos referidos eventos, as competências do profissional bibliotecário foram uma das pautas principais, tendo sido aprovado um documento com a categorização das competências desejáveis e exigidas aos egressos do curso (BARITÉ-ROQUETA, 2014, p. 63-68). Na ocasião, elencaram quatro categorias de competências: 1) Competência em Comunicação e Expressão; 2) Competências Técnico-Científicas; 3) Competências gerenciais; 4) Competências Sociais e Políticas.

Se observarmos os desdobramentos das competências definidas para o profissional (BARITÉ-ROQUETA, 2014, p. 63-68), cinco competências se repetem dentre as categorias: 1) Aplicar técnicas de marketing, liderança e de relações públicas; 2) Elaborar produtos de informação (bibliografias, catálogos, guias, índices, disseminação seletiva da informação - DSI, etc.); 3) Planejar e executar estudos de usuários da informação e formação desses usuários; 4) Formular políticas de pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação; 5) Aconselhar e intervir na elaboração de normas jurídicas em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Contudo, ao observarmos as competências definidas durante IV Encontro de Diretores e o III Encontro de Docentes das Escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação do MERCOSUL, podemos afirmar que o bibliotecário é realmente um profissional multitarefas, conforme assinalou o Professor 3.

Concomitante com as respostas dos entrevistados, destacamos a competência relacionada ao usuário. Há uma preocupação com usuário, no entanto, pelo texto elaborado durante os encontros do MERCOSUL, está ligada ao aspecto de atender à necessidade informacional, quando mencionam que se devem executar estudos de usuários e com a autonomia do usuário, ao mencionarem que se devem formar os usuários. Contudo, a preocupação dos entrevistados vai além. A concepção que mais emerge dos discursos dos entrevistados é de que o bibliotecário deve interagir mais com o usuário, deve estar acessível para atender às necessidades informacionais do usuário no momento da busca e

depois, a fim de certificar-se que o usuário encontrou o que realmente buscava. Tal postura contribui para desmitificar o estereótipo do bibliotecário. Vale destacar que, sair do espaço da biblioteca e estar próximo da comunidade, dos usuários, são atribuições que foram apontadas como desafios ao bibliotecário e realmente é para os profissionais que se atentam mais com as questões voltadas à organização da informação, esquecendo-se de a quem se destina todo o trabalho operacional.

No contexto informacional que vivenciamos hoje, em que há um excesso de informações disponíveis, uma das demandas apontadas é por organizar a informação, independentemente do suporte.

“As ferramentas mudam para essa organização da informação, mas no fundo o objetivo é sempre esse, os meios que isso vai acontecer e que são usados para isso é que são diferentes ao longo do tempo” (Bibliotecário 4).

“Organização de conteúdos. Dar informação. Organização da informação em ambiente digital, físico...” (Bibliotecário 5).

Há a demanda por organização, mas não há profissionais bibliotecários suprindo-a, conforme aponta o Bibliotecário 5. Para exemplificar a demanda por organização, ele relatou que muitas pessoas e empresas entram em contato a procura de indicação de profissionais para avaliar acervos. Certa vez, uma empresa de tecnologia de Belo Horizonte, prestadora de serviços voltada para tecnologia, precisava de um bibliotecário que explicasse para a equipe como se dá a ordenação e organização do conhecimento na Biblioteconomia. O Bibliotecário 5 comprometeu-se em ajudar a encontrar, mas não encontrou o bibliotecário com o perfil.

“Passou outro tempo, outra empresa me procurou precisando de um bibliotecário para uma coleção importante, inclusive, uma coleção que era para São Paulo, eles precisavam organizar as imagens digitais da coleção por área de conhecimento. Novamente, eu procurei, procurei... Eu estou procurando no lugar errado? Talvez. Mas, que eu não tenho encontrado pessoas para atender essa demanda, eu não tenho” (Bibliotecário 5).

A fala acima é bastante emblemática quando menciona por meio dos exemplos a ampla demanda por organização da informação e o fato de não encontrar profissionais para atender. Os fatos mencionados vai de encontro ao que o Professor 5 mencionou anteriormente sobre o conforto que alguns profissionais sentem em atuar nas atividades operacionais, ou como o bibliotecário acima destacou, em atuar em bibliotecas depósito. A demanda por informação é apontada como atividade essencial do bibliotecário e é o que a sociedade espera do profissional.

[...] eu estive em São Paulo em agosto deste ano, e uma coleção que havia sido organizada de uma instituição muito importante, fui lá para ver a situação para dar um parecer para eles. Eles falaram que estavam com uma profissional da área de Letras há seis anos, mas ainda não conseguiram organizar a biblioteca. [...] Na organização da informação o bibliotecário está mais capacitado’. Não quero dizer que o bibliotecário não pode fazer outra

coisa, mas que isso é essencial e pra mim é o que a sociedade exige de nós” (Bibliotecário 5).

Diante dos exemplos expostos, o Bibliotecário 5 faz uma crítica aos profissionais bibliotecários, assinalando que as bibliotecas depósito ainda são um local confortável para grande parte dos profissionais.

“A demanda que eu tenho tido experiência é de organização de bibliotecas em ambientes digitais. É uma premissa nossa. Nós somos condicionados a isso quando entramos no curso, organizar, organizar. Não estou falando de CDD e CDU. Organizar” (Bibliotecário 5).

O bibliotecário é visto como um facilitador do acesso à informação. Contudo, ele precisa estar preparado para atender a demanda informacional que a cada dia é maior e mais complexa.

“Acho que as pessoas vão recorrer muito a ele para lidar com informação, porque a informação é gerada a todo segundo, a todo instante, só que sem uma maneira fácil de encontrar o que você quer. O bibliotecário tem que se preparar para isso, de lidar com essa informação que é gerada a todo instante e repassá-la de uma maneira fácil e ágil para o usuário” (Bibliotecário 1).

“Acho que o bibliotecário tem função primordial de atuar como o elo entre a informação e o usuário, pensando os processos envolvidos nessa intermediação e melhorando-os a cada dia. Seja utilizando as novas tecnologias ou processos já conhecidos” (Bibliotecário 7).

“Ele tem esse papel que pra mim é o papel central: estabelecer acesso e organizar as formas com as técnicas que ele conhece para que esse acesso seja o mais claro possível para o usuário” (Professor 5).

A fala acima, do Professor 5, ressalta que o bibliotecário deve além de facilitar o acesso à informação, ter como função organizar as formas de acesso à informação por meio das técnicas biblioteconômicas já conhecidas pelos profissionais. Em consonância, Shera (1990, p. 204) afirma que o foco do conhecimento profissional do bibliotecário é a interação entre os usuários e registros gráficos, e as influências que conformam esta relação.

Os entrevistados afirmam que é preciso desmitificar o estereótipo do bibliotecário distante das pessoas, da biblioteca como espaço para poucos. O bibliotecário deve estar cada vez mais próximo e disponível para o seu usuário, e a biblioteca deve ser o reflexo de sua comunidade, da sociedade. Tal como afirmara Wanda Ferraz já há algum tempo quando disse: “[...] a biblioteca é reflexo da capacidade e da personalidade do bibliotecário dela encarregado” (FERRAZ, 1949, p. 130). Desse modo, além de estar acessível, o Bibliotecário 3 salienta que além de disponibilizar a informação requerida, o bibliotecário deve acompanhar o usuário de modo a verificar se tal informação foi mesmo útil, mostrar-se acessível para atender as necessidades informacionais.

“Eu vou insistir no mostrar o caminho até a informação, mostrar o caminho aquilo que o leitor precisa saber. Tudo que eu faço é para isso. Para que ele chegue até a informação e para que essa informação se torne

conhecimento de fato, para que ele se aproprie dessa informação, para que ele a mude. [...] Então não é só disponibilizar é acompanhar um pouco mais. Claro que a gente não dá conta de acompanhar tudo, mas é estar disponível para ele. Se a gente se mostra disponível facilita esse retorno” (Bibliotecário 3).

O bibliotecário abaixo evidencia a importância de dar uma atenção maior ao público, divulgar a biblioteca e os serviços oferecidos a fim de trazer quem ainda não frequenta este espaço.

“Acho que a gente tem que interagir mais com o público. [...] A gente tem que divulgar mais a biblioteca, principalmente quando é biblioteca da prefeitura ou do estado. É divulgar mais os serviços da biblioteca. A demanda social tem mudado um pouco porque o pessoal... Tem bibliotecário que infelizmente fica parado naquele trem de só digital. Acho que tem que ter mais carinho com o consulente” (Bibliotecário 8).

A concepção do ser bibliotecário também esteve presente nas falas dos entrevistados. O bibliotecário não é só o profissional que desempenha sua função em horário determinado de trabalho, sua função estende-se as barreiras da atuação profissional.

“Não adianta você ter formação em Biblioteconomia, mas não ter a vocação para bibliotecário” (Bibliotecário 1).

“E o bibliotecário é um sujeito que escolheu fazer Biblioteconomia e ele gosta de Biblioteconomia... Se você dá para o bibliotecário uma biblioteca, uma questão que ele não conseguiu responder, ele nem dorme a noite de tanta ansiedade porque ele quer atender a sua demanda” (Professor 3).

Mirando-se nas concepções do profissional bibliotecário apresentadas até então, podemos afirmar que o bibliotecário é um profissional comprometido com sua função. O exemplo apresentado na fala abaixo reafirma o compromisso do profissional bibliotecário quando solicitado.

“Esses dias, só para te dar um exemplo, uma pessoa precisou vir aqui na biblioteca em um sábado. Ela não poderia vir em outro dia, ela é de outro estado, precisava muito e a pesquisa dela não se supriu com o digital, ela precisava ver o objeto e aqui nós não atendemos. E ela conversou comigo, eu expliquei para o diretor, ela veio e ficamos aqui o sábado inteiro. E depois, encontrei com uma pessoa que perguntou ‘onde você estava?’, ‘eu fui atender...’, e contei o que eu te contei agora... ‘mas é sábado...’, ‘pois é, mas olha o contexto’... ‘ah, não!’. Aí eu falei para ela, você sabia que eu fiz um juramento? Eu fiz um juramento de não negar a informação, eu jurei que se eu tiver os meios para facilitar o acesso à informação, eu vou facilitar” (Bibliotecário 5).

“E eu acho que Biblioteconomia, como eu imagino que a maioria das áreas, não tem como ser bibliotecário de 08h00 as 18h00. Você é bibliotecário. Em pleno domingo surgem questões que vão ser importantes dependendo da área em que você está. Então essa dedicação profissional é fundamento” (Professor 2).

O bibliotecário tem um papel social muito importante, seja no processo de mediação, seja envolvendo-se na elaboração das políticas que norteiam sua atuação em seu ambiente de trabalho.

“Penso também que os bibliotecários têm função primordial na elaboração e execução das políticas que norteiam sua atuação, no ambiente em que estiver inserido. Por exemplo, no local em que trabalho os bibliotecários são os responsáveis por pensar e elaborar todas as políticas públicas voltadas para a área de biblioteca, livro e leitura em Minas Gerais. Este é um papel que não pode ser delegado a outras áreas. Deve ser exercido por nós!” (Bibliotecário 7).

“O bibliotecário tem um papel muito importante na sociedade, ele é intermediador de leitores, de pessoas que vão se tornar talvez escritores, futuros bibliotecários, professores” (Bibliotecário 1).

O Bibliotecário 9 afirma que enquanto profissionais, o bibliotecário deve saber exercer todas as suas funções para o bom funcionamento da biblioteca e não somente focar em uma delas.

“É organizar e disseminar, e orientar. A gente tem que orientar o usuário sempre. É difícil você não ter um bom serviço de referência, é essencial. Então, a gente tem que ser completo. Eu sei que tem vários tipos de bibliotecário, tem gente que gosta mais de processamento, outros gostam mais de atendimento, mas a gente tem que fazer tudo, tem que saber fazer tudo para o bom funcionamento da biblioteca” (Bibliotecário 9).

Por outro lado, o Bibliotecário 2 aponta que os bibliotecários devem reconhecer que não sabem tudo, que o trabalho do profissional ocorre em equipe.

“Eu acho que o bibliotecário, na minha opinião, a gente deve estar sempre aberta e também ter humildade para reconhecer que a gente não sabe tudo. [...] Sempre trabalho em equipe. O trabalho do bibliotecário é muito isso. Você tem que aprender a ouvir mais e falar um pouco menos, acho que dá mais resultados” (Bibliotecário 2).

Neste sentido, Cunha (2003, p. 43) afirma que o bibliotecário só tem a ganhar ao trabalhar em equipe, com outros profissionais, porque “nossa profissão é uma profissão essencialmente social, uma profissão de mediação e de contato, de “fazer com o outro” de fazer para o outro”.

Com relação à demanda do profissional, foram apontadas demanda por leitura, por disponibilizar o acesso à informação e organizá-la, também por tecnologia. No que tange a demanda por leitura, os entrevistados apontaram-na como uma grande responsabilidade social para o bibliotecário.

“O bibliotecário como profissional causa esse impacto na sociedade tanto pela leitura, que pode tornar as pessoas cidadãos de bem porque a gente entra numa biblioteca sabendo que vai construir um mundo melhor, que a gente vai ajudar as pessoas a ler, motivar a ler, ver eventos literários e científicos” (Bibliotecário 1).

“É uma demanda e responsabilidade da nossa profissão. Parece meio bobeira, mas quando um médico sai na rua e vê alguém passando mal, ele vai saber que é responsabilidade dele não importa se ele está de jaleco, se

está em horário de trabalho ou não. [...] Da mesma forma eu me sinto assim quando eu vejo alguém falando que não gosta de ler ou que nunca teve um livro... É uma responsabilidade minha. Acho que essa é a demanda principal” (Bibliotecário 3).

Mukherjee (1985) afirma que além de satisfazer as demandas, o bibliotecário deve criar novos leitores. Assim, cabe ao bibliotecário não só atender à demanda, mas principalmente criar a demanda pela leitura. “Isso significa que esse profissional exerce funções de educador – o que é muito diferente de um mero organizador de acervos e de empréstimos” (MILANESI, 2002b, p. 26). No futuro vislumbrado por Ortega y Gasset (2006), a função do bibliotecário seria orientar a leitura dos usuários no que o autor chamou de "selva selvaggia dos livros", ao mencionar a grande massa documental existente.

Com relação à demanda por disponibilizar o acesso à informação, por apresentar o conhecimento registrado, os entrevistados apontaram que tudo que fazemos é com o objetivo de dar acesso à informação.

“Eu acho que nós precisamos de um bibliotecário que dê acesso às informações. Esse é um papel muito importante que nós temos. Isso tudo que nós fazemos aqui, nós fazemos para dar acesso. É uma responsabilidade e uma contribuição que nós fazemos imensa para a sociedade. Se a gente der acesso às informações, a gente desempenhou o papel que a gente bem sabe nesse latifúndio que é organizar as bibliotecas e torná-las disponíveis para que as pessoas possam usar. [...] Acho que a nossa missão é essa” (Professor 3).

“O fundamental é esse, sem distinção de pessoas e de uma forma adequada. Preservação do direito do cidadão ao conhecimento, esse é o papel social, de garantir que isso aconteça de alguma forma” (Bibliotecário 6).

Concomitante aos posicionamentos dos entrevistados acima, Cunha (2003, p. 44) ressalta que o papel do bibliotecário é fornecer a informação certa, no momento certo para a pessoa certa; lembrando que as necessidades de informação das pessoas são dinâmicas e variam de acordo com o tempo e os interesses individuais e sociais. Assim sendo, conforme apontaram os entrevistados, disponibilizar informação pode ser considerado o papel social mais relevante do bibliotecário. Tal posicionamento vai de encontro com o discurso de Cunha (2003, p. 45) que afirmou que “nossa missão mais importante é dar informações, dar respostas”. Neste sentido, a autora ressalta que, enquanto profissionais, devemos estar conscientes de que o bibliotecário é ou pode se tornar um agente social de mudanças. Porque ao disponibilizar a informação possibilitamos o acesso à aprendizagem, a construção do conhecimento. Edgardo Civalero (2006) pontua que a responsabilidade social do bibliotecário centra-se precisamente na disponibilização da informação correta. O autor afirma que desenvolvimento das bibliotecas e da Ciência da Informação, do livro e das tecnologias de informação e comunicação internacionalmente,

tem mostrado que os seres humanos podem gerenciar seus conhecimentos (CIVALLERO, 2006, p. 5).

“Apesar da tecnologia estar bastante difundida, ainda existem muitas cidades que não possuem uma biblioteca sequer, tão pouco acesso à internet. Até nas grandes cidades, muitas comunidades ainda continuam à margem do acesso à informação. Penso que esse ainda é nosso maior desafio: democratizar, verdadeiramente, o acesso à informação, para todos!” (Bibliotecário 7).

“Deve ser na parte de socializar informação, acho que talvez seja esse o papel social mais relevante do bibliotecário. Ele vai socializar toda a informação que está dentro do ambiente biblioteca, que pode estar em vários tipos de suporte” (Bibliotecário 9).

Os discursos abaixo ressaltam que as demandas alteraram ao longo do tempo e assinalam o papel do bibliotecário no cumprimento da demanda por acesso a informação explicitando que o bibliotecário não é neutro, que ele pode influenciar ao disponibilizar as informações. No tocante a neutralidade do bibliotecário, Almeida Júnior (2009, p. 93) afirma que é claramente inapropriada, pois o momento da interação com o usuário envolve “os personagens como um todo, [envolvendo] os conhecimentos conscientes e inconscientes, e o entorno social, político, econômico e cultural em que estão imersos”.

“A minha presença, a forma como nós recebemos, a forma como a gente trata a própria organização, a forma como a gente define o assunto para o leitor poder buscar aquele livro, isso tudo tem a ver com gestão de bibliotecas. Mas tem o papel dela que é cidadania” (Bibliotecário 6).

“A demanda social, eu acredito que seja apresentar o conhecimento, de levar uma nova cultura, novas ideias. O bibliotecário tem muito esse poder de influenciar também. Além de gestor, ele também influencia as pessoas. [...] A demanda social mudou. [...] Hoje não. A função dele é bem mais ampla” (Bibliotecário 2).

“A demanda social não tem sido a mesma ao longo do tempo. Organizar sim. Como esse organizar se dá ao longo do tempo foi modificado” (Bibliotecário 5).

“Acho que demanda social do bibliotecário muda de acordo com as mudanças da sociedade. Em cada tempo há uma demanda diferente. Ainda hoje temos que pensar no acesso à informação para todos como uma grande demanda, já que este é um direito constitucional” (Bibliotecário 7).

“Eu acho que a demanda vai mudando, né. A questão de vários tipos de mídias, de suportes...” (Bibliotecário 9).

Por outro lado, há bibliotecários que apontaram o fato de que estamos perdendo nossa demanda social. Há também como controvérsia o fato de que o bibliotecário ainda não é reconhecido por grande parte do mercado como o profissional capacitado para organizar informação. Neste sentido, conforme afirma Baptista (2009, p. 24) “há quase sempre uma necessidade implícita de autoafirmação, diante do desconhecimento de suas habilidades e possibilidades de atuação por parte de outros segmentos com os quais inclusive, precisa muitas vezes interagir”. Milanesi (2002b, p. 2002) atribui essa necessidade

de autoafirmação como um aspecto negativo da profissão em que o bibliotecário é o responsável, pois não é produto apenas da ignorância da sociedade, mas também do desempenho do próprio profissional que, na prática, não demonstrou “ser imprescindível nos muitos cenários onde atuou ou atua”.

“A demanda do bibliotecário talvez esteja perdendo... As pessoas não sabem qual é a função do bibliotecário, a impressão que eu tenho é essa. Mas, a demanda maior é organizar a informação... Mas eu acho que está perdendo espaço porque as organizações, as pessoas não tem noção do que o bibliotecário pode desenvolver e acaba que função que seria de um bibliotecário é feita por outro profissional, não tirando o mérito de nenhuma outra profissão. Às vezes a gente adota uma postura que a gente se fecha um pouco, não sei se para proteger a profissão ou a função, e não aproveita as oportunidades de evolução natural das profissões que vão acontecendo” (Bibliotecário 4).

Em contrapartida, devemos nos atentar que nem sempre as demandas da sociedade são as mesmas demandas do mercado, ou seja, “o que o mercado pede nem sempre é o que a sociedade precisa” (MILANESI, 2002b, p. 20). Desse modo, não é porque as “pessoas”, como o Bibliotecário 4 pontua, não reconhecem a função do bibliotecário que a demanda irá se perder. Por outro lado, o discurso do Bibliotecário 4 vai de encontro aos relatos mencionados pelo do Bibliotecário 5 anteriormente. Quando o Bibliotecário 4 afirma que enquanto profissionais, adotamos uma postura mais fechada e não aproveitamos as oportunidades de evolução natural das profissões, é como se estivesse respondendo aos exemplos. Os bibliotecários têm demandas da sociedade, mas não a exercem por adotar uma postura profissional resguardada em demasiado, por contentar-se com o conforto que a tradicional biblioteca depósito lhe garante.

“O bibliotecário está sendo demandado para o que e que problema há nisso? Existem demandas que não estão sendo respondidas e existem necessidades possíveis de informação que não estão sendo contempladas, que poderiam ser ativadas” (Professor 1).

“Eu não sei se quando a gente fala de demanda se a sociedade sabe dessa demanda, se eles sabem o quanto é importante à presença do bibliotecário e o que o bibliotecário pode fazer por eles. Isso é uma coisa que eu tenho dúvida às vezes. Dependendo do local, do ambiente social em que se está é possível que as pessoas nem saibam que seria importante ter um bibliotecário por falta de conhecimento mesmo. A partir do momento que a gente tem aquilo ou que já viu aquilo, isso passa a ser uma necessidade maior” (Bibliotecário 3).

Por outro lado, há de se levar em consideração as demandas que não estão sendo cristalizadas por desconhecimento da própria sociedade, conforme menciona acima em seu discurso o Bibliotecário 3.

Os entrevistados foram bem enfáticos ao criticar a postura do profissional bibliotecário, em sua maioria acanhada. Para que a comunidade reconheça o bibliotecário como o profissional responsável por atender as demandas informacionais na biblioteca e em

outros espaços, deve haver uma mudança de postura perante a sociedade. Ninguém sente falta ou demanda serviços que não conhece ou julga importante.

“A partir do momento que o bibliotecário está dentro só de um espaço e ele não se revela, ele não se mostra para que ele está ali ou o que ele pode fazer além de colocar livro nas estantes, catalogar e classificar, se ele não sai e não se mostra para o mundo a sociedade não vai demandar, não vai esperar muito dele” (Bibliotecário 3).

“Pela mudança de postura do bibliotecário, a sociedade também muda e a demanda também cresce. E o que eu tenho visto de bons bibliotecários fazendo ótimos trabalhos faz a gente crescer” (Bibliotecário 3).

Neste sentido, há um consenso de que o bibliotecário mantém uma postura acomodada no seu ambiente de trabalho e perante a sociedade, aliás, é recorrente tal discurso. O Bibliotecário 1 afirma que essa percepção não é unicamente dele enquanto profissional da área. O profissional bibliotecário, em sua maioria, limita-se a fazer o essencial e não se permite inovar, tampouco criar novos projetos e perspectivas para o seu local de atuação.

“O bibliotecário tem que trabalhar em prol do incentivo a leitura e a cultura dentro da biblioteca, em prol de chamar novos usuários. E como? Formulando projetos e assim, projetos gasta tempo, projetos gasta reuniões com a diretoria da escola, da instituição... Então, o bibliotecário tem que ter essas ideias e tem que lutar para isso, trabalhar para isso” (Bibliotecário 1).

As competências e habilidades profissionais do bibliotecário referem-se aos conteúdos que podem ser apreendidos, no entanto, a postura e a atitude profissional referem-se à disposição psicológica e cognitiva de cada profissional enquanto indivíduo. Assim sendo, o profissional deve repensar sua postura e atitude enquanto profissional para que seja reconhecido e identificado perante a sociedade como o profissional detentor de habilidades e competências específicas. O bibliotecário precisa de reconhecimento porque ele é um profissional fundamental para o desenvolvimento da biblioteca, seja ao desempenhar suas funções de organização da informação, seja no trato com o usuário.

“Acho que o bibliotecário é um sujeito muito especial porque ele trabalha em função de organizar recursos para entregar para a sua clientela. É um sujeito que precisa de reconhecimento” (Professor 3).

“A gente tem que lutar mais pela nossa valorização e como eu disse, tudo depende de nós. Pra se mostrar valorizado, a gente tem que dar valor ao nosso ambiente de trabalho, a biblioteca” (Bibliotecário 1).

“Nossa valorização profissional depende muito de uma cabeça aberta - sem muros - com capacidade de buscar o novo, de ter curiosidade, principalmente de não ter medo de inovar” (CUNHA, 2000). Em consonância com a postura do profissional bibliotecário, a autovalorização profissional foi um tópico apresentado pelos entrevistados durante a entrevista. Ela foi, inclusive, apontada como um desafio pelos entrevistados.

“Olha, na minha opinião, eu acho que um dos maiores desafios é a gente se impor, esse é o maior desafio do bibliotecário. Muitos bibliotecários ainda

não têm essa conscientização. [...] A gente não pode generalizar, mas a maioria dos bibliotecários não se deram conta da função deles, que hoje a nossa profissão é registrada, que toda biblioteca escolar privada ou pública é obrigada a ter um bibliotecário... Então, eu acho que alguns bibliotecários ainda não se conscientizaram e por medo de perderem os seus empregos, acabam aceitando tudo o que é imposto a ele” (Bibliotecário 2).

“O desafio, que eu vejo, é você conseguir ter um comportamento autônomo que é difícil também. Uma coisa que eu acho que a gente talvez precise na nossa formação pensar com mais cuidado é que em algumas situações a última palavra tem que ser nossa, não pode ser do seu cliente. Se não, deixa de ter autonomia” (Professor 2).

Nas duas falas acima, podemos perceber a preocupação com relação à autonomia do profissional. O bibliotecário precisa se autovalorizar no sentido de comportar-se como detentor do conhecimento biblioteconômico e de se afirmarem enquanto profissionais.

“Outra coisa, desafio da Biblioteconomia agora é o bibliotecário se valorizar mais e brigar mais não só por investimentos na cultura, mas por investimentos deles mesmos. A gente está se contentando muito facilmente com os salários que nos dão, com o tipo de recurso que nos dão para trabalhar e acho que a gente é ainda muito acomodado” (Bibliotecário 3).

“Eu acho que isso é um desafio para o bibliotecário imenso. Porque o que a gente observa é que quando as pessoas descobrem o que o bibliotecário faz e o potencial que esse cara tem para oferecer, eles ficam loucos. [...] os bibliotecários precisam trabalhar a questão da autoestima que é muito baixa, nem eles mesmos acreditam no que podem fazer, no conhecimento que eles têm, eles estão sempre naquela posição de que são inferiores. [...] A gente precisa mudar isso e isso tem a ver com o papel que a gente ocupa na sociedade. Precisa de uma mudança muito grande e ela não é feita só aqui não, ela é feita em todas as esferas” (Professor 3).

“Acho que esse é um desafio bastante grande, sair das quatro paredes da biblioteca e olha que eu dou aula aqui um tempão. Tem vinte anos que eu estou aqui e isso é ainda recorrente uma dificuldade que eu não sei de onde ela vem, se é das instituições, se é das coisas que são colocadas com muito limite para os bibliotecários, ou se é da natureza da formação” (Professor 5).

Conforme podemos ver nas falas acima, as críticas com relação à postura do bibliotecário são recorrentes e o desafio para mudar é grande, para fazer-se conhecer perante a sociedade. O bibliotecário abaixo aponta a questão da valorização profissional no mercado de trabalho. Embora não tenha sido mencionada por grande parte dos bibliotecários entrevistados nesta pesquisa, vale ressaltar que é uma questão recorrente há um tempo entre os profissionais.

“Pra mim, o desafio maior é esse, a questão da valorização profissional e a questão salarial. Quando a pessoa tem um salário mais digno trabalha melhor” (Bibliotecário 8).

Neste sentido, Baptista (2009, p. 23) pontua que devido “às imagens e estereótipos”, o bibliotecário encontra dificuldades de atuar em seu amplo leque de

possibilidades, o que se traduz em níveis de remuneração e status defasados em relação a outras profissões. A autora ainda constata que embora o nível de desemprego seja relativamente baixo, a média salarial ainda é insatisfatória. Por outro lado, conforme aponta o Professor 1, o bibliotecário além de valorizar-se enquanto profissional deve mostrar que pode trabalhar em outros ambientes, a biblioteca não é o único espaço de trabalho.

“[...] em qualquer tempo e em qualquer época, faz parte da atuação do profissional dizer a que veio e isso é todo dia, a partir de projetos... Ser profissional é dizer a que veio continuamente e de modo estratégico, isso faz parte. O que eu queria dizer é que pode ser que hoje, [...] o profissional não está sendo muito reconhecido para além, está, mas não o suficiente para além de certos espaços mais convencionais. E mesmo nesses espaços mais convencionais, fica muitas vezes forte uma visão muito operacional, mecânica e produtivista daquele trabalho” (Professor 1).

A fala acima sintetiza alguns dos discursos dos entrevistados no que tange a autovalorização e postura profissional, especialmente ao conforto mencionado anteriormente em desempenhar as atividades operacionais. O que o profissional faz e demonstra, reflete na visão que a sociedade constrói. O Professor 5 aponta como um desafio essa mudança na postura profissional.

“Eu acho que o desafio ainda é mostrar quem é o bibliotecário para o mercado de trabalho. Acho que é um desafio também com relação aos profissionais, deles arriscarem fazer algumas coisas que eles não fazem, não sei se eles não querem ou se eles não conseguem fazer. Mostrar quem eles são e onde eles estão porque quem faz esse movimento, faz uma mudança e a maioria não faz isso ainda” (Professor 5).

Neste aspecto, o Professor 1 supõe que pode ser que tenha faltado algo durante o percurso formativo do profissional bibliotecário porque há muitos profissionais de outras áreas ocupando campos de atuação que poderiam ser do bibliotecário. Os cursos são muito voltados para o trabalho nas bibliotecas, conforme podemos observar na fala abaixo.

“[...] então pessoas que vão fazendo a entrada justamente por conta de conseguir pensar perspectivas mais abrangentes que não a de um certo modelo de trabalho em biblioteca que ainda é muito recorrente nos cursos de graduação” (Professor 1).

Reiterando o discurso, o Professor 5 afirma que o bibliotecário ainda está muito apegado às funções operacionais, não mostrando ao mercado de trabalho suas competências para trabalhar em diversos locais.

“Mostrar o que ele sabe, quem é ele, o que ele pode fazer dentro de uma instituição, isso é o aspecto. Eu não tenho dúvidas disso de que essa dificuldade da Biblioteconomia se mostrar, do profissional se mostrar passa por um encolhimento dele ou por uma ocupação exacerbada dessas atividades técnicas e operacionais” (Professor 5).

Indo de encontro à fala anterior, o Professor 5 menciona a necessidade do bibliotecário se enxergar como o responsável pela instituição biblioteca, como um

profissional com potencial. Uma mudança na maneira de olhar a si próprio enquanto profissional poderia abrir novas possibilidades de atuação além da biblioteca.

“O bibliotecário, se ele visse a biblioteca como uma organização, como uma instituição e ele responsável por aquilo, não estou dizendo que ele não veja, mas não só do ponto de vista técnico, do ponto de vista de colocar o acervo a disposição do usuário, mas um lugar que tem como responsabilidade dar acesso a informação, talvez ele abrisse mais alguns campos de atuação para ele” (Professor 5).

A demanda por tecnologia foi apontada como um desafio para o bibliotecário, que precisará capacitar-se para atender a essa demanda e utilizar as novas maneiras de organizar e disponibilizar informações.

“Eu acho que a tecnologia entra nessa questão, é uma demanda em que ele tem que se aperfeiçoar. [...] Então, eu acho que o grande desafio do bibliotecário no momento é esse. O século XXI passou uns dez anos e [e o bibliotecário deve] é se envolver com a área virtual, com as bibliotecas digitais, saber como vai tratar o usuário dessa forma, como vai conduzir e realizar o trabalho dele dentro das áreas digitais. Esse é o maior desafio no momento porque muitos usuários vão necessitar dessa demanda digital.” (Bibliotecário 1).

Ressalta-se que conforme afirmou o Bibliotecário 1, o desafio não é propriamente a tecnologia de informação, mas sim o próprio profissional aprender e adequar o trabalho que já vem sendo realizado pelos bibliotecários a partir delas.

#### **4.2.1 Papel mediador do bibliotecário**

Com relação ao papel mediador do bibliotecário, podemos observar três maneiras de entender a mediação: uma relacionada ao fazer bibliotecário ser entendido como mediação; uma concepção direcionada a atender e satisfazer uma demanda; e outra que diz respeito à mediação como um processo que deve estabelecer-se ao longo da vida.

Almeida (2008; 2014) pontua que a mediação recobre atividades diferenciadas, que vão desde a concepção corrente de “atendimento ao usuário” às ações de um agente cultural, à construção de produtos informacionais, à elaboração de políticas de capacitação ou de acesso às tecnologias de informação e comunicação, à mediação tecnológica proporcionada por ferramentas informacionais em rede (como os portais, sites, blogs). Em conformidade com o conceito de mediação elaborado por Almeida (2008; 2014), podemos afirmar que a mediação ocorre em todas as atividades realizadas pelo bibliotecário. A mediação está no fazer do bibliotecário, tal como defende Almeida Júnior (2009, p. 92). O ato de organizar as informações nas bibliotecas já caracteriza a mediação, de acordo com o discurso do Bibliotecário 5.

“Eu acho que a nossa mediação está desde a organização e a elaboração e planejamento das atividades meio, planejamento das atividades fim, a

junção e em que ponto de encontro elas andam juntas e fazer uma avaliação constante desse encontro ou desencontro” (Bibliotecário 6).

“A mediação não existe só no olho a olho, né. Quando eu organizo uma biblioteca digital eu estou mediando. Mas a mediação do conhecer, nós temos um privilégio muito grande de ter acesso à forma total de uma biblioteca que muitas vezes o usuário não tem. E eu consigo traduzir para esse usuário, muitas vezes uma necessidade que ele não conseguiu verbalizar para mim. [...] Não existe o fazer bibliotecário longe dele como mediador [...]” (Bibliotecário 5).

Diante do exposto, houve um consenso entre a maioria dos entrevistados de que o bibliotecário é um mediador por natureza, seja ao desenvolver as atividades técnicas, ao gerir e ao desenvolver atividades culturais em seu ambiente de trabalho.

“Acho que os bibliotecários são os mediadores, por excelência! E para isso é preciso interação. Bibliotecários que não gostam de pessoas terão grandes dificuldades em exercer sua profissão, verdadeiramente” (Bibliotecário 7).

Entretanto, Brito e Valls (2015, p. 23) alertam que embora o bibliotecário seja visto como um mediador é “preciso que sejam flexíveis e tenham habilidades para recuperar, organizar e armazenar informação, tanto de fontes impressas quanto eletrônicas”.

O Bibliotecário 1 já se coloca enquanto mediador e justifica que é por meio dele que o usuário chega aos livros e torna-se leitor. Explicita que o bibliotecário atua como mediador tanto em bibliotecas escolares, quanto em ambientes corporativos. Ou seja, o bibliotecário é um mediador independentemente do seu local de atuação.

“Então eu sou um mediador, porque através de mim o usuário chega até a informação, através de mim ele se torna um leitor, ele chega ao livro que ele quer, através de mim ele pode aprender a ler, ele pode chegar a ser um leitor assíduo... Eu vejo o bibliotecário como um mediador dentro de uma escola, como um profissional corporativo, numa empresa, em todos os âmbitos ele é um mediador” (Bibliotecário 1).

No entanto, o Bibliotecário 4 aponta que a mediação realizada na biblioteca é mais clara do que em outros ambientes de trabalho.

“Esse papel de mediador, dependendo de onde o bibliotecário trabalha é mais intenso... Numa biblioteca é muito mais nítido e claro do que onde eu trabalho, por exemplo, numa agência, pelo próprio local mesmo” (Bibliotecário 4).

Para o Bibliotecário 4, o local onde o bibliotecário atua interfere na maneira como as pessoas o percebem enquanto um mediador. Para ele, quando atuamos em biblioteca as pessoas nos identificam como mediadores, já em ambientes corporativos nem sempre percebem, embora a mediação seja realizada.

“Numa biblioteca, as pessoas têm em mente que é um lugar de trabalho do bibliotecário, que a informação está disponibilizada ali para isso. Em empresas, nem sempre as pessoas tem essa noção do que o bibliotecário faz e não sabem identificar esse papel. Pode ser que seja em maior ou menor intensidade, mas que é feito é” (Bibliotecário 4).

A informação tem sido afetada pelas tecnologias de informação e comunicação, modificando seu formato, suporte, processamento e disseminação, alterando a forma de mediação entre o bibliotecário e o usuário (VALENTIM, 2000, p. 17). Assim sendo, Almeida (2008, p. 3) alerta que a mediação possui o conceito flexível, sempre contextualizado a realidades muitas vezes distintas, e por tal motivo, uma definição consensual nos âmbitos da pesquisa e da prática parecem impraticáveis.

De acordo com os entrevistados, o bibliotecário não descansa enquanto não encontra a informação solicitada. Isso pode ser visto melhor a partir do exemplo pessoal relatado pelo Bibliotecário 5. De acordo com o relato, uma pessoa precisava de um material sobre o viaduto Santa Tereza e não encontrava.

“Aqui não tem e eu depois fiquei pensando nas possibilidades dele achar esse documento. Pesquisei, pesquisei, consegui e telefonei para ele, seu documento está em tal instituição. Talvez ele como pesquisador, talvez não tivesse tempo, não foi treinado... A função do bibliotecário é essa, localizar, encontrar, organizar, mediar... tudo isso no mediar” (Bibliotecário 5).

Há a concepção de que há profissionais bibliotecários que não exerçam seu papel de mediador. O discurso do Bibliotecário 2 ressalta o papel mediador do bibliotecário e nos mostra o desconhecimento que ainda há com relação às atribuições do bibliotecário.

“Onde demanda leitura, o bibliotecário sempre é convocado. Eu acredito que ainda tenha bibliotecário que não exerça papel de mediador, pelos comentários que eu ouço de gestões anteriores na biblioteca. Me falavam muito que o bibliotecário antes tinha muito a função ainda de invés de ser mediador do professor, ele atuava muito como um auxiliar do professor” (Bibliotecário 2).

Há, também, o conceito de que a mediação ocorre somente quando solicitada. Trata-se de uma visão mais operacional do processo de mediação por parte do Bibliotecário 8, que somou-se o fato do usuário não saber expressar sua necessidade informacional ao conceito de que a mediação ocorre só quando pedem.

“Mediador é saber passar a informação mesmo para o consulente. Por incrível que pareça, a mediação ocorre só quando é solicitada, a pessoa vai no seu serviço e procura. Lá em cima<sup>45</sup>, por exemplo, quando eu trabalhava lá, às vezes chegava pessoas que não sabia nem o que queria...” (Bibliotecário 8).

Concomitante com o posicionamento do Bibliotecário 8, Gomes (2014, p. 156) pontua que a mediação da informação tem origem nas interações sociais e nas mediações simbólicas, razão pela qual a linguagem é um elemento singular no processo de mediação. A autora afirma ainda que não há possibilidade de efetividade da mediação quando se negligencia a importância da comunicação.

---

<sup>45</sup> Quando o Bibliotecário 8 fala “Lá em cima”, refere-se a uma instituição que trabalhou anteriormente e que fica nas proximidades do local onde atua no momento.

Já para o bibliotecário 9, mediação é uma palavra que está sendo usada hoje para designar o que já era feito pelos bibliotecários há algum tempo no serviço de referência, ao atender o público das bibliotecas. Portanto, ele acredita que se trata de uma palavra da moda.

“Pra mim, essa palavra mediação é uma palavra modinha. Mediação é o que a gente faz, é o serviço de referência, não tem outra coisa. Igual aqui tem o educativo que é quem faz o atendimento das pessoas que visitam e as meninas são chamadas de mediadoras. É atendimento ao público, é um serviço de referência igual ao que a gente faz aqui, atendimento ao público, pra mim é uma palavra da moda” (Bibliotecário 9).

No entanto, Almeida Junior (2009, p. 92) esclarece que entender a mediação da informação vinculada ao serviço de referência ou ao atendimento ao público, é uma concepção empírica considerada incoerente, de acordo com as reflexões e estudos suscitados por sua pesquisa intitulada “Mediação da Informação e Múltiplas Linguagens”.

Ao contrário do que apontaram os demais entrevistados, o Bibliotecário 3, afirma que a mediação é um processo mais longo. Para ocorrer uma mediação de fato, o processo deveria iniciar-se desde a infância, e que talvez por esse motivo, nem sempre é possível conseguir uma mediação que ele chamou de positiva, no sentido de conseguir formar leitores.

“Então é isso, mediar é caminhar junto, levar até o leitor e depois ir até ele com a leitura, com a informação. Mas não quer dizer que você vai ter sempre sucesso... Eu acho que só tem que ter cuidado com isso, se não a gente acha que nós somos os responsáveis pela formação do leitor, nós somos apenas um dos responsáveis, um dos mediadores” (Bibliotecário 3).

A fala acima, do bibliotecário 3, revela o desafio de fazer a mediação, principalmente se levarmos em consideração que a mediação da informação tem como base a apropriação da informação e a interferência que se dá no âmbito do usuário, do bibliotecário, do suporte e equipamento informacional, do produtor da informação, das mídias, etc. (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 99). Trata-se de um processo complexo, pois “não é possível determinar o uso da informação, como se fosse esse o fim do ciclo de vida da informação” (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 99). Neste sentido, o Bibliotecário 3 aponta que o termo mediação tem sido recorrente na Biblioteconomia, sendo usado de maneira indiscriminada e por vezes utópica pelos profissionais.

“Eu acho que o termo mediador se tornou muito utilizado na Biblioteconomia, mas ele acaba sendo uma utopia porque o fato é que a gente não muda a realidade de um dia para a noite, o fato é que a gente não forma leitores. [...] A gente precisa continuar um trabalho que já deveria ter sido feito e às vezes a gente acaba se deparando com situações em que a gente está começando um trabalho quando ele já está lá com seu quatorze, quinze anos. É difícil! O termo mediação tem sido usado de forma genérica como se fosse a salvadora da pátria e não é assim, até porque seria se fosse desde sempre” (Bibliotecário 3).

Parafrazeando Monteiro Lobato com sua conhecida frase “um país se faz com homens e livros”, Briquet de Lemos (2015, p. 180) pontua que “entre homens e livros, [...] interpõem-se tantas outras prioridades, interpõem-se tantos interesses contrários a que o conhecimento efetivo do real seja amplamente apreendido e difundido”. Desse modo, podemos constatar que o desafio mencionado no processo de mediação, não é tão simples quanto imaginamos ao repetirmos o termo mediação no contexto biblioteconômico. Há muitos fatores que se interpõem no caminho da mediação.

#### **4.2.2 Formação do bibliotecário**

Ressaltamos que esta seção que se refere à formação do bibliotecário foi abordada diretamente apenas nas entrevistas realizadas com os professores. Alguns bibliotecários entrevistados mencionaram questões a respeito da formação do profissional durante a conversa espontaneamente.

[...] eu acho que uma coisa que a gente carece também é estudar a nossa formação. Aqui na escola é muito anglo-saxônica... Então a gente conhece muito a Biblioteconomia americana. É outra forma de perceber e talvez a gente esteja precisando abrir um pouco o leque” (Professor 2).

Por meio do discurso do Professor 2, podemos ver que a ideia de tradições de ensino ainda marca a formação em Biblioteconomia. Reiteramos que existem cinco fases no ensino de Biblioteconomia no Brasil (MUELLER, 1985; CASTRO, 2000a, p. 26-29; RUSSO, 2010, p. 89-90). A influência anglo-saxônica na formação do bibliotecário brasileiro teve início em 1929, com a instituição do segundo curso de Biblioteconomia do país, em São Paulo. A influência americana se deve porque o então Instituto Mackenzie havia acabado de trazer dos Estados Unidos a jovem bibliotecária Dorothy Muriel Gueddes, que foi confiada a preparar uma bibliotecária para o local, em decorrência da especialização que ela iria fazer na Universidade de Columbia. A necessidade de preparar a bibliotecária substituta deu origem ao curso, que refletia a orientação americana voltada para a organização de bibliotecas, baseada em técnicas (MUELLER, 1985, p.4).

“A formação orienta, dá um viés que permite um certo olhar do profissional. Eu acho que é mais do que um olhar, é um modo de organização do conhecimento mesmo que tem implicações ou que se relaciona diretamente com o modo de realizar os procedimentos. A formação faz toda a diferença sim para essa prática que o profissional vai dar conta de fazer ou não” (Professor 1).

A formação, além de direcionar o olhar para a atuação profissional, conforme pontua o Professor 1, também é responsável por desenvolver a consciência profissional. “Durante o curso de formação do bibliotecário e nas circunstâncias que envolvem essa

formação que se lançam os alicerces para o desenvolvimento da consciência profissional” (LEMOS, 2015, p. 350).

O Professor 1 pontua que a formação do bibliotecário se caracteriza como um desafio atual e, por conseguinte, afirma que quando falamos da formação básica em Biblioteconomia, há duas perspectivas que devem ser levadas em consideração: uma que diz respeito ao próprio profissional que vai atuar no mercado e outra que diz respeito a compreensão do campo. Tais perspectivas são essenciais quando pensamos no custo social de formar profissionais.

“Acho até bom que eu falei esse desafio primeiro que todos os outros, que é a formação. A formação básica do profissional, mas veja, não é só pelo profissional que vai para o mercado, é também. Porque existe um custo social muito grande em não formar minimamente de modo satisfatório essas pessoas. Isso é um compromisso muito grande. Isso me causa um incômodo, fica até doído, inclusive, porque eu fui profissional. [...] Aquilo que se faz na graduação, pra mim é essencial por conta dessas duas perspectivas” (Professor 1).

Na fala abaixo, o Professor 1 ressalta a resistência dos cursos de graduação em Biblioteconomia de refletir sobre as especificidades do mercado de maneira mais ampla, sobretudo, a resistência com relação a alguns conteúdos trabalhados.

“Eu acho que os cursos de graduação em Biblioteconomia de um modo geral ainda estão muito resistentes a refletir sobre essa amplitude do mercado. É comum os professores de Biblioteconomia terem alguma defesa quanto a certos conteúdos que são trabalhados nos cursos etc., às vezes até deixando de pensar na ampliação desses conteúdos porque de fato, aquilo que a gente estava falando, vários conteúdos não pertinentes começaram a ser pensados” (Professor 1).

Quando o assunto é referente aos conteúdos que poderiam estar presentes na formação do bibliotecário, os discursos são diversos, não há um consenso, tampouco respostas similares. De acordo com o Professor 4, a questão problemática da formação do bibliotecário não tem sido com relação ao conteúdo ministrado ou aos currículos adotados, mas sim com o perfil do corpo discente que ingressa nos cursos de Biblioteconomia.

“[...] digo, sob o risco de ser mal compreendida, que o problema maior para formar o profissional bibliotecário que “tenha domínio dos conteúdos da Biblioteconomia”, além de estar preparado para enfrentar com proficiência e criatividade os problemas de sua prática profissional, produzir e difundir conhecimentos não está na estrutura dos cursos de Biblioteconomia brasileiros, mas no perfil médio do aluno que busca os Cursos de Biblioteconomia e outros cursos com baixa nota de corte” (Professor 4).

Ressaltamos que tal perspectiva apontada pelo entrevistado requer um aprofundamento maior, se levarmos em consideração, sobretudo, a forma de ingresso da maioria dos cursos de Biblioteconomia em instituições de ensino superior. A nota de corte é o fator mais relevante para o ingresso ao curso, que hoje se dá por meio do Sistema de Seleção Unificada (SISU). Como não é a finalidade desta pesquisa abordar o perfil do aluno do curso de Biblioteconomia, este assunto não será tratado de forma mais ampla.

Com relação ao discurso do Professor 4 que afirma que o problema no ensino diz respeito ao perfil do discente, Lemos (2015, p. 129) pontua que é recorrente justificar o baixo nível de preparação dos bibliotecários a partir da base educacional e cultural deficiente dos discentes. O autor afirma que isso é verdade, mas não é exclusividade dos cursos de Biblioteconomia, mas sim uma característica do ensino superior brasileiro (LEMOS, 2015, p. 129).

“[...] Claro que essa não é uma realidade imutável, mas é onde vejo o maior desafio para a formação de bibliotecários no Brasil: como oferecer, em 4 anos, a um aluno que lê pouco e não entende bem o que leu, um número significativo de alunos nunca leram um livro inteiro antes de entrar para a universidade, uma base cultural geral e especializada que lhe permita ser o profissional que deverá lidar com a gestão e mediação do conhecimento na era da revolução da informação?” (Professor 4).

Contudo, não se pode deixar de levar em consideração que esse perfil de aluno do curso de Biblioteconomia atual mencionado pelo Professor 4, nos dá indícios de como é árdua a formação dos bibliotecários, no referido aspecto.

Sob o ponto de vista do profissional bibliotecário, a formação em Biblioteconomia é considerada limitada no que diz respeito a conteúdos específicos das ciências sociais e humanas, que anteriormente compunham o currículo do curso de Biblioteconomia da UFMG. Há uma forte crítica também ao discente do curso, que conforme aponta o Bibliotecário 3, é acomodado. Com relação à formação na ECI, o entrevistado demonstra certo desconforto com a Ciência da Informação, tratando-a como uma ciência técnica e que exclui os aspectos cultural, histórico e humano, que para ele, são próprios da Biblioteconomia.

“A nossa formação é muito limitada, em termos de conhecimentos gerais, de formação humanista, deixa muito a desejar. Desde a minha época, os alunos que entram também são acomodados no sentido de não buscar uma formação mais ampla [...] tiraram o básico na área de ciências sociais, filosofia, que todo bibliotecário tem que ter no início da formação isso. [...] E a ciência da informação pelo menos na nossa Escola, fica ainda aquela ciência tecnicista, aquela ciência que exclui o que é cultural, que exclui o que é histórico, exclui o que é humano...” (Bibliotecário 3).

Para o Professor 1, as categorias elaboradas pela Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN), Área 1 – Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação; Área 2 – Processamento da Informação; Área 3 – Recursos e Serviços de Informação; Área 4 – Gestão de Unidades de Informação; Área 5 – Tecnologia da Informação; Área 6 - Pesquisa (SANTOS; NEVES, 2014, p. 25-26), seriam boas para nortear grandes subáreas para compor o conteúdo curricular da graduação em Biblioteconomia.

“Eu acho que a ABECIN foi muito feliz nas categorias com as quais ela trabalhou durante bastante tempo, eu acho que ela ainda mantém. [...] Em fundamentos a gente está falando dos conceitos base, de uma discussão sobre a função do campo, sobre sua historicidade, então são nestes

aspectos que passam por tudo ao mesmo tempo sem passar pelas subáreas propriamente. Esses aspectos todos que eu estou te falando, que respondem as categorias que a ABECIN já tinha colocado, acho que eles são bastante pertinentes para se pensar numa estrutura básica de um curso” (Professor 1).

O Professor 1 faz uma crítica com relação a maneira como as disciplinas estão dispostas no curso de Biblioteconomia. Atualmente, as disciplinas são vistas de maneiras separadas, por exemplo, organização da informação, gestão da informação, informação jurídica, biblioteca escolar, etc. Na concepção do referido entrevistado, ter uma visão global de cada aspecto da Biblioteconomia, sem aplicar a uma realidade específica, seria uma maneira melhor de propiciar uma compreensão do campo para os discentes de forma que eles pudessem aplicar os conteúdos a qualquer contexto vivenciado.

“[...] É a biblioteca escolar de um lado e a organização da informação de outro. Então, algumas vezes, a compreensão do campo se perde um pouquinho por conta disso... Enfatizar um certo aspecto deixa de perder a sua validade, se você não consegue entender como é que ele se formaliza na totalidade daquele campo” (Professor 1).

Para o Professor 2, se olharmos o currículo do curso de Biblioteconomia apenas pelas ementas, o curso quase atende as especificidades do mercado. Contudo, destaca que a formação do bibliotecário necessita enxergar mais a realidade, além de promover mais discussões.

“Se você for olhar em termos de ementas, eu acho que quase. Agora se você for olhar em termos de orientação, eu acho que a gente está carecendo de um curso que enxergue mais o exterior, que não fique só nas discussões, mas que mostre também as realidades” (Professor 2).

Concomitantemente ao discurso do Professor 2, Lemos (2015, p. 351) pontua que é necessário que haja uma ampla pesquisa e discussão sobre o que deve consistir o ensino de Biblioteconomia e que aponte os caminhos a seguir num mundo em constante mudança. O autor ressalta ainda, que essas “mudanças que às vezes a própria academia reluta em admitir” (LEMOS, 2015, p. 351).

De acordo com o Professor 2, tais aspectos são recorrentes desde a época em que ela fazia o curso de Biblioteconomia. Na época, assim como hoje, voltava-se o olhar para um sistema específico, mas não se discutia que no contexto do ambiente de trabalho, o conceito apreendido pode e deve ser remodelado.

“Mas eu acho que isso não é de agora não. Eu lembro quando eu fiz Biblioteconomia, isso que a gente ouve até hoje né, não sabe usar o MARC, não sabe usar um software... Eu lembro que na minha época, a gente já queixava disso. Eu lembro que um dia eu disse “gente, eu queria sair daqui sabendo só Microisis, não precisava de mais nada se eu dominasse o Microisis”. Eu sentia essa falta, mas depois eu comecei a perceber uma coisa, o software é um retrato daquilo, o que está por trás dele, os conceitos, uma vez que você entenda essa mecânica e que você veja ela funcionando, você vai usar em qualquer um que aparecer. Aí já é o contrário, você vai ter que ver se o software te atende” (Professor 2).

Na fala acima, o relato pessoal do Professor 2 da época de sua graduação reforça a ideia de que o curso de Biblioteconomia apresentava um viés voltado para os procedimentos técnicos ou operacionais.

Os discursos dos entrevistados apontaram que a formação do bibliotecário tem que ser remodelada. Por um lado há a concepção de que a formação deve ser adequada ao profissional que é multitarefas, do outro lado, há um posicionamento de que a formação deve ter um viés técnico aperfeiçoado e um viés humanista intenso e reflexivo.

“E eu acho que quando a gente pensa em formação, isso que a gente precisa acertar aqui... O cara que a gente está formando aqui é um cara que precisa ser multitarefas” (Professor 3).

“Tem que ser uma formação técnica aprimorada, uma formação humanística muito forte e uma posição reflexiva. Nenhum aluno pode entrar numa Universidade e sair sem ter passado por um processo de reflexão, mesmo que seja negando um monte de coisas, mas ele tem que ser forçado a refletir e a pensar. [...] Tem que ter um equilíbrio. É por aí” (Professor 2).

Dentre os desafios mencionados para a formação do bibliotecário, destacaram-se duas situações cotidianas, como o fato dos alunos, em especial dos cursos noturno, terem contato com a dinâmica da profissão apenas durante o estágio supervisionado, em sua maioria; e a função do bibliotecário ser desempenhada por profissionais que muitas vezes não se identificam com a profissão.

“A gente tem hoje uma quantidade de alunos que não trabalham na área, que precisam trabalhar, mas que não trabalham na área. Por incrível que pareça a gente tem alunos que só vai fazer o estágio supervisionado e na minha época não era assim, não tinha o noturno na minha época” (Professor 3).

“O desafio maior está na formação, não no desempenho da função do bibliotecário. Tem muito bibliotecário que não gosta da profissão e trabalha como bibliotecário, acho que isso é um desafio, mas em termos da profissão, isso acaba dando a visão que as pessoas têm da gente, né” (Bibliotecário 4).

O Professor 3 afirma que nós trabalhamos com organização da informação, mas que há a necessidade de redesenhar o currículo de graduação atual mantendo procedimentos e metodologias já utilizados pela Biblioteconomia, mas incorporando conteúdos atuais.

“A gente precisa compreender que nós vamos trabalhar é com organização, que quando eu trabalho com metodologias, processos e instrumentos eu posso pensar outros acervos. Mas, existem conteúdos, por exemplo, agora no CBB, a curadoria digital que tem se falado muito... A gente precisa pensar em disciplinas que são vigentes e que evidentemente a gente precisa avaliar a importância dela. [...] existe espaço para a gente pensar em coisas mais interessantes e ao mesmo tempo avaliar se esse é o conteúdo que precisa ser mantido. Tem muito desse conteúdo e nenhum desse aqui, a gente precisa encontrar esse equilíbrio” (Professor 3).

O Professor 5 pondera que não há um curso que consiga reproduzir as especificidades da área. Não tem certeza de qual perfil profissional formal: um generalista que possa atuar em qualquer local ou um voltado para atuação específica. Por outro lado, acredita que um curso de graduação deve mostrar as possibilidades do mercado.

“O que eu posso falar daqui é que a gente ainda não tem clareza exatamente de se a gente poderia formar esse profissional que cabe em qualquer lugar ou se a gente poderia focar em alguma formação mais específica ou em algum contexto mais específico que talvez a formação fosse mais direcionada. Ao mesmo tempo, um curso de graduação tem que mostrar as possibilidades para que o futuro profissional saiba o que ele pode fazer profissionalmente, quais são as habilidades que ele tem para que ele direcione a vida profissional dele. [...] Qualquer curso dificilmente atende a todas as possibilidades” (Professor 5).

A formação generalista versus a formação para uma atuação mais específica, ou seja, uma formação de especialistas é apontada por Lemos (2015) como duas hipóteses conflitantes para definir uma crise no ensino de Biblioteconomia. O autor indaga: “a adoção de uma das duas soluções ou de ambas, simultaneamente, resolveria o problema? Será que ainda não continuaria a nos angustiar a dúvida sobre o que ensinar?” (LEMOS, 2015, p. 15). Diante do exposto, podemos afirmar que, apesar do discurso dos responsáveis pela formação em Biblioteconomia reiterar a preocupação com uma formação generalista, não é exatamente o que temos na prática, a começar pela indefinição de critérios que estabeleça a diferença entre o que seja realmente a formação generalista de uma especializada (LEMOS, 2015, p. 193). Em consonância com o discurso do Professor 5, o autor lembra que a formação do bibliotecário deve estar alinhada com a própria prática profissional, pois “se relacionam fortemente e, por sua vez, dependem das circunstâncias históricas e dos condicionamentos culturais, sociais, políticos e econômicos” (LEMOS, 2015, p. 196).

Com relação aos conteúdos necessários para a formação do bibliotecário, destaca-se os voltados para a organização da informação, que o Professor 5 considera como nuclear da Biblioteconomia, depois conteúdos voltados para o usuário e para as tecnologias. As especificidades técnicas caracterizam o profissional bibliotecário.

“Tem uma parte da formação técnica que não pode faltar que são especificidades técnicas que caracterizam o bibliotecário, alguns aspectos de organização da informação que outros profissionais não sabem fazer, seria uma questão nuclear” (Professor 5).

“[...] essas questões de organização, de gestão, precisam ser colocadas para que o profissional possa organizar esse espaço que ele tem, seja uma biblioteca, seja um centro de documentação, seja um sistema de informação, seja um projeto em que ele vá organizar informações... Essa visão do todo, do que é que ele está lidando é importante” (Professor 5).

O aspecto de uma formação técnica ser caracterizada como uma questão nuclear está enraizada na Biblioteconomia. Lemos (2015, p. 16) menciona que em 1971, na ocasião de um curso ocorrido em Belo Horizonte, os professores de Biblioteconomia da

época chegaram ao consenso de que um curso de Biblioteconomia não poderia prescindir das disciplinas técnicas, considerando que “o ensino minucioso e exaustivo das técnicas é que faz um bom bibliotecário” (LEMOS, 2015, p. 16). Neste sentido, Lemos (2015) faz uma crítica com relação à tendência da formação em Biblioteconomia apontando que é devotada uma fidelidade dogmática aos procedimentos técnicos da profissão, como os códigos de catalogação, as normas de documentação e os sistemas de classificação; deixando de atender-se para a “dinâmica da informação documental, do avanço da tecnologia da informação e da psicologia dos usuários” (LEMOS, 2015, p. 27-28). O ensino das técnicas é realmente uma temática imprescindível na formação do bibliotecário, mas não deve ser ministrada de maneira isolada. O desenvolvimento de uma atividade de organização da informação é realizado para as pessoas, é uma atividade intelectual que requer reflexão, não somente uma repetição das normas, que muitas vezes são quase decoradas pelo uso recorrente, sem uma adequação ao contexto. A técnica deve estar alinhada ao humanismo.

O Professor 5 aponta ainda que falta falar e trabalhar mais o usuário. Durante a entrevista, o referido entrevistado apontou que o fato de trabalharmos pouco as questões relativas ao usuário se dá por uma falha nos cursos de graduação que costumam ofertar poucas disciplinas que enfoquem especificamente o usuário. No caso da ECI, apenas uma disciplina obrigatória e ocasionalmente alguma optativa, mas com pouca recorrência. Corroborando a este posicionamento, Milanesi (2002b, p. 33) afirma que os cursos de Biblioteconomia procuraram sempre dar uma base humanística genérica como requisito para a formação de um bom bibliotecário, mas sobre essa base, assentavam-se as “técnicas” sem uma diferenciação das possibilidades de atuação. Assim, ressalta-se a importância do usuário deixar de ser um “mero personagem”, já que tudo o que o profissional bibliotecário faz é para ele.

”Eu acho que a gente conhece muito pouco sobre o usuário. A gente tem pouco contato com o usuário na formação do bibliotecário. Então ele vai ter, por exemplo, uma disciplina e depois ele vai ter contato com o usuário no estágio, nos estágios que ele faz já com uma definição... ‘aqui o usuário é esse, é dessa forma que ele faz’, é pouco esse contato com o usuário. Eu percebo que tem um certo problema de lidar com o usuário, tipo ‘será que eu vou saber responder para ele?’... Tem uma insegurança de fazer essa troca, do que ele está precisando, qual é a linguagem que ele usa, eu acho que poderia haver mais investimento” (Professor 5).

Edson Nery da Fonseca enfatiza que os usuários são a razão de ser do trabalho do bibliotecário, de modo que devem estar a serviço dos usuários da informação, mesmo que ao invés de fornecer livros, forneça terminais de computadores (FONSECA, 2007, p. xix). “A própria formação do bibliotecário deve salientar a necessidade de se conhecer as características do grupo de usuários que se pretende atender” (FADEL *et. al.*, 2010, p. 26). Caso contrário, o usuário dará preferência à informação que for mais acessível, mesmo que não seja necessariamente a ideal ou a certa, o que acarreta num distanciamento entre os

usuários e as unidades de informação. Neste sentido, o Bibliotecário 7 destaca que a Biblioteconomia é feita para as pessoas, por isso devem repensar os currículos de tal maneira que a humanística seja contemplada em consonância com os demais conteúdos biblioteconômicos.

“Acho que o principal desafio da profissão está na formação dos bibliotecários. É preciso, com urgência, pensar em currículos que contemplem a formação humanista e social em consonância com as processos de organização e tratamento da informação, agregando as novas tecnologias. É preciso voltar a pensar que a Biblioteconomia é feita para pessoas, antes de tudo” (Bibliotecário 7).

As tecnologias da informação é outro tópico que merece destaque quando conversamos sobre a formação do bibliotecário com os entrevistados. Sendo encarado com um desafio pelo Bibliotecário 4, a formação do bibliotecário deve dedicar-se com um pouco mais de profundidade as tecnologias, conforme aponta o Professor 5.

“E querendo ou não, as tecnologias de informação. Não tem como um profissional que lida com a informação não ter isso com mais profundidade” (Professor 5).

“Acho que o principal desafio é a formação do bibliotecário. Eu acho que a formação tem que se voltar um pouco para a questão do desenvolvimento tecnológico, porque a tecnologia sim impulsionaria muito o trabalho do bibliotecário e abriria novas oportunidades de atuação” (Bibliotecário 4).

Observa-se que há um “esforço no sentido de incorporar informações sobre a tecnologia recente, mas sem que isso altere a estrutura global dos cursos” (LEMOS, 2015, p. 28).

A formação continuada foi um dos tópicos abordados durante as entrevistas. Tanto bibliotecário como professor, apontam a formação continuada como um desafio porque a formação continuada possibilita ao bibliotecário inovar e criar novas oportunidades em seu campo de atuação.

“Nossos desafios atuais é a formação continuada. (...) É um desafio porque como é que nós vamos inovar? Como é que eu vou modificar os serviços que a biblioteca presta a comunidade se eu ainda acredito que a biblioteca é um depósito?” (Bibliotecário 5).

“Um desafio é a gente se manter preocupado em se atualizar, estar sempre estudando. [...] Essa acomodação acaba levando a um esvaziamento da própria biblioteca. As pessoas não tem as oportunidades e muitas vezes não consegue entender o por que. Pode ser por razões externas a ela, mas algumas vezes também a gente que não sabe conduzir. Vida profissional não é fácil! Tem os momentos que você tem que saber recuar, criar planos B para a vida” (Professor 2).

Diante das transformações ocorridas na Biblioteconomia e na sociedade, especialmente em função das novas tecnologias de informação que aceleradamente inovam os mecanismos de organização, acesso e difusão da informação, o bibliotecário precisa retomar seu papel como intelectual, refletindo sua práxis e a sua função social em diferentes

contextos, voltando-se para a atualização profissional. As mudanças ocorridas no campo de atuação profissional faz com que o profissional necessite da formação continuada para manter-se atuante. Neste aspecto, Sambaquy (1978, p. 59) afirma que o aperfeiçoamento da formação do bibliotecário deve ser feita em alto nível, pois somente assim podem ser considerados verdadeiros especialistas em informação. Para a autora, é necessário para estejam “habilitados a usufruir, em toda a plenitude, das oportunidades de trabalho que sua profissão deverá oferecer em futuro próximo, devido ao reconhecimento atual da importância de todas as formas de comunicação de ideias, de informação e documentação” (SAMBAQUY, 1978, p. 59). Com a formação continuada, o profissional adquire novas habilidades, competências e atribuições (SANTA ANNA, 2014, p. 7). Afinal, o nosso espaço de trabalho como será garantido pela competência, pela criatividade, pela interação, pelo reforço do papel de “*gatekeeper*”<sup>46</sup>, pela troca (CUNHA, 2000).

### 4.3 BIBLIOTECONOMIA

Quando perguntamos a definição de Biblioteconomia para os entrevistados, podemos perceber que poucos conseguiram responder de imediato o que acreditavam que fosse a Biblioteconomia. A interpretação da pergunta inicial que deu origem a este tópico foi mencionada de maneira livre por cada respondente. A partir das respostas, conversamos mais sobre o tema a fim de compreender qual o entendimento que os entrevistados têm da área.

A relação estabelecida entre a Biblioteconomia e a biblioteca é o que o Professor 1 menciona em sua fala. Para ele, a Biblioteconomia começa em torno do espaço físico da biblioteca e de seu modo de organização.

“Eu acho que a biblioteca como ambiente, ela é fundamental para a própria Biblioteconomia. Ela começa antes de tudo em torno desse espaço físico chamado biblioteca e do seu modo de organização. [...] Então, já não podíamos falar em biblioteca isoladamente desde sempre, acho que já tem aí uma questão. E depois, foi ficando cada vez mais complexo, foram surgindo os centros de documentação para pensar algumas perspectivas, algumas questões que não estavam sendo contempladas nas bibliotecas” (Professor 1).

De acordo com a fala acima, a biblioteca é fundamental para a Biblioteconomia no sentido de que tal instituição subsidiou os instrumentos e teorias da área que temos até hoje. Mas, com o tempo os instrumentos foram sendo remodelados porque, conforme

---

<sup>46</sup> Em tradução literal, *Gatekeeper*, do inglês quer dizer porteiro. Trata-se de um termo jornalístico que pode interpretado como o “porteiro” da redação, responsável pela filtragem da notícia, pela definição, de acordo com critérios editoriais, o que vai ser veiculado. Transpassando o termo para a Biblioteconomia, podemos afirmar que um bibliotecário é um *Gatekeeper* quando filtra a informação, estabelece critérios para a sua seleção, aquisição, acesso e difusão.

aponta o Professor 1, foram surgindo centros de documentação e, podemos ver hoje, outras unidades de informação que nos trouxeram novos olhares para os instrumentos e teorias que usamos na Biblioteconomia.

A Biblioteconomia é considerada importante pelos entrevistados, principalmente para que o profissional bibliotecário compreenda o que é uma biblioteca. Com conhecimento da finalidade e potencialidade da biblioteca, o profissional pode propor novos horizontes para as bibliotecas e a Biblioteconomia.

“Precisamos da Biblioteconomia para que este profissional compreenda o que é uma biblioteca [...]” (Professor 3).

Os entrevistados pontuaram que a Biblioteconomia não diz respeito apenas às bibliotecas. Embora as bibliotecas tenham se reformulado ao longo do tempo e haja uma ligação direta entre elas e a Biblioteconomia, como já foi assinalado anteriormente, a Biblioteconomia possui uma aplicação mais ampla.

“Eu não acho que a Biblioteconomia seja uma área que só diga respeito às bibliotecas. [...] alguns princípios da Biblioteconomia e práticas da Biblioteconomia poderiam olhar mais e estarem mais presentes e que ainda não estão presentes” (Professor 5).

“E o que acabou permanecendo, na maior parte do mundo, é isso que a gente acaba chamado de Biblioteconomia e que na prática acaba sendo mais extenso, mais amplo do que a biblioteca, do que o trabalho em biblioteca. Ao mesmo tempo, o trabalho em biblioteca também foi sendo reformulado” (Professor 1).

Contudo, vislumbrar a Biblioteconomia como profissão que vai além da atuação em bibliotecas e mais próxima da comunidade, foi apontado como um desafio para a área.

“No âmbito geral, pensando enquanto profissão mesmo, a Biblioteconomia precisa sair da visão tradicional da biblioteca, mas no sentido não da biblioteca como espaço físico, mas também para perto da comunidade” (Bibliotecário 3).

Ao definir a Biblioteconomia, percebemos que não houve um consenso entre os entrevistados a respeito dela se caracterizar como um campo de estudo, área do conhecimento, ciência, disciplina ou arte. Cada entrevistado definiu a Biblioteconomia com olhar do local onde atua. Concomitante a isso, na literatura da área também não há um consenso entre os autores, tendo sido abordada com divergências na sua conceituação (ANDRANDE; METCHKO; SOLLA, 1981, p. 156).

Em seu estudo publicado em 1981, Andrade, Metchko e Solla constataram que a Biblioteconomia possui conceitos básicos e carentes de precisão, não havendo um consenso sobre o que é a Biblioteconomia e a sua abrangência, despreocupando-se com a sua fundamentação teórica.

A Biblioteconomia é entendida, por alguns dos entrevistados, como uma área do conhecimento que estuda a representação, organização, uso e disponibilização da

informação e dos seus serviços e produtos. Destaca-se que o Professor 5 menciona incoerências entre a teoria e prática da Biblioteconomia.

“Em princípio, entendo a Biblioteconomia conforme amplamente repetido por autores e profissionais da área como o campo do conhecimento que estuda os aspectos da representação, da sistematização, do uso e da disseminação da informação através de serviços e produtos informacionais. Trata da análise, planejamento, implementação, organização e administração da informação em bibliotecas, bancos de dados, centros de documentação, sistemas de informação e sites, entre outros. Entretanto, para cada uma dessas categorias, quando discutidas com mais aprofundamento, apontam para incoerências entre a teoria e a prática” (Professor 4).

Já outros entrevistados, acreditam que a Biblioteconomia pode ser vista também como ciência que estuda a organização, tratamento e disseminação da informação, colaborando com outras áreas e outros profissionais.

“É a ciência que organiza informações. Organização e disseminação de informações em vários tipos de suportes. É uma área que pode auxiliar outras áreas. Aqui, por exemplo, às vezes a gente dá algumas sugestões de organização para o setor de processamento técnico e para o setor de arquivo documental, tem como a gente auxiliar também outras áreas com relação à organização para recuperar mais fácil” (Bibliotecário 9).

“Biblioteconomia é a ciência que estuda a organização, o tratamento e disseminação da informação, considerando os aspectos culturais e sociais de cada comunidade e tipo de usuário. É um campo complexo, que não se restringe a esta singela definição” (Bibliotecário 7).

A Biblioteconomia está preocupada em organizar e estudar a informação, mas levando em consideração o contexto social e cultural de acordo com a comunidade e o tipo de usuário a ser atendido.

É notável a confusão dos entrevistados ao situar a Biblioteconomia como uma área ou ciência. O fato é que ela é vista a partir da perspectiva da organização da informação, sendo apontada como uma área muito prática, embora seja considerada também uma área de estudo, que se dedica a pesquisa.

"Ela é uma área de estudo, é uma área prática, é uma área bastante aplicada, responsável por uma parte, que lida com uma parte do que a gente chama de organização de informação. Ela tem um lado que é científico, de pesquisa e que eu entendo que isso tem uma relação com a prática para que a prática seja melhor e para que a prática mostre para onde a gente pode andar por alguns caminhos, mas eu acho que ela é uma “ciência”, se é que ela pode ser chamada de ciência, realmente aplicada, na prática como as coisas funcionam além de ter as teorias também. Não sou da área de epistemologia, então eu não sei bem definir essas coisas" (Professor 5).

“Eu vejo ela não só como ciência, mas também como uma disciplina interdisciplinar. Você tem oportunidade de obter vários conhecimentos em várias áreas” (Bibliotecário 2).

A Biblioteconomia também é vista como uma gestão, uma área que possibilita o acesso à informação que pode trabalhar com conhecimentos de várias áreas.

“No meu conceito, eu vejo a Biblioteconomia como uma gestão. Eu vejo a Biblioteconomia como acesso a informação. A Biblioteconomia é mais do que ser bibliotecário, eu vejo a Biblioteconomia além disso. Pra mim ela é vasta, ampla. Você pode ir por vários meios. A Biblioteconomia é o acesso à informação.” (Bibliotecário 2)

Os entrevistados evidenciam a percepção de que a Biblioteconomia é interdisciplinar quando a caracterizam como uma área ou ciência que lida com outros ramos da ciência.

“A Biblioteconomia te leva a conhecer não só a sua área, a gente conhece um pouco de literatura, de direito... eu comecei a conhecer quando trabalhei numa biblioteca de direito; fisioterapia... [...] Eu gosto porque ela abrange todas as áreas” (Bibliotecário 8).

“A gente ainda tem um laço com a Biblioteconomia antiga, mas ao mesmo tempo a gente tem a tecnologia que nos favorece do ponto de vista de você poder ampliar o uso desses instrumentos. A gente não é uma área que é sozinha, a gente trabalha em parceria com outras áreas. A gente precisa do suporte de outras áreas para a gente fazer o nosso trabalho de bibliotecário hoje” (Professor 3).

“A Biblioteconomia, eu vejo como uma ciência que lida com todos os ramos da ciência, uma ciência interdisciplinar, que pode se agregar em qualquer outra ciência organizando a informação para que o usuário possa de forma mais acessível e rápida ter um estudo mais breve, ter uma facilidade de encontrar o que ele quer. Então, eu posso incluir a Biblioteconomia na biologia, na matemática, posso incluí-la dentro da ciência da informação, na museologia. A Biblioteconomia organiza as ciências, eu vejo isso. O profissional bibliotecário é um marco do centro da Biblioteconomia” (Bibliotecário 1).

Dois aspectos da fala anterior merecem destaque: a Biblioteconomia ser percebida como uma ciência que organiza outras ciências e o fato do bibliotecário ser considerado o centro da Biblioteconomia.

O Bibliotecário 4 demonstrou uma preocupação com a delimitação da área, não no aspecto de limitar a relação interdisciplinar, mas no sentido de reafirmar o que constitui de fato o corpo teórico específico da Biblioteconomia.

“Acho que tem muita contribuição de outras áreas e ao mesmo tempo parece que é necessário delimitar isso... o que é próprio da Biblioteconomia e o que é junção ou contribuição de outras áreas” (Bibliotecário 4).

A Biblioteconomia é percebida, também, como arte, área de atuação ou do conhecimento, voltada para a disponibilização do acesso a informação para o público ao qual se destina.

“Eu não vou dizer que Biblioteconomia é uma arte por que... Mas às vezes eu até acho que é. Mas a Biblioteconomia é uma área de atuação que a gente se preocupa com o acesso a informação, como facilitar o acesso à informação, como prover os recursos informacionais para os leitores, os usuários de modo geral” (Bibliotecário 3).

“Como área de conhecimento, acho que é isso mesmo... é essa questão de disponibilização de informação, facilitar o acesso, tratar e organizar a

informação de forma que ela possa ser utilizada, se torne acessível ao público a que se destina” (Bibliotecário 4).

Conforme mencionado anteriormente, os entrevistados demonstraram dúvidas com relação a afirmar que a Biblioteconomia seja ciência, disciplina científica, área do conhecimento e afins. O Professor 1 sintetiza a imprecisão ao apontar que independentemente da designação, há um conhecimento próprio e uma especificidade da Biblioteconomia.

“Se o nome é campo de conhecimento, área de conhecimento, disciplina ou disciplina científica, eu não sei qual é o nome mais adequado. Eu diria que tem um conhecimento ali numa especificidade própria e etc.” (Professor 1).

O consenso entre os entrevistados é que independentemente de qual seja a definição neste aspecto, a Biblioteconomia pode e deve ser entendida como um conhecimento que contribui para o desenvolvimento da sociedade por meio da disponibilização do acesso democrático à informação.

“Eu acho que a gente pode e deve entender a Biblioteconomia como conhecimento e, obviamente, continuar atuando para que ela se configure como tal. Porque ela é... para dar conta de responder pelas demandas sociais é interessante que ela se configure como conhecimento, porque aí a gente faz jus do melhor modo a essas demandas sociais” (Professor 1).

Por outro lado, a Biblioteconomia, se observada de uma perspectiva operacional, é percebida também como um curso técnico e atrelada a Ciência da Informação, no sentido de que a Biblioteconomia faça parte da Ciência da Informação.

“Acho que a Biblioteconomia se pensar do ponto de vista dos suportes e sua organização ela pode ser um curso técnico. Mas se pensar a Biblioteconomia dando essa vitalidade como um organismo vivo, ela é pra mim uma ciência da informação. Ela trata de coisas capazes da transformação das pessoas, ela investiga a informação, ela decifra, ela produz... Acho que a ciência da informação incorpora a Biblioteconomia” (Bibliotecário 6).

Neste sentido, o Professor 1 lembra que o estudo da teoria, da aplicabilidade e as pesquisas realizadas no escopo da Biblioteconomia são desenvolvidas institucionalmente por meio da pós-graduação em Ciência da Informação. Tal fator pode evidenciar a confusão que alguns profissionais têm quando definem a Biblioteconomia como parte da Ciência da Informação.

[...] no Brasil, esse nome é usado a nível de pós-graduação e da pesquisa. Então, tudo aquilo que eu venho falando aqui em termos do entendimento do campo, do corpo teórico e da sua aplicabilidade social é estudado no Brasil sob o nome de Ciência da Informação. Não só, né? Porque você o faz na graduação sob o nome de Biblioteconomia, também precisa estudar para ensinar aquilo. Mas o espaço institucional onde a pesquisa está colocada e a formação para a pesquisa no Brasil recebe o nome de Ciência da Informação” (Professor 1).

“Eu acho que isso causa uma certa confusão porque o curso de graduação é para formar o profissional que vai atuar no mercado e que ele não vai lidar

com essas questões que eu estou falando que são ligadas a ciência da informação, mas são mais de pesquisas científicas” (Professor 5).

Nos eventos científicos de pesquisa em Ciência da Informação há pesquisas relacionadas à Biblioteconomia, embora nem sempre sejam apresentadas com tal nomenclatura, e outras que relacionam a Ciência da Informação e a Biblioteconomia, propriamente, com outras áreas. Mas, de uma maneira que, de acordo com o Professor 1, não avança muito o campo da Biblioteconomia porque não há convergências.

“Mas até aí, o que a gente vê nos cursos de pós-graduação em ciência da informação e nos eventos de pesquisa em ciência da informação é um misto entre algo que se relaciona com isso que a gente está chamando de Biblioteconomia, mesmo que esse nome não seja utilizado, e outras coisas que efetivamente não contribuem. E o problema é o do não enfrentamento disso” (Professor 1).

Pensando nos reflexos da institucionalização da Ciência da Informação nos cursos de Biblioteconomia, o Professor 5 sugere que a Ciência da Informação deve ser informativa e não formativa para os futuros bibliotecários.

“Eu acho que as disciplinas de Ciência da Informação podem ser interessantes para mostrar assim que não estamos isolados no mundo, existe uma área, talvez uma área maior, de pesquisa, que tem uma relação, mas que tem relação com outras áreas, mas é só. Informativo e não formativo para atuar profissionalmente” (Professor 5).

A perspectiva da Ciência da Informação e de demais campos interdisciplinares deve complementar os conteúdos do curso de Biblioteconomia quando se estabelecem relações, mas com enfoque na Biblioteconomia e suas especificidades como campo de interesse, principalmente no que tange a formação.

“Então, ainda que outros conteúdos sejam trabalhados nesse espaço, eu estou interessada nesse que tem relação com a Biblioteconomia, habitualmente no campo da arquivologia e da museologia, acho que isso pode ser produtivo também, mas não em outras abordagens que não vão fomentar essa perspectiva” (Professor 1).

Na concepção do Professor 5, a tentativa de diálogo da Biblioteconomia com a Ciência da Informação da maneira como ocorre hoje, não tem sido apropriada para formar bibliotecários coerentes com a trajetória da Biblioteconomia.

“Pode ser que eu esteja muito equivocada... Mas eu sinto que essa tentativa de colocar as coisas para conversar não forma nem um bom bibliotecário, coerente e com uma formação clara nas áreas que são específicas da Biblioteconomia e que são historicamente específicas da Biblioteconomia, e também não dá os básicos necessários para se entender ciência da informação” (Professor 5).

Diante disto, o Professor 5 aponta ainda que embora haja relações entre a Biblioteconomia e a Ciência da Informação, observa-se uma distância, sobretudo, na prática. Isto porque na concepção do referido entrevistado, na Ciência da Informação o conteúdo é

voltado para a pesquisa científica e a formação em Biblioteconomia é voltada para a atuação no mercado de trabalho.

“Essa é a separação que eu percebo ainda, por mais que há um discurso dizendo que ‘tem uma ligação intrínseca, na prática isso também acontece’, na prática eu vejo a Biblioteconomia que eu sempre vi que foi a Biblioteconomia que eu aprendi também” (Professor 5).

Outro aspecto percebido ao longo da entrevista é que a percepção do que é a Biblioteconomia está ligada a trajetória histórica da área e da atuação de seus profissionais. A partir dessa perspectiva voltada para a história da Biblioteconomia e de seu fazer, ela se renova face ao contexto atual utilizando-se de seus instrumentos basilares e reafirma seu corpo teórico e seu *modus operandi* ao longo do tempo. O Professor 1, inclusive, atribui a este fator o valor Biblioteconomia permanecer na contemporaneidade.

“A Biblioteconomia para mim é ciência, é arte, é técnica, é instrumental, é história, a Biblioteconomia é tudo isso e ainda, sendo tudo isso, ela carrega no fazer, eu carrego no meu fazer, a Biblioteconomia não teórica, a Biblioteconomia prática, carrego no meu fazer o que os bibliotecários desejaram, fizeram e materializaram ao longo da história das bibliotecas. [...] o que eu faço hoje, eu renovo as minhas práticas, mas por isso que eu acho que ela é ciência e arte, que ela vai se reinventando, se transformando em biblioteca digital e dialogando com o que existe e mantendo as suas relações com o usuário, relações contraditórias, relação de força e de poder, relações de exclusão...” (Bibliotecário 5).

“A gente está falando desse sujeito que profissionalizado responde por este conhecimento chamado Biblioteconomia, numa atuação prática que tem a ver com o uso de informação, como suprir esses usos. A Biblioteconomia só continua valendo porque esta percepção continua a mesma, já está colocada” (Professor 1).

Neste sentido, ao vislumbrarmos a Biblioteconomia a partir de sua trajetória histórica, o Bibliotecário 5 aponta que cabe a nós definir o que será a Biblioteconomia no futuro. Por toda a sua história, cabe aos profissionais tomarem a responsabilidade para si das atividades que estão desenvolvendo.

“Então a gente pode falar assim: não tem mais possibilidades para a Biblioteconomia, agora eu sou cientista da informação, talvez uma adaptação do bibliotecário... Mas olha a gente também pode falar: eu continuo sendo pintor, mas agora eu vou fazer outro tipo de obra... Essa para mim é a Biblioteconomia. A gente tem milênios aí sobre as nossas costas, qual a obra que a gente quer pintar?” (Bibliotecário 5).

Contudo, destaca-se a percepção do entrevistado de que há bibliotecários que não se importam com os rumos que a Biblioteconomia enquanto área, seja no dia a dia, transformando um pouco a realidade individual de determinado contexto, ou num futuro próximo tomará.

“Eu vejo cada vez mais bibliotecários que não se importam... E se importar não é fazer auê, não é mudar o planeta, não é fazer passeata. Se importar é fazer o seu trabalho cada dia melhor. Eu tenho uma sorte de trabalhar com pessoas que fazem seu trabalho cada dia melhor, mas eu conheço muitas bibliotecas em que a realidade não é assim.” (Bibliotecário 5).

Embora a Biblioteconomia seja uma área do conhecimento muito antiga, os entrevistados apontaram que a Biblioteconomia possui um conjunto de saberes voltado para a organização de tal maneira que o objetivo da área é organizar a informação.

"Pergunta difícil. A Biblioteconomia, eu acho que ela se modificou... Se a gente pensar na Biblioteconomia como uma área do saber responsável por organizar bibliotecas, que era assim antigamente... Eu ampliaria muito esse domínio. [...] O que acontece é que nós acabamos tendo um conjunto de saberes que nós podemos organizar recursos informacionais diversos e usamos processos e instrumentos da Biblioteconomia porque a Biblioteconomia é uma área de conhecimento que é muito antiga" (Professor 3).

A Biblioteconomia não apresenta uma forma única de descrever, analisar e conceituar. De acordo com o Professor 3, há diversos parâmetros que abrangem a definição de biblioteconomia, necessitando sempre ter um enfoque para designá-la de maneira adequada.

"Tudo que a gente faz aqui, no final das contas é organizar e recuperar informação. Eu falo do ponto de vista da organização da informação, porque se você perguntar isso ao pessoal da ICS [Informação, Cultura e Sociedade], eles vão falar de uma outra abordagem" (Professor 3).

Em linhas gerais, todos os produtos e serviços oriundos da Biblioteconomia são organizar e recuperar informação. A organização da informação é apontada como o núcleo duro da Biblioteconomia, conforme aponta o entrevistado abaixo.

"Então, a gente tem esses saberes, a gente tem esses profissionais que trabalham com isso, com essa preocupação de organizar, com a preocupação de classificar, indexar. É muito importante lembrar que esse é o núcleo da nossa área, é o núcleo da Biblioteconomia. Trabalhar com hora do conto é outro serviço, mas antes de olhar para a hora do conto eu preciso saber o que é uma biblioteca, para que ela serve e organizar uma biblioteca. Se você não quer trabalhar no núcleo duro da sua área, aí vai ficar na perfumaria" (Professor 3).

No tocante a organização da informação ser apontada como o núcleo duro da Biblioteconomia, Lasso de La Vega (1952, p. 249) afirma que a catalogação e a classificação são as "funções técnicas mais específicas do bibliotecário, e o que leva mais tempo e de certa maneira revelam sua capacidade e sua vocação profissional, assim como seu desejo de satisfazer as necessidades do público".

Em determinado momento da conversa, perguntamos aos entrevistados o que é ou quais são os objetivos da Biblioteconomia. Os posicionamentos foram acerca da organização da informação, disseminação e acesso a informação, auxiliar o usuário a buscar informações e formar profissionais para mediar o acesso à informação.

Mais do que pensar na organização da informação como um objetivo da Biblioteconomia por si só, os entrevistados apontaram que a organização na Biblioteconomia é para a disseminação da informação.

“Eu acho que o objetivo dela é disponibilizar informação... Nesse caos que a gente vive com informação para tudo quanto é lado e disposta de tudo e quanto é jeito, acho que é tentar atribuir um pouco de ordem a isso e juntar o que é afim e separar o que não é, tratar o que é igual de modo igual e diferente de modo diferente. Porque é tudo misturado, sabe. Eu acho que informações são colocadas lado a lado e tratam de coisas completamente diferentes e nem sempre há um tratamento adequado para isso e assim, as informações podem se perder” (Bibliotecário 4).

“O objetivo principal da Biblioteconomia é organizar informações para que essas informações gerem dados e para que elas sejam disseminadas para o usuário” (Bibliotecário 9).

Aliado ao aspecto da disseminação da informação, alguns entrevistados afirmaram que o objetivo da Biblioteconomia é propiciar o acesso ao conhecimento registrado.

“O objetivo da Biblioteconomia é o conhecimento, é atingir o conhecimento, para si próprio e outras pessoas” (Bibliotecário 2).

“O objetivo da Biblioteconomia para mim é facilitar ao extremo o acesso à informação em qualquer suporte, em qualquer meio e de qualquer forma” (Bibliotecário 5).

“Sintetizando, seria identificar, organizar e divulgar para uso público, com os recursos tecnológicos disponíveis no momento, todo o conhecimento produzido pelo homem” (Professor 4).

“Acho que é democratizar o acesso à informação, utilizando para isso todos os processos que lhe são pertinentes” (Bibliotecário 7).

“É levar conhecimento, ajudar as pessoas a achar o que estão procurando, a informação que estão procurando” (Bibliotecário 8).

Vale ressaltar o posicionamento do Bibliotecário 6 que apontou o desenvolvimento social e a prestação de serviço da cultura como objetivos da Biblioteconomia.

“Eu acho que o objetivo dela incide sobre duas questões: o social e o cultural. Estar a serviço da cultura e do desenvolvimento social, através do conhecimento, da produção do conhecimento, da disseminação e da guarda” (Bibliotecário 6).

Considerando a Biblioteconomia como uma ciência, o Bibliotecário 1 afirma que auxiliar o usuário e organizar informação para a sua disseminação são objetivos da Biblioteconomia.

“O objetivo da Biblioteconomia é ajudar o usuário a encontrar informação. Ela tem esse objetivo, como ciência. Atender ao usuário e organizar a informação para que ela possa ser disseminada de uma maneira mais fácil e ágil” (Bibliotecário 1).

No tocante aos usuários, o Bibliotecário 3 assinala que a Biblioteconomia precisa preocupar-se mais com as pessoas, especialmente porque todo o trabalho biblioteconômico desenvolvido é para as pessoas, é em prol da atividade de mediação. Neste sentido,

Milanesi (2002b, p. 29) faz uma dura crítica a Biblioteconomia ao afirmar que possivelmente “o grande e persistente erro da Biblioteconomia foi voltar-se para si própria e ficar amarrada ao seu arsenal de normas técnicas sem se preocupar com o “para quem” e o “porque”. Em outras palavras, a serviço de quem estariam todas as habilidades biblioteconômicas?”.

Os entrevistados assinalaram que é também objetivo da Biblioteconomia formar profissionais para atuar na disponibilização e acesso a informação por meio da mediação.

“A Biblioteconomia precisa se preocupar em conviver com pessoas para depois se preocupar com informação, não adianta ter tanta informação se não tem quem vai utilizar. Eu costumo dizer que a gente trabalha com pessoas e livros ou pessoas e informação. A Biblioteconomia fala de mediação, a gente está mediando sempre. A Biblioteconomia fala de leitura, de cultura, de humanidade também” (Bibliotecário 3).

“Quando a gente está falando em Biblioteconomia, a gente está falando de uma área que se ocupa de responder por necessidades de informação das pessoas em torno das suas mais diversas atividades humanas, todas elas” (Professor 1).

“Formar profissionais para lidar com esse universo de informação. Hoje, eu acho que a gente tem muitos processos que estão automatizados e que facilitam muita coisa, então eu vejo a Biblioteconomia realmente como um peso muito grande nessa questão da mediação entre o usuário e a informação” (Professor 2).

Neste aspecto, conforme aponta o Professor 3 e o Professor 5, o objetivo da Biblioteconomia é disponibilizar teorias que embasem a formação e atuação prática dos bibliotecários profissionais e para a criação e desenvolvimento de bibliotecas e centros de referência. Embora seja uma área considerada técnica por alguns dos entrevistados, precisamos pesquisar, estudar, discutir e propor modelos mais flexíveis em todos os âmbitos da Biblioteconomia

“Eu acho que compete à Biblioteconomia disponibilizar teorias que deem suporte a formação de bibliotecários, a criação de bibliotecas e centros de referência que atendam as bibliotecas e a comunidade, que dê esse suporte teórico, mas ao mesmo tempo a gente também trabalha com esses aspectos pragmáticos da área, é uma área muito técnica. Precisamos de modelos mais flexíveis, de todos os aspectos da Biblioteconomia, do ponto de vista da gestão, do ponto de vista do marketing, por exemplo” (Professor 3).

“Eu acho que o objetivo da Biblioteconomia, como uma “ciência”, algo que está na academia, que tem uma vinculação teórica, mas que diz respeito a uma formação profissional, uma área que é muito aplicada, eu acho que o objetivo da Biblioteconomia é, deveria ser, melhorar essa prática da Biblioteconomia” (Professor 5).

Durante a entrevista, um aspecto que os entrevistados ressaltaram foi à relevância da profissão. Sendo a Biblioteconomia importante e necessária, foi apontada também a necessidade de ser reconhecida como necessária perante a sociedade.

“É uma profissão extremamente relevante e necessária. Se não fosse, não tinha tanta campanha para acabar com ela. Tem muita gente querendo ocupar esse espaço. Porque é um espaço muito rico, muito variado e que

vários profissionais podem atender. Não vou dizer que só bibliotecário sabe lidar com informação. Mas também não é só administrador que vai saber cuidar de uma gerência de garantias” (Professor 2).

“Eu penso que é essencial para o desenvolvimento do conhecimento e também para a Biblioteconomia ser reconhecida como algo necessário para a sociedade” (Bibliotecário 5).

Com relação à falta de reconhecimento, os entrevistados apresentaram incômodo em ter que reafirmar a importância da Biblioteconomia. Sugerem que tal desconhecimento da área se dê por fatores culturais, pela atuação dos bibliotecários e pela maneira com a biblioteca ainda é vista pela sociedade brasileira.

“Uma coisa que me incomoda muito na Biblioteconomia é a necessidade que as pessoas têm de estar sempre reafirmando a importância dela. Eu acho que a gente não precisa disso. Acho que o que a gente precisa realmente é que as atividades sejam dinâmicas, sejam atuais” (Professor 2).

“É um campo de estudo que eu acho muito amplo, mas ao mesmo tempo quando você vai para a prática, você vê que ainda não tem reconhecimento e precisa ser vista da forma como é. Isso talvez aconteça por causa da atuação de muitos bibliotecários ou por questão cultural mesmo, pela forma como a biblioteca é vista...” (Bibliotecário 4).

Neste sentido, o Professor 5 relatou que percebe uma distância entre a Biblioteconomia, em termos teóricos, e a biblioteca, em termos prático, nos dias de hoje. O professor entrevistado menciona um exemplo cotidiano relacionado à disciplina Estágio Supervisionado. De acordo com ele, muitas das situações encontradas na prática não tinham uma resposta por meio das teorias que são ensinadas no âmbito do curso de Biblioteconomia.

“Atualmente, eu tenho um sentimento de que a Biblioteconomia talvez esteja um pouco longe das bibliotecas e as bibliotecas estão longes da Biblioteconomia, num todo. [...] eu às vezes tenho a impressão, vou falar da minha prática, que eu estou falando uma coisa em sala de aula que lá para as realidades das bibliotecas é uma coisa muito distante e que para elas, talvez tivessem que fazer um grande esforço para trabalharem com aquelas questões lá na realidade delas porque eu acho que as realidades são muito específicas” (Professor 5).

Milanesi (2002b, p. 30) acrescenta que dos procedimentos, regras e normas ensinados durante a graduação em Biblioteconomia até a identificação e compreensão das complexidades da sociedade ou das corporações há um longo caminho que o aluno, dificilmente conseguirá percorrer quando estiver atuando profissionalmente. No entanto, além da referida distância observada entre a teoria e a prática da área, o Professor 5 aponta que os docentes estão distantes também da realidade porque já não a conhecem. A distância entre a Biblioteconomia e a biblioteca observadas refere-se também a respeito da teoria da área estar muito distante da realidade das bibliotecas. De certa maneira, conforme menciona a fala acima, as pesquisas desenvolvidas não respondem as necessidades práticas reforçando a distância.

“Mas eu acho que nós nos distanciamos, mas eu vou falar de nós que somos bibliotecários e nós ainda temos os professores que não são bibliotecários que dominam outras áreas que são complementares, mas que também não conhecem aquela realidade. Eu sinto essa distância pelo nosso dia a dia, vamos dizer assim. Esse é um fator. É como se tivesse um castelo aqui que é a Biblioteconomia e os professores e os bibliotecários num outro mundo [...]” (Professor 5).

A distância mencionada pelo Professor 5 entre a Biblioteconomia, propriamente dita, os professores e os bibliotecários também foi apontada por Briquet de Lemos durante uma palestra proferida no dia do bibliotecário, em 2013. Na ocasião, Briquet de Lemos pontuou “pelo que eu tenho visto nos últimos 30 anos, abriu-se um imenso fosso entre os acadêmicos e os profissionais, que tende a crescer” (LEMOS, 2015, p. 350). E completou “minha impressão é que no caso da biblioteconomia os acadêmicos preferem ficar no alto, lidando com problemas relativamente ‘pouco importantes para os indivíduos ou o conjunto da sociedade’” (LEMOS, 2015, p. 351). Como o próprio autor delinea ao longo de seu discurso, esta é uma questão que vai além da problemática relacionada à formação profissional, trata-se também de uma crise presente nos cursos universitários e na própria prática profissional.

O entrevistado sinalizou durante nossa conversa, uma dificuldade de solucionar esta distância. No tocante as pesquisas que são desenvolvidas no âmbito da Biblioteconomia com um viés voltado para a prática, o Professor 5 afirma que os resultados são condicionados a perspectiva do pesquisador e que não necessariamente atende aos profissionais que estão atuando. Por outro lado, o Bibliotecário 1 sugere que tais pesquisas sejam amplamente divulgadas entre os profissionais bibliotecários porque são relevantes para a atuação prática.

“E as pesquisas que são feitas tanto para o mestrado quanto para o doutorado são de grande relevância porque elas vão buscar em nós que somos profissionais e estamos na área com uma certa experiência, a falar o que a gente encontrou nesse tempo. Deveria haver um grupo de pesquisa ou até uma disciplina que buscasse informação dos bibliotecários e dentro dessas informações pode buscar melhorias” (Bibliotecário 1).

Uma maneira de diminuir a distância observada pelo Professor 5, seria como o Bibliotecário 1 sinalizou: a criação de um grupo de pesquisa, disciplina para discutir os resultados. Ressalta-se que o Bibliotecário 1 apontou que sendo os profissionais bibliotecários empíricos para muitas pesquisas, torna-se ainda mais relevante o contato deles com a academia.

Embora não tenha sido um dos tópicos do roteiro semiestruturado, durante as entrevistas, os entrevistados mencionaram a respeito da atividade de pesquisa no exercício da Biblioteconomia. Destaca-se a importância que os profissionais bibliotecários dão a atividade de pesquisa para o desenvolvimento do exercício da profissão.

Em consonância com o posicionamento de Mukherjee (1985, p. 32) que pontua que a pesquisa é outro objetivo da Biblioteconomia, o Bibliotecário 1, na fala abaixo, afirma que a atividade de pesquisa deve ser um dos objetivos da Biblioteconomia. Durante a entrevista, o entrevistado mencionou como a atividade de pesquisa auxilia em sua atividade, sobretudo, no auxílio ao usuário. Milanesi (2002a, p. 86) reforça a perspectiva da importância da pesquisa na prática profissional ao afirmar que “conhecer mais significa estar apto a dominar áreas”, ou seja, como diz o velho clichê: conhecimento é poder.

“A atividade de pesquisa tem que ser um dos objetivos da Biblioteconomia. Por mais que não seja, igual eu disse que o objetivo é atrair e organizar a informação, mas um dos objetivos tem que ser a pesquisa, claro” (Bibliotecário 1).

Para os entrevistados abaixo, a pesquisa deve fazer parte também dos objetivos da biblioteca. Não existe bibliotecário sem pesquisa porque é intrínseco as funções do profissional.

“A pesquisa tem que fazer parte da nossa meta, da nossa proposta, dos objetivos de uma biblioteca. Se eu não estiver pronta para mostrar o caminho até a informação, se eu tiver desinteresse em saber o que eles querem saber, perde o sentido eu ficar fazendo um monte de processamento de material e não saber ajudá-los ou não querer ajudá-los” (Bibliotecário 3).

“Pra mim, não existe bibliotecário sem pesquisa. Radical, né? Existem profissionais que não fazem pesquisa para o trabalho, deve ser muito chato. Deve ser muito insuportável isso porque é a mesma coisa que apertar parafuso. [...] Essa atividade é inerente à profissão. Como o médico não pode fazer uma plástica sem estudar, os médicos estudam até depois de aposentados, o bibliotecário também, isso não existe ou não deveria existir na vida profissional de um bibliotecário, é condição” (Bibliotecário 5).

“A atividade de pesquisa é fundamental. É ela que alavanca o conhecimento. O bibliotecário que não é investigativo e curioso, ele nem sabe o que faz com a biblioteca. É uma característica, não pode ser separada da Biblioteconomia. Se ela lida com informação...” (Bibliotecário 6).

A partir do posicionamento dos bibliotecários acima, podemos inferir que a atividade de pesquisa é um aspecto intrínseco da Biblioteconomia e essencial para o desempenho da função de bibliotecário.

#### **4.3.1 Dicotomia técnica versus humanismo**

Historicamente, sempre houve uma tensão entre a dimensão técnica e dimensão humanista da profissão. A dicotomia entre o viés técnico e humanista da profissão vem desde a criação dos primeiros cursos de Biblioteconomia do país, conforme aponta o Professor 1, pode ser um sinal de que não avançamos muito por ainda repercutirmos tal questão na área.

“A polêmica continua a despeito dela existir no Brasil quase que desde o surgimento dos cursos de graduação. Quer dizer que a gente não avançou muito, né? Fica voltando numa discussão sem necessariamente levar em consideração o que se acumulou. [...] Então, uma das coisas das coisas é a gente conseguir fazer essa distinção entre o que a gente pode chamar de prática” (Professor 1).

Contudo, a referida dicotomia vai reinventando-se ao longo do tempo sem uma reflexão mais longa por parte dos pesquisadores e profissionais da Biblioteconomia. Se levarmos em consideração toda a trajetória da Biblioteconomia e o tempo que se passou, já teríamos tido tempo de superar ou aprofundar tais questões.

“Acredito que a dicotomia humanismo X tecnologia presente na fala acadêmica, precisa ser, e tem sido, revisitada para que se aclare o que ela tem de ingênua e de falsa” (Professor 4).

“[...] No fundo, ela vai sendo reinventada, é sempre a mesma coisa sem talvez acumular um pouquinho mais. Então é a mesma discussão se o curso precisa ter mais conteúdos humanistas e sociais, conteúdos básicos de certas áreas e depois ter os técnicos. [...] Então a gente tem que fazer valer aquilo que a área já construiu. [...] Sintetizando, eu diria que essa dicotomia entre uma coisa que parece com a teoria e uma outra coisa que parece que tem a ver com procedimentos, algo que efetivamente implica em fazeres, ela continua de modo muito improdutivo e muito pouco científico” (Professor 1).

Vale destacar no discurso do Professor 4 que ao referir-se a dicotomia técnica associa-a tecnologia, reinventando a discussão a respeito desta dicotomia, conforme apontada pelo Professor 1.

“[...] vista como um Fla X Flu, a polêmica humanismo ou tecnologia é sempre perversa: quer quando se apresenta pela via da tentação tecnicista, reduzindo a formação do bibliotecário a um domínio acrítico de técnicas, tomando-se os meios pelos fins, evitando-se qualquer discussão sobre o ‘por que?’ e o ‘para quem?’ do aprendizado e do uso dessas técnicas; quer quando se defende um humanismo idealista, acima da luta de classes, que minimiza, por ingenuidade ou por ideologia, o direito de todos de partilharem dos recursos materiais e do melhor instrumental tecnológico” (Professor 4).

Durante a entrevista, o Professor 1 destacou que trata-se de uma teoria improdutiva, haja vista que não há técnica ou procedimentos, como o entrevistado optou chamar, sem aliá-las ao conhecimento teórico ou humanístico. Por outro lado, o Professor 3 afirma que há a discussão acerca do tecnicismo e humanismo, particularmente porque a Biblioteconomia ainda é considerada demasiada técnica.

“Essa discussão ainda é recorrente até porque há sempre uma fala de que a gente é técnico demais. [...] Esse equilíbrio entre o técnico que é muito importante, mas a gente também não pode prescindir dessa formação humanística se não a gente vai formar máquinas. As pessoas tem que ter mais flexibilidade que essa formação humanística dá essa formação mais humanística que a gente precisa” (Professor 3).

A Biblioteconomia ainda é uma área vista a partir da técnica, embora haja controvérsias sobre o que pode ser interpretado como técnica, sobretudo, porque os

profissionais não inovam, em sua atuação no mercado, as competências adquiridas sobre o que corriqueiramente chamamos de técnica.

“[...] não chega nem a ser técnica porque eu entendo que quando você conhece uma técnica, você pode inovar até naquela técnica, você conhece os princípios, você conhece o que você pode fazer e você pode dar o seu toque ali e eu sinto que fica numa perspectiva muito operacional de manter a rotina do dia a dia” (Professor 5).

Por muito tempo, a Biblioteconomia acreditou que as técnicas eram vistas como atividade-fim e não como meio. Conforme aponta o Professor 5, as técnicas devem ser adaptadas ao seu contexto, as técnicas disponíveis não aplicavam-se da Música à Veterinária, da Matemática à Literatura sem maiores problemas de adaptação (MILANESI, 2002b).

Salientamos que quando alguns dos entrevistados falaram em humanismo, acrescentaram o usuário como pertencente a essa dimensão, conforme podemos observar na fala a seguir.

“[...] nas bibliotecas a gente não é técnica, a gente lida com pessoas, à gente lida com o nosso usuário, o nosso público alvo, a gente lida com equipe ao mesmo tempo eu preciso ter conhecimento técnico e sensibilidade para trabalhar com a lição” (Professor 3).

Contudo, há a concepção de que precisa ter um equilíbrio entre a dimensão técnica e a dimensão humanista da Biblioteconomia porque ambas se complementam, conforme já fora apontado pelo Professor 1. Diante desta dicotomia, técnica versus humanismo, “alguns bibliotecários julgam mais pertinente as escolas privilegiarem uma ou outra vertente, e há aqueles [...] que não concebiam a separação entre ambas” (CASTRO, 2000a, p. 202).

“Por muito tempo foi uma profissão puramente técnica e muito longe do leitor, do usuário. Hoje eu digo que é uma profissão técnica e humanista. Não tem como caminhar sem estes dois enfoques” (Bibliotecário 3).

“Eu não acho que seja uma questão de dar uma ênfase, mas eu acho que seja uma questão de saber misturar as duas coisas e ver as duas coisas integradas. Não tem como você ser um profissional e não saber lidar com alguma coisa que seja técnica, mas também não tem como você ser um profissional e não entender qual é o contexto em que você está” (Professor 5).

Neste aspecto, Milanesi (2002b) afirma que quando é necessário solucionar questões, a busca pelas respostas se dá na teoria para aplicar os instrumentos práticos para resolver esses problemas. Assim, o autor pontua que se observarmos atentamente, podemos perceber que o bibliotecário que progride mais rápido na carreira e chega aos mais altos postos são aqueles que, não apenas mostram conhecimento prático ou técnico, mas dominam o discurso analítico e crítico (MILANESI, 2002b, p. 19).

Por outro lado, o Professor 2 reforça a ideia de que pode ser que essa discussão termine porque o aspecto técnico se sobressaia em relação ao humanista, mencionando como exemplo a maneira como as formações tem sido avaliadas.

“Eu temo que essa polêmica acabe, porque eu acho que a formação humanística vai perder. Então eu acho que eu temo que ela acabe não porque ela não seja relevante, mas porque a formação tecnicista cada vez mais... a maneira como está sendo conduzida... Você vê na própria Universidade, a medida que avaliam os cursos, que avaliam a formação, na hora que você vê as pessoas estão tendo um diálogo, discurso humanístico mas na hora de aferir as ferramentas continuam sendo tecnicistas” (Professor 2).

O Bibliotecário 4 aludiu que a forma como organizamos as bibliotecas ao longo dos tempos é interessante, mas a importância e o tempo dedicado ao que ele chama de processamento técnico é maior do que ao incentivo ao uso da biblioteca. Neste aspecto, Milanesi (2002a, p. 93) critica esta postura ao afirmar que “não basta, apenas, aplicar normas técnicas de organização, mas estabelecer estratégias para o desenvolvimento coletivo”.

[...] a biblioteca foca muito nisso, gasta muita energia nisso para fazer um trabalho que não vai ser utilizado, não pela qualidade, simplesmente porque não tem um estímulo a procura pelo que ela tem a oferecer” (Bibliotecário 4).

O Professor 5 ressalta ainda que o bibliotecário fica distante do público, escondido realizando as atividades operacionais de seu local de trabalho enquanto poderia estar numa posição de liderança, ou utilizando as palavras do bibliotecário 1 como “mentor”.

“Mas eu acho que também tem uma falha, um problema na formação, uma preocupação grande do bibliotecário em executar as atividades técnicas e deixar um pouco essa questão da gestão de lado, no bom sentido, não estou falando isso como uma incompetência, tem uma coisa que eu não entendo onde começa e onde acaba, porque é assim” (Professor 5).

“Acho que ainda existe essa divisão do viés técnico e humanista. Ainda há quem use o instrumento como atividade fim. E poucas pessoas ainda reconhecem nossa profissão... [...] Acho que somos muito criticados por ser técnicos. Somos as duas coisas. Técnicos, porque tem trabalhos com suportes diferenciados e porque temos normas e regras... nosso trabalho é normatizado. Para unificar a linguagem, ele é técnico [sic]” (Bibliotecário 6).

As falas acima ressaltam que ainda somos criticados por sermos considerados técnicos, ainda somos vistos sob uma perspectiva operacional pela sociedade. De acordo com o Professor 5, pode ser uma falha na formação, um olhar técnico em detrimento de um viés voltado para a gestão, ou para perspectivas sociais e voltadas para o usuário.

Embora, a concepção dos entrevistados, de modo geral, enfatize o aspecto técnico, não existe técnica sem humanismo porque “a base humanística é imprescindível em qualquer situação” (MILANESI, 2002b, p. 19). As técnicas são simples instrumentos, necessários, mas insuficientes sem um conhecimento profundo do contexto em que será

aplicada a técnica (MILANESI, 2002b, p. 25). Assim, não é necessário escolher entre técnica versus humanismo. Ambos os aspectos são inter-relacionados. A atividade técnica, prática ou operacional é essencial, mas não deixa de ser um instrumento para atingir determinada finalidade. Assim, não pode dissociar-se do aspecto reflexivo e crítico de acordo com o contexto social que o humanismo confere. “Esse caminho – do social para as técnicas, dos problemas para as respostas – é o mais lógico e aquele que, por certo, daria mais respeitabilidade à profissão” (MILANESI, 2002b, p. 30).

#### 4.3.2 Impacto das tecnologias para a Biblioteconomia

Com os impactos das tecnologias, acreditou-se que a Biblioteconomia enquanto profissão teria seu ciclo esgotado e não havia como resgatá-la (MILANESI, 2002b). Contudo, as tecnologias não alteraram somente aspectos relativos à qualificação profissional e deram mais autonomia ao usuário, remodelaram a forma como trabalho é realizado. Em linhas gerais, a Biblioteconomia readequou-se ao contexto atribuindo novos saberes e práticas a sua atuação. De acordo com o Bibliotecário 1, o impacto das tecnologias **será** grande em vários aspectos da Biblioteconomia, os quais ele menciona:

“Então, o impacto vai ser grande em todos os âmbitos da Biblioteconomia, tanto para o professor em sala de aula, para os currículos da área, bibliotecários. Tem que chegar até nós para gente encarar esse desafio, mas antes de encará-lo a gente tem que estar pronto. Eu vejo que a gente está muito como se isso não fosse acontecer. Então, a gente não está se preparando, eu acho que isso vai chegar antes da nossa preparação” (Bibliotecário 1).

A fala acima demonstra a preocupação com o despreparo dos profissionais para lidar com as tecnologias que já impactaram de diversas maneiras a Biblioteconomia e sua atuação. No entanto, muitos dos impactos, já são reais, como a adequação ou a tentativa de adequação dos currículos ao contexto informacional cada vez mais dinâmico e mais rápido.

O bibliotecário continua desempenhando as mesmas atividades, mas com as tecnologias o trabalho se tornou mais ágil e rápido, ou seja, as tecnologias hoje somam e facilitam as funções atribuídas ao bibliotecário.

“O serviço do bibliotecário é o mesmo que era feito, mas agora esses serviços são transportados e facilitados pela tecnologia. Mas não há uma supressão do fazer bibliotecário, fazemos a mesma coisa... Organizamos para dar acesso. Organizamos para mediar, só que com as tecnologias. Eu vejo de uma forma muito positiva. Mas não vejo como uma substituição do nosso trabalho. Temos que saber usar a nosso favor, não só para catalogar, para digitalizar, mas para nos beneficiar enquanto instituição” (Bibliotecário 5).

“Onde a tecnologia entra é no agilizar o acesso à informação, tanto no tratamento quanto na busca. É onde a tecnologia atua, dar acesso, nada, além disso. Foi um impacto muito grande para te permitir essa facilidade de

acesso, tamanho de memória, as buscas, tudo. Só neste sentido, não vejo outro sentido para a tecnologia” (Professor 2).

“A biblioteca é um sistema de informação e daí nós ganhamos a tecnologia para fazer este sistema de informação funcionar melhor ainda. Processar mais rápido, numa velocidade muito maior, numa quantidade muito maior” (Professor 3).

“As tecnologias vieram para agregar mesmo o nosso trabalho, para o nosso tempo ser maior para outras coisas... [...] Uma das coisas que a tecnologia tem me ajudado muito agora é que principalmente para a faculdade tem sido com as bibliotecas digitais para descobrir... Então assim, ela está me dando muita informação, muitos recursos informacionais para auxiliar nas pesquisas, para aumentar as possibilidades de pesquisa dos alunos da faculdade” (Bibliotecário 3).

“Acho que as novas tecnologias são excelentes para facilitar os processos biblioteconômicos. Ajudam os bibliotecários desenvolverem suas funções e assim sobra mais tempo para a interação com os usuários!” (Bibliotecário 7).

Os discursos abaixo acrescentam ainda que além de facilitar o trabalho do bibliotecário, as tecnologias permitem que as bibliotecas interajam de maneiras diversas com seu público e que seus serviços sejam amplamente divulgados, sobretudo, pelas redes sociais.

“As redes sociais é um espaço para divulgar o trabalho produzido em Biblioteconomia ou os trabalhos que são produzidos nas bibliotecas, de convidar usuários para as bibliotecas, qualquer evento que se produz. É um meio gratuito e fácil de se divulgar o que se faz. Então a biblioteca tem que ter, tem que estar aberta a isso, as tecnologias, ao novo” (Bibliotecário 1).

“Então, eu acho que a gente precisa usar a tecnologia a nosso favor. Eu posso projetar a minha biblioteca usando as redes sociais, eu posso fazer um fórum de discussão usando a tecnologia. Eu acho que nós já estamos quase virando escravos, mas facilita muito as coisas. Por isso é que eu acho que a gente precisa ter um pouco mais de intimidade, no mínimo saber o que a gente quer para saber pedir” (Professor 3).

Com as tecnologias de informação e comunicação, um dos papéis do bibliotecário é potencializar o seu uso em seu espaço de trabalho, em especial, auxiliando na busca pela informação realmente segura.

“Não que a internet não tenha a informação, meu trabalho tem sido no intuito de mostrar para eles como que o bibliotecário poderia ajuda-los a encontrar a informação em livros e na internet também, uma informação segura” (Bibliotecário 3).

Neste sentido, as tecnologias evidenciam a necessidade do bibliotecário atuar como um mediador da informação.

“De minha parte vou apenas dizer que, se de um lado, as novas tecnologias colocam a Biblioteca de Babel acessível, em tese, a qualquer um que disponha de uma telinha, penso que nesse contexto a importância do papel do mediador da informação cresce, ao invés de diminuir” (Professor 4).

A tecnologia nos poupa tempo, mas na falta dela tudo vira caos. Hoje, há uma relação de dependência da tecnologia conforme os entrevistados relataram. Os serviços de

empréstimo, de busca e de renovação do acervo nas bibliotecas dependem, em sua maioria, completamente das tecnologias de informação. Qualquer falha no sistema, ele paralisa os serviços biblioteconômicos.

“Facilitou sim, mas na hora que dá um problema é um caos. Coisa que antes a gente não tinha essa demanda, eles sabiam que o processo ia ser demorado mesmo, que a gente ia ter que ir a estante e ver quantos tem e pegar as fichas para emprestar... A gente sabia se virar de outras formas. Agora a gente depende disso. Não existem fichinhas do empréstimo mais. Torna a gente totalmente dependente disso de modo que quando trava tudo para. Perdi o sistema, o pessoal já para de fazer o empréstimo... Se a gente começa a emprestar sem olhar se tem multa... Olha as limitações” (Bibliotecário 3).

“[...] E hoje nós não conseguimos ficar sem tecnologia. Isso quer dizer que uma biblioteca se não for automatizada ela não funciona? Não, não quer dizer que ela não funciona. Mas se a gente estiver automatizado, vamos fazer os empréstimos com maior precisão, com maior rapidez” (Professor 3).

A tecnologia da informação facilita o trabalho, mas, de acordo com o Bibliotecário 4, mais do que dependente das tecnologias, nos tornamos dependentes de profissionais de outras áreas em decorrência de muitas vezes não sabermos utilizarmos as tecnologias. Para tanto, o entrevistado sugere que os profissionais bibliotecários tenham maior intimidade com os sistemas de informação para propor, criar e expandir sua atenção.

“[...] eu acho que de certa forma a gente fica muito na mão de outros profissionais... Por exemplo, a gente sabe o processo de tratar a informação e disponibilizar, mas a gente não sabe utilizar as ferramentas, a tecnologia que favorece o trabalho. A gente faz o trabalho da mediação, mas a gente podia ir um pouco além, se apropriar dessas ferramentas e dessas tecnologias e fortalecer o trabalho, expandir a forma de atuação, propor soluções [...]” (Bibliotecário 4).

Há impactos positivos e negativos ao bibliotecário, conforme afirma o Bibliotecário 6 quando menciona que as tecnologias poupa tempo, mas contribui para que o bibliotecário leia e reflita menos em suas tarefas.

“Instiga a pesquisa, agilidade, [...], aumentou a possibilidade de trabalhar coletivamente na unificação do pensamento bibliográfico e biblioteconômico” (Bibliotecário 6).

Dentre os impactos negativos, o Bibliotecário 6 ressalta que o bibliotecário hoje lê menos do que deveria e não realiza uma boa análise de assunto como se deve, já que é possível copiar dados de outras bases e a ficha catalográfica já vem pronta.

“Pensando nas mudanças históricas que a gente viveu, o bibliotecário não é tão culpado disso não, mas ele poupa isso que era muito específico da nossa profissão... Fazer análise de assunto pensando em quem fosse ler, da forma mais fiel” (Bibliotecário 6).

O Bibliotecário 6 faz ainda uma crítica: embora seja benéfica a interação mundial graças as tecnologias de informação e comunicação no trabalho do bibliotecário, nada

adiantará se o acervo for informatizado e que tenha todo o aparato tecnológico se permanecer intacto. Revoca-se novamente a importância do usuário.

“Essa possibilidade de interação mundial, não tem fronteiras, né? Não adianta estar na máquina, vai ficar parado igual nas estantes...” (Bibliotecário 6).

Outro impacto negativo apontado pelos entrevistados é com relação à visão iludida de que as tecnologias de informação poderiam solucionar os problemas da área.

“Eu acho que essa subserviência nossa com relação às tecnologias é um pouco ilusório achar que as tecnologias vão resolver todas as questões de informação. [...] Muita coisa que a gente vê hoje sendo aplicada, a tecnologia usando, são conceitos... Os booleanos mesmo, isso não é de agora. Agora a tecnologia conseguiu automatizar e utilizá-los, mas o conceito é muito anterior. A teoria dos conjuntos... Essas coisas todas são anteriores as tecnologias atuais” (Professor 2).

“O maior impacto ele é negativo quanto às tecnologias é relativo ao deslumbramento. E é um olhar muito pouco científico e muito pouco trabalhando nas suas especificidades com relação ao campo. É pouco científico também, porque é pouco historicizado” (Professor 1).

Quando o Professor 1 aponta que o impacto negativo das tecnologias de informação é pouco historicizado, refere-se ao fato de que não refletimos acerca das inovações da Biblioteconomia, como os catálogos, as fichas e os sistemas de classificação. Cada uma há seu tempo, foram tecnologias inovadoras no tempo em que foram propostas. Isto para afirmar que o profissional da Biblioteconomia precisa refletir mais e conhecer a história de sua profissão compreendendo que as tecnologias não transformam a área, apenas permite que o que já foi concebido se concretize.

“Considerando o que a área já tinha avançado quando o computador chegou, o computador não mudou a área ele forneceu as possibilidades para se fazer aquilo que ou já se fazia ou alguém já havia pensado, algum maluco como Otlet por exemplo, e é maluco nesse sentido mesmo, porque ele não tinha tecnologia para fazer o que ele tinha pensado. A tecnologia não muda a área, ela permite que ela se realize. Aí que nesse sentido o maior impacto é negativo porque há o deslumbramento” (Professor 1).

Em linhas gerais, o Professor 1 faz uma crítica com relação ao deslumbramento da área com relação à tecnologia de informação. Foram criadas novas maneiras de tratar a informação sem refletir a respeito, criando assim novos problemas ao invés de soluções.

“Inventou um novo modo de tratar a informação, para fazer jus a uma nova tecnologia sem repensar as suas bases e na verdade está criando novos problemas. Então é uma questão importante para ser colocada” (Professor 1).

A inserção das novas tecnologias de informação e comunicação nas diferentes práticas bibliotecárias apresenta-se como uma perspectiva para a democratização do acesso à informação e da construção do conhecimento. No entanto, é necessário refletir e sobre os impactos que as tecnologias continuam trazendo para o “fazer” do bibliotecário para que a área se transforme junto com o contexto tecnológico e social.

#### 4.4 ANÁLISE DOS DADOS A PARTIR DO CONCEITO DA NOVA BIBLIOTECONOMIA

Nesta seção, a partir da experiência profissional e didática/pesquisa dos entrevistados, extraímos as questões sobre biblioteca, bibliotecário e Biblioteconomia levantadas durante as entrevistas para analisar as relações que se estabelecem e como estas relações se dão com os princípios norteadores da nova Biblioteconomia proposta por Lankes (2011, 2012).

As bibliotecas têm um papel fundamental, historicamente, nesta infraestrutura do conhecimento (LANKES, 2012). Podemos inferir que, na concepção de alguns dos entrevistados, a biblioteca é o local do conhecimento organizado e do contato humano, favorecendo assim, a criação do conhecimento pela comunidade por meio da conversação. Lankes (2011, p. 80-81) nos conta que todo bibliotecário que conheceu tinha uma história, grande ou pequena, sobre pessoas. Em todas as histórias tinha sempre uma conversa, sempre com o contato humano mencionado pelos entrevistados. O autor destaca que mesmo que tenha sido por um momento ou de uma forma pequena, aquela conversa, aquela solução informacional tornou o mundo (de cada membro) um lugar melhor. “Facilitação verdadeira e bem sucedida é quando um bibliotecário ajuda a um membro encontrar a sua própria história” (LANKES, 2011, p. 81).

Os entrevistados apontaram ainda que a biblioteca, enquanto ambiente de aprendizagem, é um local propício para despertar o interesse pela leitura, um local cada vez mais dinâmico, de acesso à cultura, de compartilhamento e de convivência. A concepção de apropriação do espaço da biblioteca requer destaque. “[...] espera-se que a biblioteca seja um espaço de discussão, espaço de compartilhamento de conhecimentos e da aprendizagem” (Bibliotecário 3). No entanto, Lankes (2011) afirma que quem faz, deve ou não nas bibliotecas, são os bibliotecários. Para o autor, os bibliotecários são os responsáveis pelos resultados e impactos das bibliotecas nas comunidades assim como o discurso do Bibliotecário 1 que afirma que “[...] tudo depende do bibliotecário, de inovar e desenvolver, de criar, são projetos”. Diante do exposto, os entrevistados enfatizaram que o que faz uma biblioteca crescer é o posicionamento proativo do bibliotecário, que deve ter iniciativa e empenho. Ou seja, os bibliotecários são os responsáveis pelo impacto social da biblioteca. Embora o posicionamento proativo do bibliotecário tenha sido destacado, há ainda uma ideia de que é a biblioteca quem “deve fazer”, ainda se espera muito das bibliotecas. O que na realidade brasileira, conforme podemos inferir por meio do posicionamento dos entrevistados, pode ser fruto do não reconhecimento profissional. Não concebem que o bibliotecário “deve fazer”, não “espera-se” do bibliotecário, tal como

pontuou o Bibliotecário 4 quando posicionou-se sobre a perda da demanda do bibliotecário em decorrência do não reconhecimento ou conhecimento do profissional.

De acordo com o posicionamento dos entrevistados, a biblioteca se configura como o local do acesso à informação, no entanto, ela também é o local para, a partir desse acesso, construir conhecimento. Se pararmos um pouco para prestar atenção em nossas bibliotecas, o serviço técnico é de onde livros vêm e o serviço de referência é de onde os livros saem por meio do empréstimo (LANKES, 2012). Esta configuração se mantém a mesma em todo lugar. Mas essa configuração funciona em sua comunidade? Será que este modelo vislumbra uma maior participação da comunidade? Talvez, seja hora dos bibliotecários ressignificar em sua concepção de biblioteca no contexto informacional atual.

Durante as entrevistas o aspecto da responsabilidade social das bibliotecas foi evocado no sentido de atender as demandas da sociedade. “[...] o discurso da Biblioteconomia pode estar argumentando a favor da ampla difusão da informação [...]” (Professor 4). Ao difundir a informação, fomentamos a criação do conhecimento. Neste sentido, a informação utilitária foi mencionada como um serviço que contribui para que a biblioteca cumpra seu papel social na comunidade. Tal afirmativa vai de encontro com a nova Biblioteconomia, no sentido de que uma comunidade deve ser um lugar melhor por ter uma biblioteca. Lankes (2012, p. 95) afirma ainda que os bibliotecários e a biblioteca devem adicionar novos valores à comunidade, valores que contribuam com uma melhoria, que sejam capazes de guiar a comunidade numa linha contínua de desenvolvimento. Assim sendo, podemos afirmar que o serviço de informação utilitária assinalado durante a entrevista, se configura como uma semente rumo ao desenvolvimento da comunidade.

Diferentemente do conceito que observamos na nova Biblioteconomia e até mesmo do posicionamento da maioria dos entrevistados, o Bibliotecário 6 afirma que “[...] uma biblioteca por uma biblioteca é uma sala com livros, mas o que é feito nela é que a faz biblioteca [...]”. Isto para explicar que apenas quando utilizam algum material bibliográfico da biblioteca é que se pode caracterizar seu uso, apenas utilizar a biblioteca para estudo ou espaço de convivência ou construção de conhecimento por meio da conversa, não caracteriza a biblioteca, segundo tal posicionamento. O posicionamento do Bibliotecário 6 é radical principalmente pela maneira como ele concebe a biblioteca. Este posicionamento acerca do uso da biblioteca vai à contramão dos princípios da nova Biblioteconomia. Uma biblioteca é o que fazemos dela, realmente, mas de maneira mais ampla, indo de encontro à concepção de apropriação do espaço, mencionada anteriormente por um dos entrevistados, que beneficia o uso do conceito de Teoria da Conversação abordada por Lankes (2011). No entanto, podemos inferir a partir do posicionamento do referido bibliotecário quanto ao uso da biblioteca que, o uso da Teoria da Conversação para atingir a missão do bibliotecário de facilitar o acesso e a construção do conhecimento é ainda problemática na realidade

brasileira. É possível, mas problemática. Os bibliotecários brasileiros precisam reconhecer a biblioteca como um espaço para a construção de conhecimento, além da transmissão do conhecimento registrado, do “conhecimento pronto”.

As bibliotecas não são meros depósitos de livros, mas sim depósitos de materiais informacionais construídos pelos membros da comunidade, são espaços de aprendizagem (LANKES, 2011). Mesmo tendo a concepção de que as bibliotecas não funcionam simplesmente como depósitos, os entrevistados ressaltaram a importância de ter um acervo de qualidade indo além ao mencionar que precisam mais do que atividades extras para atrair o usuário à biblioteca. Será que os bibliotecários brasileiros encarariam as atividades propostas por Lankes (2011; 2012), no contexto da Teoria da Conversação, como atividades extras? Em linhas gerais, embora um bom acervo seja significativo numa biblioteca, devemos sempre nos atentar ao fato de que fora constituído para a comunidade. A nova visão da biblioteca não é um local ou uma coleção de livros, mas uma plataforma para que a comunidade crie e compartilhe conhecimento (LANKES, 2012, p. 76).

Além do acervo equipado com qualidade e atualizado, os entrevistados atentaram para a necessidade de observar o usuário, seja realizando estudos de usuário para adequar tal acervo, seja ao mediar à informação. Notoriamente, podemos observar a ênfase que os profissionais entrevistados dão ao acervo. Mesmo quando o usuário é considerado o foco, ao opinarem a importância de realizar estudos de usuários é no sentido de adequar o acervo, conforme podemos ver pela concepção do Bibliotecário 1 “[...] tem que fazer constantemente o estudo de usuários, tem que saber o que os alunos gostam de ler”. Diferentemente da perspectiva da nova Biblioteconomia, embora reconheçam a importância dos usuários, eles ainda são percebidos como parte da biblioteca pelos entrevistados. Falta ainda a noção, por parte dos entrevistados, de que os usuários ou leitores, como corriqueiramente chamamos, são membros, como afirma Lankes.

Contudo, os entrevistados pontuaram que a coleção disponibilizada já não é o suficiente para trazer o público para as bibliotecas. No entanto, o autor afirma que por muito tempo se sustentou a concepção de que uma sala cheia de livros ou uma sala vazia com um bibliotecário é uma biblioteca. O bibliotecário ao construir uma coleção com artefatos ao longo do tempo pode provavelmente ajudar sua missão de facilitar a construção do conhecimento. Ou a referida sala vazia, mas com um computador com conexão a Internet também tem boas chances. Esta sala, ao longo do tempo, pode encher-se com revistas, computadores, salas de estudo ou para reuniões. No entanto, tais coisas são **partes do trabalho do bibliotecário**, não são o trabalho ou a missão em si (LANKES, 2011, p. 15). A compreensão de que a coleção disponibilizada na biblioteca, ou o computador com acesso a internet, são partes do trabalho dos bibliotecários é emblemática para apreendermos a ideia por trás do discurso dos entrevistados que pontuaram que a coleção já não é suficiente para

atrair o público para as bibliotecas. O que faz com que o público frequente as bibliotecas, vai além da disponibilização da coleção. Os entrevistados pontuaram a respeito da confiabilidade que a biblioteca dá ao fornecer uma informação por ter um profissional qualificado, o bibliotecário. É essa a ideia que permeia o discurso da nova Biblioteconomia. Ideia que os entrevistados pontuaram, mas que não se conscientizaram da importância.

Os entrevistados pontuaram a preocupação em pensar novas propostas para o público que frequenta e para aqueles que nunca foram à biblioteca. “[...] a gente tem a missão que é defender a eficiência desse espaço e ao mesmo tempo repensar no espaço que seja mais atraente pra esse público [...]” (Professor 3). Corroborando a essa preocupação sinalizada, Lankes (2011, p. 26) afirma que é fundamental que os bibliotecários tenham uma melhor compreensão acerca da motivação. Isto para compreender melhor porque os membros da comunidade usam o serviço da biblioteca (e porque não-membros não). Assim sendo, o autor aponta que os bibliotecários podem começar a motivar o uso da biblioteca, tendo uma postura mais proativa na vida de seus membros e na construção do conhecimento.

A perspectiva da nova Biblioteconomia de Lankes (2011) redefine nossa concepção e perspectivas do que devem fazer as bibliotecas, esta foi, inclusive, um dos aspectos abordados durante as entrevistas. Nos discursos dos entrevistados, vimos a preocupação com o fato de inovarmos a atuação das bibliotecas para que elas acompanhem o contexto atual. O Bibliotecário 5 assinalou que o público espera de uma biblioteca é sempre o acesso, seja físico ou virtual, mas nós, enquanto bibliotecários, devemos esperar mais. E a biblioteca pode ser muito mais, se a biblioteca potencializar o acesso e o uso das bibliotecas para contribuir com a criação do conhecimento (LANKES, 2011, p. 67).

Neste aspecto, os entrevistados afirmaram que as tecnologias podem potencializar o uso das bibliotecas, principalmente para aqueles que não conhecem a biblioteca. Para os membros da biblioteca, os entrevistados apontaram que ela se configura como o local ideal para ensinar aos usuários como avaliar as informações contidas na internet. No entanto, o Professor 5 afirmou que isto se configura como um desafio, embora reconheça que “[...] independentemente das tecnologias de informação existe alguma coisa naquele espaço, naquele profissional que pode ser positivo” e o espaço das bibliotecas devem continuar existindo para que a comunidade trabalhe e crie, este espaço precisa existir e sempre crescer (LANKES, 2011). Assim, conforme pontua o Bibliotecário 9 “[...] as bibliotecas continuam, mas você tem a internet também para poder ajudar”. Por isso, os bibliotecários precisam saber trabalhar com as tecnologias, especificamente: engajar e se envolver com a tecnologia; acompanhar as tecnologias através das gerações; criar e manter uma efetiva presença digital; usar a tecnologia para a construção coletiva de conhecimento.

(LANKES, 2012, p. 93-94). Afinal, agora os bibliotecários não precisam atuar, necessariamente, no edifício 'biblioteca'. Hoje há novas possibilidades e outros locais para trabalhar facilitando a criação de conhecimento. As ferramentas de trabalho estão disponíveis em *smartphones* e *tablets*, ao alcance das mãos de nossos usuários, ou conforme Lankes (2011, 2012) costuma dizer, dos membros. Os bibliotecários podem trabalhar remotamente via mídias sociais, construindo também com outros especialistas, novas ferramentas baseadas na web (LANKES, 2012).

Assim como o Bibliotecário 9 pontua o auxílio que podemos ter por meio da internet, outros bibliotecários, durante a entrevista, mencionaram a importância de encarar os buscadores digitais e as redes sociais como aliadas. O Bibliotecário 4 afirma que “[...] a competição não é o certo, se tentar competir eu acho que perde feio. Pelo contrário, eu acho que tem que se apropriar de tudo isso e reproduzir na biblioteca o que a rede oferece”. “Eu uso o *Google* e *Amazon*. Eu uso o *Facebook* e *Twitter*. Há grande valor nessas ferramentas para bibliotecários e para a comunidade. No entanto, todos estes serviços podem ser feitos melhor através de parcerias com bibliotecas”<sup>47</sup> (LANKES, 2012, p. 97).

No entanto, mesmo com tantas informações disponíveis em meio digital, os entrevistados afirmaram que ainda há fiéis frequentadores de bibliotecas. O Bibliotecário 1 afirma que “o que faz um usuário deixar o Google de lado e ir a biblioteca é a motivação que o bibliotecário passa pra ele, a confiança. [...]”. Neste aspecto, o bibliotecário deve entender a motivação para construir serviços que não são simplesmente úteis aos membros, mas reconhecer e recompensar os motivos dos membros para usar o serviço (LANKES, 2011, p. 79).

Ainda com relação à perspectiva das bibliotecas no contexto atual, os entrevistados afirmaram que é necessário repensar a estrutura das bibliotecas para adequá-las a sociedade contemporânea. Esta questão foi apontada como um desafio e realmente é se o bibliotecário não tiver uma postura comprometida com a missão defendida por Lankes (2011) de facilitar a criação de conhecimento pela comunidade, sobretudo, no contexto em que o fluxo informacional é grande, contínuo e cada dia mais ao alcance das mãos. O Professor 3 pontua que o bibliotecário deve encarar este desafio e “[...] construir uma biblioteca mais interessante, mais flexível, compreender qual informação o usuário está precisando”.

Durante o discurso dos entrevistados, observamos um entendimento de fusão da função da biblioteca com a função do bibliotecário. “A biblioteca deve investir no usuário, acho que essa é a principal função do bibliotecário, estar investindo no usuário. Estar

---

<sup>47</sup> “I use Google and Amazon. I use Facebook and Twitter. There is great value in these tools for librarians and for the community. However, all of these services can be made better through partnering with libraries” (LANKES, 2012, p. 97).

ampliando os conhecimentos” (Bibliotecário 2). Se observarmos o principal ativo de uma biblioteca a partir do seu profissional ou, melhor ainda, o efeito potencial positivo que os bibliotecários podem ter sobre uma comunidade, dá sentido à missão estabelecida para os bibliotecários na nova Biblioteconomia (LANKES, 2011, p. 15). Neste sentido, a preocupação as pessoas foi um aspecto mencionado pelos entrevistados, ao afirmarem que o trabalho biblioteconômico é desenvolvido para as pessoas. “A Biblioteconomia precisa se preocupar em conviver com as pessoas para depois se preocupar com a informação [...]” (Bibliotecário 3).

Os entrevistados destacaram que as funções do bibliotecário são operacionais/tratamento da informação, de gestão e mediação ou de mentor. [...] eu vejo o bibliotecário não só como gestor, mas também como servo [...]” (Bibliotecário 2). Corroborando com este posicionamento, podemos afirmar que os “[...] bibliotecários procuram servir, [pois] o valor do seu trabalho é mensurável a partir do impacto que dá nas outras pessoas”<sup>48</sup> (LANKES, 2012, p. 98). No tocante a enxergar-se como mentor, os bibliotecários pontuaram que eles é que irão mobilizar as atividades e gerar produtos e serviços. Sob a perspectiva da nova Biblioteconomia, se substituirmos o termo mentor por facilitador, já reconfiguramos esta percepção.

Os entrevistados apontaram que o bibliotecário costuma se sentir mais confortável ao desempenhar atividades operacionais. Neste sentido, os entrevistados mostraram uma preocupação com a imagem voltada para as ferramentas que o bibliotecário tem. Um estereótipo de que o bibliotecário é um profissional isolado, calado, precisa deixar de existir (LANKES, 2012, p. 97). David Lankes (2011, 2012) alerta que quando os bibliotecários se definem a partir de sua função ou das ferramentas que utilizam ao invés da sua missão ou impacto na comunidade, qualquer proximidade se torna ameaça ou concorrência. Assim, o *Google* torna-se uma ameaça porque não usa catalogação descritiva e alguns bibliotecários o rejeitam, e a *Amazon* é uma concorrente porque fornece livros e o que é “pior”, sem emprestá-los (LANKES, 2012, p. 96). Os entrevistados pontuaram que deve ter “[...] Cada vez mais essa disposição do bibliotecário, essa apresentação, essa aproximação do bibliotecário com as comunidades [...]” (Bibliotecário 3).

O bibliotecário potencializa as ações nas bibliotecas, de acordo com a concepção dos bibliotecários entrevistados. Corroborando com este posicionamento, o Bibliotecário 1 afirma que “a biblioteca sem um bibliotecário é apenas um espaço, com um bibliotecário ela pode se tornar um paraíso.

Ao conversarmos sobre a demanda social do bibliotecário durante a entrevista, os bibliotecários mencionaram que há demanda por organizar informação, por leitura, por

---

<sup>48</sup> “[...] librarians seek to serve, so the value of their work is measurable only in the impact it has on others” (LANKES, 2012, p. 98).

facilitar o acesso à informação, por mediação. Contudo, ao analisarmos cada demanda mencionada individualmente, podemos afirmar que são direcionadas ao acesso. Mesmo que indiretamente, os entrevistados deram muita ênfase ao acesso. Por outro lado, o acesso é tratado por Lankes (2011) como um meio, pois a ênfase é direcionada a criação do conhecimento. O autor afirma que o único problema é que as bibliotecas se preocupam mais em como providenciar o **acesso ao conhecimento** do que ajudar a sua comunidade a **criar o conhecimento** (LANKES, 2012, p. 43). Assim sendo, mais importante do que dar acesso é propiciar que este acesso contribua com a construção do conhecimento, principalmente por meio da conversa.

Conforme vimos na seção intitulada “A Nova Biblioteconomia”, David Lankes (2011, p. 15) critica os bibliotecários afirmando que sua visão de mundo é direcionada aos artefatos e ao que corriqueiramente chamamos de técnica, pois, notoriamente há uma dificuldade em separar os objetivos a partir das ferramentas que utilizamos para alcançá-los. Nenhuma habilidade ou ferramenta nos define bibliotecários. Em vez disso, é nossa missão e uma visão de mundo que acompanha. “[...] temos agora de construir os bibliotecários para promover uma sociedade baseada no conhecimento”<sup>49</sup> (LANKES, 2011, p. 29). Lankes (2011, p. 16) propõe que os bibliotecários tenham uma visão de mundo da Biblioteconomia que transcenda as ferramentas para a organização da informação e manter o conhecimento registrado. O autor defende e alerta que manter o conhecimento registrado é vital, mas não o suficiente para sobreviver aos tempos atuais, mas sim para abrir um mundo de possibilidades. Embora os entrevistados reconheçam a importância de adequar-se as tecnologias e de dar importância as pessoas, há uma concepção muito voltada para, utilizando as palavras de Lankes, as habilidades e ferramentas. Durante as entrevistas, as atividades em torno da função operacional esteve presente no discurso dos entrevistados, seja para pontuar a importância do acervo organizado, seja para delimitar as funções do bibliotecário.

O conceito presente na missão do bibliotecário de facilitação da construção do conhecimento é um aspecto que merece nossa reflexão. Nos discursos dos bibliotecários e professores entrevistados vimos muitas definições neste aspecto, mas com uma ressalva, ao invés de bibliotecários como facilitadores da **construção do conhecimento**, bibliotecários como facilitadores do **acesso ao conhecimento**. Atuamos enquanto facilitadores tanto do acesso quanto da construção do conhecimento, se partirmos do princípio que o conhecimento é uma construção social. Neste aspecto, os entrevistados foram além da definição pontuada por Lankes (2011) e caracterizaram o bibliotecário como um mediador, ou seja, a atuação do bibliotecário é toda em prol da facilitação do acesso e da

---

<sup>49</sup> “[...] we must now build librarians to further a knowledge-based society” (LANKES, 2011, p. 29).

construção do conhecimento. Desde a seleção até disponibilização e apropriação da informação. O grande diferencial da nova Biblioteconomia é o lugar que é dado às pessoas, à comunidade. Elas são vistas como as protagonistas de todas as ações que o bibliotecário irá desenvolver a partir de sua missão de agir como facilitador da criação do conhecimento. Neste sentido, os entrevistados demonstraram uma preocupação com a perda de usuários em decorrência da ampla possibilidade de acesso e sinalizaram que é um desafio grande levar os usuários de volta para a biblioteca. Entretanto, este desafio foi questionado pelo Bibliotecário 3 que pontuou “Eu não sei se a gente teria que estar trazendo eles de volta para fazer uma pesquisa biblioteca, mas talvez formá-los melhor para fazer pesquisas na internet”. Ressalta-se que a ênfase dada à comunidade abordada por Lankes (2011, 2012) é no sentido de que ela é parte da construção do conhecimento e não somente o objetivo ou o foco da biblioteca. Formar melhor o membro da comunidade para a realização de pesquisas na internet seria uma maneira de contribuir com a construção do conhecimento? Claro. Ensiná-lo a fazer pesquisas, motivando-o a construir um conhecimento novo com a pesquisa realizada é a chave da teoria proposta por Lankes.

Com relação à Biblioteconomia, de fato, os entrevistados apontaram que há uma relação direta com a biblioteca, uma vez que a biblioteca subsidiou os instrumentos e teorias da área. “[...] a biblioteca com ambiente, ela é fundamental para a própria Biblioteconomia [...]” (Professor 1). A Biblioteconomia é importante para que o profissional compreenda o que é a biblioteca, embora a Biblioteconomia tenha hoje uma atuação ampla. Assim sendo, os entrevistados mencionaram o desafio é vislumbrar a Biblioteconomia como uma área que vai além da atuação em bibliotecas e mais próxima da comunidade foi apontada como um desafio. Desse modo, devemos reafirmar as raízes da Biblioteconomia, mas não baseada no edifício ‘biblioteca’ ou em suas coleções, mas sim no conhecimento e na comunidade, contribuindo assim para o avanço da condição humana, não para o avanço documentos humanos (LANKES, 2011, p. 2).

Não há consenso entre ciência, arte, disciplina ou campo do conhecimento entre os entrevistados, tampouco na literatura. Os entrevistados apontaram que se trata de uma área que estuda representação, organização, uso e disponibilização da informação e dos seus produtos e serviços, que correlaciona e colabora com outras áreas e outros profissionais. Considerada como ciência, ou arte, ou disciplina etc., o aspecto enfatizado pelos entrevistados está ligado à informação, sendo apontada, principalmente como uma área prática voltada para a organização. Contudo, independente de sua designação, o Professor 1 pontua que a Biblioteconomia tem um conhecimento próprio e uma especificidade. O consenso é que se trata de um conhecimento que contribui para o desenvolvimento da sociedade por meio da disponibilização do acesso democrático à informação. Estuda a informação, levando-se em consideração o contexto social e cultural

de acordo com a comunidade e o tipo de usuário a ser atendido. Dito isto, os bibliotecários devem ser capazes de alcançar efetivamente todos os setores de sua comunidade, entender seus costumes sociais, trabalhando com as diferentes necessidades de cada classe social (LANKES, 2012). Embora, não haja um consenso sobre a Biblioteconomia ser definida como ciência, arte, disciplina etc., os entrevistados tem uma concepção ligada a questão do acesso à informação de maneira democrática, observando-se o contexto social e cultural. A teoria proposta por Lankes (2012) apresenta os conceitos de biblioteca, bibliotecário, comunidade, facilitação e seus desdobramentos para atingir a missão do bibliotecário. Mas não delimita o que é realmente. Assim, o que podemos definir como nova Biblioteconomia?

Com relação aos objetivos da Biblioteconomia, os entrevistados assinalaram os seguintes aspectos: organizar a informação; organizar para disseminar; acesso ao conhecimento registrado; desenvolvimento social e prestação de serviço da cultura; e auxiliar o usuário. Destacamos o objetivo a seguir que, de certa maneira, sintetiza o posicionamento de alguns dos entrevistados: “[...] O objetivo da Biblioteconomia é o conhecimento, é atingir o conhecimento para si próprio e para outras pessoas” (Bibliotecário 2). Neste sentido, a nova Biblioteconomia complementa este posicionamento ao pontuar que deve haver facilitação para a comunidade criar o próprio conhecimento, embora a concepção de nova Biblioteconomia não aborde Biblioteconomia enquanto conceito.

Alguns discursos dos entrevistados convergem com os posicionamentos de Lankes, e outros divergem, sobretudo, pela Biblioteconomia que constituímos no Brasil, pelo contexto das nossas bibliotecas e da formação do bibliotecário. Assim, cabe dizer que embora os princípios da nova Biblioteconomia sejam tão apropriados, também tem seus problemas, sobretudo, no que tange a contextualização. Nenhuma teoria deve ser prontamente utilizada como verdade absoluta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa possibilitou trazer à tona a concepção que os bibliotecários e os professores do curso de Biblioteconomia da UFMG tem a respeito da biblioteca, do próprio bibliotecário e da Biblioteconomia, neste contexto de mudanças decorrentes do intenso uso das tecnologias de informação e comunicação.

A biblioteca é concebida pelos entrevistados como uma instituição que tem como papel social democratizar o acesso ao conhecimento, como um ambiente que vai além da atividade de leitura. A biblioteca é também um espaço propício para despertar o interesse pela leitura; para disponibilizar a informação; local por excelência do conhecimento organizado e do contato humano, portanto, um espaço de convivência. Embora não seja uma perspectiva nova, como se pode remontar à Biblioteca de Alexandria que possuía a estrutura que beneficiava essa convivência, é no presente momento que vemos esse posicionamento com maior ênfase. Podemos observar uma preocupação com a adequação deste espaço em consonância com o contexto informacional vivenciado pela sociedade, de modo que a disponibilização e o acesso à informação devem ser dinâmicos e interativos.

Com as inovações tecnológicas muda-se a concepção do usuário, que hoje, ressaltando as desigualdades sociais, tem acesso à informação na palma das mãos. O usuário quer participar, quer construir o conhecimento socialmente e os entrevistados demonstraram já estar atentos a este aspecto.

No tocante ao bibliotecário, reconhecem a infinidade de possibilidades de atuação em consonância com as inovações tecnológicas que tem sido o fio condutor das mudanças no *modus operandi* do profissional. No entanto, há ainda a percepção de que mesmo com tantas possibilidades de atuação, habilidades e competências, o bibliotecário ainda mantém uma postura acomodada diante das possibilidades de atuação, preferindo atuar no “conforto” das bibliotecas depósitos, preocupando-se, prioritariamente, com a organização em conformidade com as técnicas seculares. Em contrapartida, podemos observar o discurso de entrevistados preocupados em perder sua demanda, devido a desconhecimento e/ou desvalorização da profissão. Os discursos dos profissionais são por vezes contraditórios.

O aspecto da organização da informação enquanto função do bibliotecário esteve muito presente nas falas dos entrevistados, seja pontuada como uma função, seja como uma crítica à demasiada ênfase a este aspecto. A concepção de que os bibliotecários são os responsáveis pelos resultados e impactos das bibliotecas nas comunidades requer destaque. Uma biblioteca é o espelho do seu bibliotecário, já dizia Wanda Ferraz, em 1949, à biblioteca é o reflexo da capacidade e da personalidade do bibliotecário.

Para além das questões envolvendo os aspectos em torno das mudanças de cunho tecno-social da profissão, os entrevistados concebem o bibliotecário como um mediador que facilita o acesso à informação. Esta concepção dos entrevistados vai diretamente de encontro com a missão do bibliotecário na nova Biblioteconomia: melhorar a sociedade por meio da facilitação da construção do conhecimento. Há uma concepção em torno do “ser bibliotecário” para além do local da atuação, ou seja, não há como dissociar-se do juramento proferido, se é bibliotecário independentemente de onde esteja.

Com relação à concepção de Biblioteconomia, os entrevistados entendem que a Biblioteconomia tem uma relação histórica e, portanto, direta com as bibliotecas, sendo concebida a partir das transformações na organização e no espaço físico destas instituições. Talvez seja por um reflexo da literatura biblioteconômica, os entrevistados também não definem em consenso se a Biblioteconomia se caracteriza como ciência, disciplina científica, campo do conhecimento e afins. A concepção de Biblioteconomia que temos hoje é a de que independentemente da definição, a Biblioteconomia deve ser entendida como um conhecimento que contribui para o desenvolvimento da sociedade ao disponibilizar o acesso democrático à informação.

A dicotomia entre a técnica e o humanismo da profissão também foram mencionados pelos entrevistados. Trata-se de uma dicotomia que remonta a criação dos primeiros cursos de Biblioteconomia no país. Assim, os entrevistados apontam que é uma questão que já deveria ter sido aprofundada ou até mesmo superada. Contudo, a discussão continua e vem sendo reinventada com a inclusão da tecnologia. Há a concepção de que a Biblioteconomia é muito técnica e por tal razão a dicotomia permanece. No entanto, entende-se que não é necessário tomar partido por um dos vieses porque ambos se complementam.

Ressalta-se, ainda, a confusão de alguns entrevistados ao distinguir Biblioteconomia e Ciência da Informação. Alguns entrevistados pontuaram que a Biblioteconomia caracteriza-se mais como um curso técnico, evidenciando a ligação com a CI. Os entrevistados destacam que há uma distância real entre a CI e a Biblioteconomia, embora a CI tenha se consolidado no espaço institucional da Biblioteconomia no Brasil.

Quando o tema é a formação do bibliotecário, não há consenso entre os professores sobre quais conteúdos devem ser ministrados. Destacam-se duas concepções de como deveria ser a formação em Biblioteconomia, uma formação que contemple as subdivisões adotadas pela ABECIN, e outra que pontua que o curso deve ter viés técnico aperfeiçoado e um viés humanista intenso e reflexivo. Os conteúdos voltados para a organização da informação são apontados como o núcleo duro da Biblioteconomia, são habilidades que caracterizam o profissional bibliotecário. Contudo, há a noção de que o curso de Biblioteconomia da UFMG é muito voltado para os procedimentos técnicos, o que

pode ser justificada pelo que um dos entrevistados apontou como herança anglo-saxônica. A falta de clareza acerca do modelo de formação que tem sido adotado chamou a atenção. Enfocar no usuário foi destacado como uma falha da formação do bibliotecário, afinal, todo o trabalho desempenhado pelo profissional se destina ao usuário.

Conforme podemos observar, o mérito dos princípios da nova Biblioteconomia desenvolvida por R. David Lankes, está na maneira como o bibliotecário é convidado a reorientar sua atuação para atingir uma missão global de contribuir com a criação do conhecimento social. A partir da perspectiva dos entrevistados, podemos afirmar que a teoria proposta por Lankes pode contribuir muito com uma mudança no posicionamento dos bibliotecários em três sentidos: 1) ao reorientar sua atuação em conformidade com a missão de facilitar o acesso e a construção do conhecimento; 2) ao dar mais ênfase aos usuários ou membros; e, 3) ao perceber a biblioteca como um espaço propício para construir conhecimento por meio da conversação. No entanto, nota-se que a teoria também tem seus problemas, sobretudo, com relação ao contexto, tal como já pontuou Souza (1997) ao mencionar o uso de teorias sem a devida contextualização. A nova Biblioteconomia é uma teoria que nos motiva a refletir nossa “Biblioteconomia contemporânea” para vislumbrar possíveis soluções para os desafios que se apresentam.

Elencamos dentre os objetivos desta pesquisa delinear os desafios contemporâneos da Biblioteconomia sob a perspectiva dos bibliotecários e professores do curso de Biblioteconomia. Assim, assinalamos como propostas de perspectivas contemporâneas da Biblioteconomia quatro dimensões que se inter-relacionam: 1) Impactos das tecnologias de informação e comunicação; 2) Mediação da informação; Formação do bibliotecário; e, 4) Autovalorização profissional. Dentre as perspectivas apresentadas, os desafios contemporâneos da Biblioteconomia são:

1. Impactos das tecnologias de informação e comunicação:
  - i. Utilizar o instrumento tecnológico nas bibliotecas de modo que elas continuem sendo o espaço potencial para construção do conhecimento a favor da comunidade local, tornando-a mais interativa e dinâmica;
  - ii. Adequar e/ou reinventar as bibliotecas, em conformidade com o novo contexto informacional, pensando em novos públicos, sobretudo, aqueles que ainda não conhecem a biblioteca;
  - iii. Manter os usuários frequentando as bibliotecas, neste contexto em que há uma grande oferta por informação, disponível à palma das mãos;

- iv. Formar melhor os usuários da biblioteca para acessar as informações consideradas confiáveis em meio digital, ou seja, promoção da competência informacional;
  - v. Utilizar as novas maneiras de disponibilizar a informação, de modo que a democratização da informação ocorra verdadeiramente;
  - vi. O profissional bibliotecário aprender e adequar o seu trabalho às novas tecnologias.
2. Mediação da Informação:
- i. Estar mais próximo da comunidade, de modo que o foco de todo o trabalho desenvolvido seja as pessoas;
  - ii. Ouvir as pessoas, para realizar efetivamente a mediação da informação.
3. Formação do bibliotecário
- i. Formação do bibliotecário em consonância com a demanda do mercado de trabalho e que abranja a compreensão do que é a Biblioteconomia;
  - ii. Formação que contemple a formação humanista e social em consonância com a organização da informação e as tecnologias;
  - iii. Formação continuada para que os profissionais mantenham-se atualizados e possam inovar em conformidade com as demandas informacionais da sociedade.
4. Autovalorização profissional:
- i. Postura autônoma e inovadora do profissional;
  - ii. Reconhecimento pela sociedade em consonância com a valorização salarial.

Trabalhamos com a informação que ficou, durante muitos séculos, guardada apenas nos livros, ou seja, o suporte físico. As tecnologias descortinam o que realmente somos. É muito vasto o mundo virtual. No entanto, poucos ainda têm acesso a este mundo. Muitos bibliotecários ainda trabalham gerenciando acervo físico. As novidades são muitas e não param. Cabe então ao bibliotecário perceber as tendências tecnológicas e vencer os desafios contemporâneos que se apresentam e conhecer o que poderá ser útil em seu trabalho. Nós somos o futuro das bibliotecas (LANKES, 2011, p. 3).

Reitera-se a importância desse trabalho para a compreensão dos aspectos relacionados ao entendimento que os bibliotecários e professores dos cursos de Biblioteconomia tem acerca de biblioteca, bibliotecário e Biblioteconomia. Desde a concepção desta pesquisa, havia uma preocupação muito grande de que ela possibilitasse uma reflexão sobre a atuação do bibliotecário e sua relação com a biblioteca e a

Biblioteconomia contemporânea. A pesquisa apontou questões relevantes para a reflexão do contexto atual, sobretudo com relação:

- ao perfil profissional diante dos impactos das tecnologias e a sua formação;
- ao posicionamento do bibliotecário com relação a autonomia, atuação em sua demanda social e reconhecimento profissional;
- ao entendimento de que as bibliotecas devem acompanhar a dinâmica da sociedade;
- a ênfase que deve ser dada às pessoas;
- ao entendimento que os próprios profissionais tem da Biblioteconomia, enquanto ciência ou campo do conhecimento; e,
- no tocante aos desafios contemporâneos da Biblioteconomia pontuados pelos entrevistados.

Considera-se que tais entendimentos podem acrescentar novas perspectivas para a compreensão e constituição da Biblioteconomia contemporânea, bem como servir de parâmetro para que outras pesquisas da Ciência da Informação possam contribuir para amplificar tais reflexões. Desse modo, sugere-se como pesquisas futuras: ampliar o escopo desta pesquisa, aprofundando o entendimento de biblioteca, bibliotecário e Biblioteconomia na contemporaneidade a luz dos princípios da nova Biblioteconomia, contextualizando a realidade brasileira. Embora tenha se tratado de biblioteca, bibliotecário e Biblioteconomia ao longo deste trabalho, reconhece-se que são temas complexos e que há questões que foram mencionadas, porém pouco aprofundadas nesta pesquisa e que, portanto, merecem desdobramento. Assim, sugere-se a realização de uma pesquisa aprofundada sobre a concepção na contemporaneidade de cada uma das temáticas pesquisadas de maneira individual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFARO LÓPEZ, Héctor Guillermo. **Estudios epistemológicos de bibliotecología**. México: UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 2010.

ALKAN, Nazli. The importance and influence of philosophical thinking for librarians. **Library Philosophy and Practice**, [Lincoln, Nebraska], n. 207, set. 2008. Disponível em: <<http://digitalcommons.unl.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1212&context=libphilprac>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

ALMEIDA, Marco Antônio de. Mediações da cultura e da informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 1-24, 2008. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/6/12>>. Acesso em: 04 jun. 2016.

ALMEIDA, Marco Antônio de. Mediação e mediadores nos fluxos tecnoculturais contemporâneos. **Informação e Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 191-214, maio/ago. 2014. Disponível em: <[http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/20000/pdf\\_24](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/20000/pdf_24)>. Acesso em: 04 jun. 2016.

ALMEIDA, Marco Antônio de. Informação, cultura e sociedade: reflexões sobre a Ciência da Informação a partir das Ciências Sociais. In: LARA, M.; FUJINO, A.; NORONHA, D. (Org.). **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007. p. 96-118.

ALMEIDA, Neília Barros Ferreira de. **Biblioteconomia no Brasil: análise dos fatos históricos da criação e do desenvolvimento do ensino**. 2012. 160 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da Informação: ampliando o conceito de disseminação. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomín (Org.). **Gestão da informação e do conhecimento no âmbito da Ciência da Informação**. São Paulo: Polis: Cultura Acadêmica, 2008. p. 41-54.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/17/39>>. Acesso em: 04 jun. 2016.

ALVES, Ana Paula Meneses; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti. O serviço de referência e informação digital. **Biblionline**, Paraíba, v. 2, n. 2, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/v%20iewF%20ile/611/448>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Reference and services association: guidelines for implementing and mainting virtual reference services**, 2010. Disponível em: <<http://www.ala.org/rusa/sites/ala.org.rusa/files/content/resources/guidelines/virtual-reference-se.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

ANDRADE, Ana Maria Cardoso de; METCHKO, Dulce Maria Bastos; SOLLA, Sheila Ribeiro de Campos. Algumas considerações acerca da situação epistemológica da Biblioteconomia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 153-162, set. 1981.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação: o diálogo possível**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros / São Paulo: Associação Brasileira de Profissionais da Informação (ABRAINFO), 2014.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila *et. al.* A ciência da informação na visão dos professores e pesquisadores brasileiros. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 17, n. 2, p. 95-108, maio/ago. 2007.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da biblioteconomia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 9, n.1, p. 41-58, jan./dez. 2013.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga; DIAS, Guilherme Atayde. A atuação profissional do bibliotecário no contexto da sociedade de informação: os novos espaços de informação. In: OLIVEIRA, Marlene de (Coord.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. p. 111-122.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga; OLIVEIRA, Marlene de. A produção de conhecimentos e a origem das bibliotecas. In: OLIVEIRA, Marlene de (Coord.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. p. 29-43.

BAPTISTA, Dulce Maria. Entre a informação e o sonho: o espaço da biblioteca contemporânea. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 19, n. 1, p. 19-27, jan./abr. 2009.

BAPTISTA, Sofia Galvão. Profissional da informação, autônomo ou empresário, novas perspectivas de mercado de trabalho. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 91-98, jan./jun. 2000. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/550/467>>. Acesso em: 21 maio 2016.

BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Considerações sobre o mercado de trabalho do bibliotecário. **Información, Cultura y Sociedad**, Buenos Aires, n. 12, p. 35-50, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70; LDA, 2009.

BARITÉ-ROQUETA, Mario Guido. IV Encuentro de directores y III de docentes de escuelas de bibliotecología y ciencia de la información del MERCOSUR. In: VALENTIM, Marta Lúcia Pomim; RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de (Org.). **Estudos sobre a formação do profissional da informação no Brasil e no MERCOSUL**. Marília: FUNDEPE Editora; São Paulo: ABECIN, 2014. p. 61-94.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Uma elegante esperança. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 7-9, jan./abr. 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/602/604>>. Acesso em: 05 maio 2016.

BEZERRA, Fabíola. Bibliotecários: é necessário queimar pontes. In: PRADO, Jorge do (Org.). **Ideias emergentes em Biblioteconomia**. São Paulo: FEBAB, 2016. p. 55-59.

BRASIL. **Decreto nº. 56.725**, de 16 de agosto de 1965. Regulamenta a Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário. Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1, 19 ago. 1965. p. 8366. Disponível em:

<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-56725-16-agosto-1965-397075-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 24 maio 2016.

BRASIL. **Lei nº 4.084**, de 30 de junho de 1962. Do Exercício da Profissão de Bibliotecário e das suas Atribuições. Brasília: Congresso Nacional, 1962.

BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CES 492/2001. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2015.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Classificação Brasileira de Ocupações. CBO 2002. Brasília: MTE, 2002. Disponível em: <<http://www.mteco.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>>. Acesso em: 11 maio 2015.

BRITO, Regina Garcia; VALLS, Valéria Martin. Novas formas de aprendizagem e a mediação da informação: competências necessárias aos bibliotecários. **REBECIN**, v. 2, n. 1, p. 3-28, jan./jun. 2015. Disponível em: <[http://www.abecin.org.br/revista/index.php/rebecin/article/view/24/pdf\\_17](http://www.abecin.org.br/revista/index.php/rebecin/article/view/24/pdf_17)>. Acesso em: 10 jun. 2016.

BUTLER, Pierce. **Introdução à ciência da biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Lidor, 1971.

CAMPELLO, Bernadete Santos. Fontes de informação utilitária em bibliotecas públicas. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 22, n. 1, 1998. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/4673>>. Acesso em 30 maio 2016.

CAMPOS, Enrique Molina. Ideologías y Biblioteconomía. **Revista General de Información y Documentación**, Edit. Complutense, Madrid, v. 3, n. 2, p. 19-53, 1993.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da informação. In: V ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., Belo Horizonte, 2003. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. CD-ROM.

CARVALHO, Kátia de; REIS, Marivaldina Bulcão. Missão do bibliotecário: a visão de José Ortega y Gasset. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 34-42, jul./dez. 2007.

CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes de. **A trajetória da Internet no Brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança**. 239 f. 2006. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Sistemas e Computação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://tele.sj.ifsc.edu.br/~tisemp/RES/Internet-BR-Dissertacao.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2016.

CARVALHO, Maria Martha de. A graduação em Biblioteconomia: perspectiva face ao novo currículo mínimo. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 18, n. 1, p. 20-26, jun. 1985.

CASTRO, Cesar. **História da Biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2000a.

CASTRO, C. A.. Profissional da informação: perfis e atitudes desejadas. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 10, n.1, p. 142-143, 2000b.

CATIVELLI, Adriana Stefani; MONSANI, Diego; JULIANI, Jordan Paulesky. Gamificação em bibliotecas: despertando a motivação nos usuários. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 21, n. 45, p. 70-81, jan./abr. 2016.

CATIVELLI, Adriana Stefani; MONSANI, Diego; JULIANI, Jordan. Gamificação em bibliotecas: o encontro literário. In: XXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 26, 2015. São Paulo. Resumos... São Paulo, 2016. Disponível em: <[http://siscone.com.br/Uploads/CBBD15/Trab14400213620150331\\_000000.pdf](http://siscone.com.br/Uploads/CBBD15/Trab14400213620150331_000000.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2016.

CIVALLERO, Edgardo. Responsabilidad social del bibliotecario en América Latina: Un [fallido] intento de ensayo. **Biblios: Revista electrónica de Ciencias de la Información**, v. 7, n. 23, p. 1-8, mar. 2006.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. Resolução n. 006, 13 de julho de 1966. Diário Oficial da União, Brasília, 13 jul. 1966. Seção 1. p.13266.

COSTA, Antônio Felipe Corrêa da. Ciência da Informação: o passado e a atualidade. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 19, n. 2, p. 137-143, jul./dez. 1990.

CUNHA, Miriam Vieira da. O papel social do bibliotecário. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 15, p. 41-46, 2003.

CUNHA, Miriam Vieira da. O profissional da informação e o mercado de trabalho. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 10, n. 1, 2000.

CUNHA, Murilo Bastos; CAVALCANTI, Cordélia R. O. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2008.

CUNHA, Murilo Bastos da; MC CARTHY, Cavan. Estado atual das bibliotecas digitais no Brasil. In: MARCONDES, Carlos H; KURAMOTO, Hélio; TOUTAIN, Lídia Brandão; SAYÃO, Luís (orgs.). **Bibliotecas digitais: saberes e práticas**. Salvador: Ed. UFBA; Brasília, DF: IBICT, 2005. p. 25-50.

CYSNE, Fátima Portela. **Biblioteconomia: dimensão social e educativa**. Fortaleza: Ed. UFC, 1993

DIAS, Eduardo Wense. Biblioteconomia e ciência da informação: natureza e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 67-80, jan./jun. 2000.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, mar. 2002.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003.

ECO, Umberto. **A biblioteca**. Lisboa: Difusão Editorial, 1983.

FADEL, Bárbara; ALMEIDA, Carlos Cândido de; CASARIN, Helen de Castro Silva etl. al. Gestão, mediação e uso da informação. In: VALENTIM, Marta L. P. **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 13-32.

FERRAZ, Wanda. **A Biblioteca**. 3. ed. rev. e. aum. São Paulo: Saraiva, 1949.

FIGUEIREDO, Marco Aurélio C; SOUZA, Renato Rocha. Aspectos profissionais do bibliotecário. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia Ciência da Informação, Florianópolis, n. 24, p. 10-31, 2007.

FONSECA, Edson Nery. **Introdução à biblioteconomia**. 2.ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2007.

FONSECA, Edson Nery. **Problemas brasileiros de documentação**. Brasília: IBICT, 1988. 340p.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Velhos problemas? Público, acervos, leitura e bibliotecários em cenas da história da biblioteca pública. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 19, n. esp., p. 211-226, out./dez. 2014.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W; GASKELL, G (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2007. Cap. 3, p. 64 – 89

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Sonia de Conti. Biblioteca e sociedade: uma abordagem sociológica. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 14-21, mar. 1982.

GOMES, Henriette Ferreira. A biblioteca pública e os domínios da memória, da mediação e da identidade social. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 19, número especial, p. 151-163, out./dez. 2014. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2264/1491>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

GRADUAÇÃO em Biblioteconomia na modalidade à distância: projeto pedagógico. Brasília, DF: CAPES: CFB, 2010.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Moderno Profissional da Informação: elementos para sua formação no Brasil. **Transinformação**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 124-137, jan./abr. 1997.

GUINCHAT, Claire; MENO, Michel. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. 2. ed. corr. aum. Brasília: IBICT, 1994.

IFLA. Riding the waves or caught in the tide? Navigating the evolving information environment. (IFLA Trend Report). 16p. Disponível em: <[http://trends.ifla.org/files/trends/assets/insights-from-the-ifla-trend-report\\_v3.pdf](http://trends.ifla.org/files/trends/assets/insights-from-the-ifla-trend-report_v3.pdf)>. Acesso em: 20 maio 2016.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1934. 200 p.

LANCASTER, Frederic Winfred. Ameaça ou oportunidade? O futuro dos serviços de bibliotecas à luz das inovações tecnológicas. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 25, n.1. p. 7-27, jan./jun. 1994.

LANKES, R. David. **The Atlas of new Librarianship**. Cambridge: The MIT Press, 2011. 408 p.

LANKES, R. David. **Expect More: Demanding Better Libraries For Today's Complex World**. 2012. Disponível em: <[http://davidlankes.org/?page\\_id=4598](http://davidlankes.org/?page_id=4598)>. Acesso em: 30 abr. 2016.

LASSO DE LA VEGA, Javier. **Manual de Biblioteconomia: organização técnica y científica de las bibliotecas**. Madrid: Editorial Mayfe S. L., 1952.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

LE MOS, Antonio Agenor Briquet de. Cinquenta anos de sonhos e esperanças. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 11-15, jan./jun. 2000.

LE MOS, Antonio Agenor Briquet de. **De bibliotecas e biblioteconomias: percursos**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2015.

LITTON, Gaston. **Arte e ciência da Biblioteconomia**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1975.

MACEDO, Iara Ferreira de. A ideologia na Biblioteconomia: uma reflexão. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 15, n. 2, p. 210-221, set. 1986.

MACIEL, Marco. O papel da moderna biblioteconomia. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 13, n.1, p. 9-13, jan./jun. 1985.

MACULAN, B. C. M. S. **Manual de normalização: padronização de documentos acadêmicos do NITEG/UFMG e do PPGCI/UFMG**. 2. ed. atual. e rev. Belo Horizonte: UFMG, 2011. E-Book. ISBN 978-85-914076-0-6. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/normalizacao>>. Acesso em: 20 maio 2016.

MANESS, Jack M. Teoria da Biblioteca 2.0: Web 2.0 e suas implicações para as bibliotecas. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 17, n. 1, p. 43-51, jan./abr. 2007.

MARCHIORI, Patrícia Zeni. Que profissional queremos formar para o século XXI - Graduação. **Informação e Informação**, Londrina, v. 1, n. 1, p. 27-34, jan./jun. 1996. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1617/1371>>. Acesso em: 24 maio 2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MILANESI, Luís Augusto. **A biblioteca**. São Paulo, Ateliê Editorial, 2002a.

MILANESI, Luís Augusto. A formação do informador. **Informação & Informação**, Londrina, v. 7, n. 1, p. 7-40, jan./jun. 2002b. Disponível em:

<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/1694/1445>>. Acesso em: 28 abr. 2015.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1996.

MORAES, Marielle Barros de; LUCAS, Elaine de Oliveira. A interdisciplinaridade da biblioteconomia em Santa Catarina a partir dos currículos de formação. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 676-697, jan./jun. 2013. Disponível em: < <http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/864>>. Acesso em: 05 maio 2014.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2006.

MOSTAFA, Solange Puntel. Biblioteconomia e história: uma abordagem dialética. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, n. 14, v. 1/2, p. 47-51, jan./jun. 1981.

MOSTAFA, Solange Puntel. A produção de conhecimentos em Biblioteconomia. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 11, n. 2, jl./dez. 1983.

MOSTAFA, Solange Puntel. **Epistemologia da Biblioteconomia**. 1985. 140f. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1985.

MOTA, Francisca Rosaline Leite; OLIVEIRA, Marlene de. Formação e atuação profissional. In: OLIVEIRA, Marlene de (Coord.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia**: novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. p. 97-110.

MUELLER, Mary Stela. Comunicação, informação, biblioteca: uma abordagem integradora - um questionamento. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 7-23, mar. 1990.

MÜLLER, S. P. M. Biblioteca e sociedade: evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 7-54, mar. 1984.

MÜLLER, S. P. M. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, n. 14, v. 1, p. 3-15, jan./jun. 1985.

MUKHERJEE, A. K. **Filosofia da biblioteconomia**. Trad. Maria das Graças Targino. Teresina: Associação dos Bibliotecários do Estado do Piauí, 1985. 41p.

MUKHERJEE, A. K. **Librarianship**: its philosophy and history. Bombay: Asia Publishing House, 1966.

OLIVEIRA, Josmária Lima Ribeiro de. **Estudo comparado entre bibliotecários, contadores e analistas de tecnologia da informação**: processo de profissionalização e seu efeito na formação, atuação e reconhecimento profissional. 28 f. 2012. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECID-92XMSF/tese\\_josm\\_ria\\_entrega\\_cd.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECID-92XMSF/tese_josm_ria_entrega_cd.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 10 maio 2016.

OLIVEIRA, Marlene de. Origens e evolução da Ciência da Informação. In: OLIVEIRA, Marlene de (Coord.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia**: novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. p. 9-28.

OLIVEIRA, Marlene; CARVALHO, Gabrielle Francinne; SOUZA, Gustavo Tanus. Trajetória do ensino da Biblioteconomia no Brasil. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v.19, n.3, p. 13-24, set./dez. 2009.

ORERA ORERA, Luisa. Evolución histórica del concepto de biblioteconomía. **Revista General de Información y Documentación**, Servicio de Publicaciones, Universidad Complutense, Madrid, v. 5, n. 2, p. 73-89, 1995.

ORERA ORERA, Luisa (Ed.). **Manual de biblioteconomia**. Madri: Editorial Sínteses, 1996. (Coleção Biblioteconomía y Documentación).

O'REILLY, Tim. **What is Web 2.0?** O'Rilley, 30 set. 2005. Disponível em: <<http://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html>>. Acesso em: 30 abr. 2016.

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **Datagramazero**, v.5, n.5, out. 2004.

ORTEGA, Cristina Dotta. Surgimento e consolidação da Documentação: subsídios para compreensão da história da Ciência da Informação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. esp., p. 59-79, 2009.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2006.

PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de. O bibliotecário como um *information doctor*. **Bibliotecas Universitárias**: pesquisas, experiências e perspectivas, Belo Horizonte, v. 2, número especial, p. 65-79, fev. 2015.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, M.; FUJINO, A.; NORONHA, D. (Org.). **Informação e contemporaneidade**: perspectivas. Recife: Néctar, 2007. p. 47-96.

PESSOA, Patrícia; CUNHA, Murilo Bastos da. Perspectivas dos serviços de referência digital. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v.17, n.3, p. 69-82, set./dez. 2007.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/609/611>>. Acesso em: 05 maio 2016.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da biblioteconomia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2009.

RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel. **Bases teóricas y filósóficas de la bibliotecología**. 2. ed. México: UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 2005.

ROWLEY, Jennifer. **A biblioteca eletrônica**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2012.

RUSSO, Laura Garcia Moreno. **A biblioteconomia brasileira**: 1915 - 1965. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966. 356 p.

RUSSO, Mariza. **Fundamentos de biblioteconomia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2010.

SÁ, Ivan Coelho de. As matrizes francesas e origens comuns no Brasil dos cursos de formação em arquivologia, biblioteconomia e museologia. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 31-58, jul./dez. 2013.

SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. Da biblioteconomia à informática. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 51-60, 1978.

SANTA ANNA, Jorge. O futuro do profissional bibliotecário: desmistificando previsões exageradas. **Biblionline**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 1-16, 2014.

SANTOS, Josiel Machado. O processo evolutivo das bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 175-189, jul./dez. 2012.

SANTOS, Jussara Pereira; NEVES, Iara Conceição Bitencourt. I Encontro de dirigentes dos cursos superiores em biblioteconomia dos países do MERCOSUL. In: VALENTIM, M. L. P; RODRIGUES, M. E. F; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. (Org.). **Estudos sobre a formação do profissional da informação no Brasil**. Marília: FUNDEPE Ed.; São Paulo: ABECIN, 2014. p. 17-28.

SARACEVIC, Tekfo. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SARACEVIC, Tekfo. Information Science. **JASIS – Journal of the American Society for Information Science**, v. 50, n. 12, p. 1051-1063, 1999.

SERRAI, Alfredo. História da Biblioteca como evolução de uma idéia e de um sistema. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, n. 4, v. 2, p. 141-161, set. 1975.

SHERA, Jesse H. Toward a theory of librarianship and information science. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 87-97, 1973. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1643/1458>>. Acesso em: 15 maio 2015.

SHERA, Jesse H. Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 9-12, 1977.

SHERA, Jesse H. **Los fundamentos de la educación bibliotecológica**. México: UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 1990. 520 p.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. **Biblioteca como lugar de práticas culturais: uma discussão a partir dos currículos de Biblioteconomia no Brasil**. 2007. 246 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SOUZA, Francisco das Chagas. **Biblioteconomia, educação e sociedade**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1993.

SOUZA, Francisco das Chagas. **Biblioteconomia no Brasil: profissão e educação**. Florianópolis: Associação Catarinense de Bibliotecários: Biblioteca Universitária da UFSC, 1997.

SOUZA, Francisco das Chagas de. O nome profissional "Bibliotecário" no Brasil: o efeito das mudanças sociais e econômicas dos últimos anos do século XX. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 9, n. 18, p. 90-106, 2004.

SOUZA, Sebastião. Fundamentos filosóficos da biblioteconomia. **Revista Biblioteconomia de Brasília**, v. 15, n. 2, p. 189-196, jul./dez. 1986.

TAMMARO, Anna Maria; SALARELLI, Alberto. **A Biblioteca Digital**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2008. 378 p.

TANUS, Gabrielle Francinne de S. C. **Cenário acadêmico-institucional dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia no Brasil**. 2013. 242 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

TANUS, Gabrielle Francinne. A constituição da Biblioteconomia científica: um olhar histórico. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 14, n. 2, p. 217-231, maio/ago. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8643878/pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

TARGINO, Maria das Graças. A biblioteca do século XXI: novos paradigmas ou meras expectativas? **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 20, n. 1, p. 39-48, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/2645/3418>>. Acesso em: 20 maio 2016.

TARPANI, Cláudia. Comunidade rural e a informação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n.1, p. 55-66, jan./jun. 1991.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim; ALMEIDA, Daniela Pereira dos Reis de; SILVA, Elaine da. Desafios e oportunidades para a formação e atuação do profissional da informação na era digital. In: VII ENCUESTRO IBÉRICO EDICIC, 7, 2015, Madrid. Actas del VII Encuentro Ibérico EDICIC 2015. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2015. p. 1-14. Disponível em: <[http://eprints.sim.ucm.es/34621/1/267-Pomim\\_formacao-atuacao-profissional-inf.pdf](http://eprints.sim.ucm.es/34621/1/267-Pomim_formacao-atuacao-profissional-inf.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2016.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. O Moderno Profissional da Informação: formação e perspectiva profissional. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 5, n. 9, p. 16-28, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2000v5n9p16/5058>>. Acesso em: 21 maio 2016.

VASCONCELLOS FILHO, Maurício Chatel. O mercado de trabalho na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil no século XXI: uma análise e perspectivas. **Infohome**, jan./2010. Disponível em: <[http://www.ofaj.com.br/textos\\_conteudo.php?cod=283](http://www.ofaj.com.br/textos_conteudo.php?cod=283)>. Acesso em: 21 maio 2016.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro S. Bibliotecário e mudança social: por um bibliotecário ao lado do povo. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 16, n. 2, p. 207-215, jul./dez. 1988.

VIEIRA, Ronaldo da Mota. **Introdução à teoria geral da biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Interciência, 2014.

VIEIRA, Anna da Soledade. Repensando a biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 81-85, jul./dez. 1983.

## **APÊNDICE A – Roteiro da entrevista com os bibliotecários**

1. Conte-me sua trajetória enquanto profissional bibliotecário.
2. Quais são as atividades desempenhadas pela biblioteca? Quais são as suas atividades como bibliotecário?
3. Se não devo esperar que a biblioteca seja um depósito de livros, o que devo esperar? O que uma biblioteca deve fazer?
4. Estando na era da informação, porque você acredita que os usuários procuram a biblioteca, já que o Google fornece informações?
5. O que é Biblioteconomia?
6. Qual é o objetivo da Biblioteconomia?
7. Qual é a função do bibliotecário?
8. Que demanda social tem o bibliotecário? Continua sendo a mesma demanda social ao longo do tempo?
9. Comente a respeito do papel de mediador do bibliotecário. Em que medida, bibliotecários atuam como mediadores?
10. Em sua opinião, quais são os atuais desafios da profissão?
11. Qual o impacto das novas tecnologias hoje nas funções atribuídas ao bibliotecário?
12. Em sua opinião, quais são os autores/obras da Biblioteconomia que marcaram sua formação? E quais são os que marcam o presente período?

## **APÊNDICE B – Roteiro da entrevista com os professores**

1. Conte-me um pouco da sua trajetória na Biblioteconomia. O que você ensina na biblioteconomia?
2. O que é Biblioteconomia?
3. Qual relação se estabelece entre a Biblioteconomia e a biblioteca?
4. Qual é o objetivo da Biblioteconomia?
5. Qual é a função do bibliotecário?
6. A formação atual reproduz as especificidades da área? Quais conteúdos são necessários na formação do bibliotecário?
7. A formação do bibliotecário deve ter um viés mais humanista ou técnico?
8. Em sua opinião, quais são os autores/obras mais “marcantes” da Biblioteconomia? E quais são os do presente momento?
9. Quais são os desafios contemporâneos da Biblioteconomia?
10. Qual o impacto das novas tecnologias hoje nas funções atribuídas ao bibliotecário?